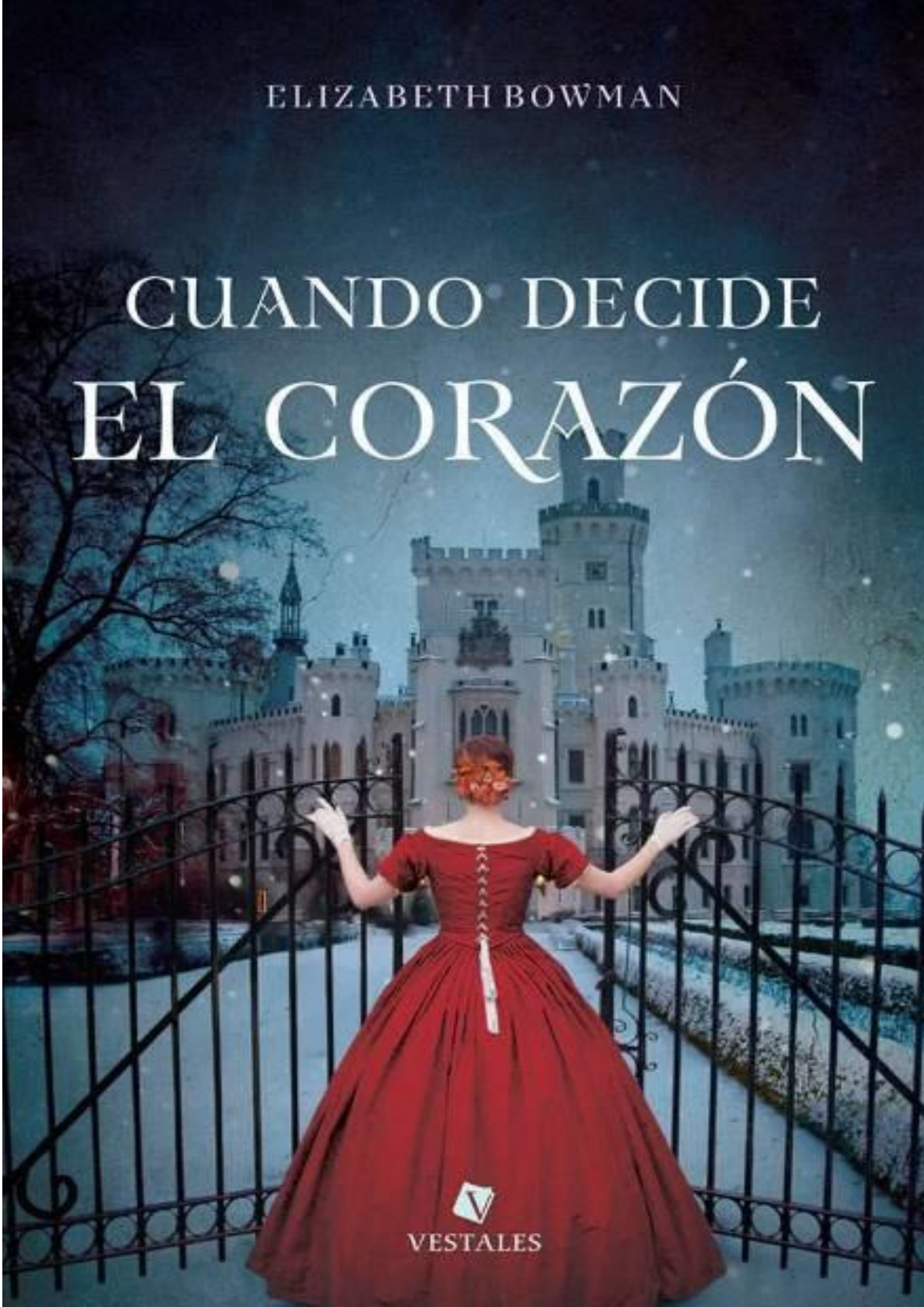
ELIZABETH BOWMAN

# CUANDO DECIDE EL CORAZÓN



VESTALES

# Quando o Coração Decide

# Elizabeth Bowman



**Nathalia Matias, Antonia Esteves, Lucrécia B e Nina Moya**

# Sinopse

***Inglaterra, 1803.***

Fanny Clark vive junto com sua família na tranquilidade rural do condado de Sheepfold. Ali compartilha a casa com seu pai, dois irmãos e a mamãe, cuja única coisa que lhe traz maior felicidade do que as intrigas, são as conspirações para casar sua filha com alguém endinheirado. De qualquer modo, o que Fanny mais gosta é dos livros, os romances que representam mulheres decididas e amores imensos. A calma em sua vida será interrompida quando viajar a Londres para acompanhar Charlotte, sua melhor amiga, que vai ser apresentada em sociedade.

Ali, Fanny conhecerá as absurdas convenções, a desnecessária ostentação e os aborrecidos bailes nos quais esbarrará com o sombrio Oliver Hawthorne, a quem ela designará de asno. A febre de sua irmã mais nova, a obriga a retornar a Sheepfold e a chegada do misterioso Jarrod Rygaard, um americano amigo de seu irmão, em sua casa, completam, para Fanny, a trama de sua própria novela: disputada por dois homens, disputada pela vida no campo ou na cidade, ela deverá escolher o que fazer para ter o que deseja.Todo o corpo de Fanny arrepiou-se quando se deu conta, de que Oliver Hawthorne seria o melhor herói romântico, bonito e sensual, que jamais encontraria em alguma de suas novelas. E, por fim aquele herói estava ali, com ela, no melhor marco cênico que qualquer sofrida moça romântica poderia desejar. Como pudera estar tão cega até então?

*Com personagens inesquecíveis, com um cenário histórico reconstruído à perfeição, seguindo os passos de Jane Austen, Elizabeth Bowman constrói aqui, uma trama que conquista o leitor desde a primeira página, e o faz viver as experiências desta nova heroína da literatura: Fanny Clark.*



*A Rebeca, por acreditar em minhas histórias de amor.*

# PRÓLOGO

***Condado de Sheepfold, Inglaterra, 1803.***

Fanny Clark caminhava absorta na leitura com um sorriso brincalhão no semblante, ao mesmo tempo em que adornava seus passos com graciosos saltinhos e segurava o lábio inferior entre os dentes, em um encantador gesto que combinava em partes iguais: acanhamento, malícia e ingenuidade.

O livro, Os mistérios de Udolfo, converteu-se por méritos próprios, em seu favorito, dentro da modesta coleção literária que possuía em sua biblioteca pessoal. E Fanny gostava de fechar os olhos ante alguma passagem específica, para em seguida e de forma imediata, encontrar-se inundada entre as apertadas linhas de tinta que deslizavam ante os seus olhos, e relatavam em detalhes, histórias capazes de transportar sua mente, à épocas de antigamente, nas quais damas e cavalheiros padeciam de amores desenfreados, horríveis terrores noturnos e paixões completamente indecorosas. Histórias que encerravam universos apetecíveis e inalcançáveis sob a tosca textura do papel.

No ar, soou lânguido, o eco de um suspiro: um pequeno gesto que refletia a resignação e o conformismo com o qual sua alma inquieta, confrontava e assumia a tediosa realidade que a rodeava.

Fanny acariciou com o olhar, o manto de mil recortes, bordado

nos diferentes tons de verde que a natureza vertia sobre a campina, antes de permitir-se fechar os olhos e sonhar. Levou as mãos à cintura e inalou profundamente. Sim, ela seria sem dúvida uma inquestionável heroína romântica, como Julieta, Genebra ou Eloísa! Capaz de interpretar tão apaixonadamente o papel, à perfeição e sem o menor titubear. Não hesitaria em abandonar seus aposentos em plena noite e em desenfreada corrida, mesmo que vestida com uma ligeira camisola de laços, com o cabelo solto caindo sem decoro, em cascata pelas costas, enquanto os cachos cor de mel e ouro, acariciavam cada delicada parcela de sua ardorosa pele. Perambularia perdida pelos jardins, afligida por uma estranha febre, com o corpo coberto de suor e os lábios trementes, secos e um anseio atroz a devoraria por dentro. E, sob o horrendo olhar das gárgulas, e as impossíveis contorções dos faunos de mármore, se reuniria com um cavalheiro negro embrulhado em sua capa até os olhos, que a seguraria, grosseiramente, pela cintura e…

Deteve em seco os passos e, um tanto carrancuda, levou um dedo à boca para mordiscá-lo e torturá-lo sob a pressão dos dentes. Acaso não venderia a alma a quem fosse, se tivesse a certeza de que um belo cavalheiro subisse pelo balcão, carregasse no ombro seu corpo magro e frágil e a raptasse na metade da noite para obrigá-la a desposar-se com ele, em alguma perdida capela de Gretna Green?

— Temo que conceda muita importância ao amor e à paixão, — dissera-lhe certa jovem, em tom recriminatório, durante o transcurso de um desafortunado baile ao qual tivera a oportunidade de participar.

Desafortunado, pela escassa afluência de cavalheiros aceitáveis e pela abundante prodigalidade de comadres futriqueiras e jovenzinhas desesperadas, à caça de um bom partido, que haviam aparecido para a ocasião. — Pretende convertê-lo no primeiro e único.

— E acaso não é? — respondera ela. — O amor tem que ser como o vento, às vezes rugirá e às vezes acariciará, mas sempre, sempre, tem que estar presente.

Sua interlocutora estalara a língua e agitara no ar seus exuberantes caracóis negros.

— Resulta muito pouco prática, Fanny Clark. O amor é opcional, enquanto que o fato de realizar um bom matrimônio é uma necessidade absoluta. Se seguir alimentando semelhantes ideias românticas e ultrapassadas, acabará convertida em uma patética solteirona.

E, em seguida, sem deixar de olhá-la por cima do ombro, com o sorriso triunfante próprio de um César a experiente moça, aceitou o convite que um cavalheiro de nariz suíno, rosto sardento, e gordurento cabelo cor de cenoura acabava de oferecer para a seguinte dança.

Outra vez um suspiro lânguido fugiu dos lábios de Fanny, para elevar-se e perder-se na atmosfera.

Por desgraça, nem ela era tão prática como a maioria das senhoritas em idade casadoura, nem em Sheepfold acontecia nada emocionante. Em consequência, a vida da jovem sonhadora e desatinada Fanny Clark, distava muito de possuir, tanto o entretenimento das apaixonantes existência das heroínas das novelas que lia, quanto a

resignada praticidade das jovens, capazes de esconder cada noite, a cabeça de seus maridos sob um saco de ráfia, com a intenção de poder dizer ao mundo que engrossavam o afortunado grupo das mulheres casadas.

Fechou o livro com brutalidade enquanto consentia que um de seus dedos exercesse a função de marcador entre as folhas. Inflou os pulmões, com mais oxigênio do que era provável que pudessem tolerar e, depois de obrigar-se a retê-lo à força durante um eterno minuto, acabou por soltar, pouco a pouco, todo o ar restante mediante uma dilatada exalação e soprou com enfado e resignação ante o tédio insondável que a envolvia e do qual, fosse como fosse, sentia-se incapaz de fugir. Incapaz? Impulsionada por invisível mola, como se ao atuar desse modo pretendesse rebelar-se contra a realidade, pôs-se a andar, com tanto impulso e rapidez que logo a precipitação de seus passos converteu-se em uma corrida. O amplo tecido da saia enredava entre as pernas e entorpecia-as, ao amoldar-se às delicadas formas. A violência da corrida e os esboços gélidos da brisa da tarde, arrancaram-lhe lágrimas dos olhos e oprimiram-lhe a alma mas, ao menos durante os breves minutos que durou, conseguiu sentir-se viva e livre de toda opressão.

# CAPÍTULO 1

Do interior da velha e desmantelada reitoria afloravam os ecos da irritante voz da senhora Clark que, por algum motivo, parecia exaltada ou desgostosa ou, provavelmente, ambas as coisas de uma vez.

Fanny suspirou paciente, e desenhou no semblante um sorriso carregado de condescendência antes de transpassar a soleira da porta e seguir o rastro que sua mamãe anciã costumava deixar atrás de si, como sinal inequívoco de sua presença.

Desatou com destreza a laçada do chapéu com uma só mão, e o pendurou de um lado. A seguir, passou a fazer parte daquela cena cotidiana, com todo o aprumo e a distância que a atitude de sua mãe permitia.

O senhor Clark permanecia sentado como de costume, na velha e maltratada poltrona sem braços, preenchendo o cachimbo com tranquilidade e fazendo caso omisso ao monólogo de sua esposa. Ela, de pé em frente a lareira, esmurrava com um ferro as lenhas empilhadas atrás do salva faíscas, com a mesma frieza e idêntico frenesi que empregaria para degolar frangos no matadouro. Com o rosto, completamente vermelho por causa da excitação, a impetuosa senhora pretendia desviar a atenção de seu marido para um assunto que a ele parecia não importar, absolutamente. E semelhante abandono, por parte do cavalheiro, não podia menos que irritá-la sobremaneira.

Ao precaver-se da chegada de Fanny, o ancião elevou os cansados

olhos por cima dos diminutos óculos de arame que descansavam na ponta do nariz, para fixar o olhar na jovem e obsequiar-lhe com um silencioso sorriso de comiseração. Ou, possivelmente, se tratasse de um sorriso manso e servil, que pretendia informar-lhe das sombras negras que sua mãe lançara sobre a sala durante toda a tarde, e do aspecto que ele mesmo tivera que mostrar para suportá-la e evitar ordenar a um servente que lhe costurasse a boca.

Seu irmão mais velho, Ian, permanecia sentado junto às janelas refugiado, depois do amparo que lhe proporcionara um grande gole de *John Donne*. Uma opção da mais acertada, a julgar pelo grau de excitação da senhora da casa. Entretanto, deu-se conta da chegada de sua irmã, e sua sobrancelha direita, arqueada a modo de silenciosa boas vindas, pretendeu dissuadi-la de permanecer na estadia durante muito mais de meio minuto.

— Oh!, Fanny, Fanny querida! — A senhora Clark desistiu da luta contra as lenhas e, ante a acentuada indiferença dos varões Clark, concentrou-se em chamar a atenção de sua filha. De fato, nesse momento, a aparição da moça na pequena salinha de chá, resultava para ela uma coincidência da mais afortunada. — Consegue imaginar de que maravilhosa notícia, acabo de inteirar-me?

Fanny nem sequer se incomodou em olhá-la quando enrolou-se aos pés do pai. Conhecia de sobra as excentricidades da senhora Clark, para preocupar-se sequer, em prestar atenção. Além disso, desde muito tenra idade, optara por imitar seu progenitor e seu irmão mais velho, e

mostrar para com os exagerados arranques de entusiasmo da senhora, a mais absoluta e esmagadora, indiferença. Essa fora, sempre, a técnica de sobrevivência mais eficaz e indispensável para evitar perder de todo o juízo.

— Como poderia estar a par, mamãe? Acabo de voltar, após dar um passeio pelo campo.

A senhora Clark franziu o cenho, como se de repente a moça acabasse de colocá-la em dia de um pecado inconfessável, que a excitação do momento a obrigara a passar por cima.

— Ah sim, você e seus insofríveis passeios! Se se concentrasse em tirar mais proveito de si mesma, outro galo nos cantaria. — Pôs os braços na cintura e meneou a cabeça com reprovação, quase ao mesmo tempo em que Fanny deixava escapar um suspiro. — Do que nos serve sua beleza se a esbanjar, perambulando por esses poeirentos caminhos ou brincando de correr entre as ovelhas como uma vulgar camponesa?

Fanny revirou os olhos.

— Mas agora, esse não é o assunto que nos corresponde! Não agora, — disse a senhora Clark, que na verdade parecia eufórica — porque acabo de retornar de Morton Park e não adivinha do que me inteirei? Oh! é obvio, não poderia adivinhar nem em mil anos!

Fanny elevou o olhar sem mostrar o menor traço de emoção, para confrontar com a nervosa silhueta da senhora Clark que, de pé em frente a ela, esfregava as mãos de pura satisfação. O rosto enxuto e as apertadas ranhuras em que se converteram os olhos da mulher, refletiam a

presença de uma perversa e oculta diversão.

— Não faço a menor ideia.

A senhora Clark cruzou os braços sobre o peito, com tanta violência que parecia impossível que fosse capaz de descruzá-los dessa pose jamais.

— Pelo amor de Deus, Fanny, rogo que diga algo, logo ou do contrário, esta ridícula conversação ameaça prolongar-se até a eternidade — Disse Ian enquanto deixava aparecer o nariz por cima do livro, tão enfastiado quanto seu pai, ou mais, daquele falatório.

Fanny suspirou.

— O coronel comprou uma nova carruagem?

A senhora Clark foi capaz sim, de descruzar o apertado nó que amarrara com os braços, para deixá-los cair em ambos os lados do corpo. Ao mesmo tempo em que exalava um sonoro suspiro, meneou a cabeça de um lado a outro, para enfatizar o quão ridícula e pobre parecia a conclusão a qual chegara a moça.

— Uma nova carruagem? Que tolice! O velho Morton pensa em levar Charlotte à cidade para o início da temporada! — Anunciou a modo de gloriosa novidade. — Pelo visto alugaram uma casa em pleno centro de Londres. Entendi que pensam levar grande parte da servidão e até, seu precioso coupé[1] novo. Não é maravilhoso, querida?

Fanny elevou uma sobrancelha.

— É, mamãe?

[1] Coupé: Antiquada carruagem fechada de tração animal, com dois lugares no interior e um no exterior para o cocheiro.

— É obvio que é! — A senhora Clark parecia muito ofendida porque a jovem pusesse em dúvida semelhante assunto.

Fanny teve que esforçar-se para conter a risada quando seu irmão, sentado em frente a ela, sob as janelas, assentiu repetidas vezes em um claro tom de brincadeira, enquanto elevava as sobrancelhas e apertava os lábios em uma careta cômica.

— E o melhor de tudo é que Charlotte, a quem não serve de nada ser a filha do cavalheiro mais rico do condado, porque é mais feia que um ganso depenado e seu aspecto cavalar deixa muito que desejar… — Baixou a voz até lhe conferir um perverso tom de confidência. — Com certeza, temo que a cada ano que passa, seus tornozelos tornam-se mais grossos… — Fanny soprou e oprimiu entre os dedos a diminuta ponta do nariz. A senhora Clark continuou exaltada. — Então, a boba da Charlotte Morton solicitou-me permissão para que você a acompanhe durante sua estadia na cidade! Não é uma grande notícia?

Uma inesperada fantasia avivou, de repente, o coração de Fanny, até o momento entorpecido. Confusa, passeou o olhar pela estadia sem detê-lo em nenhum ponto concreto. De repente, sentiu-se mais desorientada que um peixe fora d'água.

Que Charlotte fez o quê? Ah, não, não, não teria ocorrido a malvada da Charlotte tramar semelhante emboscada! Ou sim?

Seus dedos revoaram ao redor do pescoço e brincaram com a fina cadeia de fios de ouro que dormiam sobre seu generoso decote. Sob a maciez da pele, o coração batia com frenesi.

— Esses odiosos Morton e seus insofríveis ares de grandeza. — A senhora Clark se expressava com um ríctus de desprezo, quase de náusea, desenhado no enrugado rosto, como se se referisse a um excremento do caminho, em lugar de uma conhecida família do condado.

— Mamãe, não posso permitir que fale assim dos Morton. Sabe que Charlotte é minha melhor amiga.

— Sempre pretendendo destacar para cima, a vizinhança. — A senhora Clark começara a desenrolar o carretel dialético, e toda a família era consciente de que, até que não conseguisse desafogar-se completamente, não se daria por vencida. — Sempre levando os melhores tecidos, os gansos mais gordos do mercado, o pescado mais fresco… Quem acreditam que são, para comportar-se como se acabassem de chegar de St. James?

Fanny se dispôs a falar de novo em favor de sua amiga e de sua ultrajada família, mas optou por silenciar ante o gesto de Ian, que, afundado no sofá, limitou-se a mover a cabeça de forma negativa.

— Mas desta vez, por minha vida que veio muito bem para nós tal esbanjamento e arrogância! Visto que você, — avançou com decisão para Fanny e se inclinou até invadir exaltada, o prezado espaço da jovem, — vai acompanhá-los à capital e se beneficiará com a visita. Não é a melhor noticia que ouviu? — Fanny se dispôs a responder, mas a impetuosidade da senhora Clark obrigou-a a limitar-se a abrir e fechar a boca, sem chegar a articular palavra. — Envolver-se-á com todas as personalidades

com as quais eles tratem e, espero, resultem suficiente. — Suficiente para quê?, perguntou-se Fanny. — E aparecerá em todos os salões de baile aos quais eles sejam convidados. Oh, sim! Sem dúvida é uma notícia encantadora! Ao lado daquela rã da Charlotte, se destacará!

— Mamãe, não! Não pode falar a sério! — Fanny franziu o cenho, indignada, e olhou para seu irmão, que se escondeu com rapidez, atrás de seu livro, como um asqueroso covarde.

— Não há mais nada do que falar querida! — sentenciou cortante. — Ou possivelmente sim, porque ainda temos que dar uma olhada em seu guarda roupas e descartar os vestidos menos aceitáveis, que temo, serão a maioria. — Inclinou-se sobre ela lançando-lhe um olhar fulminante. — Se dá conta de que, provavelmente, não conseguiremos resgatar mais que um baú, de todos seus vestidos? Santo Deus! Um baú, um somente! Não pode imaginar quão humilhante resulta! — Levou a mão ao peito para aplacar uma ameaça de vertigem. Mas estava longe de desmaiar, de tão eufórica e com vitalidade que se sentia nesse momento. — Ainda albergo uma mínima esperança de que o vestido que usou na reunião dos Carpenter no Natal passado, sirva para começar a temporada com dignidade. Sem dúvida, o encaixe do decote e o veludo do corpete resultará aceitável.

— Mamãe, não! — repetiu Fanny com um sufoco. — Acaso vai obrigar-me a viajar com os Morton?

— Eu diria que inclusive reservou-lhe o assento junto a janela — murmurou Ian entre risadas, enquanto procurava manter-se oculto, atrás

do livro.

Fanny fez caso omisso ao divertimento que a situação provocava a seu irmão. Que desumano era Ian, e que pouca consideração com sua pobre irmã! Quanto mais furiosa sentia-se ela, maior diversão ele parecia experimentar!

— Estou certa de que, se me desculpar de forma adequada com os Morton e com Charlotte, não tomarão minha negativa como um desprezo.

— Desculpar-se? Não diga bobagens, menina! Que melhor oportunidade poderia apresentar-se para conhecer a cidade, e causar tão pouco gasto para sua família? — Elevou o queixo, voltou a cabeça para um lado e ignorou à moça completamente. — Irá, é obvio que irá! E espero que saiba tirar proveito de sua beleza e que a sua volta… Quem sabe? — A senhora Clark esboçou um malicioso sorriso enquanto ajustava a touca, de maneira ridícula. — Pode ser que algum jovem cavalheiro acompanhe-a para solicitar sua mão. Oh! Senhor Clark, não seria maravilhoso?

Fanny voltou a cabeça, ansiosa, para olhar a seu pai com o cenho franzido e a respiração entrecortada. Não, ele era razoável. Não a obrigaria à vergonha de ter que expor-se como mercadoria de feira. E, embora até o momento, permanecesse em silêncio, as suas costas, confiava, de olhos fechados, no bom critério do homem.

— Papai… — A voz lhe saiu apenas em um sussurro e em tom de súplica. Acentuou a ruga da testa, dirigiu-se a ele e agitou a cabeça em

forma negativa. Confiava de que ele responderia do mesmo modo.

O homem inclinou a cabeça para olhá-la, enquanto dedicava-lhe um sorriso afável. A enorme palma de sua mão curvou-se, para dar proteção à bochecha pálida e aveludada da menina. Quando elevou o olhar para sua esposa, o gesto sofreu um a mudança radical.

— Senhora Clark, agradeceria um momento de intimidade com minha querida filha mais velha, se parecer-lhe bem — sentenciou.

A dama sorriu grata e deu por certo que, uma vez mais, saíra-se bem. Durante toda a vida praticara, com êxito, a arte da chantagem emocional e, até o momento, parecia dar resultado. De um modo ou de outro, na velha reitoria sempre se impunha a caprichosa vontade da senhora. E ela era muito consciente de semelhante poder.

O rosto da mulher dilatou-se em um amplo e exagerado sorriso, gesto para o qual seu rosto não fora preparado, e que conferiu a seu semblante um aspecto muito fantasmagórico e sinistro. Os olhos estreitaram-se até transformarem-se em duas muito finas ranhuras transversais, os lábios, partidos amplamente em dois, por causa do patético sorriso, refletiam a hipocrisia que podia resultar de um sorriso quando a alma não está acostumada a sorrir.

Em tom lisonjeador, tomou o jovem Clark pelo braço e obrigou-o a levantar-se.

— Ian, querido, vamos ao pátio para ver o que sua irmã Cassandra, faz. — Fez um gesto a seu marido. — Senhor Clark, estaremos no pátio de trás. Ambos abandonaram a sala, mas antes, Ian dirigiu um olhar de

solidariedade a sua irmã e de esperançosa camaradagem a seu pai. É obvio, ele também confiava no bom julgamento de seu progenitor.

Quando ficaram sozinhos, Fanny se ajoelhou em frente a seu pai e apoiou as mãos e o queixo em seus ossudos joelhos.

— Pai — principiou expressando-se com ardor, sem deter-se para respirar — sabe que detesto toda esta frivolidade da qual nossa mamãe faz ornamento, não é verdade? — O ancião assentiu. — Não anseio sair de Sheepfold para cercar-me de uma sociedade que detesto e muito menos, exibir-me nesses salões repletos de arrogantes pavões reais.

O cavalheiro contemplou-a, encantado, durante uma fração de segundo, com olhos aquosos e cansados. Com a palma da mão acariciou-lhe o rosto e por um momento, sentiu-se fraquejar ante a súplica implícita nos enormes olhos verdes. Como negar algo a sua garotinha de alma?

Desde a mais tenra infância, Fanny comportara-se de um modo incomum para o que devia esperar-se de uma senhorita. Aborrecera a senhora Clark, com sua atitude calma e enchera de orgulho e satisfação a seu pai, pelo mesmo motivo. Acostumada a brincar de correr pela propriedade, a senhorita Clark aparecia com os joelhos em carne viva e cheios de sangue, e as ponteiras de suas botas, de cano longo, sempre opacas, de tanto subir em árvores e chutar as pedras. Jamais, nenhum penteado conseguira permanecer intacto, naquela imprudente cabecinha durante mais de meia hora, nem em seus bolsos poderia se encontrar outra coisa mais que rãs, grilos ou lagartixas. A nenhuma outra criatura

ocorreria calçar as quatro patas do gato, com cascas de noz, travessura que provocou grande regozijo em seu pai e em seu irmão mais velho, assim, como uma síncope em sua mãe, nem nenhuma outra teria escondido um leitão no quarto, durante mais de uma semana para tentar liberá-lo de ser convertido no jantar de toda a família, em um dia de festa.

Fanny sempre percorrera, a pequena propriedade, em companhia de seu pai. Quando elevava seu olhar em busca dos olhos paternos, o homem acariciava o murcho cabelo dourado, e regozijava-se ao contemplar aquele narizinho arrebitado e altivo e aquela boca trincada, na qual nunca faltava um sorriso. Fanny era seu tesouro, seu pedacinho de Éden na Terra.

— Minha filha, sabe que por nada do mundo desejaria separar-me de você. — Fanny beijou-lhe, com doçura, os angulosos joelhos. — Mas também sei que é uma moça inteligente e, portanto, consciente de que sua mamãe não descansará, nem teremos um minuto de paz nesta casa, até que consiga vê-la dançar nos salões da capital.

— Papai, não… — lamentou.

— Não pode ser tão ruim, minha filha. Algumas semanas em Londres com os Morton não pode resultar uma tortura tão insuportável. De qualquer modo, Charlotte é sua grande amiga, sua companhia deveria ser um grande estímulo para você. — Fanny inclinou a cabeça e a voltou para um lado. Sua expressão combinava desgosto e irritação e compunha uma careta mau humorada.

— Mas eu não desejo ir! Charlotte pode ser feliz em Londres sem mim. — Estalou a língua. Então uma risca de intuição cruzou-lhe a mente. — Pai, é consciente de que não desejo casar-me, não é? — murmurou e avermelhou até a raiz de seus dourados cabelos.

— Quando uma jovem rechaça o matrimônio tem que ser abençoada com um caráter firme e independente, além de uma inteligência notável. — Repousou com afeto a mão sobre a cabeça de sua filha. — Não se preocupe Fanny, não será necessário que se case, se esse não é seu desejo. No momento, acredito que sua mãe se dará por satisfeita, se souber que é vista de um lado ao outro, na capital. — Sorriu ante a mostra de alívio que apareceu no semblante da jovem.

— Lugares pelos quais não desejo circular, pai. Não tenho nada a fazer em Londres. — Expressou-se com um desesperado sussurro. — Não me obrigue a obedecer a mamãe.

O senhor Clark sorriu com doçura e a olhou por cima dos óculos de arame.

— Não seja boba e aproveite uma ocasião que, possivelmente, jamais volte a apresentar-se. Tenta obter benefício desta viagem, em lugar de vê-la como uma indesejada penitência. Vá aos teatros, à ópera… Sabe que Londres dispõe das melhores bibliotecas do país.

Semelhante argumento pareceu mitigar, um pouco, a cortante negativa inicial da jovem. Deslizou a mão sobre os olhos e tentou com esse gesto, apagar todo o cansaço e o desgosto acumulados. Exalou lenta e profundamente, e sentiu-se desinflar como uma bolsa de ar, que

tivessem perfurado em mil lugares diferentes.

Pode ser que seu pai tivesse razão: não seria algo permanente, com um pouco de sorte tão somente algumas semanas. Um mês quando muito. Sempre poderia inventar alguma desculpa para fugir do ruído mundano, e retornaria para casa assim que Charlotte criasse novas relações e se sentisse capaz de prescindir dela. Porque Charlotte teria que obrigar-se a prescindir de sua companhia! Oh! Malvada Charlotte, Charlotte traidora! Falaria com ela muito seriamente, e iria admoestá-la por sua traição. Como ocorrera-lhe tramar semelhante emboscada? Teria que obrar maravilhas para conseguir ser perdoada.

— Vê, querida — disse seu pai colocando ponto final à conversação. — Desfruta de sua estadia na cidade e, quando estiver enfastiada de tudo, retorna para junto de mim, que contarei as horas até sua volta.

— Estarei de retorno antes de que comece a sentir saudades.

Fanny endireitou-se para abraçá-lo e permitir que ele a beijasse na testa de sua ajeitada posição. A sorte estava lançada.

E desta forma tão improvisada, ficou combinada a partida dos Morton em companhia da jovem Fanny Clark, para terras londrinas, com a consequente euforia da senhora Clark e a evidente resignação da senhorita Clark, que observou com soma de tristeza através da janela da carruagem de seus vizinhos, como apagava-se seu lar na distância.

# CAPÍTULO 2

Os Morton formavam a família mais rica e respeitável do condado de Sheepfold, porque nas duas ou três últimas gerações, crescera até adquirir respeitabilidade e numerosas propriedades.

De boa educação e temperamento afável, o outrora jovem senhor Morton, optara em tenra idade, por satisfazer suas inquietações masculinas e seu caráter ativo e sociável entrando na tropa do condado, então estabelecida em Sheepfold. A competência, o alto grau de disciplina, assim como a boa têmpera e a elevada capacidade organizativa das quais deu mostra, levaram-no a alcançar o prezado e meritório cargo de coronel, uma vez ultrapassada a fronteira da maturidade. Podia dizer-se que era o predileto de toda a vizinhança, exceto, é obvio, da senhora Clark, cuja soberba e pretensões, impediam-na de distinguir a muito poucos ou a nenhum favorito, entre aqueles cuja presença ameaçava fazer sombra a seus planos.

Não obstante, face à ausência de ascendência em seu sobrenome e de brasões em seu escudo familiar, e apesar do alto grau de desprezo com o qual a senhora Clark se esforçava em empanar seu bom nome, o coronel Morton e sua esposa, conseguiram fazer uma fortuna notável e apetecível entre a crescente burguesia inglesa. Certo era que a rançosa aristocracia do Império, possivelmente por temor a ser desbancada, ou igualada em poder e respeitabilidade pelos novos ricos, não deixava de assombrar e ignorar, com descaramento, à classe burguesa recém-nascida que, pouco a pouco,

parecia cobrar maior importância, entre a sociedade mais apreciada. O modo particular de protesto dos arcaicos filhos do Império, cuja indignação poderia ser compreensível, ante a ideia de que seus brasões surgiram quase ao mesmo tempo em que a própria ilha, passava por evitar encontrar-se com qualquer burguês que ousasse comparecer aos acontecimentos de certa índole social e, quando não restava mais remédio do que tolerar um desafortunado encontro, desprestigiá-los em público e, também, fechar, em seus enriquecidos narizes, todas as portas nas quais os novos ricos se atrevessem a bater.

Mas ao coronel, tais pueris desplantes pareciam não afetar muito. Do princípio ao fim, tampouco aspirava a ser convidado ao St. James no terceiro domingo de cada mês, mas, sim, tão somente desfrutar de uma existência aprazível e feliz, em sua querida residência de Sheepfold.

O cavalheiro veterano sentia-se plenamente satisfeito pelo halo de respeito e venerabilidade, que em torno dele e de sua família, conseguira erigir durante as últimas décadas, e aproveitava em sua velhice, de um merecido e prazeroso retiro familiar, no pequeno condado rural do qual procediam seus ancestrais, onde residia em companhia de sua única filha e de sua insuportável esposa. Dispunha para seu gozo pessoal, da propriedade mais extensa que Fanny conhecera e celebrava a cada quinzena, os melhores e mais encantadores bailes com os quais, qualquer jovenzinha pudesse sonhar.

Fanny e Charlotte Morton eram amigas inseparáveis desde meninas. Existia entre elas grande afinidade, mesmo entre as ridículas rivalidades de

suas mães, que, por similitude de caráter, e por causa de um espírito corroído pela ambição, gastavam o tempo e esforçavam-se em fomentar a rivalidade entre as duas jovens, porque elas sentiram-se irmanadas desde a mais tenra infância. Semelhante empenho não fazia mais que provocar grande diversão entre as moças, visto que, do início ao fim, as contínuas disputas de suas progenitoras não causaram nenhum dano irreparável, e tampouco, foram além do que poderia considerar-se resultado da disputa entre gatas raivosas. Alguns arranhões verbais, algum que outro bafafá ocasional e uma fofoca ao ar, de vez em quando, era o máximo que conseguiram as duas patéticas matriarcas. Por isso, e em que pese a esta série de catastróficas topadas familiares, ambas as senhoritas alcançaram a juventude, adoravelmente, em mútua companhia e cumplicidade, mesmo que estivesse provado, que nem as respectivas posições sociais, nem seu caráter, possuíam muito em comum.

Fanny Clark era bela, inteligente e disposta, com um temperamento agradável e otimista, ficou vários anos vivendo em Sheepfold, sem outro assunto que lhe importunasse o ânimo, salvo a impossibilidade de viver as apaixonantes aventuras que povoavam os livros de sua biblioteca. Possuía, além de uma mente fantasiosa e sonhadora, e um caráter sincero e resolvido, uma figura apta para ser considerada uma autêntica ninfa do bosque.

Ao contrário, Charlotte Morton era uma jovem muito mais discreta e comedida, tanto no físico quanto em personalidade. Possuía um caráter calmo e, embora não carecesse de beleza, seu rosto jamais conseguiria

transmitir a frescura e a vigor que manifestava o de sua amiga. Possivelmente as dimensões corporais resultassem muito generosas, razão pela qual fora qualificada em múltiplas ocasiões como voluptuosa, pelas almas mais caridosas, ou simplesmente como gordinha, pelas que não o eram tanto.

Em que pese a tão óbvias diferenças, tanto na aparência quanto nos sentimentos, não poderia ter existido melhor, nem mais feliz consórcio sob as estrelas, nem existia par melhor do que o que formavam as duas amigas. Fanny poderia atribuir somente uma péssima singularidade a sua querida amiga, uma importante singularidade, que consistia no ridículo e extravagante apego da senhorita Morton em confeccionar o vestuário com cores desafortunadas e gritantes. Fanny considerava tanta falta de gosto no guarda roupas de sua amiga, e tão espalhafatosos e abafadiços seus vestidos e chapéus, que, se não fosse pelo imenso afeto que sentia por ela, em mais de uma ocasião, sentiu-se tentada a fingir-se doente para não ter que acompanhá-la às reuniões sociais!

Quando os ditames da moda exigiam, que as damas se ornassem com musselinas em tons bege, branco, rosa pálido ou azul bebê, a original senhorita Morton mandava confeccionar vestidos em chamativos tons berinjela, cabaça amadurecida, azul intenso, verde lima ou cobre. E, como não podia esperar-se menos de uma dama de certa dignidade e prestígio, a senhorita Morton fazia acompanhar tão arrepiante vestimenta, com uma bolsa e uma sombrinha no mesmo tom arrepiante.

Incentivada, possivelmente, por sua mãe, que era de uma vez, sua

maior e mais severa crítica, Charlotte parecia viver nos tempos antigos, sem outro desejo que o de encontrar marido e formar uma família. Sem dúvida o matrimônio era a última e única, via de escapamento para fugir do assédio de sua insuportável mãe, e por isso estava disposta a agarrar-se a esta opção, de um modo tão obstinado quanto incansável.

Mesmo que Fanny fosse bastante hábil com o pincel, afeição a qual jamais concedera muita importância, não teria sido capaz de plasmar o reflexo de Londres, de um modo fiel à realidade. Ainda mais porque jamais sonhara, ou imaginara, ou desejara, que um lugar assim pudesse existir no mundo.

Fazia duas semanas que haviam se instalado na cidade e ainda encontrava-se desorientada da mesma maneira, como que se tivesse realizado toda a viagem dentro de uma carruagem coberta e ninguém ainda, tivesse se incomodado de tirá-la do interior. E quem dera esse tivesse sido o caso, visto que o que descobria no exterior, era algo que, se dependesse dela, jamais intencionaria conhecer.

O trajeto na carruagem resultara tão suportável quanto resultaria uma viagem de dois dias e noites, encerrada em um receptáculo reduzido, suportando os solavancos do caminho e o mal-estar causado pela permanência de horas e horas, sentada na mesma posição. Ao menos, para regozijo dos viajantes, os caminhos nessa época do ano, encontravam-se secos, mas não muito poeirentos, por isso puderam deleitar-se, durante grande parte da expedição, com a contemplação do verdor vigoroso da paisagem, enquanto no assento enfrente, a senhora Morton fazia projetos e

conjeturas a respeito de um fato tão fundamental quanto o número de solteiros disponíveis para o início da temporada.

E quão diferente era a cidade de Londres de sua pequena e amada Sheepfold! Os caminhos de terra foram substituídos por passarelas cinzas, pavimentadas em algumas zonas, e por horríveis atalhos de lama e terra em outras, tão enlameados estes últimos, e com valas tão profundas, causadas pela contínua mudança de um lugar a outro de carruagens, que resultava, completamente, impensável percorrê-los a pé. As ruas permaneciam congestionadas de gente: casais passeando sob a fiel custódia de uma sombrinha e o olhar judicioso de uma acompanhante, meninos correndo seus aros e armando bulício com seus jogos, cavalheiros que saiam do caminho para passagem das damas solitárias, que soltavam alguma rabugice e meninos com bocas trincadas e narizes melequentos anunciando em alta voz as notícias da imprensa local. Ruído, ruído e mais ruído, e nenhum dos agradáveis sons com que a natureza podia deleitar os ouvidos de quem desejasse percebê-los.

Sobre os frisos dos telhados de piçarra, formados por pirâmides escalonadas, sobressaíam-se múltiplas chaminés, que vomitavam fumaça durante todas as horas, uma fuligem pestilenta e negra e um molesto aroma de carvão queimado, que descia como uma maldição das bocas enegrecidas, para impregnar profundamente as fossas nasais dos transeuntes mais sensíveis, e anular, completamente, a percepção de qualquer outro aroma mais agradável.

De fato, parecia que os alegres raios do sol eram incapazes de

acariciar Londres. Na realidade devia resultar muito difícil, ao astro rei, perfurar a impenetrável couraça de fumaça e névoa, deslizar e lançar a terra o mais miserável de seus raios e, assim, proporcionar um halo de vida, de luz, de alegria a um cenário tão melancólico quanto cinza e sombrio.

Fanny horrorizava-se com o estilo de vida londrino, assim como, a contemplação de semelhante aquarela tão escassa de cores e, sentia que, conforme passavam os dias, a alma murchava pouco a pouco.

Sentia falta da campina, o canto alegre dos passarinhos, o eterno aroma da terra molhada, o balir rouco dos rebanhos e as horas de leitura sobre o prado, descalça, com o cabelo enredado entre a erva, e o delicioso aroma de lavanda e de madressilva, que lhe acariciavam o nariz. Temia esquecer o rumoroso murmúrio que o vento dava de presente, durante sua dança com as taças dos pinheiros ou, que a visão cotidiana dos cervos que pastavam nos caminhos menos transitados, se convertesse, de repente, em uma longínqua utopia.

Por isso, quando Charlotte estava muito ocupada para solicitar sua presença, fugia para refugiar-se em sua habitação, para observar através da janela um ponto invisível na distância, como se por acaso fosse possível divisar, por cima dos sujos telhados e através do vômito escuro das chaminés, os ramos mais altos das árvores de sua terra natal, balançando-se ao som do vento.

Uma tarde, justamente antes de jantar, encontravam-se os quatro reunidos no salãozinho do andar de baixo, quando o mordomo apareceu na soleira, com uma bandeja na mão.

— Acabam de trazer este cartão, coronel Morton — anunciou com afetação.

— A esta hora? — perguntou, enquanto consultava o relógio. — Resulta bastante incomum. Vejamos. — Colocou os óculos, pegou o envelope lacrado e rasgou o papel.

— Do que se trata? — A senhora Morton, que em ocasiões superava a própria senhora Clark quando pentelha e insuportavelmente metia-se, deixou de um lado o bordado, para reclamar a atenção de seu marido, que a essas alturas sustentava o papel na mão e observava as três, com um gesto entre o divertido e o satisfeito.

— Excelentes notícias, querida — anunciou. — Dentro de dois dias nos esperam para jantar na mansão dos Byrne.

— Os Byrne? — exclamou a senhora. — Não se trata da família do coronel afetado que serviu com você, nas Índias Ocidentais?

— Em efeito. E considero muito generoso de sua parte, celebrar uma noitada em nossa honra e assim nos dar a boas-vindas a sociedade londrina.

A mulher abriu e fechou a boca sem articular nenhuma palavra. Se não fosse pela devida sujeição, os olhos bem poderiam ter saído de suas órbitas.

— Meu amigo, o coronel Byrne, enviará uma carruagem para nós, às quatro.

A senhora levou as mãos à boca e afogou um gritinho. O que não pôde afogar foi a exagerada expressão de surpresa que se desenhou em sua

face enquanto agitava a mão, em um vão intento de proporcionar-se ar.

— Oh! Meninas, um jantar em nossa honra e estamos só a duas semanas na cidade! — Olhou Charlotte com severidade. — Endireite-se, menina, e alegre essa cara, chegou seu momento de florescer na sociedade! — A jovenzinha obedeceu imediatamente e ergueu-se, como um junco verde. — Espero que coloque seu melhor vestido, querida, nesse dia deve parecer esplêndida. — Piscou um olho com malícia. — Nunca se sabe o que alguém pode encontrar nesse tipo de eventos.

Charlotte sorriu timidamente e inclinou o olhar com condescendência.

— Fanny, querida, serei benévola e não pedirei nada impossível. Sou bem consciente de suas limitações. — Falou, com absoluta displicência, elevou o queixo e elevou as sobrancelhas até a borda de sua touca. — Tão somente limite-se a não colocar um vestido muito descolorido e ultrapassado e, se for obrigada a fazê-lo, procure, ao menos, que não seja muito, anterior, à temporada passada. Não queremos que pensem que nos fazemos acompanhar por uma pedinte, da qual nos compadecemos. — A senhora Morton olhava-a, com a frieza de uma geleira nas pupilas. — E, pelo amor de Deus, procure fazer algo com esse cabelo! Ninguém se incomodou em ensinar-lhe que as forquilhas foram feitas para segurar as mechas rebeldes?

Fanny inclinou a cabeça e repousou o olhar nas espigas pintadas no papel de parede. Mordeu com raiva o lábio inferior e o interior das bochechas, para evitar exteriorizar o aborrecimento que rugia no peito, e

que começava a colorir o rosto. Obrigou-se a contar até dez, para aplacar a indignação, e evitar que sua impetuosidade empurrasse-a a dizer, o que na verdade pensava da senhora Morton e de suas absurdas presunções. Não, por certo, nesse instante não seria correto transmitir em voz alta, tais pensamentos.

— Mamãe! — admoestou Charlotte, indignada.

Mas Fanny silenciou-a com um olhar cálido. A azeda senhora ofendera-a com descaramento, mas negava-se a fazer parte de seu vórtice de despropósitos, embora tivesse que se conter.

Santo Deus, quanto desejava retornar para casa e deixar para trás toda aquela série de catastróficos acontecimentos!

# CAPÍTULO 3

O esperado dia do baile chegara com inusitada rapidez, embora a senhora Morton se atrevera a opinar que foram os dois dias mais longos e insuportáveis de toda sua vida. A senhora anciã encontrava-se, nesse momento, muito mais entusiasmada com a noitada do que pudesse estar qualquer debutante, já que as expectativas que depositava nela, eram muito elevadas. Fantasiava que, ao menos, sua filha sairia da residência dos amáveis anfitriões, com algo muito similar a um compromisso.

Para satisfação de todos, um elegante tílburi negro passou para recolhê-los à hora combinada e, semelhante pontualidade, não poderia ter resultado mais acertada, visto que a senhora não era capaz de suportar o menor atraso.

Charlotte era quem mais sofria no assunto, porque a pressão de sua mamãe estava a ponto de sufocá-la, igualmente as barbatanas do espartilho novo que se viu obrigada a vestir.

— Os cavalheiros de mais reputação, gostam das damas de cintura de cinquenta centímetros e de busto firme, explicara a senhora com um intento de justificar a crueldade de semelhante opressão.

Fanny não fez mais que baixar o olhar e sorrir compassiva, certamente os homens desejavam mulheres com cintura pequena, mas também deviam preferi-las vivas. Pobre, querida Charlotte! Que responsabilidade tão grande para uma filha, ter a obrigação de fazer um bom casamento, para agradar a uma mãe com expectativas tão elevadas!

Meneou a cabeça, inalou e acariciou sua cintura, liberada por sorte, de tão cruel opressão. Sentiu-se agradecida de que sua própria mãe fosse condescendente com seu vestuário. No momento.

A casa dos Byrne era uma agradável residência urbana, no mais típico estilo londrino, construída em três andares, com fachada de tijolos, dividida em três blocos separados por saliências brancas. Possuía abundantes elementos neoclássicos, como as fachadas que adornavam a frente de todas as janelas e a ampla porta de entrada, que proporcionavam grande elegância ao conjunto. Uma torneada grade de ferro forjado, ao longo de toda a frente, oferecia aos moradores, a utópica possibilidade de um discreto jardinzinho privado, em meio da cidade populosa.

A casa se elevava em uma rua muito central e bem situada, como pontuara com conhecimento a senhora Morton, ela fez nada mais, que chegar e entreter-se durante um tempo em frente à entrada para, desse modo, fazer-se ver entre os transeuntes, e deixar a certeza de que fora convidada  nessa noite, a uma residência tão agradável.

Os Byrne eram um casal de idade avançada, extremamente belo em seus gestos e com um ar elegante e refinado que evidenciava, tanto em sua aparência, quanto na calma execução de seus movimentos. Na recepção dos convidados, encontrava-se junto a eles, o jovem senhor Byrne, um cavalheiro que rondava um quarto de século, de porte agradável, aprazível sorriso e um laço elaborado, atado ao pescoço. Segundo um breve relatório do senhor Morton, de nenhuma maneira podia-se esquecer a boa posição da qual desfrutava o jovem entre as altas esferas, visto que, além de ser o

único herdeiro de um destacado oficial, Edmund Byrne conquistou a confiança de muitos mestres da Inglaterra, graças ao exercício honroso de sua profissão como defensor jurídico.

De toda maneira, em que pese a todas suas glórias, o cabelo loiro cacheado, a pele leitosa e a eterna expressão lânguida do jovem, não conseguiriam tentar à senhorita Clark, mesmo que se tratasse do último varão, sobre a face da Terra. Para seu regozijo pessoal, não transcorreu muito tempo antes de comprovar que nem todos compartilhavam da mesma opinião. Charlotte, que fora estrategicamente situada na mesa ao lado do moço, parecia muito satisfeita em sua companhia, e o contínuo rubor de suas bochechas, além de uma nervosa sucessão de tímidas piscadas, davam boa-fé disso.

O jantar transcorreu em uma atmosfera cordial devido ao adequado número de comensais, que não superava a vintena. Durante as intermináveis idas e vindas de lacaios e donzelas, Fanny entreteve-se em lançar olhadas furtivas a sua amiga e a seu companheiro de mesa, de modo que pôde observar que o cavalheiro oferecia constante conversação a Charlotte e que ela correspondia-lhe com uma sucessão alternada entre sorrisos e rubores. Além disso, parecia mais que evidente, esse era um ponto a favor, a que ao senhor Byrne importava bem pouco, o desatinado tom amarelo limão do vestido que sua amiga escolhera para a ocasião, assim como o estranho enfeite que deixava aparecer de um lado da cabeça, um insólito pássaro com a plumagem da mesma cor do vestido, enredado em uma contorção de ramos secos.

Por sorte, o velho cavalheiro que sentava à esquerda de Fanny e que, conforme apressou-se a assinalar, era um conhecidíssimo comodoro no reino, que foi capaz de oferecer-lhe uma conversação bastante oportuna e interessante, para que seu insolente escrutínio passasse desapercebido. Além disso, graças à conversação do cavalheiro, que durou, exatamente, do minuto em que serviram as entradas, até pouco depois de que os lacaios terminassem de servir as sobremesas, Fanny foi informada de todos os interessantes, embora completamente indiferentes para seu entendimento, meandros da Marinha Real, assim como, das múltiplas anedotas que um oficial de semelhante patente e experiência pudesse carregar sobre os ombros.

Ao terminar o jantar, enquanto alguns cavalheiros apreciavam a sobremesa no salão de fumantes, e dispunham-se a aliviar o peso de suas carteiras mediante o jogo de naipes, o resto dos convidados foi conduzido ao enorme salão, do andar de baixo, disposto para o salão de baile. Deslocando alguns móveis, levantando tapetes e empregando elegantes biombos produzidos na China, os Byrne conseguiram um amplo espaço, com uma magnífica iluminação, que proporcionava à estadia uma acolhedora atmosfera dourada. Além disso, como amostra do fino trato que os anfitriões ofereciam a seus convidados, os fogos das duas lareiras do salão foram acesos com antecipação, o que terminava de completar o marco perfeito para uma noitada impecável.

No momento em que Charlotte conversava com a senhora Byrne sobre a conveniência de adornar os chapéus de festa com plumas de faisão

ou de pavão, para Fanny que a confecção de todo tipo de adornos importava bem pouco, aproveitou para afastar-se do grupo e dedicar-se a um dos passatempos que mais a entretinha em qualquer tipo de reunião social: estudar o comportamento dos presentes e seu modo de atuar, quando não se sentiam observados.

De pé, em um ângulo afastado do salão, quase oculta atrás de uma coluna de alabastro, teve bastante tempo para admirar, com liberdade, a magnificência decoração do lugar, enquanto tentava recordar e associar cada nome com o rosto correspondente. Porém a maioria dos convidados estava formada por importantes integrantes do corpo militar, e não resultava uma tarefa simples, porque seus esforços obrigatoriamente se chocavam com os sorrisos jocosos, com as entonações afetadas e com as expressões censoras com que as damas conservadoras, que ajustavam os óculos para olhá-la de cima abaixo, emitiam a cada instante, além de mostrar uma generosidade extrema, ao outorgar-lhe os mais amargos sorrisos, inchados de desprezo e comiseração.

Olhou ao redor e depois, observou a si mesma. Vestia um singelo vestido de cambraia, cor lavanda, listrado de branco, com uma muito leve manga franzida e amplo decote tipo balcão. Um vestido que, na parte traseira da saia, mostrava abafadiços estragos em forma de triângulos chamuscados, como consequência da incapacidade da donzela com a prancha de passar. Por sorte, as amplas dobras do tecido, somados a sua extrema magreza, ajudavam a que semelhante defeito passasse despercebido.

Oculta de todos os olhares, deslocou-se entre os cantos escuros do salão, enquanto observava ao resto de convidados, como quem olha uma peça de teatro de seu camarote. Sorriu com toda a tolerância de qual foi capaz. Nem aquele era seu lugar, nem ela poderia, jamais, pertencer a um círculo tão hipócrita e superficial como o que formavam aqueles personagens. Estava claro que, naquele jardim transbordante de perus reais, ela era uma simples garça branca que jamais poderia adornar seu corpo com tais enfeites. Estavam completamente fora do alcance das modestas arcas de um velho clérigo rural, com três filhos e uma insuportável esposa a cargo.

O coronel Morton abria caminho através do salão de baile graças a sua evidente robustez, seguido de perto por Charlotte e Fanny. Procurara-as por todo o salão com o propósito de apresentar-lhes um cavalheiro, amigo do jovem Byrne, que não pudera estar presente durante o jantar, e que acabava de fazer sua entrada no salão para acompanhá-los durante o resto da noitada. Imediatamente, o solícito e educado Byrne rogara, forçosamente, ao coronel que procurasse à senhorita Morton e a sua amiga, para serem apresentadas ao recém-chegado como era devido.

— Jovenzinhas! — enfatizou o coronel. — O senhor Byrne insistiu muito! Trata-se de um cavalheiro muito importante!

Fanny revirou os olhos pelo pouco que gostaria de conhecer qualquer dos múltiplos cavalheiros que essa noite engrossavam a lista de convidados.

Durante a temerária e precipitada procissão, para cruzar de um lado

ao outro do abarrotado salão, Fanny se viu sacudida pelo violento pulsar de gazes multicoloridas, plumas e leques que se agitavam em louco frenesi, ao som dos alegres acordes da orquestra que alegrava a noitada. Um intenso rubor inflamou as bochechas e obrigou-a a puxar ar, fortemente, várias vezes. Sentia-se enjoada e desprovida de oxigênio naquele ambiente, podia perceber como uma estranha ansiedade crescia a cada instante em seu interior, até formar uma borbulha de esgotamento no peito e como o rosáceo das bochechas parecia a ponto de explodir, até sangrar sobre o rosto. Dezenas de vozes estranhas, risadas, palmas incessantes e acordes, muito altos, soavam sobre sua cabeça e faziam que se sentisse afligida e enjoada. Por toda parte recebia cotoveladas, pisões e empurrões por parte de alguns bailarinos tão eufóricos quanto sem consideração. Em que péssima hora a arrancaram do refúgio entre as sombras!

— Apresento minha filha, senhor, senhorita Charlotte Morton. — Anunciou de repente o coronel, precisando elevar a voz, vários tons acima do habitual, para fazer-se ouvir entre a multidão. Fanny, abafada e incômoda ao final da improvisada comitiva, somente atinou a ver as coloridas costas de sua amiga, inclinando-se em graciosa reverência. — A jovem que nos acompanha é uma boa amiga da família e vizinha do condado de Sheepfold, a senhorita Fanny Clark, que se hospeda conosco durante nossa estadia em Londres.

Quase imediatamente, Fanny viu como as silhuetas que a precediam saiam a um lado para deixá-la exposta ante os cavalheiros. Embora despreparada pelo inesperado da situação, acalorada e turvada pela

temerária cruzada que acabavam de finalizar, conseguiu recompôr-se o suficiente, para oferecer uma rápida reverência. Elevou o olhar a tempo de observar como o cavalheiro desconhecido devolvia-lhe a saudação, com uma indiferença que raiava a descortesia.

— O senhor Oliver Hawthorne — anunciou o coronel cheio de orgulho.

Tratava-se de um homem de uma altura esmagadora, que permeava a trintena. Seu aspecto pouco amigável e a amplitude das costas conferiam-lhe um aspecto sinistro e ameaçador. Resultava impossível não fixar-se nele, porque sua estatura sobressaia-se várias cabeças acima de todos os presentes, e sua corpulência, além da enrijecida rigidez da postura, a escura vestimenta e o gesto sério, faziam-no destacar-se indubitavelmente.

— Senhorita Clark. — Lançou um olhar olímpico à distância, sem incomodar-se sequer em prestar um mínimo de atenção a jovem.

Oliver Hawthorne vestia-se de impecável negritude e seu cabelo era escuro e brilhante como asa de corvo, abundante e ondulado em grossas mechas que pareciam, habilmente, despenteados segundo o critério estético da época. No perfil duro, escuro e anguloso destacava um nariz aquilino, reto e proeminente. Delineavam-lhe o rosto duas espessas costeletas que cresciam até o marcado contorno da mandíbula.

Uma vez realizado o feliz encargo, o coronel Morton começou a mostrar-se inquieto entre a juventude. A urgente secura de sua garganta e a escassez de assuntos de conversação com a qual seduzir àquela distante geração, mantinham-no em uma postura um tanto forçada.

— Com sua permissão, cavalheiros, vou ver se algum dos lacaios vê como bem servir-me algum tipo de bebida espirituosa, — comentou em um inquieto tom jocoso. —Confio em que esta noite sirvam a seus convidados algo mais que ponche e vinho de laranja, senhor Byrne.

— É obvio, coronel — respondeu com um generoso e perpétuo sorriso no rosto. — Suponho que encontrará muito a seu gosto, o conteúdo de nossas adegas. Garanto-lhe que dispomos do melhor vinho branco, procedente das vinhas do sul da Inglaterra que você, jamais, tenha saboreado. E nosso porto, não deixa nada a invejar ao melhor porto que servem em St. James.

Semelhante afirmação pareceu encher de felicidade o coronel, que se separou, satisfeito, do grupo, para tentar abordar a qualquer um dos diligentes lacaios, embelezados com libré e calções de seda.

Fanny suspirou com resignação. Quem dera ela mesma fosse tão fácil de satisfazer quanto o coronel ou a maioria dos ali presentes.

— Resulta-lhe agradável a estadia em Londres, senhorita? — perguntou com cortesia Edmund Byrne, sem dúvida com a pretensão de entreter às jovens com uma conversação inofensiva. Seu companheiro, pelo contrário, permanecia ereto como um poste e lançava sobre a sala um olhar indiferente.

Fanny hesitou alguns segundos: devia mostrar-se cortês e adular a vaidade de seu amável anfitrião, ou, pelo contrário, devia mostrar-se sincera e revelar seus verdadeiros sentimentos por mais desconsiderados que resultassem?

— Confesso-lhe que não muito. — O senhor Hawthorne pareceu retornar ao mundo dos vivos e como mostra, elevou uma sobrancelha sem desviar o olhar. — Acredito que não me acostumarei, jamais, ao ruído e a ocupada existência citadina.

— Seriamente, desgosta-lhe tanto o que vê? — Byrne sorria com um tom amigável e em seus olhos aparecia uma faísca de diversão. — Não é capaz de encontrar absolutamente nada em toda Londres que resulte de seu agrado? Temo que não possa acreditar! Todo mundo deseja visitar Londres e permanecer na cidade durante o início da temporada!

— Atrever-me-ia a opinar de outro modo, se conseguisse ver mais à frente da penetrante fumaça cinza que envolve tudo.

Byrne esteve a ponto de expelir a bebida que estava tomando. Sua diversão contrastava com a ruga, cada vez mais evidente que se desenhava no severo sobrecenho de Hawthorne.

— Oh!, senhorita Clark, não está sendo muito amável conosco! — Elevou um olhar divertido para seu amigo. — Não acredita, Hawthorne, que a senhorita é, excessivamente, severa com nossa amada Londres?

— É provável que a vida no campo resulte-lhe mais atraente. — A esfinge de gelo falava! Embora sua pose continuasse igualmente despótica e cruel. De fato, expressava-se de um modo tão descortês, que parecia não estar referindo-se a alguém presente no grupo. — Estou convencido de que deve resultar um aborrecimento terrível para ela passear pela cidade em nossas carruagens tílburis, acostumada como estará, a fazê-lo sobre pequenos asnos. — Torceu a boca em um sorriso cruel. Ou por acaso no

campo já aboliram essas clássicas montarias, e agora, dedicam-se a passear no lombo de ovelhas? — Soprou em um gesto de suficiência. — Sinto, não estar a par dos costumes rurais.

Fanny piscou com nervosismo. Se tivesse sido atingida no estômago, por qualquer um dos mencionados asnos, não teria experimentado semelhante falta de ar nem semelhante estupor.

Byrne também pigarreou incomodado, sem saber muito bem como reparar o grosseiro comentário de seu amigo. Charlotte, a um lado, inclinava a cabeça com o rosto da cor de uma cereja amadurecida, o que, em contraste com o amarelo limão de seu vestido e o espalhafatoso pássaro do enfeite, oferecia uma imagem, demais, pitoresca.

— Hawthorne, que tem! — murmurou Byrne entre o tolo som de uma risada nervosa.

Mas o aludido, voltou a desviar sua atenção e depositá-la muito longe dali, resoluto a não voltar a abrir a boca, durante o resto da noitada.

— Estou seguro de que meu amigo não pretendia incomodar a ninguém ao manifestar suas opiniões. — Mas o bufido irônico que Oliver Hawthorne deixou escapar, expressou com clareza o contrário.

As mãos de Fanny revoaram ao pescoço e brincaram, com nervosismo, com o elo de sua corrente de ouro.

— Não se preocupe, senhor.

Mas era mais que evidente que o moço sim, preocupava-se e se sentia, extremamente, incomodado.

— Com sinceridade, senhorita Clark, confio e espero que se sinta tão

cômoda em nossa cidade como estaria em seu condado.

Agradecida, o sorriso de Fanny se viu truncado por uma nova e ofensiva intervenção do cavalheiro:

— Mas não esqueça que não está — murmurou com um ar que beirou a grosseria, — como pode comprovar pela ausência de ovelhas nas ruas.

Sobre os quatro jovens abateu-se um reflexo de tensão, tão denso, que poderia ser cortado com faca.

— Não se preocupe, senhor Byrne — repetiu a moça com um sorriso nervoso enquanto tremia, por causa da raiva contida. Para responder a sua pergunta inicial, sim, acredito que poderia referir algo bom, de sua querida cidade. — Byrne sorriu aliviado. — Durante minha breve estadia em Londres, pude comprovar que sim, temos algo em comum. — Hawthorne elevou de novo os lábios em um sorriso cruel. — Igualmente a nós, também vocês dispõem de asnos em sua refinada sociedade, e posso afirmar que os seus, são mais inteligentes que os nossos, visto que aprenderam a caminhar sobre duas patas. — Sem abandonar o amplo e forçado sorriso que adornava-lhe o rosto, executou uma, ampla, reverência que parecia ser dirigida, exclusivamente, ao impassível e despótico Oliver Hawthorne, deu meia volta e cruzou o salão, desviando-se dos casais que dançavam de forma despreocupada. Sabia que não atuara de forma correta, que sua resposta e sua posterior retirada resultaram completamente impróprias, mas a indignação que a corroía por dentro não lhe teria permitido permanecer na companhia daquele homem, tão desagradável, nem um

segundo mais.

A fuga precipitada impediu-a de observar a atônita expressão do senhor Hawthorne, que, ante semelhante falta de distinção, permanecera com o cenho franzido e totalmente deslocado, enquanto mordia o interior das bochechas e oprimia os punhos aos flancos, até que os nódulos tornaram-se lívidos. Jamais presenciara um comportamento tão incomum da parte de alguma dama com dois dedos de crânio. Sem dúvida, aquela absurda criatura era a mulher mais insuportável e vulgar que conhecera.

# CAPÍTULO 4

— Fanny, não deveria ter sido tão desagradável com Oliver Hawthorne. — Admoestou-a Charlotte, horas depois, enquanto descansavam nos aposentos da jovem, ainda fatigadas do recente baile. — Não esqueça que se trata de um cavalheiro muito importante e rico! — Fanny revirou os olhos. — Mamãe me comentou que recebe mais de doze mil libras anuais.

— Doze mil, e mesmo assim é incapaz de sorrir? — A moça esboçou um amplo sorriso. — Possivelmente lhe falte algum dente, ou seu bafo seja tão pestilento que tenha decidido manter a boca fechada, salvo, é obvio, quando não pode resistir a abri-la para mostrar-se antipático e grosseiro com seus acompanhantes.

— Não tem por que sorrir, nem por que tratar de agradar a ninguém, quando é um dos homens mais ricos de toda a Inglaterra.

— Ah, já entendi! — Comentou Fanny em um claro tom irônico. — Pelo fato de ser rico pode permitir-se o luxo de ser descortês e mal-educado com todo mundo.

— Sinto contradizê-la, mas, a julgar pelos comentários que surgiam, posso assegurar, que Oliver Hawthorne resulta mais que desejável para qualquer senhorita da Inglaterra.

Fanny permanecia sentada em frente a elegante penteadeira de jacarandá cujo espelho oval refletia, as suas costas, a imagem de Charlotte sentada na beira do leito com os joelhos abraçados.

— Desejável, diz? Eu diria melhor, que é um insuportável esnobe. Acredito que levava o nó tão apertado que resultava mais dificultoso, ele

respirar do que a você, com seu insuportável espartilho novo.

Dito isso, levantou-se e se deixou cair de costas sobre a cama, ao lado de sua amiga, com tal ímpeto que Charlotte ricocheteou no leito. Um amplo sorriso adornava-lhe o rosto, enquanto permanecia com o olhar fixo nos arabescos do teto.

— Está agindo muito mal, Fanny. — Charlotte a imitou e tombou de lado. — Se te comportar assim, nunca encontrará um marido.

— Não o que gostaria a minha mamãe, certamente.

— E temo que tampouco à minha.

— E falando de complacências, o que me diz do seu senhor Byrne?

Charlotte ruborizou-se, até a raiz do cabelo, e inclusive tratou de compor uma expressão severa. É claro, não foi capaz.

— Meu senhor Byrne? Vamos Fanny, enlouqueceu?

— Não pode negar que toda a noitada esteve muito pendente para você! Não a descuidou nem um só momento, e inclusive, dançou com você mais de duas músicas seguidas! Necessita mais evidência que essa?

Charlotte encolheu os ombros enquanto alisava, uma e outra vez, a camisola na zona onde lhe amoldava à curvatura dos joelhos.

— Temo que confunda cortejo com cortesia, querida.

— Não me diga! O vinho de laranja forçou-me a ter visões? — Apoiou-se sobre um cotovelo e começou a fazer cócegas em um lado de sua amiga. — E inclusive atrevo-me a assegurar que não desgosta, absolutamente, do elegante e tímido senhor Byrne!

Charlotte acendeu-se, ainda mais, a tal ponto que seu rosto assumiu a

aparência de uma cereja amadurecida.

— Não vou negar que é um jovem extremamente bem apessoado, não é um cavalheiro de nobre estirpe, mas resulta muito agradável.

— Alto! — cortou Fanny e interpôs uma mão entre as duas. — Não venha agora com a nobreza, a estirpe e outra longa série de estúpidas insensatezes, isso é algo muito rançoso querida. Se disser-me que algo assim poderia importar-lhe, vou compará-la com sua mamãe ou com a minha.

— Mas uma boa posição resulta muito desejável, não acredita? Acaso não se sentiria mais segura, se estivesse acomodada em um bom lar?

— Mas é que, quando me casar não procurarei me sentir segura, mas sim, amada. — Fanny voltou os lábios para o interior da boca, e compôs uma expressão sonhadora com o olhar no teto. — O dia que eu me casar, será por amor e asseguro que pouco me importa de que se trate de um arrendatário ou do filho letrado, de um coronel aposentado. — Ao dizer isto piscou-lhe um olho. — Por isso, não é que acredite que nunca vou me casar, mas sim duvido de que exista um homem capaz de fazer-me adoecer de amor.

Charlotte franziu o cenho e beliscou em um braço de sua amiga, que permanecia deitada de barriga para baixo, com os pés descalços elevados no ar e sem abandonar o sorriso.

— Lê muitas novelas querida, a vida real não é como mostram seus livros.

Fanny não rebateu-lhe o argumento porque, embora doesse reconhecer a verdade, sabia que sua amiga estava certa. Mas, também, estava segura de desejar algo mais que a resignada vida matrimonial da qual via desfrutar a

seus pais e vizinhos. Desejava paixão, loucura, tortura, desafios na alma, e não longas e tediosas tardes costurando no salão, enquanto o marido ajeitava-se em uma poltrona confortável, lia o jornal e fumava o cachimbo com tranquilidade, sem sequer olharem um ao outro, e sem dirigir a palavra. Precisava existir algo mais. Precisava sentir debilidade nos joelhos cada vez que contemplasse ao homem de sua vida, e que o peito ardesse como um braseiro ante um só dos olhares do homem ao qual entregasse seu amor. Teria que derreter-se ante o suave roçar de seus dedos ou ante uma palavra pronunciada em voz baixa e às escondidas. Isso era o que diziam as novelas que lia e isso era o que ela ansiava para si. Um autêntico romance de amor.

— Fanny, tenho que considerar com toda seriedade casar-me brevemente — disse Charlotte de repente. A moça endireitou-se, pela metade e olhou-a. — Já tenho vinte e cinco anos e acredito que esta possa ser minha última oportunidade. A temporada que vem nenhum cavalheiro considerará a possibilidade de pretender-me. — Inclinou o olhar, entristecida. — Sou muito velha. Você ainda não compreende, porque somente tem vinte anos e sua margem é ainda um pouco mais ampla. — Sorriu com amargura. — Embora, como não se apresse, sua irmã mais nova acabará arrebatando-lhe qualquer possível opção.

— Cassandra? Mas ainda é uma menina!

— Surpreenderia de quão jovens, os cavalheiros, escolhem a suas esposas.

Fanny desabou, outra vez, de costas. Era certo, sabia. E a aborrecia.

— Sem ir mais longe, poderia mencionar a minha prima, lady Marlock,

de Sussex. Recorda-a?

— A magra ruiva?

— A mesma. Foi comprometida com seu marido quando tinha treze anos. Ele já caminhava pelos trinta e cinco.

— E algo assim parece bom? É abominável! Não me casarei com um velho lorde desdentado mesmo que minha vida dependa disso!

Charlotte não pode reprimir um sorriso condescendente.

— Nenhum lorde a suportaria, com dentes ou sem eles.

— E me alegro de que não o façam! Agrada-me que prefiram às magras ruivas.

Charlotte ficou séria de repente.

— Meu pai ocultou de minha mãe seu desplante ao senhor Hawthorne. — Fanny revirou os olhos. Começava a cansar-se de que o senhor Hawthorne invadisse suas conversações. — Se se inteirasse de semelhante descortesia de sua parte, enviá-la-ia de volta a Sheepfold, imediatamente.

— Nada me agradaria mais que abandonar esta suja e feia cidade.

— Não diga isso. — Os olhos de Charlotte se embaçaram por causa das lágrimas não derramadas que começavam a acumular-se em suas pestanas.

— Você é a única coisa que me retém aqui. Acalme-se, aprecio-a muito para abandoná-la em meio a este redil de hipocrisia. — Charlotte compôs um gesto satisfeito. — Embora seus moradores sejam o bastante civilizados para não cavalgar escarranchado nas ovelhas. — Tentou conter a risada durante dez eternos segundos, mas acabou por explodir em uma sonora gargalhada. — Havia visto semelhante idiota presunçoso!

Charlotte lhe cobriu a boca com a mão e levou um dedo aos lábios para exigir silêncio. Fanny pouco a pouco acalmou-se, e prendeu o olhar nos olhos de sua amiga.

— Diga-me uma coisa, você gosta, seriamente, do senhor Byrne?

Charlotte inclinou o olhar e ruborizou-se, de novo.

— Agrada-me, sim.

Fanny desenhou um amplo sorriso, enquanto embalava, na concha da mão, a bochecha ruborizada de sua amiga.

— Devo admitir que concedo certa graça a seu senhor Byrne.

— Não é meu senhor Byrne!

— Concedo certa graça a seu senhor Byrne — repetiu. — Não carece de atrativo, é amável e possui bom caráter. Além disso, goza de boa posição apesar de carecer do status de cavalheiro que você tanto recalca. — Torceu o gesto, zombadora. — Só encontro uma falta.

Charlotte enrolou-se no leito para aproximar-se mais de sua amiga.

— Qual?

— Seu péssimo gosto na hora de selecionar amigos! — E outra gargalhada ecoou na estadia, amortecida pela grossura, ineficaz, dos almofadões que Charlotte se apressou a pressionar contra o rosto de sua amiga. Somente quando Fanny pareceu serenar-se, um pouco, sua amiga aproveitou para dar sua opinião.

— Pareceu-me um cavalheiro muito correto, bonito e com um ar majestoso, impressionante. Nem sequer você, poderia negar isso.

— É atraente, sim. — Fanny recordou o perfil aquilino, os olhos negros

como a obsidiana, e as negras e densas pestanas. Tivera tempo de reparar na cor daqueles olhos e na grossura das pestanas! — Mas duvido de que resultasse tão desejável para as jovens solteiras ou para suas mamães se não fosse tão, asquerosamente, rico.

— É incorrigível, de verdade. — Charlotte soprou esgotada.

— E isso mesmo sem possuir uma miserável fortuna. Se tivesse nascido em uma família rica, asseguro-te que, além de incorrigível, resultaria na verdade recalcitrante.

E dito isso, levantou-se como impulsionada por uma invisível mola, para equilibrar-se sobre a porta. Charlotte percebeu sua fresca beleza à luz das velas.

— Vou para meu quarto antes de que sua mãe me encontre aqui e me faça açoitar com uma varinha de marmelo, por corromper a mente de sua filha com minhas desatinadas ocorrências. — Charlotte sorriu. — Que durma bem e que sonhe com seu senhor Byrne!

E, antes de que sua amiga pudesse replicar, desapareceu pelo corredor com o sigilo de um gato.

— O que pareceu-lhe a senhorita Clark, Hawthorne? — Byrne interrogava seu amigo durante o café da manhã, dois dias depois do baile.

Hawthorne pareceu meditar um segundo antes de emitir palavra. A tez, descida e relaxada até o momento prévio, vestiu-se de uma acusadora sucessão de profundos sulco.

— Possui certa beleza, sem dúvida. — Hawthorne não levantou a vista da taça de chá. Sua voz refletia indiferença, absoluta, para todo o concernente a determinada jovenzinha. — Embora seja muito desenvolvida para meu gosto. Se expressa com excessiva resolução para sua idade e ascendência.

— Entretanto, a senhorita Morton não se cansa de adulá-la em forma constante. Diz que se trata de uma jovem extremamente generosa e de nobre caráter. Embora, é certo, possivelmente resulte um tanto incisiva com os desconhecidos.

— Incisiva? — Hawthorne lançou um olhar cético a seu amigo. Os olhos brilhavam e os lábios se elevaram em um malicioso sorriso. — Não me faça rir! Eu a considero melhor, mordaz e selvagem.

Edmund Byrne ajeitou-se no assento e cruzou os braços sobre o peito. Dobrou as pernas à altura dos joelhos, fixou o olhar na silhueta escura e magnífica de seu acompanhante.

— É uma verdadeira lástima que opine assim, meu amigo, posto que descida firmemente convidá-las ao baile da sexta-feira. Já sabe, a reunião da primavera que minha mãe leva semanas organizando, para o início da temporada.

Oliver Hawthorne soprou.

— Admiro seu caráter tão predisposto à tortura. — Limpou-se de forma pulcra os lábios com o tecido. Imitou a seu amigo e ajeitou-se na cadeira.

— Tortura? Para mim não supõe nenhuma tortura desfrutar da companhia de ambas as senhoritas! A senhorita Morton é uma jovem muito temperada e formosa, possui uma conversação agradável e complacente.

— Não me referia, de maneira nenhuma, à senhorita Morton, meu amigo, a quem considero uma jovem muito aceitável, mas, sim, a sua amiga. A senhorita Clark é uma criatura, como dizê-lo? Desatinada.

— Mas formosa, você mesmo o disse.

— Também é bela a medusa marinha, e nem por isso, deixa de ser o animal mais mortífero do oceano.

— Apostaria de que, mais de um cavalheiro, se deixaria apanhar pelos tentáculos venenosos de semelhante medusa. — Riu Byrne, antes de beber um longo gole de sua xícara.

Oliver Hawthorne esboçou um sorriso inclinado.

— Só um néscio poderia sucumbir a uma atração tão nefasta. — Hawthorne franziu o cenho com severidade— Além disso, sabe que há cavalheiros em posse de gostos um tanto extravagantes, aos quais agrada interatuar com criaturas insólitas. No meu caso, quando desejar ver seres selvagens e impróprios, me dirijo ao zoológico mais próximo.

— Enfim, tampouco é necessário que se veja obrigado a suportar sua presença se tanto custa tolerá-la. Conforme pudemos comprovar, você, tampouco, é o predileto da senhorita. — Byrne ofereceu um sorriso provocador a seu amigo.

Apreciava muito ao cavalheiro, ao qual conhecia desde muitos anos, quando ele mesmo, confiara-lhe a supervisão e controle de seus assuntos financeiros. Após, entre eles forjou-se uma sincera relação de afeto e amizade vantajosa para ambos. Hawthorne era um tipo solitário, desconhecedor de um afeto desinteressado. A seu redor não existia nenhum coração sincero, mas,

sim, um círculo repleto de abutres à espera de roubar as migalhas que jogava o grande homem. Byrne, por sua parte, era um jovem empreendedor com vontade de fazer um oco, entre a refinada sociedade londrina. A tudo isto, teria que se somar a crescente e inegável admiração que sentia por um cavalheiro de forte ascendência como Oliver Hawthorne, cujo nome era respeitado de uma ponta a outra da ilha.

— Não sabe quanto me alegra resultar, completamente, indiferente a essa desbocada.

# CAPÍTULO 5

Quando os Morton, acompanhados por Fanny Clark, fizeram sua aparição na residência Byrne, o salão de baile estava abarrotado de gente e os casais já se agrupavam em equipes dispostas para abrir a noitada.

Fanny recebera o convite com desagrado, não por causa do senhor Byrne, ao qual considerava muito correto e amável, mas, sim, devido a um certo cavalheiro que com sua só presença conseguia perturbá-la até a extenuação. Tão presunçoso, tão altivo, acostumado com segurança a que as tolas damas solteiras adulassem uma e outra vez sua vaidade. Quem acreditava que era? Não era mais que um arrogante esnobe abençoado com a enorme soma de doze mil libras anuais.

Charlotte encontrava-se extremamente sobressaltada e não deixava de torturar a bolsinha que suas mãos enluvadas, retorciam e apertavam com crueldade. Ocupara a última hora em pentear-se e enchera seu cabelo, cor de mel, de caracóis apertados que emolduravam-lhe o rosto, e de uma legião de diademas prata, decoradas com dentes chapeados e enfeites de biscuit, entre os quais sobressaía-se, como não podia ser menos, um estranho pássaro dissecado de cor violáceo. Além disso, escolhera para a ocasião um vestido grosso de organza, cor berinjela, que ressaltava seus generosos atributos femininos mediante um amplo decote de corte balcão, que concedia-lhe um aspecto mais voluptuoso e sugestivo. Depois de contemplar, minuciosamente, a aparência de Charlotte, a Fanny não restava a menor dúvida, de que sua amiga estava, absoluta e irremediavelmente, apaixonada pelo senhor Byrne.

Boa prova disso, oferecia o horrível pássaro que emergia de seu cabelo, confeccionado de forma expressa para a noitada, dado que Charlotte nunca procurava pássaros novos, se a ocasião não o merecia.

Ambas, separaram-se da companhia dos senhores Morton, com o pretexto de dar uma olhada pelo concorrido salão, para deleite da senhora Morton, cuja máxima pretensão era que sua menina confraternizasse com a elite, e passeasse pela casa como se já fosse a proprietária e senhora da mansão. Não duvidava da possibilidade de que chegasse a sê-lo, algum dia não muito longínquo, dado o grau de cercania e o glorioso avanço obtido com o jovem Byrne.

Charlotte elevava sua adornada cabecinha em busca do jovem, ao qual, ainda não tinham visto e Fanny, depois de um rápido exame, pode comprovar com alívio que o outro cavalheiro que ela procurava, embora por distinto motivo e com diferentes pretensões, encontrava-se ausente. Confiava em que, com um pouco de sorte, não pudesse assistir à reunião. Um homem tão poderoso, estaria tão ocupado e saturado de compromissos prévios, que resultaria impossível contrapô-los a uma diversão tão efêmera e ridícula, como um simples baile.

De repente sentiu-se mais relaxada e esboçou um tímido sorriso enquanto acompanhava com joviais palmas, as notas musicais do quarteto de corda que alegrava a noitada, em um intento de soltar-se e desfrutar, de uma vez por todas, da alegre melodia que invadia o salão e fazia saltar aos bailarinos.

— Não vejo o senhor Byrne. — Parecia que tal pensamento escapou,

sem permissão, da cabeça de Charlotte, a julgar pelo rubor que, imediatamente, adornou-lhe as bochechas e pela ruguinha que se desenhou em seu cenho.

Fanny sorriu. Ah, quão ansioso e impaciente resulta o amor no início!

— Estará exercendo de anfitrião com os convidados, minha querida Charlotte. Não se apresse, não está dançando, por isso com toda segurança estará disponível para você e só para você, um pouco mais tarde.

— Duvido-o, já deve ter as próximas danças comprometidas, — suspirou resignada. — Afinal, é o anfitrião e há dezenas de jovens bonitas, nesta festa.

— Você acredita? Eu considero que estaria disposto a brindá-la com todos as danças e ainda se sentiria insatisfeito. — Aplaudiu ao som da música. — Sou eu a que deveria me sentir consternada, visto que não tenho par à vista e suspeito que deverei observá-la dançar toda a noite.

— Permita-me duvidá-lo, Fanny. É a moça mais bonita do salão. — Charlotte deu uma cotovelada brincalhona em sua amiga, que aceitou com um sorriso. — Se deixasse de procurar defeitos em todos os cavalheiros que se aproximam, e não rechaçasse seus convites para dançar, possivelmente, poderia, inclusive, passá-la bem. Pensou por acaso em tal possibilidade?

Fanny tratou-a com atenção e com um sorriso amplo e despreocupado.

— Se o cavalheiro apropriado me pedisse isso, não poria a menor objeção, asseguro-lhe isso. Mas duvido muito de que um cavalheiro semelhante exista sob as estrelas.

— Por minha vida, não acredito que exista algum capaz de agradar

suas desatinadas expectativas!

— Desatinadas? Não! — Inalou com profundidade sem deixar de sorrir e aplaudir.— Deverá ser em tal grau que somente sua presença me fará tremer e seu olhar terá que me atravessar a alma, com a violência de um raio. Deixar-me-á sem palavras, sem fôlego, sem vida, cada vez que o veja, o coração pulsará com força e as pernas me dobrarão ante ele. — Fanny falava presa de um estranho êxtase, como se recitasse uma íntima poesia memorizada durante muitos anos. — E não precisarei tê-lo diante de mim, para sentir tudo isso, visto que estaremos tão, intimamente, conectados que serei capaz de intuir sua presença quando nos encontrarmos, os dois, em um mesmo lugar, inclusive sem vê-lo.

Dito isso, viu-se obrigada a acariciar uma e outra vez os antebraços nus, porque um repentino estremecimento arrepiara-lhe a pele.

— Boa noite, minhas belas damas. — Uma voz familiar surgiu a suas costas e interrompeu a conversação das jovens. Fanny não precisou voltar-se, somente contemplando o iluminado rosto de sua amiga pode adivinhar a identidade do recém-chegado.

— Boa noite, senhor Byrne — saudou acima do acanhamento, que acabava de emudecer Charlotte. Ambas executaram uma elegante reverência que ajudou a dissimular o tremor que sacudia à senhorita Morton como sacudiria o vento a um pequeno ramo de rosa. Ou, em seu caso, a uma formosa berinjela.

— Aqui estão vocês! Acreditei que resultaria impossível encontrá-las entre tanta balbúrdia.

— Agradecemos que tenha vindo em nosso resgate, senhor, como um verdadeiro cavalheiro medieval atrás de duas damas indefesas. — O homem sorriu ante o original comentário de Fanny. Vestia uma jaqueta celeste que combinava à perfeição, com sua calça cor bege, um colete listrado em tons marinhos e um fino laço em conjunto. Não poderia ter aparecido com um aspecto mais impecável, nem Charlotte poderia recebê-lo com maior aceitação.

— Ah, por ali vejo aproximar-se o senhor Hawthorne! — Fanny não teve tempo de reagir, visto que o senhor Byrne já agitava a mão por cima da cabeça, para assinalar onde se encontravam. — Hawthorne, aqui, amigo!

O arrepiou de Fanny acentuou-se. Com o olhar procurou o cavalheiro entre a multidão e o encontrou, imediatamente. Avançava para o grupo a tão grandes passadas que provocavam que os bailarinos abrissem um amplo corredor em ambos os lados do cavalheiro à medida que se deslocava. A elevada estatura e a amplitude peitoral de Hawthorne, assim como a magistral escolha de seu vestuário, faziam-lhe sobressair-se com distinção entre toda a colorida barafunda.

Sem querer olhou a si mesma. Essa noite optara por um simples vestido cor amarelo pálido que, apesar de conservar leves indícios de tempo melhores, mostrava com absoluta impiedade as bordas desfiadas. As mangas abalonadas, sentavam-lhe muito bem em seus finos braços de marfim e as luvas de encaixe de cor branca, empréstimo de Charlotte, atribuíam um toque elegante ao conjunto. Entretanto, umas simples luvas e umas mangas bufantes não conseguiriam disfarçar a austeridade de sua vestimenta. Mordeu o lábio inferior e rogou que o cavalheiro não prestasse atenção à humildade de seu

vestido ou, ao menos, que não fizesse fé pública dele. Não poderia suportar ser outra vez o alvo de seu desprezo.

— Senhoritas. — Hawthorne fez uma perfeita reverência. Seus olhos chocaram durante um fugaz instante com os olhos de Fanny para, continuando, desviar-se com celeridade até perder-se entre a multidão. Seu semblante, uma vez mais, conservava o severo cenho presente na reunião anterior.

— Hawthorne, acreditei que não disporia do prazer de sua companhia esta noite.

— Um assunto me reteve em Hawthom Park durante grande parte do dia — anunciou com indiferença. Expressava-se olhando para nada, como se não existisse nada nem ninguém no salão, nem em todo mundo, capaz de captar seu interesse. A sua vez, Fanny tentava mostrar-se indiferente. Não queria prestar atenção à conversação daquele homem. Não interessava-lhe. Nada procedente dele, poderia ser, jamais, de seu interesse.

— Se necessitar de meus serviços, sabe que amanhã posso estar lá na primeira hora.

Hawthorne franziu o cenho. Seu rosto era uma máscara viva de animosidade e antipatia.

— Não se preocupe e desfrute da noitada. Tudo está sob controle.

E como colocar em dúvida? Acaso algo poderia escapar, ao estrito controle de Oliver Hawthorne? Edmund Byrne esboçou um amplo sorriso.

— Pretendo fazer isso, se a senhorita Morton conceder-me a honra de aceitar o próxima dança.

Charlotte não pode mostrar-se mais satisfeita. Ofereceu a mão enluvada a seu cavalheiro andante, que olhava-a, com idêntico encantamento, antes de avançar para o centro de salão, Byrne voltou-se para seu amigo.

— Por que não tira à senhorita Clark para dançar? É muito descortês que permaneça aqui, de pé, enquanto você está disponível.

Ambos cruzaram um olhar fulminante. Fanny sentiu um apertado nó na boca do estômago e amaldiçoou, em seu íntimo, o absurdo conselho de Edmund Byrne.

— Não tenho a menor intenção de dançar — sentenciou Hawthorne cortante. Permanecia muito sério e na aparência, mal-humorado. — Os asnos preferem permanecer nas trincheiras.

Um incômodo rubor coloriu as bochechas de Fanny, ao mesmo tempo, em que o coração golpeava seu peito como o faria um tiro, contra um cepo de madeira. Abraçou a si mesma, tentou controlar o intenso ardor que começou a forjar-se no interior de suas pálpebras e recolheu os lábios, até que desapareceram na nívea palidez de seu rosto. Devia controlar-se e não mostrar debilidade frente àquele ogro altivo e desprezível. Não podia mostrar-se vulnerável diante dele!

Tentou distrair-se. Observou ao feliz casal que em seguida passou a fazer parte da seguinte dança, mas na mente, seguia lançando pragas, contra aquele cretino. Maldito presunçoso! Quem dera, sim, pudesse dançar com ele para dar-lhe o gosto de pisá-lo nesses pés de cavalariço arrogante!

— Aborrece-a a noitada, senhorita Clark? — Fanny olhou-o surpreendida. Agora pretendia conversar? Se nem sequer a olhava! Falava

com o olhar perdido na distância, como se lhe incomodasse olhá-la, como se o fato de inclinar o olhar para ela supusesse um ato tão indigno, quanto desnecessário.

— É muito provável que comece a fazê-lo a partir deste momento — comentou com desdém.— Agora que meus amigos estão dançando tenho poucos estímulos para me sentir entretida.

Hawthorne esboçou um breve sorriso repleto de sarcasmo.

— Suponho que você achará maior diversão em passatempos campestres. — Pela extremidade do olho descobriu que ele deu-se conta da precariedade do vestido que usava e o ardor no interior das pálpebras intensificou-se, até resultar, verdadeiramente, comprometedor. Santo céu, estava perdida.

— Sim, tenho que confessar que o ar livre proporciona-me grande prazer. Muito mais, que ver-me obrigada a conversar sobre banalidades, durante noitadas que deveriam resultar entretidas e que, entretanto, tornam-se insuportáveis.

Hawthorne suportou a estocada com o mesmo, eterno, ar de dignidade.

— Tão monótona e aborrecida resulta-lhe esta vida? — Voltou a falar sem olhá-la, com o olhar perdido entre os quantos bailarinos que nutriam o centro do salão.

— Tão somente, procuro não perder tempo com pessoas que não trazem-me nenhuma satisfação.

— E o que poderia satisfazer a uma jovem como você? — Desta vez seus olhares se cruzaram. Os olhos escuros de Hawthorne, profundos e

insondáveis como poços sem fundo, pretendiam atravessar Fanny como se, de uma silhueta imaterial, se tratasse. Um inesperado estremecimento percorreu, neste momento, a espinha dorsal da jovem e sacudiu-a, com violência. O pelo arrepiou-se e uma intensa emoção percorreu-lhe o corpo de cima, abaixo. Entretanto, ela não se deixou intimidar e sustentou-lhe o olhar.

— Ler, ler a todas as horas e em qualquer lugar, por exemplo.

Ele pareceu refletir um instante, e Fanny se convenceu de que, possivelmente, o senhor Hawthorne desaprovasse também essa afeição. Acaso existia algum tipo de distração que lhe resultasse aceitável àquele tirano?

— Não posso objetar nada a respeito — murmurou para surpresa de Fanny. — O hábito da leitura é um modo, muito completo, de formar o intelecto de uma jovem dama, sempre e quando a literatura resulte decorosa e a jovem não muito exaltada.

Fanny elevou o queixo com descaramento, para enfrentá-lo.

— Pareço-lhe exaltada, senhor?

Olharam-se um longo minuto, em silêncio, em mútuo desafio. Hawthorne sentiu-se contrariado e intrigado pela primeira vez. Aquela insólita jovenzinha atrevia-se a zombar dele, com descaramento, e elevava seu insolente queixo a modo de silenciosa provocação. Descarada criatura!

— Deseja dançar? — A pergunta surgiu dos severos lábios de forma inesperada. Uma sombra de desconcerto cruzou seu olhar e obrigou-o a franzir o cenho com maior severidade. Fanny parecia tão desconcertada, turvada, tão confusa e perplexa quanto ele próprio.

— Oh!, eu! Eu não… Não senhor, é claro que não! — Depois de uma

breve e nervosa reverência, realizada quase de forma involuntária e atropelada, escapou entre a multidão e conseguiu ocultar o rubor que invadia-lhe o rosto.

O cavalheiro viu como perdia-se a silhueta da jovenzinha, entre o arco íris de sedas e musselinas, um estalo de ira, contida, reverberou em seu peito. Suas mãos, ocultas atrás das costas, sob as asas da elegante casaca, fecharam-se como prensas mortíferas, em um movimento involuntário. Aquela néscia atreveu-se a rechaçá-lo. A ele! A Oliver Hawthorne, senhor de Hawthom Park! Como atrevia-se a rechaçá-lo de um modo tão descarado? Quem acreditaria que o deixeria com a palavra na boca, pela segunda vez em poucos dias? Oprimiu a mandíbula até que os dentes estalaram. E por que diabos ocorrera a ele, convidá-la a dançar?

# CAPÍTULO 6

Deitada de barriga para cima, na cama, com os olhos cravados no alto teto do quarto e a alma muito contrita, Fanny repassava, em forma mental, cada minuto daquela interminável noite. Com o cabelo, em papelotes, deitou-se para pensar e dar rédea solta a sua aflição.

A luz piscante da vela que se consumia na mesinha de noite, desenhava no papel de parede e sobre as pesadas cortinas, caprichosas formas, que avivavam com seu bailado circense, a já por si só, excitada imaginação da moça. Não estava com sono mas, entretanto, não esteve tentada de ir às escondidas até a habitação de Charlotte, para comentar entre risadas o que ambas sentiram entre a multidão. Ela sabia de sobra o que sua amiga de alma estava sentindo, por nada do mundo queria estorvar suas românticas sensações, para falar de um homem, tão desprezível, como Oliver Hawthorne. Poderia ter apostado a vida de que Charlotte encontrava-se tão insone quanto ela, embora por sorte, por causa de motivos muito mais felizes. Sim, Charlotte estava apaixonada pelo senhor Byrne. Era evidente. E tal assunto agradava a Fanny, embora fosse consciente de que, se tudo seguisse adiante, perderia sua amiga em poucos meses. Era o justo. Se ela tivesse percebido em algum momento que o interesse de Charlotte pelo senhor Byrne, obedecia tão somente à obrigação de sua mãe de casá-la, a teria repreendido, com muita severidade. Mas, era óbvio que não. Esse rubor que a acompanhava desde que Edmund Byrne irrompia em uma estadia, e que não desaparecia de seu rosto enquanto o cavalheiro estivesse presente a delatava. Se o senhor Byrne

mantivesse seu interesse por ela, e tudo indicava que assim o faria, Charlotte passaria a ser a senhora Byrne em um curto espaço de tempo. Isso deveria alegrar a Fanny. E o fazia! Mas, egoísta, lamentava que um pedacinho de sua vida fosse ficar perdido para sempre, com o vestido de noiva de sua amiga, enquanto que ela, deveria retornar a uma tediosa e solitária existência.

Com um violento tapa, jogou para um lado os lençóis, segurou a vela quase extinta e pôs-se a andar descalça pela habitação, as pontas dos pés levemente apoiadas para evitar os rangidos do chão de madeira. Sentou-se em frente a penteadeira e arrumou a vela, de modo que um belo rosto devolvesse-lhe o olhar, do outro lado do espelho. Aquele rosto em formato de coração, possuía um audacioso queixo, que proporcionava-lhe um ar eloquente e resolvido. A criatura do espelho inclinou um tanto a cabeça para observar suas feições, não em um ato de frívola vaidade, mas sim na realidade, em crítico exame. O que havia de errado nela? Sabia que não era nenhuma adorável beldade, que sua presença, seu andar ou sua postura, jamais, seriam levados em conta em nenhuma reunião social, mas por que o severo senhor Hawthorne fazia escárnio dela, com tão pouca sutileza? Por que a fustigava de forma constante, com sua intransigência? Por que parecia desprezá-la como se se tratasse de um sujo e rasteiro animal?

Uma grossa lágrima oscilou, durante breves segundos, nas douradas pestanas da jovem para sulcar, com solidão, a nívea redondez da bochecha e morrer sobre o tabuleiro da penteadeira. Quase imediatamente, uma inesperada onda aquosa formou-se na concha rosada de seus olhos e um tremor imprevisto sacudiu-lhe o queixo. Cretino, néscio, estúpido, presunçoso!

Posicionou os lábios, em forma de círculo perfeito, e com um firme sopro apagou a chama. Tanto o quarto, como sua alma inteira, sumiram, em uma impenetrável escuridão.

*

Na manhã seguinte, os Morton, em companhia de Fanny, reuniram-se para tomar o café da manhã, ao redor de uma generosa e bem servida mesa. O momento transcorreu sem nenhuma novidade, à exceção dos comentários a um tempo, insidiosos e aduladores, da senhora Morton, que não fazia mais que rememorar uma e outra vez o acontecido durante a noite passada: a amabilidade dos anfitriões, a adorável quantidade de cavalheiros solteiros, que permaneciam em Londres a essa altura do ano e as feias e antipáticas, que resultavam as demais jovens solteiras, resultando um total zero à esquerda em comparação com sua maravilhosa e adorável Charlotte.

— Viu, minha querida Charlotte, que pálida é a senhorita Campbell? Somente falta-lhe a mortalha para parecer um cadáver andante. E o que me diz da senhorita Simpson? Jamais vi uma criatura tão vaidosa como ela! Embelezada com aquele vestido de seda verde parecia um autêntico repolho! E viu a jovem Rushwood? Como pode aparecer com aquela pele tão bronzeada e comportar-se como se perecesse a mais uma vulgar camponesa ao invés da herdeira de uma notável família londrina!

A senhorita Morton olhava para sua amiga em uma silenciosa súplica por paciência e compreensão. Fanny devolvia-lhe o sorriso sem nenhuma

reserva, e expressava com o olhar que jamais se sentiria indignada se Charlotte fosse a beneficiária de tão entusiastas comentários.

Depois do café da manhã, o coronel Morton dispôs-se a realizar as visitas de praxe a seus antigos amigos, citadinos. Deixou às três mulheres entretidas com seus respectivos afazeres: a senhora Morton, deitada languidamente em um divã, folheava uma revista com a última moda de Paris; Charlotte tentava concentrar-se no bordado de uma tela que começara vários dias antes, e que interrompia continuamente, ante a sucessão de suspiros e olhares lânguidos que lançava ao ar; e Fanny relia absorta, uma novela do senhor Matthew G. Lewis sentada em uma elegante poltrona de estilo rainha Ana.

— Felicito-a pela maravilhosa conquista que teve com o senhor Byrne, querida Charlotte. — Ambas as jovens, afastaram o olhar ao mesmo tempo de seus respectivos passatempos, para dirigi-lo à artífice de semelhante comentário. Charlotte é obvio, lívida, combinando com o tom escarlate gritante, do vestido que usava.

— Não sei a que conquistas refere-se, mamãe, — conseguiu balbuciar enquanto deslizava a agulha com conscienciosa concentração, sobre o desenho bordado. Fanny perdeu interesse no bate-papo e decidiu afundar de novo, o rosto entre as linhas do livro.

— Embora é certo que teria me satisfeito mais, que o receptor de seu interesse fosse o senhor Hawthorne, sem dúvida! — Fanny elevou o rosto com prontidão, com uma sobrancelha o alto e sem acreditar no que ouvia, olhou à senhora Morton com uma fixação que raiava a descortesia. — O senhor

Hawthorne é mil vezes mais rico que Byrne. Lembre-se que recebe mais de doze mil libras, querida!

As jovens se olharam. Não se poderia dizer qual das duas parecia mais sobressaltada neste momento, embora Fanny fosse quem menos crédito podia dar a toda aquela absurda conversa, tal era a indignação que a carcomia por dentro. Como podia ser tão superficial e vã, a senhora Morton, frente aos reais sentimentos de Charlotte?

— Byrne goza de ótima posição entre a classe alta, visto que muitos mestres recorreram a seus serviços jurídicos. Por isto une-se com semelhantes personalidades, como é o caso do senhor Hawthorne. Ai, se ao menos possuísse a quinta parte do que possui seu amigo!

Fanny olhou Charlotte e pôde perceber uma imensa tristeza refletida em suas pupilas. Não, não consentiria que a senhora Morton perfurasse com sua língua viperina, a perfeita borbulha de felicidade que Charlotte erigira em torno de si. Uma borbulha em que somente havia lugar para Edmund Byrne.

— Acredito, senhora Morton — começou a falar de forma sossegada, ressaltando suas palavras, — que em um cavalheiro resultam mais desejáveis o bom aspecto e o bom coração, muito acima de suas riquezas. A senhora Morton recebeu sua interrupção com desagrado e assombro.

— E o que sabe você? — A senhora Morton endireitou-se no divã, de forma tão atropelada, que as camadas de tecido da saia enredaram-se, e com muita dificuldade pode manter o equilíbrio. Parecia inteiramente disposta a cuspir à insensata da Fanny Clark, todo o veneno acumulado.

— Mamãe! — freou-a Charlotte, de repente branca como o giz.

— Cala, Charlotte! Devo dizer a esta desbocada, quatro verdades que ninguém se incomoda em dizer-lhe! — Fixou os pequenos olhos ferinos, naquela criatura impertinente, que a olhava com altivez. — O que pode resultar mais desejável que estar bem situado, viver com comodidades e sem preocupações, insensata? O bom caráter é o de menos em um matrimônio, ou acaso acredita que o bom humor é o que nos dá de comer? O dinheiro é necessário, todo o resto é opcional.

— E acaso não podemos esperar um pouco de afeto?

— Afeto? — Soprou como um porco a caminho do matadouro. — Irá muito mal caso não mude sua ideia de encarar o futuro! Afeto! Acabará casada com um pobre granjeiro ou com um miserável clérigo, como seu pai, vivendo em companhia de um rebanho de meninos ingovernáveis, em um casarão frio e cinza que cairá de velha!

Charlotte obrigou-se a engolir saliva, horrorizada.

— Mamãe, está sendo injusta e cruel.

A senhora Morton fulminou a sua filha com o olhar.

— Cale-se Charlotte, e endireite-se, pelo amor de Deus! — Charlotte endireitou-se imediatamente. — Você e suas absurdas ideias da vida e do matrimônio! — Respirou fundo e tentou relaxar, enquanto alisava com nervosismo, o enrugado tecido da saia. — Menos mal que a vida põe a cada um em seu lugar e, graças a Deus, quando Charlotte fizer um bom matrimônio, não teremos que sofrer sua presença, nunca mais. Uma senhora respeitável jamais se relacionaria com a esposa de alguém de condição inferior.

E, como se tais ofensivos vaticínios fossem fruto de uma realidade

iminente mais que de seus próprios desejos, ofereceu as costas a Fanny, com absoluta descortesia para continuar a conversação com sua filha, disposta a ignorá-la, deste mesmo instante e por toda a eternidade.

— Se tudo discorrer segundo o previsto, é provável que logo disponha-se a pedir sua mão ao senhor Morton, querida. Vê-se que está louco por ti. Toda a noite dançou contigo! Não parece maravilhoso? — Compôs uma expressão sonhadora beirando com a estupidez.

Fanny suspirou enfastiada e tratou de relaxar de novo o olhar entre as folhas da novela.

— Embora, claro — Fanny soprou baixo, ante o novo ataque da senhora Morton. Será que jamais se calaria? — a sorte estava por inteiro de seu lado, porque todas as damas solteiras que agora mesmo pisam em Londres adoecem pelo senhor Hawthorne e por ninguém mais. — A nova menção obrigou Fanny a levantar o olhar e prestar atenção ao palavrório da inquietante senhora. — E não me estranha, não me estranha nada. Trata-se de doze mil libras ao ano, nada menos! — Baixou a voz para adotar um tom de confidência. — Durante o baile, a senhora Collins, que é uma velha caquética insuportável — Fanny torceu o gesto para conter um sorriso irônico, — assegurou-me que possui numerosas propriedades ao longo da Inglaterra, cada qual mais pomposa. Porém onde está acostumado a permanecer, grande parte do ano é em Hawthom Park, uma preciosa mansão a tão somente trinta quilômetros do centro de Londres.

Fanny ruborizou-se levemente e abandonou o livro sobre os joelhos. Resultava-lhe impossível concentrar-se na leitura.

— Reconheço que teria encantado-me vê-la como a grande senhora de Hawthom, querida — prosseguiu, — mas também, é certo que esse cavalheiro resulta muito inquietante. Não é certo que parece estar sempre de mau humor? — Fanny esboçou um breve sorriso. Sem que servisse de precedente, precisava dar razão à senhora Morton. — E pode acreditar que não dançou nenhuma só peça, em toda a noite? Mesmo com as senhoritas que permaneciam sentadas à espera de par!

— Acredito que resulta mais proveitoso permanecer sentada em um canto, do que dançar com o senhor Hawthorne — murmurou Fanny, incapaz de frear-se.

— Fanny Clark, que irritante resulta! — explodiu a senhora Morton, que pelo visto, tampouco podia conter-se, e dando-se por vencida ocupou uma vez mais, sua largada posição no divã. — Apostaria que você mesma foi uma das que adoeciam por dançar uma simples polca com o senhor Hawthorne!

Responderia, completamente indignada, quando o velho mordomo apareceu na soleira com um envelope fechado.

— Uma carta para a senhorita Clark — anunciou.

— Para mim?

— Para ela? — A senhora Morton quase caiu de bruços ao tratar de endireitar-se.

Fanny levantou-se e pegou a carta com certo receio, como se se tratasse de brasas recém extraídas de um braseiro. Leu o remetente.

— É de Sheepfold.

A senhora Morton permitiu-se então, respirar. Uma carta procedente do remoto condado de Sheepfold não podia supor nenhum perigo para a consolidação de seus propósitos. Embora, na verdade, a insignificante pessoa Fanny Clark, jamais poderia supor um verdadeiro perigo para os propósitos de ninguém.

Fanny sentou-se na beirada do assento, sem precaver-se da curiosidade com que suas acompanhantes a observavam. Uma, sinceramente preocupada, a outra, com o simples afã de bisbilhotar.

Depois de finalizar a leitura enrugou a carta entre os dedos e engoliu saliva. Com os olhos brilhantes e o rosto tingido de uma palidez marmórea, anunciou em um sussurro, de voz:

— Devo retornar imediatamente a Sheepfold. — Inalou uma profunda baforada de ar. — Cassandra foi vítima de uma febre sazonal e está a vários dias, inconsciente. Devo partir neste mesmo instante.

# CAPÍTULO 7

O coronel Morton, solícito e complacente, proporcionou para Fanny a carruagem que precisava para partir imediatamente para Sheepfold, tal e qual era seu desejo. A senhora Morton mostrou de forma ruidosa, seu total ressentimento a respeito de que a jovem realizasse tão preocupante expedição e ressaltou que resultava totalmente impróprio, que uma jovem senhorita fizesse, tão enorme e incômoda distância sem sequer a companhia de um serviçal. Quando o senhor Morton insinuou a possibilidade de que dois de seus lacaios acompanhassem à senhorita Clark até Sheepfold, a senhora Morton apressou-se a assegurar que não podiam prescindir de nenhum membro do serviço, em vistas de que encontravam-se na cidade, e que contar com menos de seis criados em uma casa respeitável, resultava um completo despropósito e uma enorme falta de distinção.

— E você não quererá prejudicar a sua filha e menosprezar sua distinção, não é verdade, senhor Morton?

Ante semelhante chantagem emocional, arte na qual a senhora Morton não superava, ainda, à senhora Clark, mas na qual, também destacava por méritos próprios, o senhor Morton insistiu para Fanny esperar a partida do carro de aluguel, que se presumia ser dentro de dois dias, solução que a senhorita Clark rechaçou, imediatamente.

Despediu-se de seus anfitriões bastante aflita, mas manteve a compostura e uma firme determinação. Charlotte tomou suas mãos com força, antes de que subisse à carruagem e prometeu-lhe escrever, quase diariamente,

enquanto, com lágrimas nos olhos, desejava-lhe uma pronta recuperação à pequena Cassandra e solicitava a sua amiga os relatórios pertinentes.

Com a partida de Fanny, a senhora Morton só pode reafirmar a ideia de que a moça era uma criatura completamente teimosa e obcecada, excessivamente voluntariosa, e dotada de uma vergonhosa impetuosidade, qualidades que não resultavam nada desejáveis em uma senhorita. Estava claro que, jamais faria um bom matrimônio.

*

A viagem não prometia em nada ser agradável, por causa da distância, de cento e cinquenta quilômetros que separava o pequeno condado, da cidade de Londres. Era uma sorte que, a essas alturas do ano, já começada a temporada, os caminhos permanecessem secos e transitáveis e, embora as chuvas em todo o país fossem uma constante, fazia já algumas semanas que desfrutavam de um tempo aprazível e de uma temperatura agradável.

Fanny despertou do exaustivo estado de dormência, quando o carro se deteve e o chofer abriu a portinhola, com brutalidade, para ajudá-la a descer os degraus laterais. Encontrava-se extremamente dolorida e quase enjoou ao pisar em terra firme depois de tantas horas de sacudidas continuadas pelos pedregosos e estreitos caminhos rurais.

Aspirou profundamente e deixou-se envolver pelos sons noturnos de seu amado Sheepfold: o palpitar da noite na mão de uma orquestra de grilos cantores, o ulular de alguma coruja protegida em uma árvore próxima, a

quietude de um céu, tão aprazível, que até podia-se escutar o titilar das estrelas.

Seu pai a esperava na portinhola da propriedade, envolto em um judiado capote. Com o cabelo embranquecido, completamente revolto e as meias enrugadas, recebeu sua filha e ofereceu-lhe um confortável abraço e um tremente beijo na fronte.

— Alegra-me que tenha vindo, minha filha. — Ajudou-a a carregar os escassos pacotes que trazia.

— Como encontra-se Cassie, pai? — Enquanto caminhavam para a reitoria, Fanny apreciou uma notável sombra de cansaço no rosto do senhor Clark.

— Está a vários dias inconsciente, com febre muito alta. O doutor Bell veio diariamente e realizou várias sangrias. Agora, pouco mais pode-se fazer, salvo esperar e confiar na Providência.

Apesar da noite estar fechada já há várias horas, no interior da reitoria havia bastante movimento. Jane, a leal donzela da família, borboleteava de um lado a outro, atordoada pelas confusas ordens da senhora Clark, que do andar superior da moradia, se fazia escutar através de gritos estridentes. Ian, permanecia sentado em frente ao fogo, com as pernas separadas e os cotovelos apoiados sobre os joelhos. Também ele se via despenteado e tristonho, com o colete desabotoado e a camisa por fora da cintura da calça. Ao ver sua irmã, levantou-se veloz e abraçou-a com energia.

— Fanny, Fanny, graças a Deus que está aqui.

— O que aconteceu, Ian?

— Não sei. Temo que saiu a passear sob a chuva, como viu você fazer tantas vezes. — Fanny conteve um soluço. — Dizia que da colina se podia tocar as nuvens, com as pontas dos dedos, nos dias de tormenta. Quando a encontrei estava encharcada até os ossos, tiritava, e nem podia sustentar-se em pé.

— Santo Céu, foi minha culpa — murmurou horrorizada.

— Não diga tolices, Fanny — interrompeu seu pai e roçou-lhe um ombro.

— Sou um péssimo exemplo para Cassie.

O senhor Clark a agarrou em um sentido abraço e a embalou junto ao peito. As lágrimas começaram a brotar dos olhos, de ambos, como de uma fonte.

— É o melhor exemplo que essa menina pode ter — murmurou o homem entre soluços. — Cada dia rezo para que se pareça mais com você.

Fanny estava a ponto de esmorecer.

— Por pretender parecer-se comigo está agora prostrada naquela cama! — Secou a umidade dos olhos com o dorso da mão. — Vou subir.

— Mamãe está com ela — advertiu Ian. — Está bastante frenética.

Fanny suspirou.

— Não resulta nenhuma novidade. Poderei suportar.

Subiu as escadas cabisbaixa, embora com nervosa urgência. Segurou a saia em todos os degraus para agilizar o passo.

O quarto estava mal iluminado pela palpitante luz das velas que, ao derreterem-se sobre os castiçais, adquiriam formas monstruosas, a ponto de

consumirem-se, completamente. O aroma de enfermidade fazia da estadia um lugar opressivo e cansativo.

Cassandra, a pequena de cabelo com cachos loiros e rosto sardento, permanecia deitada em sua caminha, sob o dossel curvo, sustentado por graciosas colunas, torneadas. Em semelhante pose, parecia um anjinho que dormia o sonho da eternidade. O cabelo, pego à frente e as bochechas cheias de gotas úmidas, possuia a aparência do trigo amadurecido. Seu rosto, de uma palidez marmórea, mostrava um incomum rubor nas bochechas, provocado, sem dúvida, pelas recentes horas de febre. Os pequenos lábios carnudos, tremiam como se a menina murmurasse em sonhos, súplicas, ininteligíveis.

Fanny descobriu sua mãe em um ângulo escuro da habitação, segurando obstinada, com gesto severo, aos pesados cortinados, enquanto olhava fascinada pela janela as luzes e sombras que a redonda esfera nacarada vertia sobre o pátio dianteiro. Ao virar, alertada pela presença de Fanny, seu azedo rosto compôs um gesto de contrariedade. Suas pupilas cintilavam.

— O que faz aqui? — balbuciou.

Fanny inclinou a cabeça e, com o cenho franzido por causa da confusão que tão azedo recebimento produzia, observou-a incrédula.

— Papai escreveu. Cassandra está doente, com gravidade e…

— Doente com gravidade! — cortou a dama e levou aos lábios um lenço estrangulado pelo punho. — Trata-se de um simples resfriado! Ninguém morre por um simples resfriado!

— Mamãe, Cassandra está mal.

— Não! — Levantou para ela um dedo ameaçador e exigiu silêncio.—

Não está! E você, menina tola, deveria ter ficado em Londres. — Explodiu em um sonoro soluço. — O que pretende, que Charlotte Morton adiante-se e retorne prometida, enquanto você está em casa velando sua irmã, por causa de um simples resfriado?

— Mamãe! — Uma lágrima desceu a grande velocidade pela bochecha de Fanny para morrer, na rosada comissura de seus lábios. — Mamãe, tem que descansar, está mal.

— Agora eu também estou mal? — A senhora soltou uma grotesca gargalhada. Estava claro que a enfermidade da menina e as longas horas de vigília trincaram seu ânimo. — Todos estamos doentes! Deveriam avisar a um clérigo. — Interrompeu-se com uma nova gargalhada demencial. — Ah, espere, mas se seu pai é clérigo!

Fanny sentiu que a alma partia-se.

— Jane, Jane! — A donzela apresentou-se, imediatamente, e apareceu na soleira com o sigilo de um ratinho. — Jane, leve mamãe daqui e prepare-lhe um chá. Tem que descansar. — Olhou sua mamãe que tremia como um junco, balançado pelo vento, e repetiu para ela: Precisa descansar.

— Encontro-me à perfeição, menina tola! — Gritou, enquanto Jane segurava-a pelos cotovelos e conduzia-a, com lentidão, para fora do quarto. — E você, você deveria estar em Londres!

Antes que tivessem abandonado o quarto, Fanny pediu a Jane que na volta subisse com uma bacia de água fria e várias toalhas. Destampou um pouco a pequena e desatou-lhe as laçadas da camisola para refrescar-lhe o torso acalorado.

— Estou aqui, meu pequeno rouxinol, estou aqui. — Murmurou com doçura e cobriu-lhe a testa, com beijos fugazes. A pele da menina ardia e possuia sabor salgado.

Jane entrou com a bacia e deixou-a sobre a mesinha. Fanny arregaçou as mangas com resolução, e inundou uma toalha na água gelada, a seguir a retorceu e aplicou-a em sua irmã pelo rosto, pescoço e no peito descoberto. A pequena apenas revolvia-se e entreabria os carnudos lábios escarlates, enquanto respirava com dificuldade.

Fanny esfregou os olhos. Aquela noite seria muito longa.

# CAPÍTULO 8

— Fanny?

Ao ouvir seu nome, esfregou os olhos ainda envolta no torpor e na confusão da noite em claro. A tênue luz esbranquiçada da alvorada, que entrava de forma oblíqua pela janela beijava a cabeceira, além da colcha da cama, e obrigou-a a entrecerrar os olhos para habituar-se à inesperada claridade, e distinguir as formas que a rodeavam. Tão somente necessitou alguns segundos para situar-se: encontrava-se no quarto de Cassandra, recostada em uma cadeira de balanço de estilo Windsor, com respaldo e assento entrelaçado. Endireitou-se com lentidão, afligida por fortes dores musculares e uma lacerante opressão que perfurava-lhe as têmporas.

— Fanny, tenho sede.

Mas ela foi incapaz de responder. Durante alguns segundos, olhou imóvel a sua irmã com olhos frágeis e lábios trêmulos, com a devoção com a qual um ser selvagem olharia a estátua de um deus.

— Fanny? Quero água — repetiu a menina.

Como se despertasse de repente de uma confusa sensação, Fanny aproximou-lhe dos lábios, um copo de água de limão. As lágrimas desciam em turbilhão pelas bochechas, enquanto penteava, com os dedos, o emaranhado cabelo da pequena.

— Encontra-se melhor? Santo Deus, Cassie, está bem? — Uma série de soluços entrecortados impediam-na de falar com clareza. Estivera muito preocupada com a saúde de sua irmã, mesmo sabendo de que, bem na entrada

da madrugada, os efeitos da febre começaram a arrefecer.

— Dói-me tudo, estou muito cansada.

Fanny inclinou-se e encheu de beijos o pequeno rosto.

— Deu-nos um bom susto.

A pequena compôs uma expressão de terror.

— Estão muito zangados?

Fanny sorriu compadecida e acariciou-lhe a bochecha.

— Claro que não, pequena.

Pouco depois, o doutor Bell apareceu na habitação para examinar a pequena. Depois de um intenso escrutínio e um par de ruidosos pigarros, manifestou alívio ao comprovar que o pior passara, por sorte. A jovem Cassandra era uma menina forte e agora somente requereria abundantes caldos de galinha e calor confortável, para terminar de recompor-se.

Toda a família respirou aliviada e se desfez em louvores em volta do bom doutor que os visitara com grande solicitude durante esses dias angustiantes, e recusara cobrar seus honorários, por conta da precária economia dos Clark.

*

— Sinto muito que por minha culpa tivesse que voltar para casa, Fanny. — Cassandra fez uma careta quando sua irmã apareceu no quarto com um sorriso, e deitou-se ao seu lado, apoiada sobre um cotovelo.

— Não seja tola. — Disse em tom de confidência. — Na realidade

desejava retornar. — Retomou seu alegre tom. — Embora não esperasse que este fosse o motivo que me liberasse daquela tortura.

— Tortura? Não entendo. Mamãe disse que Londres resultava do mais desejável para qualquer senhorita.

Fanny inclinou-se para sua irmã e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Não acredite. — Afastou-se um pouco para olhar à menina nos olhos. — É uma cidade aborrecida. Acredite-me que não existe maior felicidade que estar em casa, querida.

— Tão má é? Conte-me tudo, Fanny! Como é Londres?

Fanny mordeu o lábio inferior, entrecerrou os olhos, e desviou o olhar para uma fenda do teto.

— É um lugar frio e cinza, querida, você não gostaria. Os passatempos que pode levar ao fim, em Londres, não podem se comparar a subir correndo a ladeira para depois lançar-se rodando do alto, a toda velocidade. — Cassandra esboçou um sorriso. — Ou colocar os pés nus, no riacho, para caçar rãs.

Fanny estampou-lhe um sonoro beijo na fronte.

— Mas Charlotte ficou lá, não é verdade?

Fanny tornou-se séria, de repente e suspirou.

— Isso é o que mais me dói. Sua mãe acabará deixando-a louca. — Inalou em forma exagerada. — Mas anima-me saber que não notará minha ausência mais que o devido! — Olhou para a porta para assegurar-se de evitar escutas indesejadas. — Se promete guardar o segredo, contarei algo em confidência.

Cassandra fez olhar de interesse.

— É muito provável que antes de *São João*, nossa Charlotte converta-se na senhora Byrne.

Cassandra compôs um "o" perfeito, com seus pequenos lábios carnudos.

— De verdade? Deus Fanny, mamãe ficará furiosa!

— Estou segura disso. Espera-nos uma inquietante temporada de enxaquecas e afecções nervosas. — Meneou a cabeça ante semelhante perspectiva. Quando a senhora Clark expressava seu descontentamento ante qualquer contratempo, mostrava-se indisposta e afligida pelos mais terríveis sofrimentos, e atribuía-os sem pudor, a quem tivesse infligido o desgosto, segundo ela, com total crueldade.

— E como é o cavalheiro? É bonito?

Fanny sorriu divertida.

— Edmund Byrne é agradável e não carece de atrativo, mas não é o tipo de cavalheiro que escolheria para mim mesma. Não encerra nenhum mistério que não se possa decifrar a simples vista. Resulta muito transparente.

— E você prefere um cavalheiro escuro e misterioso?

Fanny elevou de novo o olhar para o teto e compôs uma expressão sonhadora.

— Tão somente eu gostaria de encontrar alguém, que fizesse correr formiguinhas em meu estômago cada vez que o olhasse, que dobrasse meus joelhos, embotasse meus sentidos, que roubasse meu fôlego somente com sua presença, e paralisasse meu pulso.

— Mas Fanny, o que você quer não é um cavalheiro mas, sim, um

catarro!

Fanny esboçou um amplo sorriso e revolveu o cabelo da menina.

— Asseguro que há catarros preferíveis a alguns cavalheiros — comentou ao recordar um, em particular.

— Pode conhecer algum tão mau, durante sua estadia na cidade? — Fanny inclinou a cabeça e voltou-a para o lado oposto, para ocultar seus rubores à pequena. — Diga, Fanny! Conheceu algum que resultasse pior que um catarro?

Fanny inalou com lentidão e olhou sua irmã com o que supunha que fosse sua melhor máscara de indiferença.

— O senhor Byrne possui um amigo…

Cassandra endireitou-se e se apoiou sobre os cotovelos. Em seus olhos brilhava uma faísca de curiosidade.

— Dançou com ele? — Puxava-a pelas mangas, ansiosa. — Oh!, Diga-me, Fanny! Convidou-a a dançar alguma vez?

Uma repentina onda de indignação coloriu as bochechas da jovem.

— Não, querida. — Sim, reprimiu-se Fanny. — E mais, por sorte, duvido de que voltemos a nos ver. — Cassandra adiantou o lábio inferior em uma divertida careta, visto que este cavalheiro detesta o campo e a todos seus habitantes.

— Que ogro!

— Cassie! — Advertiu-a. Mas em sua voz não havia o menor indício de reprimenda. E mais, ogro era o qualificativo mais suave que ela mesma teria desejado aplicar àquele corvo negro, desprovido de coração.

— Mas é verdade Fanny, não entendo como não pode gostar do aroma do campo depois da chuva! — Enrugou o nariz e compôs uma careta de desaprovação. — Isto é porque não conhece Sheepfold. — Os olhos da menina arregalaram-se. — Por que não o convidamos a conhecer Sheepfold? Desse modo se daria conta do quanto equivocadíssimo está!

Fanny endireitou-se imediatamente e, para dissimular a confusão que a embargava, aproximou-se da penteadeira e brincou nervosa, com o vaporoso tecido que cobria a mesa.

— O senhor Hawthorne pode conhecer os lugares que o agradem, Cassie. — Seus dedos revoaram entre os utensílios de asseio dispostos sobre o tabuleiro. — É rico ao extremo.

— Quão rico é? — Em face à ingenuidade que revestia aquela pergunta, Fanny não pode evitar sentir uma dolorosa espetada no coração.

— O suficiente para ter a mamãe prostrada a seus pés, até o fim de seus dias.

— Mas você não gostou, visto que o compara com um mísero catarro. — A menina parecia entristecida.

— Não se entristeça por mim, pequena. — Fanny aproximou-se do leito para remexer o cabelo da menina em uma carícia brincalhona. — Duvido que um homem como esse seja capaz de fixar-se em qualquer um que permaneça abaixo do critério que seu laço marca. — Fanny sorriu e Casandra devolveu-lhe o sorriso. — E acredite que o deste cavalheiro permanece tão elevado quanto sua vaidade!

Ambas explodiram em uma sonora gargalhada, mas no caso de Fanny

resultou ser uma máscara áspera da amargura que assolava sua alma. Uma vez cessaram as risadas, Fanny beijou sua irmã na testa, e afastou-se para abandonar a silhueta, lânguida, em frente à janela e deslizar seu olhar sobre o verde manto que vestia a campina.

Minha pequena Cassie, Oliver Hawthorne só seria capaz de fixar-se em sua própria imagem refletida no espelho. Temo que está tão satisfeito consigo mesmo, que é incapaz de fixar-se em alguém mais.

# CAPÍTULO 9

Fazia algumas semanas que Fanny Clark abandonara a cidade e sua querida amiga Charlotte começava a sentir-se extremamente desolada ante sua ausência. A partida de sua eterna confidente, cujo caráter impetuoso e despreocupado exercia um contraponto indispensável, a sua urgente falta de resolução, e a saudade experimentada ante tal privação, começavam a minar sua débil moral. Não podia evitar sentir-se só, embora estivesse rodeada de gente, sem dúvida, a pior e mais detestável forma de experimentar a solidão, sem ninguém que escutasse e prestasse atenção a suas múltiplos preocupações ou subtraísse a importância, mediante palavras engraçadas, frívolas e descaradas.

A senhora Morton, além disso, parecia ter aproveitado a partida da senhorita Clark para acentuar a perseguição. Durante longas horas do dia, cercava-a ante a falta de resultados satisfatórios na relação com o senhor Byrne e recriminava-a de que, se o moço não se decidia a cortejá-la, era, sem dúvida, por causa da falta de incentivos que ela proporcionava. E, na verdade, a pobre Charlotte já não sabia o que fazer! Já não tinha claro se o senhor Byrne olhava-a com olhos afetuosos, como pensara desde o começo, e como Fanny lhe insinuara, em tantas ocasiões, ou, se tão somente tratava de entretê-la, por pura cortesia à filha de alguns amigos da família.

Certa manhã chegou à desmantelada reitoria uma carta do Charlotte que rezava assim:

*Enche-me de alegria saber que Cassandra se restabeleceu quase completamente,*

*do mal que a afligia. Por isso rogo-lhe que reconsidere a possibilidade de retornar a Londres, junto a mim. Desde que você se foi, sinto-me desfalecer, Fanny querida, e já não disponho de ânimo, nem espírito suficientes para suportar as imperiosas estimulações de mamãe. Não deixa de envenenar-me a todas as horas, para que propicie um avanço decisivo na relação com o senhor Byrne! E o que poderia fazer eu?*

*Faz duas noites me senti indisposta, enjoada e a beira da náusea, enquanto comíamos a sobremesa no salãozinho azul. Possivelmente a compota de ameixas sentara mal em meu estômago ou pode ser que se tratasse tão somente de um excesso de calor, como bem sabe, aquela estadia em particular é pequena e mal ventilada, por isso, assim que se acende um fogo e várias pessoas permanecem na sala, o ambiente torna-se irrespirável. Limitei-me a permanecer sentada em minha poltrona e proporcionar-me ar com um leque, sem compartilhar meu mal-estar com nenhum dos presentes. Mamãe quase me arranca a cabeça horas depois, ao ser informada do assunto, porque recriminou-me, não aproveitar semelhante ocasião para desfalecer e perder a consciência nos braços do senhor Byrne!*

Dias depois, a resposta chegou à cidade em um sobre que albergava o habitual perfume a lavanda da reitoria e de sua particular moradora.

*Felicito-a por não ter sucumbido à tentação, minha querida Charlotte, porque desvanecer nos braços do senhor Byrne não poderia reportar-lhe outra coisa mais, que uma tremenda vergonha posterior. Não tema, sua mãe não será capaz de arrancar sua cabeça. Seus pássaros dissecados, além das emaranhadas ramagens que os rodeia, dificultam bastante a manobra.*

*Mamãe conta os dias em voz alta, parece que tem em mente uma data determinada para levar a fim seus planos, e a demora na consecução dos mesmos, a tira do prumo. Há alguns dias, pôs na cabeça atormentar-me, com a reza de que o senhor Byrne já não visita-me com tanta frequência como antes, e que isso se deve a que transpassou seus afetos para outro lugar.*

*Minha querida Charlotte, não faça caso da eterna cantilena de sua mãe, que resulta tão intolerável quanto a da minha. Estou certa de que as visitas do senhor Byrne, não diminuíram em frequência, mas sim, pelo contrário, incrementaram-se, de forma notável. E se tiver dúvidas, ou as tem a senhora Morton, faz um pequeno nó no fio restante de seu bordado, cada vez que Edmund Byrne vai visitá-la e comprovará, em poucos dias, as numerosas laçadas que teve que fazer.*

É claro, o senhor Byrne aparecia cada tarde, com a maior pontualidade, para oferecer sua companhia à senhorita Morton, prolongava a visita até horas avançadas e aceitava, imediatamente, quantos convites para jantar oferecia-lhe a satisfeita senhora Morton. Além disso, cada vez que surgia um novo evento na cidade ou se estreava alguma obra na Ópera, o sempre amável e solícito senhor Byrne, apresentava-se de braço com Charlotte, e com nenhuma outra, — e exercia à perfeição seu papel de adorado e admirado cicerone.

A noitada daquela noite foi outro exemplo da deferência de Edmund Byrne para com a senhorita Morton. Um distinto par do reino acabava de chegar à cidade e, para oferecer um recebimento digno de sua condição, e de suas populosas arcas, organizou-se um baile entre o grupo mais seleto da sociedade.

O senhor Byrne, conhecido de um amigo, do amigo, de outro amigo de tão magno cavalheiro, solicitou para tal ocasião a companhia da senhorita Morton, convite que ela apressou-se a aceitar, com supremo regozijo. E ali estavam ambos, conversando de forma animada, dançando uma e outra vez e compartilhando enjoativos sorrisos sob a atenta supervisão da senhora Morton!

Em um momento da noite, enquanto tomavam um refresco junto às janelas para descansar do fatigante baile, uniu-se a eles o senhor Hawthorne, tão ilustre e solene como dele cabia esperar-se. Usava uma impecável casaca negra abotoada à perfeição, sobre um rico colete de veludo brocado, conjunto que atribuía-lhe um ar sóbrio, elegante e distinto, e um laço com um nó, tão elaborado quanto contundente que obrigava às pontas engomadas da camisa a elevarem-se incansáveis, até roçar o viril e marcado contorno de sua mandíbula. Todas as olhadas femininas permaneciam pendentes para sua pessoa. Ele, segundo um arraigado costume, conseguiu ignorá-las, todas e cada uma delas.

Naquela noite Hawthorne mostrava-se intranquilo, para surpresa de quem o rodeava. Com o eterno cenho franzido, não fazia mais que alongar o pescoço com malograda dissimulação, por cima de toda a colorida bagunça, enquanto passeava o olhar entre todos os presentes para em seguida, abandoná-lo sobre um ponto invisível perdido na distância. Não se incomodava em prestar a menor atenção às novidades que Byrne referia com graça, nem se incomodava em dissimular seu desinteresse, nem agradecia a solicitude com que os lacaios paravam em frente a ele, para tentá-lo com o

guloso conteúdo de suas bandejas mas, sim, seguidamente dirigia o olhar entre as duas grandes portas da estadia que comunicavam-se com um amplo terraço exterior, sem achar o estranho objeto de tão minucioso escrutínio, em nenhuma parte. Tal contrariedade fazia-o sentir-se, possivelmente, pela primeira vez na vida, completamente frustrado e exteriorizava-a através da contínua tensão e distensão de suas mãos, refugiadas de modo estratégico as suas costas sob as pontas da casaca.

— Procura alguém, Hawthorne? — Byrne distraiu-o da nova inspeção ocular que se dispunha a levar a termo pelo salão.

— Não, é claro que não! Que bobagem! — Mas a resposta foi oferecida com muita rapidez e brutalidade, para resultar autêntica.

Edmund Byrne esboçou um meio sorriso irritante, enquanto Charlotte baixava o olhar e tentava ocultar o seu, atrás de sua mão enluvada. Hawthorne apertou os lábios. — Zombavam dele? Aqueles dois néscios zombavam dele? Em resposta, elevou seu proeminente queixo ao infinito e apertou os lábios.

— A senhorita Clark foi requerida com suprema pressa por seus parentes, faz alguns dias — apontou Byrne. Hawthorne cravou suas pupilas inquisitivas no jovem letrado. Por que o néscio do Byrne proporcionava-lhe semelhante informação? O que poderia importar-lhe qualquer assunto referente àquela molesta criatura? — Sua irmã estava a vários dias doente e sua presença resultava imprescindível, para os seus.

A mandíbula de Hawthorne esticou-se. Não importa-me, não importa-me, ao diabo com todos eles!

— É grave? Sua irmã está a salvo? — Pretendia mostrar-se indiferente,

mas seus olhos mostravam um evidente clima de preocupação.

— Por sorte está fora de perigo, senhor Hawthorne,— interveio Charlotte, com um acanhamento que tornava a voz apenas audível. — Fanny e eu mantemos correspondência quase diariamente e as notícias que chegam de Sheepfold resultam muito satisfatórias.

Hawthorne esboçou a sombra do que pretendia ser um sorriso mas, como se tratava de um gesto que não estava acostumado a praticar frequentemente, o intento se frustrou em um estranho riso. Charlotte não pôde menos que sentir-se muito surpreendida, ante esse breve espasmo emocional. Era a primeira vez que via o sombrio senhor Hawthorne sorrir. Em face ao disparate da ocorrência, chegara a supor que aquele homem tão sério e taciturno, era incapaz de mostrar alguma emoção, salvo desagrado e censura.

Hawthorne arrumou os ombros, antes de continuar. Elevou o queixo, entreabriu os olhos com displicência e retomou sua habitual e sagrada pose, sem dúvida, a postura em que mais cômodo e seguro se sentia.

— Então é muito provável que sua amiga se una a você muito em breve. Não se mortifique senhorita Morton, logo contaremos de novo, entre nós, com a mordacidade da senhorita Clark.

Foi Byrne quem falou no lugar de Charlotte.

— Permita-me colocar em dúvida, Hawthorne! — O aludido elevou uma sobrancelha. — Tanto a senhorita Morton, quanto eu propriamente dito, estamos convencidos de que Fanny Clark não tem a menor intenção de retornar a Londres.

Oliver Hawthorne lançou um olhar gélido sobre as cabeças dançarinas

do salão. Sua mandíbula esticou-se tanto, que palpitaram os músculos da bochecha. Um riso de extrema repugnância, quase de náusea, apareceu nos lábios e contraiu-lhe o rosto em uma máscara desconhecida. Inclinou a cabeça para trás e inalou profundamente, antes de tomar uma decisão. Somente atinou a balbuciar uma torpe desculpa, ininteligível, para depois afastar-se, após uma breve reverencia dirigida à senhorita Morton.

Cruzou a sala com inusitada urgência, com grandes passadas, com o olhar interrogativo da multidão de curiosos, preso a suas costas. Precisava abandonar imediatamente aquele recinto abarrotado e sufocante. Necessitava um minuto de intimidade. Precisava sair dali ou do contrário não seria capaz de responder por seus atos!

Saiu ao terraço e deixou que a fresca brisa noturna, do mês de abril, esbofeteasse um rosto contraído e completamente transfigurado. Apoiou ambas as mãos sobre a balaustrada, depois de afrouxar o laço com ansiedade, como se se tratasse de uma soga que algum verdugo apertasse ao redor de seu pescoço, no lugar do delicado laço de seda.

Ofegante, exalou com nervosismo, repetidas vezes, para esvaziar de ar os pulmões. Não necessitava tanto ar dentro do corpo!

De repente, sentia-se como um peixe jogado fora d'água e não pôde menos, que compadecer-se dos pobres peixes. A julgar por seu próprio estado, não sabia o que poderia resultar mais terrível: se morrer por falta de ar, ou por excesso do mesmo.

Dos jardins inferiores emergia uma cálida baforada de fragrância floral, um aroma denso e calmante que, com toda possibilidade, procedia das

madressilvas e damas da noite, que subiam pelas taipas da mansão. Durante um momento, permitiu-se aspirar o denso aroma, antes de fechar os olhos e franzir os lábios com severidade.

Que diabos estava acontecendo? Por que seu corpo atuava de repente, sem controle, de forma independente, e o obrigava a comportar-se como um cretino, sem o menor domínio de seus atos? Por que sentia uma repentina explosão de raiva interior, que lutava por sair? Maldita seja, o que importava Fanny Clark para ele? Que diabos podia lhe importar aquela impertinente desbocada?

Os sons procedentes do interior do salão de baile, chegavam mitigados a seus ouvidos. Ali dentro havia dezenas de casais entretidos, naquele mesmo instante, e ele sentiu inveja de todos, e cada um deles, até sabendo que jamais poderia comportar-se ou sentir-se como um a mais do grupo.

Fechou as mãos sobre a balaustrada, com a mesma fúria com que duas mordaças cairiam sobre qualquer material inquebrável e, inclinado para a frente, sacudiu a cabeça entre os braços em tensão e soprou, para procurar uma certa liberação.

Um sarcástico sorriso adornou-lhe o rosto. Um sorriso que alcançou de forma gradual a categoria de gargalhada demencial. Não podia ser a sério. Se nem sequer suportava sua presença! Se tão somente era uma vulgar do povo, sem a menor sofisticação! Absurda criatura! Fanny Clark não era mais que uma moça ridícula, de mau gosto e mais obtusa que um ângulo de madeira!

Como seria possível que um cavalheiro íntegro como ele, se visse afetado por semelhante trivialidade? O que acontecia com seu bom critério e

seu senso comum? O que estava acontecendo com seu julgamento e seu raciocínio?

Maldito seja Oliver, que o diabo o leve se isto tem pés ou cabeça!

Sentira a ausência da jovem desde que fez ato de presença, no estúpido baile ao qual fora, com o único incentivo de voltar a vê-la. Quase sem ser consciente de seus atos, surpreendeu-se de si mesmo, ao ver que a buscava, ansioso entre a multidão, torturado ao pensar que a encontraria dançando, com algum estúpido, ao qual com gosto romperia a crista, pelo mero feito de ter-se atrevido a dançar com ela. Aqueles pensamentos na verdade pertenciam-lhe? Abriu os olhos, injetados de sangue, para tentar relaxá-los na vasta cobertura estrelada, que perfilava-se nas alturas. Mas, nem sequer ali, poderia encontrar um segundo de paz para sua alma! Desenhada com clareza, entre dezenas de estrelas titilantes, o rosto miúdo e delicado de Fanny Clark, lhe sorria, travesso, com uma intensa faísca de brincadeira surgindo em seus olhos verdes, e a altivez de um narizinho arrebitado e voluntarioso.

— Não pode ser sério, não posso tolerar que seja, — balbuciou entre dentes. Descarregou um terrível murro sobre a balaustrada de pedra. Em seus nódulos apareceu, imediatamente, a cor escarlate da pele recém rasgada. O rosto daquela néscia ria agora, com mais amplitude, sem o menor recato. Nem sequer cobria a boca com uma mão, mas sim, ria a gargalhada aberta e com descaramento diante dele.

— Você é um idiota, senhor Hawthorne — cantarolou aquela insólita criatura.

Inaceitável! Completamente inaceitável! Franziu o cenho. Sem dúvida

alguma, aquela noite acabava de transpassar a fronteira da loucura.

# CAPÍTULO 10

Fanny observava como as agulhas do relógio, da torre da velha reitoria, avançavam com lentidão enquanto permanecia sentada no pátio dianteiro e, sem dedicar-lhes muita atenção, atirava grãos aos gansos, que formavam redemoinhos ao redor, e agitavam as asas com um grande estrépito.

Os dias passavam calmamente. Os sons habituais de seu amado Sheepfold substituíram, completamente, o incômodo tráfego londrino e encheram-lhe a alma de uma paz infinita. O rouco balir de um rebanho de ovelhas, que pastava em alguma colina próxima, o estalo continuado, capengante, de uma velha carroça ao cruzar o caminho, ou os golpes furiosos de Jane contra os tapetes da casa, que levantavam uma considerável nuvem de pó, formavam o único estribilho capaz de prevalecer acima do grasnido grotesco dos gansos que reclamavam seu alimento.

Fanny sorriu e aspirou satisfeita os revigorantes eflúvios que a chuva recém estiada deixara atrás de si.

— Senhorita Fanny. — Jane cruzou o pátio e desviou a desatinada família de gansos para chegar até ela, com um grosso retângulo de papel na mão. — Acaba de chegar o correio com outra carta para você, de Londres.

Fanny incorporou-se no ato, e sacudiu os restos de grão do regaço. Fazia já alguns dias que não recebia notícias de Charlotte e sentia falta de estar informada sobre as aventuras e desventuras de sua amiga na cidade. Olhou com atenção o envelope entre suas mãos, como quem se deleita com a posse de um maravilhoso tesouro. Era um envelope muito pequeno e compacto, em

sua superfície, aparecia a caligrafia miúda e apertada de Charlotte. Rasgou o papel, pôs-se a andar distraída pelo atalho que serpenteava, até muito além da propriedade e começou a devorar as linhas amigas, com um sorriso carregado de saudade. Enquanto lia, era capaz de imaginar perfeitamente Charlotte sentada em uma elegante poltrona estofada, um tanto inclinada para ela, para relatar em sussurros, o que deixava ler nas linhas perfumadas. Seu rosto apareceria, prudentemente, ruborizado por causa da excitação derivada das confidências e sua franja permaneceria reta, imóvel, sem um só fio fora do lugar. Suas mãos níveas, não deixariam de revoar, com nervosismo, de um lado a outro. Fanny a observaria, todo o tempo, com um amplo sorriso desenhado no rosto. Com certeza usaria um vestido laranja, ou muito azul, ou verde limão, ou que sabe, vermelhão e em seu cabelo destacaria qualquer coisa grotesca com dimensões impossíveis.

*Tenho que confessar, querida, que desde sua ausência o senhor Byrne resulta uma companhia inestimável para mim. Com grande perseverança procurou que minhas horas de solidão e tédio resultassem tão agradáveis quanto fosse possível. Mostrou um caráter admirável ao suportar estoicamente os longos surtos de mamãe, que parece ter perdido de forma definitiva o bom juízo, já que não deixa de importunar ao cavalheiro, com sarcasmos a respeito de que os homens casados resultam mais estimáveis para a sociedade que os solteiros. É capaz de imaginar minha vergonha?*

Fanny sacudiu a cabeça com movimentos reprobatórios, enquanto segurava a carta com ambas, as mãos. É obvio que imaginava o embraço de Charlotte ante o vergonhoso comportamento de sua mãe! Inflamou os

pulmões com uma reparadora baforada de ar e retomou tanto sua leitura quanto seus passos. Parecia que deslizava, mais que caminhava, sobre aquele bucólico atalho, esboçado pela mão elevada, sob a densa refloresta que crescia em ambas as margens, enquanto saltava os ramos mais baixos das árvores que, a cada passo, tentavam retê-la agarrando com seus dedos descarnados, o tecido de seu vestido ou as mechas soltas de seu cabelo. A seu redor, as andorinhas riscavam caprichosas formas em vertiginoso voo rasante, e emitiam um audível clap, clap com as asas.

*Queria comentar além disso, visto que a Edmund e a mim (resulta, querida amiga, muito impróprio que mencione seu nome de batismo?) surpreendeu-nos muito, o comportamento que certo cavalheiro deixou entrever faz algumas noites, durante o transcurso de um baile. Suponho que terá adivinhado a identidade do misterioso cavalheiro, visto que, inclusive, pareço ver, seu sorriso diabólico aparecendo, nesse rosto que me é tão querido. O dito cujo mostrou-se mais sombrio que de costume. Vários mestres aproximaram-se com intenção de conversar, e ele os deixou de lado, com descaramento enquanto balbuciava desculpas sem fundamento. Nem sequer aceitou nossa companhia, querida Fanny, mas, sim, passou grande parte da noitada em perfeita solidão nos exteriores do salão! Não sabemos o que aconteceu durante essas horas nas quais o perdemos de vista, mas, quando enfim demos com ele, pudemos comprovar (embora o cavalheiro se trabalhasse em excesso por ocultá-la) que machucara-se em uma mão, visto que o lenço com que a envolvera, grosseiramente, aparecia muito manchado, com o que parecia ser sangue.*

*Por certo que será demais que lhe diga que mostrou-se muito interessado pela saúde da pequena Cassandra.*

Fanny deixou cair de um lado, inerte, o braço que sustentava a carta. Com a mão livre recolheu uma mecha solta para trás da orelha. O senhor Hawthorne mostrara um estranho interesse pela saúde de sua irmã, com que fim? Por que uma insignificante garotinha teria que importar um mínimo àquele grande personagem? E qual era a causa do estranho comportamento que Charlotte relatava? Certo era que sempre se mostrou antissocial e taciturno, mas o que significava aquela mão ferida? Acaso teria rebaixado-se a misturar-se em alguma refrega noturna, com outro cavalheiro?

Meneou a cabeça e tentou afastar de si, pensamentos tão absurdos. Oliver Hawthorne era um insuportável esnobe, que jamais se rebaixaria a misturar-se em uma vulgar briga, na qual teria que empregar os punhos. Jamais aceitaria um contato direto de semelhante baixeza.

Um vago rumor a suas costas afastou-a de suas reflexões e devolveu-a brutalmente à realidade. Ian caminhava em sua direção com o olhar costurado à ponteira de suas sujas botas de montar. A opacidade de sua insubstituível jaqueta de anta marrom e o andar deprimidos com o qual adornava seu passeio, não o ajudavam a oferecer uma imagem muito corajosa. Igualmente a Fanny, também ele, sustentava na mão um papel dobrado sobre si mesmo três vezes.

— Fanny! — exclamou surpreso. — Desconhecia que a encontraria passeando por aqui!

— Acaba de chegar o correio, — justificou-se a modo de resposta.

— Sei — respondeu ele e mostrou-lhe a mão em que sustentava sua

própria correspondência.

— Más notícias? — perguntou guiada pelo rosto compungido de Ian. Por um momento sentiu-se culpada diante da desinformação e o ostracismo que envolvia continuamente a seu irmão, e que ela, quase nunca, preocuva-se de transpassar. Supunha Ian tão suficiente, tão capaz, que parecia que nunca poderia necessitar nada, de ninguém, nem um conselho, nem um ouvido, disposto a escutar suas preocupações. Teria Ian preocupações como qualquer mortal?

— Não saberia dizer-lhe. — O jovem arranhou o pescoço. Era evidente que sim, as tinha. — Recorda o inverno passado, quando viajei a Bath com tio e tia Hester? — Fanny assentiu. — Tive a oportunidade de relacionar-me com um cavalheiro, com o qual mantive uma certa amizade. Mantemos correspondência em forma ocasional e em minha última carta convidei-o a conhecer Sheepfold. — Agitou a carta no ar. — Acabo de receber resposta. Mostra-se encantado de aceitar meu oferecimento.

Fanny apanhou o braço de seu irmão sob o laço carinhoso de seu próprio braço e obrigou-o a seguir um passo mais animado.

— E onde está o problema? — Apoiou a cabeça no ombro de Ian enquanto o rodeava pelo braço com maior entusiasmo. — Se for um cavalheiro honrado, se tiver a você por amigo, não duvido de que o será, acabará tão satisfeito com nosso formoso condado que não quererá partir jamais.

— Mas temo que não é o momento apropriado para receber um convidado, Fanny, dadas as circunstâncias.

— Oh!, vamos, e isso por quê? Cassandra recupera-se a bom ritmo,

inclusive recuperou seu apetite voraz. — Ian sorriu ante uma realidade tão evidente. — Me atreveria a assegurar que a nosso pai virá muito bem respirar outro ar diferente ao derivado dos nervos de nossa querida mamãe.

Ian assentiu. Fanny e ele mantinham um vínculo que ia além da austeridade exigida aos laços fraternais: eram bons amigos.

— É possível que tenha razão, Fanny, mais uma vez.

Ela elevou o queixo com resolução.

— É claro que tenho! — Piscou presunçosa e olhou para seu irmão com olhos de cordeiro degolado. — Por desgraça, nossas vidas não dispõem de muitos passatempos, meu querido Ian, por isso rogo-lhe que não seja tão malvado, para nos arrebatar o atraente estímulo que uma visita nos pode atribuir. — Sacudiu-o com brutalidade pelo braço. — Quando foi a última vez que alguém honrou aos Clark com sua presença?

Ian esboçou um amplo sorriso a modo de resposta.

— Voltemos para casa e compartilhemos a notícia com a família — disse Fanny que parecia de verdade, entusiasmada. — Cassandra desfruta muito das novidades e, se o cavalheiro estiver solteiro e for um pouco rico, mamãe não terá nada que objetar a respeito.

Ian sorriu com condescendência. Ainda existia um último obstáculo do qual sua querida irmã não fazia nem a menor ideia.

— É rico, mas para sua desgraça não é um filho de nosso magno Império.

Fanny arqueou uma sobrancelha e levou a mão à boca para sufocar o início de uma gargalhada.

— Provém de além mar. É americano — esclareceu.

Então Fanny entendeu tudo. Esboçou um amplo sorriso fruto da surpresa e do entusiasmo que lhe produzia, a certeza de que a notícia provocaria à senhora Clark, até fazê-la zangar-se.

A dama mostrava uma hostilidade e uma falta de empatia manifesta e arraigada em grau supremo, para todo o estrangeiro. Se por acaso, tão fanático patriotismo resultasse insuficiente, a senhora Clark considerava que o Senhor modelara aos americanos com as sobras da massa com que modelara ao resto da Humanidade, com as quais conseguira uma defeituosa fornada de personagens, dotados de tão pouca classe social e tão escassa elegância, que jamais poderiam destacar-se entre a exigente sociedade inglesa, salvo pela falta de critério e de distinção. Fanny estava convencida de que os americanos gozavam de uma consideração tão pobre no coração da senhora Clark, que tão somente poderia ser superada pela severa apreensão que manifestava para com o povo francês.

— Pobrezinho! — O guizo de sua risada acompanhou suas palavras. Tão somente pelo que lhe espera, já é digno de toda minha consideração.

— Acredita que conseguirá sobrepor-se e não fugir apavorado, assim que comece a escutar os desvarios de mamãe? Nem que proceda de além-mar, acredito que esteja preparado para suportar algo assim.

— Bem, bem. — Fanny compôs uma expressão sonhadora. — Não se preocupe, no caso de que vejamos que sua apreensão e seu desgosto se incrementam, optaremos por adormecê-lo e mantê-lo em um estado de semi inconsciência, a base de taças e mais taças de brandy.

— E teremos suficiente licor nas adegas para isso? — Ian continuou o jogo, divertido.

Fanny mordeu o lábio inferior.

— Não acredito que resulte necessário mantê-lo sedado todos os dias. — Arregalou os olhos, ao pensar no caráter irritante e nervoso da senhora Clark. — Ou sim?

# CAPÍTULO 11

— Oh!, senhor Clark, um americano nesta casa! O que dirá a vizinhança? Não podemos nos rebaixar ante nossos vizinhos, aceitando a presença de gente tão carente de classe e distinção. Resulta tão vergonhoso, senhor Clark!

O senhor Clark preenchia o cachimbo com uma calma exasperante, enquanto Fanny e Ian olhavam-no com grande espera e a alma em um punho. A senhora Clark permanecia sentada em uma larga banqueta estofada, e dirigia um cansativo discurso ao senhor da casa, que demonstrava não ter a menor intenção de prestar atenção a conversa de sua esposa. Cassandra, sentada no chão em frente a um generoso fogo, penteava os cachos negros de sua boneca favorita.

— De modo que este cavalheiro goza de sua consideração? — O senhor Clark falou com Ian com certa cadência, dedo em riste. Trata-se de um cavalheiro respeitável?

— É, pai — acrescentou Ian.

— É tudo que preciso saber.

— Como vai ser respeitável, senhor Clark? — interrompeu sua esposa, escandalizada. — Esses americanos tão somente pretendem nos invadir e impor a selvageria de seus costumes! Agiotas, ladrões, malfeitores! Estou certa de que, se abrirmos as portas de nossa casa, lamentaremos para sempre!

— Nesse caso, — interveio Fanny, que uma vez concedido o consentimento de seu pai conseguira relaxar, e com muita dificuldade era

capaz de conter a gargalhada, — alegro-me muitíssimo, de que não possuamos nem um xelim. Resultaria tão exaustivo ter que levantarmos, cada manhã, antes da alvorada para recontar nossa fortuna!

A senhora Clark, sem cor, entrecerrou os olhos e dirigiu a sua filha um olhar fulminante.

— Pai — expôs Ian com veemência, — Jarrod Rygaard é o proprietário de uma das fábricas manufatureiras de algodão, mais importantes dos Estados Unidos. — Dirigiu a sua mãe um olhar reprovador. — Duvido muito de que sob nosso humilde teto pudesse encontrar algo capaz de tentá-lo. Mas sim, e dadas as circunstâncias, deveria ser ele quem fechasse com chave a porta de sua habitação por temor de ser roubado.

A senhora Clark elevou uma sobrancelha ante as últimas palavras de seu filho.

— Seus amigos e os de qualquer de meus filhos, serão sempre bem-vindos a minha humilde morada. — Sentenciou por fim o senhor Clark para regozijo de seus filhos maiores. Fanny aplaudiu entusiasmada. — Escreva imediatamente ao senhor Rygaard para que venha a Sheepfold assim que ache oportuno. — Em seguida, levantou-se mancando e abandonou a estadia escoltado por seu filho que se desfazia em gratidões para seu progenitor.

A senhora Clark abandonou muito digna sua banqueta para aproximar-se de Fanny com o sigilo que mostraria qualquer predador à espreita de uma presa. No enxuto semblante desenhara-se um sorriso amplo e exagerado, mais falsa que um penique de madeira. Fanny a viu aproximar-se pela extremidade do olho, imediatamente ficou tensa. Estava claro que tramava algo, e o que

fosse não resultaria bom para ninguém.

— Ouviu, filha? — falava com fingido desinteresse e se entretinha em reorganizar as despenteadas mechas do coque de Fanny. Isto muda muito as coisas. Como podia eu fazer ideia de que um americano se encontrasse tão bem situado?

Um calafrio percorreu a coluna vertebral da jovem e produziu-lhe um estremecimento. Oh! não, outra vez com a mesma manipulação!

— O ingrato do seu irmão esqueceu de nos informar se se trata de um cavalheiro solteiro. Se for assim, espero que saiba aproveitar a oportunidade que deixou escapar em Londres. — Aplaudiu com desafeto as costas de sua filha a modo de indiscutível advertência, antes de retirar-se atrás do rastro dos cavalheiros e deixar Fanny sumida, em um imponente halo de indignação e desassossego. Acaso sua mãe pretendia arruinar também uma das escassas oportunidades de entretenimento que se apresentava em Sheepfold?

*

Chegou a manhã do dia esperado. O fiel amigo que era Ian Clark se dirigiu ao povoado à hora em que estimava a chegada do primeiro carro postal.

O ânimo de Fanny elevou-se até a felicidade e, durante os dias prévios à chegada do hóspede, mostrara um ar diferente, mais leve, possivelmente, mais condescendente. Durante dias não se importou que as camélias acabassem de atirar seus florescidos casulos, porque consolava-se ao pensar

em que as dezenas de gemas que congestionavam os ramos resultavam das mais prometedoras. Tampouco parecia tão importante, nesse instante, que sua vida carecesse de qualquer tipo de emoção novelesca, que os gansos sujassem o pátio com seus excrementos, ou que o odioso relógio sobre a lareira, parecesse deter sua trajetória. Nada importava, porque uma nova visita estava a ponto de entrar na casa e insuflaria um necessário sopro de ar fresco a sua entorpecida existência!

Toda a família se dispôs em frente às portas da decadente reitoria, em perfeita fileira para oferecer um digno recebimento ao misterioso e esperado convidado.

O senhor Clark jogava mão a cada instante no relógio de bolso, e consultava impaciente a hora, enquanto a senhora Clark não deixava de recolocar a touca sobre seu desajeitado crânio e tentava esconder os indomáveis cachos de cabelo de Cassandra. A pequena revolvia-se entre protestos e tentava liberar-se da perseguição de sua mãe, enquanto Fanny se surpreendia ante a decepção que experimentava, cada vez que escrutinava o caminho e não acertava a descobrir a ninguém.

O *faetón* familiar dobrou a curva com inesperada velocidade, como se uma hoste de anjos negros emprestasse asas a suas rodas, e fez sumir ao grupo com uma incômoda nuvem de pó que fez tossir às senhoritas. Através do buliçoso coicear dos cavalos e da densa poeirada levantada por causa de uma condução tão temerária, abriu-se caminho a bagunceira gargalhada de um desconhecido.

— Incrível, Clark, incrível! Viu com que cara nos olharam aquelas

comadres ao sair do povoado? — exclamou uma exaltada voz masculina. — Eu adoro a liberdade que se respira no campo!

Foi somente vários segundos mais tarde, quando a onda de pó e terra se dissipou, que puderam apreciar duas silhuetas masculinas de pé sobre a boleia. Um deles era um sorridente Ian Clark, o outro, um desconhecido que, braços na cintura, parecia deleitar-se ao observar a humilde e danificada fachada da reitoria, vestida em plenitude com o bucólico adorno de uma voraz hera trepadeira. Quando desceu da carruagem atrás de Ian, Fanny só conseguiu fixar-se na vivacidade de seus olhos, extremamente juntos, enquanto tirava o chapéu e segurava-o em suas costas. O americano, do qual tanto se falou e ao qual com tanto entusiasmo esperara, encontrava-se enfim ante ela. A moça pensou que tudo de bom que Ian dissera a respeito dele, estava mais que justificado.

— Permita-me felicitá-lo pela magnífica suspensão de seu veículo, senhor Clark! — exclamou o cavalheiro em tom jovial.

Agradecido, o ancião inclinou um tanto a cabeça. O americano era um homem bem entrado nos trinta, de boa estatura, magro e alto como uma palmeira. De boa presença, seu modo de apresentar-se resultava impecável e em seu rosto destacava-se a vivacidade e a energia, de um ânimo desenvolto e afastado da rigorosa etiqueta inglesa. Vestia uma elegante jaqueta de veludo em tons bordôs e um estiloso laço, que contrastava de forma notória com a austeridade de seus anfitriões.

— Rygaard, permita-me apresentar a meus pais. — Ian parecia muito satisfeito. — O senhor e a senhora Clark. — Ambos ofereceram breve

reverência ao recém-chegado. — Minhas irmãs, a senhorita Clark — Fanny inclinou-se e monopolizou, imediatamente, a atenção do fascinado cavalheiro, — e a pequena Cassandra.

— Ora, Clark, vejo que aqui em Sheepfold florescem as rosas mais belas de toda a Inglaterra — adulou Rygaard sem afastar o olhar dos olhos verdes de Fanny. Ela baixou a vista e não fez nada para dissimular um sorriso agradecido. Imediatamente soube que aquele cavalheiro lhe caía bem, não por tê-la lisonjeado, mas sim, pela facilidade de suas maneiras, seu caráter aberto e sua predisposição a falar.

— Seja bem-vindo a nossa humilde residência, senhor Rygaard. Confio em que não lhe resulte muito incômodo nosso estilo de vida simples. — O senhor Clark deu um lado e convidou ao recém-chegado a acompanhá-lo ao interior da casa.

— Incômoda? Estou convencido de que poucas coisas poderiam me resultar mais atrativas neste momento que o que encontro ante meus olhos. — Fixou um olhar intencionado em Fanny, antes de transpassar a soleira.

Ela mordeu divertida o lábio inferior, segurou Cassandra pela mão e se dispôs a imitar os passos da pitoresca comitiva.

— É bonito — murmurou de repente, Cassandra, entre risadas e ocultou-se atrás das dobras da saia de sua irmã mais velha.

— Cassie! Pode ouvi-la.

— Que me ouça! — A pequena segurou os laços do vestido de sua irmã e saltitou atrás dela. — Depois de escutar a mamãe acreditei que os americanos seriam homens horríveis.

— Asseguro que este não parece horrível, absolutamente, — disse satisfeita. Não, não podia tratar-se de um homem horrível de modo algum. Estava claro que vinha muito disposto a conhecer todos e a dar-se a conhecer. Mais do que nunca Fanny desejou conhecê-lo.

*

Uma ampla mesa na qual reinava uma certa desordem, já que às sobras do lanche teriam que somar-se a uma pequena cesta de costura e vários ítens de desenho, presidia a salinha de chá. Ao fundo da estadia uma simples lareira encrustada na parede principal albergava nas vísceras um generoso e crepitante fogo, enjaulado depois da ligeira estrutura de um protetor de faíscas negro.

Jarrod Rygaard parecia olhar a pequena estadia com agrado. Sentado ao lado de Ian em um cômodo divã, sorria satisfeito ante os sanduíches de pepino que a senhora Clark oferecia, pela segunda vez.

— Ian nos comentou que você não está a muito tempo em nosso país, senhor Rygaard. — Enquanto lhe oferecia aquele ligeiro lanche, a senhora aproveitou para surrupiar informação do convidado.

— E não lhes mentiu, senhora Clark. Cheguei a estas belas terras no inverno passado. A esta altura, vejo-me na obrigação de lhes transmitir minha fascinação pelas deliciosas paisagens que encontrei em meu caminho.

A senhora Clark pareceu satisfeita com a resposta. Aquele cavalheiro de sorriso encantador parecia adular à perfeição a saliente vaidade da dama.

— É a primeira vez que você visita esta parte da Inglaterra? — interessou-se Fanny enquanto dava um breve gole à xícara de chá.

O perpétuo sorriso de Rygaard esfumou-se de forma paulatina e deu caminho a uma sobriedade, que em nenhum momento, teriam atribuído a tão festivo personagem. Uma sombra fugaz obscureceu o olhar do cavalheiro quando lhe ofereceu uma resposta tão cortante como insatisfatória:

— Não, não é a primeira vez.

Fanny teria gostado de seguir indagando, mas a senhora Clark parecia muito persuadida de que ninguém se adiantasse a seu escrutínio.

— Com certeza teve oportunidade de visitar a cidade, senhor Rygaard. Faz tão somente algumas semanas, haveria coincidido ali com Fanny.

O americano desviou um instante o olhar do rosto da jovem, para tratar com atenção sua anfitriã com uma nova, e desta vez forçada, sucessão de sorrisos.

— Nada teria me agradado mais, que encontrar-me com a senhorita Clark em um ambiente tão interessante. — Os olhos do cavalheiro encontraram-se de novo com os de Fanny, para divertir-se neles durante um eterno minuto. — Posso garantir que você acabaria com os pés doloridos de tanto que a convidaria a dançar.

Ela sorriu com amplitude.

— Você teria sido tão ingrato?

— Por minha vida que sim, com o intuito de monopolizar sua atenção e companhia durante toda a noite!

Fanny não poderia ter se sentido mais satisfeita com a resposta, nem

seu ânimo mais agradado.

— Gostou de Londres, senhor Rygaard? — Perguntou Cassandra de repente e iluminou a estadia com um sorriso. Permanecia sentada no chão, em frente à luz, enquanto brincava com um pequeno teatro de fantoches.

— Gostei o bastante, pequena. É uma cidade muito interessante.

— Porque Fanny diz que é um lugar horrível.

Pouco faltou para que a mais velha das irmãs derramasse o chá por toda a estadia.

— Cassandra! — repreendeu a senhora Clark e fulminou-a com o olhar. Fanny se viu obrigada a voltar a cabeça para um lado para ocultar um sorriso. A dama arrastou as seguintes palavras entre dentes: — Como parece-lhe?

— Bom… — Rygaard apertou os olhos e engrossou o tom em forma cômica, para dirigir-se à menina. — Não é o melhor lugar do mundo, sem dúvida. Não poderia comparar-se, não com Sheepfold. — Cassandra sorriu divertida, Fanny não pode menos que dirigir ao cavalheiro um olhar de agradecimento. — Pude assistir a um par de bailes, assim como ao teatro e, dada minha experiência, não fica mais remédio que censurar com firmeza o caráter frívolo e superficial de seus habitantes, — disse enquanto olhava divertido para Fanny que não era capaz de conter a risada por mais tempo — assim como o odioso costume de seus cassinos, de depenar aos estrangeiros.

O senhor Clark e Ian sorriram com amplitude, enquanto a senhora Clark o olhava de alto a baixo, porque começava a desconfiar de um cavalheiro incapaz de apreciar as delícias e maravilhas da capital.

— Pode fazer alguma outra amizade na Inglaterra, senhor Rygaard,

durante esta ou em sua anterior visita? — perguntou Fanny.

Ele a olhou alguns instantes antes de responder. Parecia procurar a palavra exata, como se precisasse estudar a resposta.

— Não tive oportunidade, senhorita Clark — respondeu com secura. — Temo que nem todos são tão amáveis como vocês, com os estrangeiros.

Fanny permaneceu um bom momento em silêncio e o olhou como quem estuda o funcionamento de algum novo mecanismo, sabendo que pode falhar no momento menos pensado. Uma faísca de intuição apareceu nas pupilas e aguçou sua curiosidade. De repente viu com clareza que Jarrod Rygaard ocultava algo e que seu ânimo continuamente brincalhão se escurecia ao mencionar qualquer assunto relacionado com sua anterior visita a Inglaterra.

— Pode estar certo disso — disse solenemente a senhora Clark, alheia a qualquer indício de suspeita que sua filha pudesse albergar. — Não encontrará gente mais amável e pormenorizada em toda a Inglaterra que nossa família, senhor Rygaard. Nunca fomos preconceituosos, nem desconfiados com os estrangeiros, aos quais damos as boas-vindas com os braços e o coração abertos.

# CAPÍTULO 12

— Sinto-me um pouco incomodada com a atitude de nosso convidado, senhor Clark, por mais dinheiro que possua além do mar. — A senhora Clark parecia muito pouco predisposta ao sono. Recostada sobre vários almofadões que a mantinham em uma posição semi sentada, observava a seu marido que ficara de costas e permanecia convexo sobre um lado, com os olhos fechados e toda aparência de querer ignorar a conversa de sua esposa.— Está escutando, senhor Clark?

— Ora. — Nem o mais leve movimento surgiu do proeminente vulto sob as mantas

— Resulta muito audaz, muito imprudente. Pode acreditar que lhe desgosta o estilo de vida da capital? Que cavalheiro com dois dedos de sabedoria preferiria Sheepfold a Londres?

— Sem ir mais longe, o próprio cavalheiro ao qual você não permite agora dormir, senhora Clark.

— Oh!, senhor Clark, pretende zombar de mim! Todos os jovens desfrutam com os passatempos da cidade! — Cruzou os braços sobre o peito. — Acredito que não resulta uma companhia favorável para nossas filhas, por encontrar-se, uma delas, em idade casadoura e por ser a pequena ainda uma menina influenciável. Agradaria a você que ambas tomassem como exemplo um caráter tão voluntarioso? Resulta completamente reprovável, senhor, pense no futuro de suas pobres filhas!

O senhor Clark virou no leito com relutância e fixou no teto um olhar

sonolento. Antes de falar saboreou as palavras lentamente.

— Na verdade acredita, senhora Clark, que nossas filhas correm um perigo tão grande na presença desse cavalheiro, para que vejamos perigo em sua integridade moral? Porque se for assim, asseguro que o expulsarei desta casa imediatamente e não me importará se o cavalheiro se encontra em camisa de dormir, em calções ou como sua mãe o trouxe para o mundo.

— Oh!, senhor Clark, você é tão irritante, às vezes!

— Boa noite, senhora Clark. O sentinela moral desta casa precisa dormir. Dedique-se a dormir também, e proporcione descanso a essa cabecinha desatinada. Suas filhas estão completamente a salvo.

Com um firme sopro apagou a frágil chama da vela que palpitava sobre a mesinha de noite, e deixou a habitação, e à senhora da casa, sumidas em uma plena escuridão.

*

Quinze dias já passaram com o americano hospedado com os Clark, sem ter dado indício algum de desejar prescindir da companhia da família. Tampouco os Clark pareciam encontrar-se em desgosto com o visitante, cuja presença enchia as escuras estadias da velha reitoria de luz, vitalidade e comentários engraçados. Somente a escrupulosa senhora Clark mostrava-se indignada ante um comportamento tão informal que quase chegava inclusive, a roçar, sob seu arcaico ponto de vista, a libertinagem e o mau gosto.

Certo era que, em ocasiões, Fanny não sabia como encaixar os

comentários do cavalheiro, visto que seu ânimo resultava, continuamente, tão festivo e fugaz, que cada vez era mais difícil descobrir quando falava seriamente e quando era de brincadeira. Além disso, Jarrod Rygaard manifestava uma facilidade enlouquecedora de mexer com todo mundo, e possivelmente, desconhecia que tomar certas liberdades com uma jovem solteira atentava contra a etiqueta e o bom gosto. Não podia negar, em ocasiões Jarrod Rygaard a fazia sentir-se, na verdade, incômoda ante a ligeireza de seus gestos ou pelo indesejável grau de intimidade que pretendia propiciar a todo momento entre os dois. Claro que ela era uma jovem de mente aberta e de caráter tão sociável e amistoso, que a seu redor, todos dispunham de uma oportunidade de aproximação, se somente se predispuserem a isso. Mas o caso era que Jarrod Rygaard não esperava que ninguém lhe brindasse a devida oportunidade de aproximar-se, mas sim, ele aproximava-se de seu objetivo, sem esperar sequer a ser convidado.

Certa manhã, Ian e seu amigo saíram para montar ao despontar das primeiras luzes da alvorada. Ian Clark, dotado do orgulho patriótico que costuma habitar as almas simples, albergava a secreta esperança de que seu amigo descobrisse por si próprio, os rincões mais formosos de Sheepfold e concedesse-lhes sua aprovação. Além disso, a primavera se mostrava tão generosa, que os dias de sol morno animavam a aproveitar as escassas horas de luz para sair e desfrutar do ar livre e das formosas vistas que a campina oferecia ao caminhante, a essa altura da estação. Sheepfold era, sem dúvida, um pequeno paraíso transbordante de paz e infinidade de sons campestres, dotado de uma explosiva mescla de verdor úmido e tímidos raios de sol, que

abriam caminho em um céu povoado de nuvens violáceas e evidentes.

Transcorreram várias horas desde que os cavalheiros abandonaram a reitoria. Cassandra encontrava-se abstraída brincando com um cavalinho de madeira de miniatura, o senhor Clark certamente permanecia encerrado na biblioteca, enfrascado em algum velho livro de salmos e a senhora Clark decidira ocupar sua manhã recostada no divã da sala. Vadiava enquanto abanava-se, com absoluta indolência, com um prato de pasteizinhos de cevada, que bicava de vez em quando, apoiado sobre seu estômago.

Fanny, motivada pelo saudável desejo de não permanecer ociosa até a hora do almoço, decidiu sair a dar um longo passeio pelo campo. Gostava muito de caminhar e adotara o costume de combinar suas afeições favoritas do melhor modo possível: elegia como companheiro de passeio um bom livro, com o qual fazia brincadeiras no caminho, para depois recostar-se sobre um denso tapete verde e desfrutar melhor da leitura. Assim, era capaz de perder-se durante horas e horas consumida em suas habituais aventuras, entregue a um estado de ânimo que, frequentemente, criava graves enfrentamentos com a senhora Clark. A natureza converteu-se em seu refúgio mais desejável e não havia atalho escondido, nem manancial que brotasse entre as áridas rochas, do qual não tivesse conhecimento. Do mesmo modo, os buliçosos rebanhos que pintavam de branco a campina habituaram-se com sua presença e aproximavam-se para mordiscar suas níveas mãos, assim que reconheciam a saltitante silhueta que caminhava junto à cerca.

Com os ombros rodeados por uma leve capa branca e um *bonet* combinando, caminhava por um estreito atalho onde a terra deixara caminho

a um verdor incipiente, quando um leve estalo as suas costas, sobressaltou-a, e obrigou-a a fechar, imediatamente, o livro entre cujas páginas permanecia embriagada.

— Senhorita Clark, assustei-a? — O causador de tão momentâneo sobressalto aproximava-se dela com chapéu na mão. Ainda conservava as botas de montar e um ligeiro rubor nas bochechas, fruto do recente exercício. Saudou-a com uma grácil reverência que ela apressou-se a corresponder.

— Não se preocupe, senhor Rygaard, acreditei que se tratava de uma raposa escondida entre os arbustos.

— Uma raposa? Que audaz! Você estaria morta! — Exclamou e adornou as palavras com um amplo sorriso.

— Não, eu não. — Olhou-o um segundo, com o cenho franzido— Oh! já vejo, você zomba de mim!

— Não, Por Deus, jamais ousaria rir de você! — Olhou-a e esboçou um sorriso açucarado. — Prefiro sempre fazê-lo em sua companhia.

Fanny inclinou a cabeça e sentiu-se adulada. De fato, Jarrod Rygaard parecia pretender adulá-la, constantemente, e com seus açucarados métodos, estava conseguindo à perfeição. Ela estava muito convencida de que o senhor Rygaard sabia fazer-se agradável porque dizia a cada um, nem mais nem menos, do que esperava-se ouvir.

— Vejo que está você dando um passeio — disse de repente. — Permitiria que a acompanhe?

— Claro, caminhemos.

Principiaram a andar, com passo distraído. De vez em quando, Rygaard

elevava o olhar, para contemplar, fascinado, as frondosas copas das árvores, cujos troncos se vestiam de musgo e sorria ante o diluído arco íris que o sol desenhava através das folhas. Fanny precaveu-se do silencioso exame.

— Lamento não poder oferecer-lhe algo mais emocionante. Sheepfold é um povoado muito pequeno, quase uma aldeia.

Rygaard a olhou surpreso.

— Está brincando? Isto é, na verdade, espetacular! — Inclinou-se para arrancar, com cuidado de não se espetar, a raminha de uma sarça carregada generosamente de amoras e oferecer a sua acompanhante. — Não posso imaginar nada mais formoso.

Fanny saboreou encantada a deliciosa doçura da amora amadurecida.

— Nem sequer as pavimentadas ruas londrinas?

— Depois de ter descoberto o paraíso aqui, essa é minha antítese da beleza, senhorita Clark, posso assegurar-lhe. Quem trocaria o barro e o campo pela frieza e a dureza do asfalto?

Ambos sorriram ao mesmo tempo. Fanny inclinou a cabeça e continuou a marcha enquanto contava, mentalmente, os dentes de leão que encontrava a seu caminho. O senhor Rygaard somente, olhava-a.

— Pensa ficar muito tempo em Sheepfold, senhor Rygaard?

O cavalheiro teve que reunir seu eterno sorriso, com um ligeiro franzido de cenho. Deteve seu passeio e obrigou a jovem a atuar do mesmo modo.

— Desconhecia que lhe importunasse tanto minha presença, para desejar minha marcha tão cedo, senhorita Clark.

— Oh!, não me interprete mal! — Fanny se expressava com rapidez, enquanto caminhava pelo atalho, com a mesma desenvoltura, com que o faria uma ninfa. — Acho sua companhia da mais interessante, em especial, porque considero que é você como um cofre misterioso, que encerra grandes segredos no interior. — Fanny brincou com a última amora antes de introduzi-la na boca e saboreá-la, satisfeita. Sentiu com deleite o estalo adocicado que lhe alagou o paladar.

— Grandes segredos? O que a faz pensar que oculto algum segredo?

Obrigou-se a silenciar quando Rygaard aproximou uma mão de seu rosto e perfilou com o polegar, o rosado contorno do lábio inferior. Permaneceu muito quieta, com a respiração contida e olhou-o em silêncio, sem atrever-se sequer a piscar.

— Manchou-se com a última amora, — esclareceu com um sorriso.

Fanny esboçou uma careta nervosa antes de obrigar-se a retomar a marcha.

— É você muito amável, — balbuciou estupidamente.

Rygaard recolheu as mãos com displicência para suas costas.

— Agrada-me que minha companhia resulte interessante, senhorita Clark, porém, acredite, que não sou um cavalheiro sinistro dotado de uma alma escura. — Sorriu com malícia. — Asseguro que sempre procurei comportar-me de um modo em extremamente transparente, para adiantar-me às falações sobre minha pessoa. — Tocou com um dedo a ponta do nariz de Fanny. — Sinto decepcioná-la, senhorita Clark, mas não escondo nenhum segredo.

— Não os esconde? — No tom de Fanny percebia-se ainda um delator, timbre nervoso.

Fixou nela seu olhar mais penetrante e audaz.

— Não, não os escondo — falou, em um registro baixo e sombrio.

— Então não se importará que volte a perguntar por suas anteriores visitas a Inglaterra.

Rygaard suspirou.

— Asseguro-lhe que não poderia referir nada interessante, de minhas anteriores visitas a seu adorável país.

Fanny esboçou um amplo sorriso. Parecia uma menina pequena, a quem tivessem devotado uma apetecível bolsa de doces.

— Você está certo? Possivelmente no passado seduziu a alguma jovenzinha de boa família e agora não deseja reconhecer? É possível que algum parente ofendido busque você para tentar tirar a limpo?

Estava claro que Fanny somente pretendia brincar e divertir-se a sua custa, mas Rygaard não parecia compartilhar o interesse da jovem, na hora de conceder um tom jocoso e brincalhão a suas palavras. Limitou-se a olhá-la, com os olhos entrecerrados, enquanto abria os punhos e os extremos do colete. Seu sorriso nervoso resultava uma ineficaz máscara para o perturbador desconforto que sentia.

— Temo que, em seu caso, sua imaginação resulta mais perigosa e audaz que na maioria das damas. Não se esforce, senhorita Clark, não conseguirá surrupiar-me nada que desperte seu interesse, tão chegado ao exagero.

— Seriamente acredita que não encontrarei nada se seguir indagando?

— Asseguro-lhe.

— Eu diria que, por estar tão ocupado em demonstrar que não aconteceu nada interessante em suas anteriores visitas, dá a impressão que sim, que aconteceu algo.

— Por que não se esquece deste jogo? — Sua pergunta, mais que um inofensivo convite, parecia conter uma ameaça implícita. — Senão, pensarei que suas palavras, contemplem uma certa tendência a impertinência, senhorita Clark.

Fanny estudou com atenção, durante vários segundos, o rosto contraído do cavalheiro. Não lhe restava a menor dúvida, de que sob sua reluzente fachada, Jarrod Rygaard ocultava algo que não desejava compartilhar com o resto do mundo. Bastava arranhar um pouco a superfície, para que os demônios do interior aparecessem com ferocidade e lançassem violentos raios no ar.

— Desculpe se o incomodei, senhor Rygaard.

Ele a olhou em silêncio durante um bom momento, em um intento de, possivelmente, descobrir quanto era verdadeiro, e quanto era de brincadeira, na desculpa da jovem.

— Esqueçamos — condescendeu. — Sou um recém-chegado, e americano, sem mais pistas! É natural que você sinta curiosidade. De fato, acredito que deveria mostrar-me satisfeito, ante a urgente curiosidade que pareço despertar em você.

— Agora sou eu quem sente decepcioná-lo — sentenciou com um

sorriso, — mas sou curiosa por natureza, senhor. Aproveito para estudar o comportamento de todos os que me rodeiam e trazendo a luz seus fantasmas ocultos. É um de meus passatempos favoritos, temo. — Enlaçou a cintura com os braços antes de continuar. — Você não desperta em mim mais curiosidade do que poderia sentir ante qualquer recém-chegado.

— Oh! Você golpeou minha vaidade com selvageria! — Queixou-se em um teatral tom de indignação. — Por um momento cheguei a considerar-me seu favorito! Será melhor que faça de conta que não escutei seu desprezo, senhorita Clark, se desejo manter minha estima intacta.

— Duvido muito que sua estima tenha sofrido algum tipo de afronta. — O cavalheiro abriu e fechou a boca sem conseguir articular nenhuma palavra. — Você é muito presunçoso para que os escárnios de uma jovenzinha façam rasgo em seu ânimo.

— E temo, que você seja muito imprudente e audaciosa! — sentenciou assombrado ante a mordacidade da jovem.

— Com sinceridade, espero que nem todos compartilhem sua opinião, senhor, ou do contrário me converterei na fofoca, de todas as classes da sociedade. — Fanny esboçou um novo e generoso sorriso. — Ninguém busca a companhia de uma jovem imprudente, não é verdade?

— Mas somente poderiam desprezar sua companhia, se não viesse precedida de tão adoráveis olhos verdes! Embora você seja perversa, e pode acreditar que na verdade o é, a beleza de sua figura a exime de qualquer tipo de desprezo ou marginalização. Acredite, somente um cretino ousaria contradizer-me.

Fanny esboçou um sorriso mordaz ao recordar certo cavalheiro que a tratara como uma criatura selvagem e marginal, perdida em meio a um sofisticado salão de baile londrino.

Alertado pela sombra negra que se abateu sobre os olhos verdes, que tanto venerava, Rygaard apressou-se a acrescentar:

— Então existe um cretino assim? Diga-me agora mesmo, o nome de semelhante estúpido e prometo-lhe que amanhã mesmo, me baterei em duelo com ele. — Embora se expressasse com absoluta resolução, o claro tom brincalhão em suas palavras, resultava mais que evidente.

Fanny perguntou-se, se haveria algo verdadeiro em semelhante afirmação ou, se tão somente tratava-se de outra das tantas brincadeiras com as quais o americano os acostumara. Há tempo que se deu conta, de que com Jarrod Rygaard resultava muito difícil fazer distinções entre a formalidade e a ironia.

Caminharam um bom momento em silêncio. Ao longe já se distinguia a escura silhueta da velha reitoria, sentada e escarranchada sobre o vigoroso lombo de uma infinita pradaria. Rygaard inclinou-se para arrancar o ramo baixo de um arbusto e começou a golpear com ele, as ervas daninhas que sobressaíam, em ambos os lados do caminho, como se de um improvisado chicote se tratasse.

— Acreditaria se lhe dissesse que estou pensando seriamente, em instalar-me nos arredores de Sheepfold?

Fanny elevou as sobrancelhas até o nascimento de seu áureo cabelo.

— Você se surpreendeu. Parece-lhe tão desatinado?

— Oh! Não, certamente! Muito pelo contrário, alegra-me que outros achem fascinante, aquilo que eu mais adoro e admiro com entusiasmo, — conseguiu dizer. — Pessoalmente, sou uma apaixonada por estas terras. — Olhou satisfeita ao redor. — Acredito que não poderia conceber minha vida longe do campo.

— Possivelmente, nunca se veja obrigada a abandonar o condado, — comentou intencionalmente. Mas Fanny, estava disposta a fazer ouvido surdo, as suas evidentes indiretas.

— Em meu caso, seria complicado aventurar-me a afirmar algo assim, senhor. Do início ao fim, sou uma mulher, dependo completamente da vontade de meu pai e, no dia de amanhã, de um possível marido. Quem sabe onde será meu lar?

— O lar está onde está nosso coração, senhorita Clark. — Nas palavras de Rygaard existia um poderoso intento de intimidade. — Mas pelo visto você parece resignada a um futuro que lhe desagrada.

Fanny sorriu levemente e brincou com as fitas de seu *bonet*.

— E, a resignação não é uma qualidade imposta a nosso gênero?

Rygaard deteve-se, segurou-a com firmeza por um cotovelo e obrigou-a a encará-lo.

— Eu juraria que jamais poderia ser aplicável a alguém como você.

Seus olhares encontraram-se, um instante, e Fanny sentiu-se incapacitada para dizer qual dos sentimentos que a embargava, resultava dominante. Por um lado, sentia-se perturbada e adulada de ter sido, durante os últimos quinze dias, o objeto dos cuidados do cavalheiro, mas, por outro,

não podia negar que se encontrava longe, muito longe, de desejar ser, o objeto de tais cuidados.

Engoliu saliva enquanto piscava, nervosamente, e liberou-se suavemente, de um assédio que começava a incomodá-la. Durante mais de dez minutos caminharam em silêncio, tão somente o roçar de sua saia, contra as ervas do caminho, rompia a quietude da jornada. E, como o silêncio costuma resultar um amplo estímulo, para os ânimos das almas mais pertinazes e otimistas, o senhor Rygaard retomou a conversação assim:

— Na verdade é que eu gostaria de adquirir uma pequena propriedade perto do povoado. Resulta tão idílica a ideia de uma bonita casa no campo, em companhia de uma bela mulher e um par de criaturas, que brincam de correr pelo pátio! E asseguro, senhorita Clark, que não desistirei até torná-la realidade.

Fanny ruborizou-se levemente, e baixou o olhar, não em uma amostra de vã paquera, mas, sim, um tanto incomodada pela direção que tomara uma conversação, que inicialmente presumia-se inofensiva. Esperara, ansiosamente, a visita do senhor Rygaard e, entretanto, a essa altura lhe incomodava ao extremo o tom de intimidade que o cavalheiro pretendia inferir, a todos, e cada um de seus encontros. Resulta muito agradável o oferecimento de doces de chocolate, quando o estômago começa a ronronar, agradam, é uma bênção gozar de semelhantes cuidados. Mas chega um ponto em que, se o oferecimento se tornar repetitivo e pertinaz, tanto doce acabará por levar a indigestão, por provocar vômitos e uma certa indigestão.

Suspirou com folga. Um ponto devia ficar claro, de uma vez por todas,

embora suas maneiras de expressá-lo, resultassem tão decididas, quanto descorteses (e estava claro que, com um cavalheiro tão pertinaz e ousado como Rygaard, o único modo possível de atuar beirava a descortesia), no momento, não albergava ideia alguma de matrimônio.

# CAPÍTULO 13

— Oh! Interrompi-a, senhorita Morton! — Edmund Byrne permanecia petrificado na soleira da porta, da sala de chá, dos Morton. A visão da jovem, sentada em sua cadeira de balanço predileta, inclinada sobre uma extensa carta e inteiramente absorta na leitura, o deixou coibido por um momento.

— Adiante-se, senhor Byrne, você sempre é bem-vindo. — A jovem recebeu-o com um cálido sorriso, como era habitual nela, embora desta vez, seu rosto não refletisse a calma de espírito, nem a quietude que em geral aparecia como recepção e enfeite.

— Um dos serventes informou-me que você se encontrava no salãozinho e tomei a liberdade de entrar, sem ser anunciado. Rogo-lhe que desculpe minha falta de cortesia, visto que não era minha intenção atrapalhá-la em suas atividades cotidianas.

— Não se desculpe e sente-se, por favor. — O cavalheiro ocupou uma poltrona situada em frente à jovem, a uma distância cômoda. — Estava lendo uma carta que chegou faz apenas algumas horas de Sheepfold. Minha querida amiga Fanny alegra-me, sempre, com suas mensagens.

— Sim, certamente, é uma jovem com um caráter predisposto ao bom ânimo. Lamento que faça tanta falta a você. Quanto tempo já faz desde sua partida? Um mês? Mês e meio?

Charlotte sorriu e fixou suas aprazíveis pupilas no papel que sustentava entre as mãos. Sua expressão melancólica parecia remontá-la a quilômetros de distância da ruidosa Londres.

— Em alguns dias completará, dois meses, desde que nos privou de sua companhia. — Suspirou. — Resulta inevitável que eu tenha saudades, senhor Byrne. Crescemos juntas e sempre tivemos a uma à outra. Em efeito, é a melhor amiga que sempre pude desejar. — Relaxou a carta sobre o regaço e olhou com doçura para o cavalheiro. — Posso oferecer-lhe uma xícara de chá?

— Eu adoraria tomar uma xícara de chá com você.

Charlotte fez soar uma campainha, que repousava em uma mesinha próxima.

Pouco depois uma donzela apareceu na sala com um serviço completo de chá.

Charlotte serviu ao cavalheiro que observava, encantado, a todos os seus movimentos.

— E como encontra-se nossa amiga? Goza de boa saúde e de bom humor, agora, que enfim, encontra-se em seu adorado condado? — Byrne ajeitou-se no assento sustentando o pires com ambas as mãos.

— Encontra-se à perfeição, obrigada, senhor Byrne. — De repente, com renovado entusiasmo, exclamou:— Posso dar-lhe boa-fé disso, se permitir que leia algumas breves passagens!

Edmund Byrne bebeu um breve gole de chá antes de pronunciar-se. Não desejava em modo algum invadir a intimidade postal daquelas boas amigas, mas estava claro que Charlotte desejava compartilhar com alguém, um assunto que a obrigava a permanecer com a alma ausente.

— Se for seu desejo, senhorita Morton, será um prazer para mim escutá-la.

Ela pôs em ordem com calma, as páginas que sustentava sobre o colo, antes de iniciar a leitura.

*Faz algumas semanas que nos visita o senhor Jarrod Rygaard, um americano, que Ian conheceu durante sua estadia na cidade de Bath, e que permanecerá entre nós durante um tempo indefinido. É um cavalheiro singular, muito corajoso e disposto sempre à novidade e à diversão, embora suas maneiras possam resultar reprováveis, em mais de uma ocasião. Reprovei-as mental e verbalmente. Devo admitir que também resulta uma grata novidade que careça, completamente, desse ar altivo e arrogante que prepondera em Londres. Sinceramente, não sei como suporta.*

Charlotte dirigiu um olhar envergonhado ao senhor Byrne que seguia a leitura, com um divertido sorriso.

*Por exemplo, faz alguns dias, convidou a Cassie e a mim para dar um passeio até a colina que se eleva por trás da reitoria, com o pretexto de que à pequena viria muito bem respirar a brisa fresca da tarde, em seu período de convalescença. É claro, aceitamos imediatamente. Bem sabe que adoro caminhar e que, junto à leitura, é um exercício que pratico tão frequentemente quanto me é possível. Ao chegar ao alto, não poderia imaginar a surpresa que nos preparara: o cavalheiro improvisara um divertido pic nic para os três! Não descuidara nenhum detalhe: a manta de linho, as cestas de ráfia, providas com generosidade das viandas mais apetecíveis, como: ovos duros, framboesas, gelatina, cerejas, uvas vermelhas e outras ninharias que encarregado Jane fazer para a pequena. Foi uma jornada encantadora. Rimos e falamos sem parar… e*

*até, recitou-nos alguns versos de Pope, que, pelo visto, leva sempre no bolso do colete em uma edição, em miniatura, que prometeu dar-me de presente algum dia!*

— Ora, semelhante cavalheiro deixa em uma pobre situação a nós, outros! — brincou Byrne. — Em meu bolso você não achará mais que um velho relógio, cuja corrente perdeu vários elos.

Charlotte olhou-o com uma singular ruguinha na testa, sinal inequívoco, de que intuía algo mal. Existia algo no júbilo de sua amiga, que punha em alerta todos seus instintos. Algo que lhe dizia que Fanny corria sério perigo de ser machucada, por causa de sua imprudência e de sua falta de sensatez. Sua acusada tendência a mostrar um espírito veemente, somada às fantasias novelescas que continuamente pululavam por sua cabeça, faziam dela um alvo apetecível, para qualquer alma sem escrúpulos. Para mais sinais, Fanny nunca passara tanto tempo, em companhia de nenhum cavalheiro, muito menos de um tão solícito e complacente quanto Jarrod Rygaard.

— Prossigo, senhor Byrne, com sua permissão. — Inclinou o olhar para o papel e continuou com a leitura sem relaxar, nem um pouco, a severa ruga da testa.

*Quase todas as tardes insiste em acompanhar-me durante meus passeios e você sabe que insisto em ocupar-me deles, durante várias horas, embora de momento vi-me obrigada a reduzi-los, visto que mamãe não consente que passeemos sozinhos, e impôs a Cassandra a irritante tarefa de acompanhar-nos. Imagina o constrangimento da pobre Cassie? A pequena logo se cansa, visto que ainda se mostra um pouco ressentida*

*pela recente enfermidade, por isso nos limitamos a passear ao redor da propriedade e retornar ao salão, onde mamãe parece pretender esquartejar o cavalheiro com o olhar. É uma situação cômica! Muito temo, querida amiga, que o dinheiro de além mar, não a convence em demasia.*

— Bem! — Byrne bateu nas coxas, corajoso. — Tudo parece indicar que nossa amiga se apaixonou. Um cavalheiro complacente, adulador e com possibilidades, bastou para abrandar seu exigente coração.

Charlotte deu um salto de surpresa e, cheia de horror, exclamou:

— Apaixonado, diz? Oh! Não, Por Deus, senhor Byrne! Permita-me corrigi-lo nesse aspecto. — Levou a mão ao peito e tentou aplacar o bombeamento frenético de sua víscera romântica. — Que um cavalheiro goze, de forma tão aberta, da admiração de minha amiga, não é, absolutamente, sintoma de amor de sua parte, mas sim, de um caráter imprudente e pouco dado ao comedimento. Acredite, Fanny Clark é incapaz de amar pela metade. O dia em que seu coração pertença a alguém, temo que não haverá canto da Inglaterra, e inclusive, da vizinha Escócia, que não esteja consciente disso.

— Se tão convencida está de suas palavras, por que me dá a impressão de que se sente tão preocupada com sua amiga?

O senhor Byrne percebera, sem dúvida, seu semblante lívido e seu lábio trêmulo. Charlotte ruborizou-se, levemente, e lamentou que seu acompanhante resultasse tão perspicaz em semelhantes circunstâncias. Passeou o olhar pela estadia com a intenção de que a florida visão do papel de parede, pintado, relaxasse um pouco a tensão que torturava-lhe o estômago.

— Preocupo-me com ela porque trata-se de minha melhor amiga, quase uma irmã para mim. Conheço seu caráter impulsivo e sua falta de prudência. Não me parece apropriado que se mostre, de forma aberta e tão a gosto, em companhia de um cavalheiro do qual não sabemos absolutamente nada. Resulta tão fácil infringir os códigos do decoro nestes tempos. Temo por ela, sim!

Byrne olhou-a com pesar e notável aflição. Não gostava de ver a senhorita Morton em semelhante estado de nervos, e estava disposto a fazer algo como forma de aliviar-lhe o sofrimento.

— Compreendo e acredito, que poderemos fazer algo a respeito, senhorita Morton. — Charlotte olhou-o esperançosa. — Devido a minha profissão, conheço muita gente. Posso assegurar que moverei quantos fios sejam necessários, com o intuito de averiguar algo sobre o cavalheiro em questão. Por sorte para nós, seria muito difícil que um estrangeiro passasse desapercebido, em uma sociedade como a nossa, não acredita?

Charlotte olhou-o transbordante de gratidão. Um leve vestígio de calma parecia ter retornado a seu rosto.

— Agradecê-lo-ia enormemente, senhor Byrne.

— Dou-me por satisfeito em ver este rosto bonito alegre. — Charlotte baixou o olhar e sentiu arder suas maçãs do rosto, ante o aquecimento motivado por um elogio pessoal.

Edmund Byrne sorriu e mostrou-se igualmente tímido. Era muito provável que estivesse tão pouco habituado quanto ela a um intercâmbio verbal de certa índole romântica.

— Não quero que pense que censuro o comportamento de Fanny, senhor Byrne. Estou certa de que, apesar de sua imprudência, na realidade não fará nada capaz de prejudicá-la. — Charlotte passeou o olhar pelo elegante mobiliário que adornava o salãozinho. — Trata-se tão somente de uma legítima preocupação pelo que o toque diário e um comportamento licencioso de parte do cavalheiro, possam conduzir. Não sabemos nada dele, e Fanny é uma jovem muito tentadora para qualquer homem do mundo. Sua riqueza de caráter, sua beleza e sua impulsividade convertem-na, em uma jovem muito interessante.

— Reitero que compreendo seu ponto de vista e seus afetuosos temores, senhorita Morton, mas, de toda a maneira, eu não me preocuparia em excesso. Vi à senhorita Clark mostrar uma eloquência e uma desenvoltura dialética admirável para considerá-la uma moça inteiramente indefesa. Existe um cavalheiro, ao qual ambos conhecemos, que poderia dar boa-fé da voluntariosa disposição de sua amiga.

Ambos sorriram ante a menção do senhor Hawthorne.

— Não é a luta verbal o que me preocupa, senhor Byrne — esclareceu Charlotte com um sussurro. — Quem de longe vem, mente como quer. Tenho medo do palavreado envolvente de um enganador.

— Vejo que está você muito disposta a pensar mal do cavalheiro em questão.

— Reconheço-o, sim — admitiu. — E isto que, jamais fui preconceituosa. Mas há algo nesse cavalheiro…

— Não se angustie. Asseguro que em poucos dias, teremos o passado

de Jarrod Rygaard desdobrado ante nossos olhos, como se das páginas de um atlas se tratasse.

— Agradecerei até o infinito. — Esboçou um sorriso amplo e eloquente para refletir com nitidez, sua gratidão. — E de minha parte, senhor, acredito que, também, devo interceder dentro de minhas possibilidades. É tempo de retornar a Sheepfold.

# CAPÍTULO 14

A senhora Morton não podia dar crédito ao que acabava de ouvir. Retornar ao Sheepfold? Nesse momento? Depois de tudo o que se fez?

Não restava a menor dúvida de que sua filha enlouquecera. Possivelmente se tratasse de uma virulenta febre estrangeira, capaz de fazer perder a razão a quem padecia dela, ou, possivelmente, acontecesse que a insensata da Charlotte abusara do licor de cereja, nos últimos tempos.

Pelo amor de Deus, somente ela era capaz de perceber quão nefasta resultava semelhante ocorrência? Será que a única mente racional, entre os membros de sua família era a sua? Seria retroceder o caminho! Somente a boba da Charlotte poderia ter ocorrido semelhante impropriedade! Retornar ao aborrecimento do campo, depois dessas frutíferas semanas na cidade, nas quais obtivera uma certa aproximação com o senhor Byrne que, embora não fosse nobre, era um partido aceitável, devido à distinta posição que conseguiu entre a elitista sociedade londrina! Além disso, estava claro, do estímulo que oferecia a confortável residência dos Byrne, muito bem situada em Londres, que em algum momento, o jovem herdaria. E Charlotte pretendia encerrar-se por vontade própria, em um lugar tão tedioso e aborrecível como Sheepfold? Intolerável!

Para surpresa da senhora Morton, Charlotte se mostrava mais enérgica do que nunca. Ela, cuja debilidade de caráter a levara, sempre, a deixar-se conduzir com os olhos fechados por sua mãe, erguia-se, nesse momento, como uma legendária heroína que liderava um povo e defendia, com energia, sua

postura, frente a seus progenitores.

O senhor Byrne permanecia de pé, em silêncio, apoiado desgracioso contra o suporte da lareira, enquanto Charlotte expunha, com ênfase, sua estudada argumentação. Serviu-se de um ato, muito ardiloso, ao solicitar-lhe que a acompanhasse durante essa incômoda conversa, porque a presença do jovem proporcionava-lhe um mudo, porém valioso, apoio.

Confiava a jovem de que a imprevisível senhora Morton, ao ser informada de seus propósitos, dominaria seu desgosto e sua irritação ante a presença do cavalheiro, em conta da grande esperança que pusera nele.

Tal como imaginara Charlotte, a senhora Morton permanecia quieta e rígida em sua poltrona, com os lábios franzidos e o olhar parado, de forma invariável, no senhor Byrne. Pretendia encontrar um leve indício de desgosto, no rosto do cavalheiro, ante o anúncio da partida, que tanto suplicava Charlotte, mas o moço não podia mostrar-se mais tranquilo, nem mais cômodo em sua posição de neutro espectador.

A senhora não conseguia entender semelhante máscara de indiferença. Será que acaso não corria sangue por suas veias? Será que para aquele jovem não importava nada, que sua Charlotte se afastasse de Londres, para encerrar-se a quilômetros e quilômetros de distância, em uma aldeia deixada pela mão de Deus? Ali, de pé, como um tolo, aquela loira esfinge de indiferença, contemplava a cena sem variar um mínimo, a lânguida expressão do rosto. Impensável!

O senhor Morton escutava com atenção a oratória de sua única filha que, sentada em frente a ele, pegava-o pela mão com carinho, enquanto

expunha seus argumentos. O velho coronel escutava-a com um ligeiro sorriso nos lábios, do início ao fim, também ele desejava retornar ao seu amado condado natal, onde podia desfrutar de tranquilos passeios a cavalo, ou caçar faisões em sua vasta propriedade, entretenimentos que já se converteram em saudosas afeições.

— Pai, será muito gratificante retornar para casa, você sabe que em Sheepfold temos bons amigos que nos esperam. — A senhora Morton deixou escapar uma bufada. — Além disso, resultaria muito agradável nos encontrarmos no campo, para a festa de maio, não acredita? Sempre desfrutamos de festas como essa, pai. Não acredito que você queira perdê-la.

Boa jogada, Charlotte!, disse interiormente. O coronel adorava as festas, o bulício, a música, as risadas despreocupadas dos meninos, os bocados de fígado, que a senhora Bates estava acostumada a preparar para esse tipo de reuniões. Resultaria muito fácil convencê-lo, se empregasse semelhantes argumentos.

A senhora Morton, ao ver-se irremediavelmente derrotada, decidiu voltar a inteligente desculpa de sua filha, a seu favor.

— Oh!, a festa de maio, certo, muito certo! — Todos os olhares se voltaram para ela, em especial o de Charlotte, que a observava com o cenho franzido e um inevitável halo de desconfiança, refletido nas pupilas. — Como pode passar-me por alto, uma data tão significativa para nós? — A seguir dirigiu-se ao senhor Byrne com seu sorriso mais adulador. — Os residentes do campo esperam, durante meses, a celebração de uma festa tão conhecida e encantadora.

Charlotte abriu a boca, como um peixe jogado fora da água. Não era capaz de acreditar nas hipócritas palavras de sua mamãe. Festa encantadora? Jamais vira a senhora Morton assistir a nenhuma das festas de maio, que foram celebradas em Sheepfold desde que usava a razão! De fato, a senhora Morton costumava qualificar tais reuniões, de selvagens, não cívicas e um atentado, brutal, ao bom gosto e, a moderação. O que pretendia agora com essa descarada mudança de atitude?

— Depois das celebrações de Natal, não dispomos de outra celebração que esperemos com maior ardor, — continuou a senhora, que se expressava com um tom desavergonhado e adulador. — Vocês, senhor Byrne, desconhecem este tipo de passatempo, visto que na cidade não é possível celebrá-los como é direito. Por isso, meu prezado senhor Byrne, não gostaria de obsequiar-nos, com sua apreciada companhia, em um evento tão encantador?

— Mamãe! — cortou Charlotte, completamente vermelha.

Sua mamãe atendeu-a com um olhar desafiador. Acaso aquela menina tola acreditava que ia sair-se bem? Jamais! Por sua vida que não permitiria!

— Charlotte, querida, não quererá arrebatar a nosso prezado senhor Byrne a possibilidade de desfrutar, pela primeira vez, de um acontecimento tão pitoresco?

— Mamãe — Charlotte mostrava-se mais que sobressaltada diante de uma deferência tão óbvia, — o senhor Byrne é um homem muito ocupado que…

— Receberemos-lhe como nosso mais querido e especial convidado! —

Insistiu a senhora Morton. — E poderá comprovar, pessoalmente, que a gente do campo desfruta dos pequenos acontecimentos, com o mesmo entusiasmo, que mostrariam se, se encontrassem no próprio St. James.

Edmund Byrne, que endireitara sua posição, no mesmo instante em que escutou seu nome na boca de tão inquietante dama, não pode menos que ruborizar-se, ao comprovar que todas os olhares permaneciam pendentes em sua pessoa. Balbuciou algo sem que as palavras chegassem a resultar perceptíveis, sorriu, em um gesto que resultava do mais bobo, e murmurou de forma atropelada:

— Será uma honra, acompanhá-los em tão bela ocasião!

Charlotte mostrou sua satisfação, com um sorriso tímido, enquanto a senhora Morton assentia satisfeita, ante o que considerava uma jogada magistral de sua parte. O coronel levantou-se do assento, com um esbanjamento de vitalidade, assombroso, levou as mãos ao volumoso estômago e sentenciou, com voz solene:

— Bem, partiremos todos, em alguns dias para Sheepfold.

*

Naquela mesma noite, Oliver Hawthorne descansava, ajeitado com comodidade em uma elegante poltrona tipo Windsor, escondido atrás da desordem de papéis e utensílios de tabelionato, que permaneciam dispersos sobre a superfície da mesa.

Vestia-se de modo informal, eximido, completamente, na intimidade de

seu escritório, da rigorosa etiqueta que sua condição exigia. Um requintado colete de brocado, completamente, desabotoado, camisa de linho arregaçada à altura do cotovelo, e um pescoço que se anunciava largo e forte com a ausência do laço, formavam a imagem mais atraente que um homem de proporções físicas, tão perfeitas, poderia oferecer.

De um ângulo escuro da estadia, Byrne observava-o enquanto agitava em sua mão, com suavidade, uma barriguda taça de brandy. O jurista permanecia sentado com as pernas cruzadas à altura do joelho e o olhar firme e imóvel na relaxada pose de seu amigo.

— Deveria descansar e comer algo, Hawthorne, está a horas enterrado atrás dessa bagunça de papéis. Conta com um administrador ao qual paga, generosamente, e com um amigo versado em leis, que se ocupam de realizar esse trabalho. — Deu um longo gole em sua taça. — Não é necessário que você mesmo, passe tanto tempo encerrado aqui.

— Sabe que eu gosto de revisar pessoalmente as contas das minhas propriedades. É algo que o antigo senhor Hawthorne inculcou-me, desde menino. — O cavalheiro deslizou seus longos dedos entre as grossas mechas negras de seu cabelo, e os penteou com indiferença. — Eu gosto de estar a par, de tudo o que acontece dentro de meus muros. Um homem deve ser consciente da procedência de seu dinheiro e aonde vai parar, quando abandona suas arcas.

— E é algo admirável de sua parte. A maioria dos grandes homens que conheço, não têm ideia, nem sequer das dimensões de suas propriedades. Mas você, velho amigo, não tem necessidade de queimar as pestanas à luz de uma

palmatória. Deveria relaxar mais e delegar para aqueles que lhe servem, porque o fazemos, com supremo gosto, certamente.

Oliver Hawthorne mostrou um sorriso satisfeito, mas não muito convincente.

— Cruzei-me com Taylor na minha chegada ao parque — disse de repente Byrne. — Posso perguntar o que fazia aqui? Entendi que não é a primeira vez que o visita, nas últimas semanas.

— Assim é, informaram-lhe bem.

Semelhante certeza não podia trazer nada de bom. Taylor era um dos homens de confiança do Hawthorne, uma espécie de espião, valentão e sanguinário, sem o menor pico de moral ou distinção, um rato sem escrúpulos que aquele cavalheiro amigo resgatara dos esgotos londrinos, para oferecer-lhe uma nova oportunidade, dentro de seus magnos muros. Ninguém sabia, exatamente, que missão levava a termo Taylor dentro de Hawthom Park, mas a julgar pelo aspecto enegrecido, olhos amarelos e o sujo sorriso trincado do sujeito, bem se poderia deduzir que se tratava de um capanga, um bandoleiro, sem escrúpulos, nem moral, ou, um dos assassinos briguento, com o qual, ninguém desejaria cruzar em um beco durante uma noite escura.

— Taylor trabalha para mim.

— Que tipo de trabalho poderia realizar um rato como ele? — Em seguida arrependeu-se de realizar semelhante pergunta, visto que, em sua profissão, era melhor permanecer na mais completa ignorância das atividades fora da lei.

— Taylor encarrega-se de me proporcionar informação sobre certa

presença não grata que pretendo manter longe de toda costa. — Esclareceu e fixou seus penetrantes círculos negros, nas pupilas vibrantes de Byrne.

— Presença não grata? Não entendo.

Mas Oliver Hawthorne não parecia sentir o menor interesse, em clarear as dúvidas de seu bom amigo. Não ao menos, nesse momento.

— Esqueça, não é nada que deva preocupar-se, nem que deva entender. — Byrne sorriu com cepticismo, visto que se sentiu relegado a um plano muito, muito longínquo. Estava claro que seu amigo não estava disposto a soltar o verbo. — Falemos de outra coisa.

— Do que deseja falar?

— Gozamos de um tempo admirável, Byrne — atravessou Hawthorne e mudou, completamente, de assunto. Organizemos uma pequena caçada no parque de Hawthom. Resultará uma agradável distração e um benéfico passatempo, visto que lhe garanto as bolsas, repletas de perdizes.

— Oh!! — Byrne compôs uma careta de desgosto. — Resulta imperativo que rechace seu oferecimento, meu amigo, muito a meu pesar! Amanhã mesmo, parto em companhia dos Morton para Sheepfold.

Hawthorne elevou uma sobrancelha e observou-o, em silêncio, contrariado. Alegrava-se de que a seu pouco perspicaz interlocutor, resultasse totalmente impossível perceber o violento salto que lhe dera o coração, ao escutar o nome daquele condado perdido em meio do nada.

— Que demônios? O que tem que fazer você naquele lugar esquecido pela mão de Deus?

— Pelo visto estão a ponto de celebrar a festividade de maio, conforme

explicou-me gentilmente a senhora Morton. — Esboçou um sorriso, absurdo, enquanto encolhia os ombros a modo de justificativa. — Sou seu convidado, — esclareceu. — Não pude me negar. — admitiu.

— Ora, a velha harpia quer assegurar-se de não perdê-lo de vista, nem um segundo somente. Ponto a seu favor! Pretendem convertê-lo em uma presa segura, Byrne: tome cuidado.

— Acredito que não me importaria cair prisioneiro da senhorita Morton.

Ambos sorriram. Hawthorne enlaçou suas grandes mãos sobre o requintado brocado de seu colete, enquanto observava seu amigo, com os mesmos olhos e o mesmo julgamento, com o que um irmão mais velho olharia a seu jovem e imprudente, irmão mais novo. Edmund Byrne tinha vinte e cinco anos, e ele fazia cinco que entrara nos trinta. Por força, sentia-se responsável por ele.

— E como é que sua querida senhorita Morton decidiu trocar as luzes da cidade pela quietude do campo?

— Foi algo completamente imprevisto, Hawthorne. A senhorita Morton recebeu correspondência faz alguns dias de sua amiga, a senhorita Clark. — Pela segunda vez o coração de Hawthorne, encabritou-se em uma isolada sístole, mortal. — Ali, informava-lhe de sua nova amizade, com certo cavalheiro, recém-chegado ao condado. Assunto que à senhorita Morton provoca alguma reticência.

Um cavalheiro? E quem diabos poderia ser esse estúpido cavalheiro?

— E a senhorita Morton encontra-se na necessidade moral de exercer

de preceptora? — Zombou e adornou suas palavras com um tom de voz, um tanto mais alto, e uma tão exagerada quanto mordaz, gargalhada. Em seu olhar refulgia um brilho estranho, quase sinistro, que o ingênuo Byrne foi incapaz de apreciar, mas que construíra, na expressão de Hawthorne uma mudança radical.

— Digamos que está preocupada com a segurança de sua amiga. O cavalheiro, pelo visto, é um forasteiro do qual, pouco ou nada, se sabe.

— Pobre incauto! — De repente, parecia mal-humorado, brusco, e falava com os punhos tão apertados que a pele se via esbranquiçada em alguns pontos, por causa da falta de circulação sanguínea. — Quem é esse infeliz que se atreve a desafiar à mortífera medusa em seu próprio lar? Pelo amor de Deus, que alguém o advirta da loucura que está a ponto de cometer!

Byrne fez ouvidos surdos àquela impropriedade.

— A senhorita Morton encarregou-me de investigar os antecedentes do dito cavalheiro, mas, por desgraça, não pude descobrir nada a respeito.

— Nada? Trata-se de um fantasma então?

— Nada — repetiu envergonhado. — Nem de bem, nem de mal. É como se o cavalheiro em questão tivesse surgido do nada. — Olhou para seu amigo com nervoso divertimento. — Possivelmente deveria encarregar a Taylor que indague sobre ele. Parece que é um trabalho que sabe fazer bem.

Mas o olhar de Oliver Hawthorne refletia que era uma péssima ideia. Taylor estava muito ocupado vigiando os passos de… Inalou ruidosamente. Muito ocupado para perder o tempo espiando a um estúpido pretendente de

Fanny Clark.

— Não tem nem sequer o nome desse infeliz?

— Sim, sabemos que é um americano que chegou na Inglaterra, no inverno passado. Um tal Jarrod Rygaard.

Hawthorne levantou-se com tanta brutalidade do assento que, levada pelo impulso, a poltrona saiu deslocando-se durante um breve trecho, até impactar com violência contra a parede. Apoiou ambas as mãos sobre o tabuleiro da enorme mesa do escritório e repousou nelas todo o peso do corpo. Se não fosse porque sabia que fora esculpida em carvalho maciço, Byrne teria assegurado que o móvel corria sério perigo de rachar, sob a feroz pressão daquelas prensas temíveis. Hawthorne respirava de um modo febril, quase ofegante, enquanto permanecia curvado e com o olhar fixo nos dispersos papéis do escritório.

Byrne assustou-se tanto, ante o comportamento impróprio de seu amigo, que deixou cair a taça de brandy, espalhando o conteúdo amarelo, sobre o rico tapete de nó espanhol.

— Jarrod Rygaard? — Hawthorne falava sem olhar a seu interlocutor. Byrne pôde apreciar, desta vez, a rigidez de sua mandíbula e o brilho homicida de seus olhos. — Jarrod Rygaard, diz?

— Sim, assim é. Conhece-o por acaso? Se possui alguma informação importante que queira compartilhar comigo, resultaria muito agradecido. Charlotte…

— Como é possível? Maldita seja, Taylor, incompetente do demônio! — bradou furioso e varreu, com um tapa, o conteúdo da mesa. Byrne, ao ver em

perigo sua própria integridade, levantou-se do assento, sem dar as costas a seu colérico amigo. — Isto não deveria acontecer! Não pode acontecer de novo!

— De que diabos está falando? O que é o que não deveria acontecer de novo?

Mas Hawthorne continuava enclausurado em seu próprio universo, em luta contra seus demônios que, a julgar pelo suor que salpicava a testa, e a tensão que lhe esticava o pescoço, deviam ser muitos e muito poderosos.

— Acaso não pago a minha gente para que faça bem seu trabalho? — Rugiu e atirou o tinteiro de osso contra a parede. — Acaso não deveria ter sido informado? Maldito Taylor, maldito inútil!

— Não entendo nada do que diz.

— Diabos, isto não pode estar acontecendo outra vez!

— Hawthorne, eu… Maldito seja!

Byrne deslocou-se lentamente, com as costas pegas à parede, sentiu-se a salvo no preciso instante em que sua mão roçou o trinco de porcelana, da porta. Hawthorne cravou seu olhar no rosto assustado e rosado de seu amigo, verteu sobre ele as virulentas labaredas de suas pupilas negras. Ante semelhante mudança de humor, em um cavalheiro sempre tão sério quanto comedido, Byrne só atinou a abandonar a estadia, com tanta pressa quanto seus cambaleantes joelhos lhe permitiram. Uma vez no corredor, pode ainda perceber o estrondo de vários móveis que eram atirados com violência contra o chão e alegrou-se de ter-se colocado a salvo. A saída não fora covardia, mas, sim, precaução.

# CAPÍTULO 15

Fanny permanecia sentada no banco da cozinha, com o olhar abandonado em um ponto, que apenas se podia divisar, através dos diminutos quadriculados que formavam os vidros da janela. Encontrava-se tranquila, relaxada, e deleitava-se com a aprazível visão que lhe ofereciam as curvas do caminho, que discorria solitário, da grade da velha reitoria até o povoado de Sheepfold.

No exterior, um sol matreiro abria caminho com acanhamento entre as nuvens depois de várias horas de garoa primaveril. O jardim, salpicado de fragrantes canteiros de flores e lavandas silvestres, parecia resplandecer com uma intensidade deslumbrante, enfeitado com pequenas gotas de chuva pendentes, que brilhavam como diminutos cristais dispersos sobre as folhas e as pétalas. O aroma de terra molhada, resultava embriagador no meio do festival de cores avivadas, e fragrâncias intensificadas depois da chuva revitalizadora.

A lavanda parecia estender, ansiosa, suas espigas e elevava-se para o infinito em arrogante amostra de altivez, enquanto as flores de cera, prímulas e camélias atraíam a um nutrido grupo de voadores, de todo tipo e cor. Na janela, um pequeno rouxinol sacudia a plumagem, enquanto se sustentava em engenhoso equilíbrio sobre uma de suas finas patinhas.

No pátio, Cassandra corria atrás dos gansos, que em louca e atropelada corrida fugiam na ponta de suas membranas, com as asas abertas e emitiam escandalosos grasnidos de protesto. A menina, enlameada até os joelhos, batia

palmas e elevava os braços ao céu para encurralá-los, enquanto ria com alegria. Procurava, a cada instante, o olhar cúmplice de Fanny, além dos escuros vidros da janela, através da qual a jovem observava seu pequeno mundo cotidiano.

Procurara de propósito a quietude da cozinha, sabendo que sua mãe não estava acostumada a frequentar esse espaço da casa. Protegida por um puído avental de linho, sobre o primeiro vestido de verão que encontrara em seu baú, confeccionado em tecido vichy em quadrados rosa, muito pequenos, com mangas à altura do cotovelo, descascava ervilhas para a guarnição do jantar. Era uma tarefa cômoda que permitia-lhe abandonar-se a suas íntimas sensações, e além disso, proporcionava a Jane, liberdade para realizar outros trabalhos.

Os gemidos de Cassandra a afastaram, brutalmente, de suas reflexões. A menina golpeava, com insistência, os vidros do exterior, pregava o sardento nariz ao vidro e deixava seu perfil impresso num bafo, enquanto alongava um braço e assinalava para o caminho.

— É Charlotte, Charlotte veio nos ver! — A pequena ria feliz e dava saltos em frente à janela.

Fanny desatou o avental, rapidamente, e deixou-o esquecido sobre o respaldo da cadeira para correr ao encontro de sua amiga.

Atravessou o pátio com a saia entre as mãos, espantando a seu caminho aos já, por si só, alterados gansos, e ao chegar à velha grade, se deteve em seco, e usou uma mão a modo de viseira. Era certo! Aquele era, sem dúvida, o caminhar lânguido de Charlotte! Além disso, nenhuma outra jovem, com dois

dedos de juízo, se vestiria desse modo, salvo Charlotte. A jovem usava um vestido cor beterraba, que emitia ligeiros toques avermelhados, quando a luz caía de forma oblíqua sobre ele e um chapéu de aramado em tons bordô, do qual emergia a cauda de um pavão, aberta em toda sua amplitude.

— Fanny! — Charlotte olhou-a enternecida. Esboçou um débil sorriso e conteve uma onda de lágrimas delatoras. A senhorita Clark, entretanto, deixou para trás toda contenção, para equilibrar-se sobre sua amiga, em um efusivo abraço que a fez cambalear. — Fanny, cuidado, destroçará o meu chapéu! Esqueci-me do quão impulsiva é!

Fanny tirou as mãos, para observá-la com liberdade. Embora tivesse proposto, não poderia mostrar-se mais satisfeita com a presença de sua amiga.

— Oh!, Charlotte, não posso acreditar, está aqui! E nem sequer me avisou! — Franziu o cenho com fingida reprimenda. — Não posso acreditar no pouco de consideração que tem com sua amiga da alma! Ou acaso, já substituiu seus afetos para transpassar a alguma melancólica dama da capital?

Charlotte olhou-a como se tivesse passado um lustro da última vez em que se viram.

— Preferi fazer uma surpresa e, à vista de seu recebimento, vejo que consegui.

— Não sei o que me surpreende mais: sabê-la enfim em casa, ou, a presença desse pobre peru sobre sua cabeça. — No rosto de Charlotte apareceu um sorriso. Ouvi no povoado que se esperava a volta de sua família dentro de alguns dias, mas não podia dar crédito. A senhora Morton renunciando aos prazeres da cidade? Impensável!

Charlotte sorriu uma vez mais.

— Acabamos de chegar, querida. Os serventes ainda estão descarregando nossos baús. Quis passar e vê-la antes de me instalar. — Olhou ao redor com ar sonhador. — Alegra-me estar de novo em casa.

— E a mim tê-la aqui! Senti tanta saudade! — Agarrou com mais força as mãos de sua amiga para afastá-la pelo caminho. Charlotte deixou-se guiar satisfeita. — Os dias se faziam eternos sem minha amiga da alma!

— Não sei se deveria acreditar — reprovou Charlotte, de repente séria e em um claro tom de reprimenda. — Temo que esteve muito ocupada para sentir falta de sua pobre Charlotte.

— Como pode dizer algo assim? — Quando considerou que se encontravam em uma paragem, o bastante isolado de olhares e ouvidos indiscretos, Fanny obrigou-a a sentar-se a seu lado sobre uma macia colcha de urzes em flor. — Diga, Charlotte, por que retornou tão cedo? Ao final, as coisas com o senhor Byrne não foram bem? Não diga que retorna decepcionada!

— Oh! Não, querida! As coisas saíram bastante bem, graças à eterna imprudência de minha mãe. O senhor Byrne chega nesta mesma tarde. — Fanny arregalou os olhos em conjunto com o exagerado vazio que formou sua boca. — Nos visitará por um tempo indeterminado.

— Que boa notícia, amiga, o prezado senhor Byrne em Sheepfold! — Enrugou o nariz e deu rédea solta aos maliciosos pensamentos que buliam na cabeça. — Deve gostar muito de você, se consentir em conviver com sua mãe sob um mesmo teto e por um tempo indefinido!

Charlotte inclinou a cabeça, voltou-a para um lado e começou a brincar com as florezinhas em relevo, de seus sapatos.

— Você acredita? — Seu rosto tornou-se cor púrpura. — Frequentemente me olha como se estivesse a ponto de dizer-me algo muito importante, mas nunca o faz. Não sei o que pensar, Fanny.

— Não tem que pensar nada, Charlotte, são eles que devem fazê-lo! Nós, por desgraça ou por sorte, tão somente, temos a irritante obrigação de esperar de que eles se decidam a dar o passo.

— Mas eu não desejo esperar eternamente.

— E duvido de que tenha que fazê-lo! — Fanny arrancou uma das diminutas flores do brejo, para aproximar do nariz e aspirar seu aroma. — O senhor Byrne é tímido e reservado, mas aposto meu melhor vestido de musselina, de que não permanecerá em silêncio durante muito tempo mais. Recorda que aqui, conta com o inconveniente de ter que suportar a sua mãe, durante todas as horas do dia. Considero que se seu senhor Byrne não raptá-la, em plena noite, em menos de uma semana, não vale a pena ser levado em conta.

Charlotte abriu a boca, incapaz de articular palavra.

— Fanny, não posso acreditar no que disse!

— E se a impaciência ganhar, minha querida Charlotte, não duvide em agradá-lo. A paquera é nossa arma de sedução mais sutil, ajuda-nos a progredir nos afetos de um cavalheiro sem necessidade de degradar-nos tomando a iniciativa.

— Fanny, temo que não saberia agradá-lo mais. Duvido muito de que

possa oferecer-lhe uma visão mais nítida de meus sentimentos.

— Estou certa de que sim, saberia agradá-lo mais — sussurrou, enquanto piscava-lhe um olho.

— Fanny! — recriminou horrorizada.

— Por desgraça, frequentemente o acanhamento pode ser confundido com indiferença ou desinteresse. Qualquer cavalheiro, por mais que professe uma inclinação terna e devota por uma dama, ante a falta de incentivos por parte dela, acabará por desistir de seus propósitos, em menos de uma semana. Não me pergunte porque, mas precisam ser agradados, querida Charlotte.

— Confio em que o senhor Byrne não encontre meu acanhamento muito desinteressado.

— Estou segura de que não o fará. E agora, sério, Charlotte, por que está aqui?

A jovem corou, até o próprio nascimento do cabelo. As seguintes palavras surgiram como a confissão de um penitente:

— Estava muito preocupada com você.

Fanny a observou com o cenho franzido, sem entender. Apanhou as mãos de Charlotte entre as suas.

— Preocupada? Acaso corro perigo? E de que modo poderia ser?

— Sua última carta me afligiu muitíssimo. Falava desse cavalheiro em um tom tão íntimo…

Fanny pareceu compreender e ofereceu-lhe, imediatamente, o que pretendia ser um sorriso despreocupado que, em que pese a seus esforços, não conseguiu ir além de uma patética careta de incredulidade.

— Não pode considerar-me tão em perigo, não é verdade? Não sou tão volúvel, Charlotte.

— Temi que corresse perigo seu juízo. Às vezes é tão…

— Acredita que qualquer cavalheiro adulador e complacente me faria sucumbir como uma tola? — Um sorriso cético apareceu no rosto em clara amostra de decepção. Acreditei que me supunha mais firme.

— Isso mesmo disse o senhor Byrne.

— Mas, como? Falou de minha amizade com o senhor Rygaard? — Parecia estupefata, porém, não muito zangada. Mais ainda, poderia dizer-se que existia um halo de divertimento em sua voz. — Oh! Charlotte, pelo amor de Deus! Toma-me por uma criaturinha indefesa em sério perigo de ser seduzida! Que tragédia tão horripilante! — Levou o dorso da mão à fronte, para interpretar com perfeição o papel de dama desolada caída em desgraça. — Resulta completamente terrível para mim e para minha reputação!

Charlotte olhou-a carrancuda.

— Alguma vez levará algo a sério, Fanny Clark?

Fanny levantou-se de um salto, alisou a saia e sacudiu as folhas aderidas ao tecido. Ofereceu, ambas, as mãos a sua amiga, para ajudá-la a levantar-se. No cabelo, sobre a pálida têmpora, colocara um pequeno ramalhete de flores de urze.

— Para que fique mais tranquila, querida Charlotte, direi que houve um tempo possivelmente inclusive antes de conhecê-lo, quando a ideia de sua chegada a Sheepfold resultava um grato estímulo em minha vida, que eu gostei do senhor Rygaard e que inclusive, sonhei com a ideia de sentir-me

unida a ele. Mas a algumas semanas, amiga minha, esse deslumbramento cessou. Não me pergunte porque cessou, possivelmente foi o caráter desavergonhado e adulador do cavalheiro, ou, possivelmente, minha aversão pelas relações carentes de amor, mas o caso é que por sorte cessou. Atualmente, nada dele me importa mais que sua condição de hóspede de minha família e bom amigo de Ian.— Charlotte, com uma impetuosidade estranha nela, beijou-a com o rosto banhado em lágrimas de alegria. — Voltemos para casa, minha querida Charlotte, Jane preparou bolachas de sésamo, e Cassandra, temo, desejará crivá-la de perguntas.

*

— Quem é esse jovem que acompanha Charlotte Morton? — A senhora Clark bisbilhotava por trás das cortinas do mirante, que proporcionava luz à sala de chá. Mantinha os lábios franzidos com severidade e os olhos entrecerrados em sinistra abertura, enquanto via aproximar-se, o incomum casal. Fanny e Cassandra observavam divertidas a cena do mirante contiguo. — É seu prometido? — Olhou sua filha e a fulminou com o que subtraía de seus mortíferos olhos. — Fanny Clark, diga que não é seu prometido!

— Não é, mamãe. — Fanny olhou para Cassandra e cochichou-lhe ao ouvido: — Ainda não, mas, logo será.

Ambas, as irmãs, tentaram dissimular, em vão, suas risadas cúmplices.

— E como é que veem a uma hora tão inapropriada? Charlotte deveria saber que as horas de visita são sempre entre as doze e as três horas do dia, e

já são, quase, quatro! Fora desse horário qualquer visita resulta um autêntico desconforto.

— Mamãe, o cavalheiro acaba de realizar uma longa viagem de Londres e me consta que esta é a primeira casa da vizinhança que visita, desde sua chegada. É toda uma amostra de deferência de sua parte, que nos visite com exclusividade, depois de um trajeto tão longo.

— De Londres, diz? — A senhora esboçou então, um sorriso licencioso enquanto tentava assimilar a feliz informação. — E a nossa é a primeira casa que visita! — Abandonou seu posto de vigilância para aproximar-se de Fanny e persegui-la, enquanto a segurava com energia pelo cotovelo. — Deve mostrar-se atenta com ele, querida, você é cem mil vezes mais bonita que essa gordinha de tornozelos grossos e porte cavalar! E olhe-a, olhe-a, que vestido traz! Seda escarlate brilhante, com o qual pareceria qualquer vulgar meretriz!

— Mamãe, não tenho o menor interesse no senhor Byrne! — Fanny não podia deixar de sorrir ante os patéticos intentos celestinescos de sua mamãe. — Faz apenas um mês que me recomendava que fosse amável com o senhor Rygaard e me assegurava que era um partido excelente, acaso mudou de opinião? Será que alguma vez vai cansar? — Fanny falava, sem desviar o olhar do itinerário do casal que já se encontrava em frente ao portão principal.

— Será que uma mamãe devota não pode equivocar-se? — Olhou de um lado a outro, antes de sussurrar: — O senhor Rygaard não é inglês, querida, de pouco nos serve seu dinheiro se ao casar com ele não consegue realizar um bom matrimônio. — Adicionou em tom de confidência: — Em St. James não apreciam, muito, o dinheiro de além-mar, além disso, o dele, temo,

está cheio de flocos de algodão. Alegra-me que afinal, não depositasse seus afetos nele.

— Acaso aspiramos ao St. James, mamãe, e não fui informada de forma devida? Como pode ser isso! — Fanny não podia dissimular seu ceticismo, enquanto Cassandra ria baixo, agarrada a sua saia. Parece que se esquece que somos tão pobres quanto os ciganos.

A senhora Clark, horrorizada, dispunha-se a replicar, quando Jane irrompeu na salinha, secando-a umidade das mãos em um avental descolorido.

— A senhorita Morton e o senhor Byrne, senhora, — anunciou.

O casal cruzou a soleira e todos os presentes saudaram-se com as correspondentes cortesias de praxe. Fanny e Charlotte intercambiaram um olhar cúmplice, enquanto a senhora Clark, trabalhava em excesso para oferecer assento a seus convidados e pedir a Jane que retornasse com o serviço de chá e um prato de bolachas recém produzidas. Desculpou-se, com ardor, ante o senhor Byrne, que na realidade era o único que lhe importava daquela visita, pela ausência de seu marido e seu filho mais velho, visto que ambos saíram naquela tarde, em companhia de um convidado recente, a caçar pelas cercanias da reitoria e ainda não haviam retornado.

Edmund Byrne mostrou-se um tanto tímido na presença daquela mulher tão parecida com a senhora Morton, e cuja desmedida eloquência resultava impossível abrir a boca.

Contudo, conseguiu elogiar o confortável da estadia, a boa disposição da habitação de frente para o jardim, a elegante queda das cortinas, a pitoresca

e aprazível imagem que oferecia o condado e, é obvio, a deliciosa maciez daquela bolacha recém produzida, o que acabou por agradar, sobremaneira, à velha senhora Clark, que não fazia outra coisa mais, que afundar o queixo no minucioso gorgorão, de seu vestido, enquanto sorria uma e outra vez, tão orgulhosa, quanto satisfeita.

Do mesmo modo, o senhor Byrne alegrou-se de encontrar às Clark, bem de saúde, sobretudo à senhorita Cassandra que fora a doente mais recente, e de ter conseguido visitá-las, antes de instalar-se no lar de seus amáveis anfitriões.

Conversaram a respeito de assuntos banais, como a climatologia e o estado dos caminhos, e fizeram vagas alusões à festa que breve se celebraria no condado. Fanny encontrou Byrne de muito bom humor e sinceramente, encantado de voltar a vê-la depois de várias semanas de ausência. Parecia também sincero nos elogios a Sheepfold, o que fazia crescer nela sua simpatia para com o jovem letrado.

Quando partiram, a senhora Clark não poderia mostrar-se mais satisfeita com o cavalheiro. Ao fim e ao cabo, não infringiram nenhum código de boa educação, ao não exceder a visita aos quinze minutos de praxe.

# CAPÍTULO 16

Oliver Hawthorne sentiu-se, de repente, o mais estúpido dos homens. Ali estava, um dos mestres mais poderosos do reino, com as ponteiras de seus sapatos novos salpicadas de barro e a bainha da calça completamente estragada.

Fora um grande acerto, dadas as circunstâncias, prescindir de Maverick, seu fiel ajudante de câmara, visto que o bom servente teria se horrorizado ante a pobre visão que seu senhor oferecia nesse momento, tão desalinhado e com um traje, totalmente inapropriado para a ocasião.

Os Derby são dignos de qualquer salão inglês, senhor, mas não apropriados em uma jornada através do campo, diria o bom homem e olharia com desaprovação os emplastros de betume, de terra e barro que profanavam tão rico couro.

Sim, era evidente que seria melhor ter calçado botas de montar ou, ao menos, um calçado mais apropriado para um entorno tão hostil. Assim raciocinou quando seus pés se afundaram pela enésima vez em uma profunda poça do caminho.

Além disso, para infortúnio pessoal, fazia um calor diabólico, pegajoso, almiscarado, por causa da umidade que pesava no ar e que atraía, de um modo inquietante, a um grande número de mosquitos e varejeiras. De fato, a atmosfera daquele maldito lugar parecia cheia de animais.

Tirou a jaqueta e jogou-a ao ombro em um gesto informal. Afinal, encontrava-se em meio do nada, perambulava como um simples camponês,

mas vestido, ridiculamente, como um grande senhor. Nunca a elegância resultara tão inapropriada como nesse momento!

— Diabos! — Blasfemou mal-humorado. Um arbusto invasor acabava de arranhar o fino tecido de sua camisa e causara um largo arranhão sangrento. Grossas gotas de suor banhavam-lhe a nuca, deslizavam-se em vertiginosa descida pelas costas, e percorriam o profundo canal de sua coluna em improvisada carreira.

— O que está fazendo aqui, Oliver? — grunhiu enquanto esmagava uma molesta mosca contra a rigidez de sua nuca.

Teve que admitir que fora uma péssima ideia viajar a Sheepfold sem ter avisado a ninguém. Melhor dizendo: fora uma péssima ideia viajar a Sheepfold. Ponto. Que diabos fazia ali? Ignorava-o. Mas quando Edmund Byrne informara-o de sua intenção de passar um tempo no campo, como convidado especial dos Morton, o coração dera um salto. E já não houve paz para sua pessoa, nem maturação para sua mente.

Sentia, sabia, que devia apresentar-se naquele lugar remoto e assegurar-se pessoalmente de que Fanny Clark não corria sério perigo de ser desonrada de forma pública. Somente assim permaneceria tranquilo.

Esse maldito Rygaard!

Mas, por que razão precisava velar por aquela insólita criatura? Por que sua segurança resultava imperativa para ele? Afinal, Fanny Clark não era mais que uma criatura insolente, insuportável e desbocada, absolutamente à altura de sua condição. Não queria nem pensar no que discorreria pela mente da senhora de Hawthom Park se o visse aparecer com essa desrespeitosa criatura

pendurada no braço. Sem dúvida a jogaria de seus domínios a vassouradas e entre grandes alaridos.

Que alguém tire da minha frente essa descarada!, gritaria fora de si. Não penso tolerar, um segundo mais, a uma criatura que se expressa com semelhante resolução, além de carecer de alguma dignidade em seu sobrenome!

Hawthorne torceu os lábios em um perverso sorriso inclinado.

Por outro lado, a simples visão da jovem, com seu narizinho insolente e seu queixo arrogante elevado, para um possível enfrentamento com a grande Dragona proporcionava-lhe, uma certa satisfação. Estava certo de que a intrépida Fanny Clark não se intimidaria um mínimo ante a antiga matriarca. É mais, até seria capaz de enfrentá-la, até fazer cambalear a intocável base sobre a qual se elevava a régia senhora de Hawthom Park.

Um fugaz sorriso apareceu no seu rosto e adornou tão desatinada ocorrência. Que orgulhoso se sentiria de que uma criatura de aparência tão frágil, demonstrasse semelhante valentia ante a rainha do gelo!

Chegara ao condado nessa mesma manhã em seu landó, acompanhado tão somente pelo chofer e um de seus mais jovens lacaios. Não queria despertar expectativa entre os populares com sua presença, esperava que nem o escudo familiar, esculpido luxuosamente, nas portinholas, nem a discreta elegância do veículo, chamassem a atenção da tosca gente do campo. Não queria suportar elogios, nem adulações, estava farto de tanta estúpida pieguice.

Enviara o jovem servente a única hospedaria do povoado para que

acomodasse seus pertences na melhor habitação disponível. Ele, enquanto isso, abandonara a carruagem no primeiro cruzamento do caminho, para continuar o percurso a pé. Desejava descobrir a beleza arrebatadora que a senhorita Clark elogiava de forma constante em suas conversações. Embora, no momento, tão somente conseguira encontrar um poderoso predomínio de tons verdes e marrons, em qualquer lugar que olhasse. E um insuportável número de mosquitos, por toda parte.

Um cadencioso cantarolar feminino o fez esquecer, por um momento, seu mau humor. Não sabia de onde procedia ou, se por acaso, eram as próprias árvores que emitiam tão deliciosa melodia, porque a voz parecia vir, justamente, por entre a mata. Fechou os olhos e continuou escutando. Mesclada com a inquietante pulsação que os grilos davam de presente à paisagem, a voz cadenciosa, quase celestial, entoava uma canção popular escocesa, com perfeita entonação. A julgar pelo cenário no qual encontrava-se, bem poderia supor-se que se tratava de uma ninfa dos bosques, ou de uma dríade escondida entre a floresta. Sorriu internamente ante tão pueris maquinações.

Um murmúrio de folhagem ao ser desviado, chamou sua atenção para uma lateral do caminho. E então a viu.

Fanny Clark surgiu dentre a mata, usava um vestido em tom rosa pálido, cuja saia estava presa por um delicado broche, à altura de seus apreciáveis quadris. Usava o cabelo um pouco desarrumado e várias mechas, escapadas das forquilhas, caíam em moldura informal, em ambos os lados do rosto, que permanecia pintado com o adorável rubor, proporcionado pelo

exercício recente, de um dia de agradável temperatura. Seus adoráveis olhos mostravam um brilho tão intenso quanto o da espessa folhagem que servia de vívida aquarela.

Transcorreram vários meses desde a última vez que os olhos de ambos se encontraram, em um cenário muito distinto. Apesar disso, a imagem da jovem seguia tão vívida na cabeça do cavalheiro, que parecia ter sido ontem, que ambos coincidiram, em um elegante salão da capital. Para grande alívio de sua pessoa, e infinito deleite de sua alma, pôde comprovar que aquela criatura ímpar e descarada, seguia em posse de um adorável rosto, ornado com um queixo insolente e lábios cheios, rosados e entre abertos nesta ocasião, ante a surpresa que acabavam de sofrer. Nas mãos levava um ramalhete de mimosas recém colhidas.

Oliver Hawthorne recompôs-se da surpresa rapidamente, e comprovou como a jovem também passava nos escassos segundos, da impressão mais sobressaltada ao mais brutal desconserto. A senhorita Clark desviou o olhar. Por um momento, fez gesto de ignorá-lo e prosseguir seu caminho, mas, por fim, sua consciência obrigou-a a realizar, não sem certa chateação, a conhecida reverência, antes de expressar-se com voz entrecortada.

— Senhor Hawthorne, que inesperada surpresa encontrá-lo aqui. — Por desgraça em seu tom não existia o mais leve indício de amabilidade ou surpresa. Melhor parecia um tutelado pouco aplicado, recitando, preguiçosamente, a lista dos monarcas ingleses.

— Vim… queria… hum… Sua família encontra-se bem de saúde, senhorita Clark?— Fanny olhou-o, completamente, contrariada.

— Oh!, Sim, muito bem, obrigado.

Conhecia muito bem as normas básicas de educação, segundo as quais, se um cavalheiro não dispunha de assunto de conversação com a qual dirigir-se a uma dama, se limitaria a interessar-se pela saúde dos pais, por pura cortesia, ou, a intercambiar opiniões sobre o tempo. Pareciam encontrar-se, sem dúvida, em uma daquelas incômodas situações que não levavam a nenhuma parte.

— Parece que gozamos de um clima bastante aprazível, — comentou Hawthorne, em tom ligeiro e com um enigmático sorriso.

Oh!, Estupendo, senhor Hawthorne, parece estar disposto a cumprir todos os parâmetros das normas de urbanidade, muito a meu pesar!

Fanny revirou os olhos e decidiu que o melhor seria colocar fim a tão incômoda situação, mediante qualquer desculpa que permitisse-lhe livrar-se daquele presunçoso o quanto antes.

— Foi um prazer poder saudá-lo, senhor Hawthorne. — Fez uma ágil reverência para ocultar os rubores que eram consequência de tão torpe embuste. — Lamento não poder deter-me, mais, devo retornar a casa imediatamente. Que você tenha um bom…

— Acompanho-a, senhorita, se me permitir isso! — Interrompeu o cavalheiro de forma atropelada, quando a senhorita Clark se dispunha a deixá-lo para atrás.

Fanny olhou-o e sentiu-se muito contrariada. Aquela esfinge de indiferença oferecia-se para caminhar com ela?

— A minha casa?

— Até onde você considere oportuno! — Persistiu o cavalheiro com estranha urgência. Ante o cenho franzido de Fanny, argumentou: — Por favor, insisto em que permita-me acompanhá-la.

Fanny olhou-o com desconfiança. Que diabos pretendia?

— Está bem, caminhemos então. — Olhou de soslaio a bainha da calça do cavalheiro, assim como os enlameados sapatos de couro, e encontrou-se com sérias dificuldades para conter a risada. — Sempre e quando você for capaz de seguir-me.

— Não me subestime, senhorita Clark, — cortou o cavalheiro ao perceber o satírico olhar com a que aquela criatura mordaz descobrira suas fraquezas. — Advirto-a que sou um esportista praticante.

— E eu, advirto-o de que este não é um de seus elegantes campos de críquet, senhor, mas, sim, a natureza em todo seu esplendor.

Caminharam, vários minutos, envoltos em um incômodo silêncio, perturbado tão somente pelos tapas ocasionais que o cavalheiro propinava aos voadores que pousavam sobre sua umedecida nuca e, pelas sussurradas risadas da jovem em resposta a semelhante gesto.

— Senhor Hawthorne, não acredita que deveríamos conversar sobre algo, por mais estranho que pareça o assunto? Isso ajudaria que nosso passeio resultasse mais agradável.

— Pessoalmente devo confessar que agrada-me o silêncio, senhorita Clark, e tenho por norma não rompê-lo, se minhas palavras não são capazes de melhorá-lo.

Fanny sorriu, embora o sorriso não refletisse seu verdadeiro estado de

ânimo. Não seja idiota! Dizia-o por pura cortesia, importa-me, bem pouco, o que você tenha a dizer.

— Temo que você seja regido por muitas normas. — Afogou sem dissimulação outra risadinha mordaz, ante a imagem que oferecia o cavalheiro, que caminhava a seu lado, com toda a penosa dignidade que lhe permitia, a enlameada vestimenta, o cabelo revolto, a face empapada de suor e o intrépido ataque dos mosquitos.

Ofendido, Oliver Hawthorne se deteve em seco, ao fazê-lo sua estatura minguou de forma notória. Para sua desgraça, acabava de afundar-se até os joelhos, em uma profunda vala do caminho, que à primeira vista imaginara bem superficial. Soprou frustrado ante as circunstâncias e, sobretudo, ante a atitude da jovem, que inclinou a cabeça e voltou-a para um lado para esconder com fingida dissimulação, seu divertimento.

— Sim, eu gosto das normas, — confirmou mal humorado, enquanto lutava por tirar os pés, do profundo atoleiro. — Eu gosto que as coisas discorram, sempre, segundo o previsto. Desprezo, de forma profunda, toda desordem de caráter. O seu, senhorita Clark, — Fanny de repente tornou-se séria ao sentir-se aludida, — resulta extremamente desordenado.

Depois de apenas meio segundo de reflexão, Fanny recuperou o sorriso, desta vez sem o menor indício de recato. Suas mãos revoaram para suas costas, para ocultar-se sob a considerável laçada do vestido, enquanto inclinava-se para o cavalheiro e iniciava um provocador e inquietante baile, riscando círculos ao redor do senhor Hawthorne, que continuava, em vão, a luta para conservar a dignidade.

— Se tão desordenada resulto, talvez deveria partir e deixá-lo aqui, sozinho, no meio do bosque, — ameaçou com insolência, queixo no alto.

Hawthorne cessou de fazer dramalhões e fulminou-a com o olhar. Se suas pupilas fossem dotadas, naquele momento, com o dom de algum poder sobre humano, com certeza escolheria o de fulminá-la.

— Não se atreveria!

— Oh!, Sim, é claro que sim! — Sem deixar de sorrir, continuava desenhando amplos círculos em torno de Hawthorne, que a observava, de dentro da armadilha de lama, totalmente carrancudo. Entretanto, tal sorriso era uma ineficaz máscara para seu aborrecimento real. — Estou certa de que alguém acabaria encontrando-o antes de que a noite feche sobre sua cabeça. Ou, pode ser que não. Diz-se que nesta parte da Inglaterra são abundantes os grupos de salteadores que dedicam-se a roubar às carruagens de passagem. Estou certa de que encontrariam uma valiosa bota, de cano longo, em sua vestimenta senhor Hawthorne, por mais enlameada que apareça agora.

Hawthorne comprimiu os punhos aos flancos até que os nódulos tornaram-se lívidos.

—Não será você tão mesquinha para deixar-me a mercê dos ladrões, não é verdade?

— O que se pode esperar de uma vulgar amazona, acostumada a montar asnos e ovelhas?

Ele tentou vencer sua raiva e lançou um chute ao chão, temeridade que esteve a ponto de provocar-lhe uma indecorosa queda de bruços, devido a que, ambos, os pés permaneciam presos naquela armadilha de barro.

— Desconhecia que você fosse tão rancorosa, pelo amor de Deus!

Fanny se deteve, de braços cruzados com firmeza sobre o peito. Tentou compor uma careta severa, mas era tal a diversão que sentia, que quase não podia conter a gargalhada.

— E além disso, possuidora de um caráter muito desordenado, não o esqueça.

— Deixe de palavrório e me ajude a sair daqui! — bramou o cavalheiro que já começava a perder os estribos. — Exijo!

— Exige-me isso? — Fanny negou com a cabeça, em um provocador gesto zombeteiro. — Parece-me, senhor Hawthorne, que não está em condições de exigir grande coisa.

Dito isso deu meia volta e reatou o caminho com graciosos saltinhos, com as mãos as costas e um amplo e satisfeito sorriso desenhado no rosto.

— Senhorita Clark, volte aqui, imediatamente! — O tom irado de Hawthorne contrastava com as grotescas tentativas, em sua luta, por abandonar aquele inferno de lodo e terra. — Volte aqui de uma maldita vez!

Mas Fanny não voltaria. Abandonar àquele presunçoso no bosque, era seu particular e efetivo modo de vingança. O melhor castigo para obrigar àquele tolo a submeter-se a uma imperiosa lição de humildade. Neste momento, encontravam-se em seu terreno, longe dos elegantes salões londrinos e sem todo aquele ridículo bando de periquitos e perus reais, que faziam coro a seu estúpido herói. Por sua vida que aquele tolo pagaria seus antigos desplantes um por um!

Entretanto, não caminhara mais de dez minutos, em solidão, quando

reconheceu as suas costas, uma respiração ofegante e o desagradável som ocasionado pelo calçado encharcado, ao caminhar.

— Vejo que conseguiu sair sozinho do atoleiro. Felicito-o, — comentou sem afrouxar o passo, nem voltar o olhar para atrás. Sua voz denotava um claro tom de brincadeira.

— Você é maquiavélica! — Declarou Hawthorne e conseguiu situar-se enfim à mesma distância, que a jovem. Parecia suado, sem ar e manchado de barro dos pés à cabeça. Me deixaria lá, sozinho à mercê dos salteadores?

— E dos lobos… — completou, sem deixar de rir.

— Mas também existem lobos neste maldito lugar?

Fanny mordeu o lábio inferior e sentiu extremamente ofendida. Sem dúvida nenhuma, aquele ogro não lhe inspirava a menor lástima. Se dela dependesse, podia apodrecer no inferno desse preciso instante e até o fim de seus dias! E que dez mil demônios ociosos cravassem suas, nobres nádegas, com tridentes bem afiados!

— Não seja ridículo! — espetou. — Faz muito tempo que não existem lobos na Inglaterra!

Um denso silêncio fechou-se, em seguida, sobre eles e perpetuou-se ao longo de um bom pedaço. Ainda faltava alguns quilômetros para que a velha reitoria aparecesse entre os ramos mais baixos dos carvalhos circunvizinhos, e aquele idiota continuava em sua insistência de acompanhá-la, mesmo enfrentado suas evidentes dificuldades. Por quê? Com que propósito? Depois que conseguira colocar-se a seu lado, avançava com os braços elevados, em um penoso intento por manter o equilíbrio, tropeçava a três por quatro, para

saltar as valas de lama que invadiam o caminho, e evidenciava sua presença através do grotesco som que emitiam suas botas, completamente enlameadas. Se pudessem vê-lo em Londres tal a qual encontrava-se nesse momento! Que pouco ficava daquele ilustre e intocável cavalheiro!

— O senhor Byrne encontra-se, também, entre nós, — começou a falar com certa indiferença, enquanto que o agitado vaivém dos braços marcava o compasso de seus enérgicos passos, — veio para a festividade de maio. Embora suponha que você jamais terá ouvido falar desta tradição pagã.

— Equivoca-se, — comentou para sua surpresa. Fanny arqueou uma sobrancelha. — Sou conhecedor dessa e de muitas outras tradições existentes em nosso folclore popular.

O assombro de Fanny era tão grande como seu desconserto.

— Permita-me informá-lo que está muito errado com respeito a certas tradições rurais, visto que não temos o costume de montar ovelhas, senhor.

Hawthorne soprou, enquanto passava as mãos pelos olhos e oprimia as pálpebras sob a conscienciosa tortura dos dedos. Pelo semblante, denotava um cansaço que ia mais à frente do mero esgotamento físico.

— Não siga com isso, pelo amor de Deus! — Seu tom denotava uma clara chateação. — Você é mais rancorosa do que imaginava! — Fanny elevou o queixo em um gesto de imprestável orgulho. Hawthorne suspirou e suavizou um grau a voz até o ponto de ter esquecido seu recente esgotamento. — Estávamos falando da festa de maio, não é verdade?

— Está bem, falemos da festa se tanto deseja. — Revirou os olhos e tratou de compor um tom de cortesia. Seu sorriso resultava tão falso e seu

soriso tão forçado, que assemelhava ter sido esboçado sobre pedra. — Diga, veio você com intenção de desfrutar de nossa festa? Hawthorne esboçou um sarcástico sorriso inclinado.

— Certamente que não! Considero-me uma pessoa o bastante cabal e prudente, senhorita Clark, para evitar qualquer ato no qual confluam grande quantidade de pessoas alvoroçando e comportando-se de um modo tão… improvisado.

Por certo é uma absoluta perda de tempo tratar de ser amável com este homem! Resulta tão insuportável!

— É claro, não esperava menos! — Oliver Hawthorne sentiu-se, de novo magoado, porque era muito consciente da brincadeira implícita em cada palavra e em cada gesto daquela imprópria criatura. — Que difícil resulta você, senhor Hawthorne! Seu aspecto de azedume contínuo, acaba esgotando a qualquer um. — A jovem se expressava com resolução. Muita resolução. — Visto que lhe desagradam este tipo de acontecimento, é uma sorte que não conte com grandes amigos neste lugar, para que cheguem a brincar durante uma festa tão… improvisada.

Ofereceu-lhe uma provocadora reverência, afastou-se outra vez dele com o queixo ao alto, ao mesmo tempo que movia os braços com veemência de frente para trás. Apertou o passo enquanto dirigia-lhe um olhar zombeteiro, por cima do ombro.

Conseguira tirar vários passos de vantagem quando, de forma inesperada, começou a tropeçar, até cair completamente de bruços no meio do caminho. Tão violenta foi a queda, que Fanny permaneceu alguns segundos

tombada de barriga para baixo, em toda sua extensão, apoiada, com muita dificuldade, sobre as mãos estendidas, enquanto cuspia de forma grotesca os restos de barro, que, por causa de tal infortúnio, viu-se obrigada a saborear. Reprimiu uma careta de frustração recolhendo os lábios para o interior da boca. Em suas pestanas, prontas a escorregar, oscilavam dezenas de lágrimas, frutos da humilhação e de uma intensa dor procedente de seu tornozelo direito.

Solícito, Hawthorne a alcançou em apenas duas, amplas, passadas e sem mediar palavra inclinou-se sobre ela.

— Permite-me?

— Não! — Sua negativa coincidiu com o estertor de um sonoro soluço. Um afluxo de lágrimas desceu em silêncio pela, nem tão nívea, redondez de suas bochechas. Voltou a cabeça para o lado para tentar ocultar a humilhação que sentia. — Parta daqui e deixe-me em paz!

— Senhorita Clark, não seja teimosa.

— Parta! — Uma inquietante sucessão de soluços obrigou-a a abrir a boca, para recuperar um prudente ritmo respiratório. — Rogo-lhe.

— Não vou fazer caso, senhorita Clark. Sou um cavalheiro e como tal minha condição exige que a auxilie.

— Eu não necessito seu auxílio! Será que não entende? — Exclamou com voz quebrada.

Mas Hawthorne se manteve em seu lugar. Retirou um pouco a saia para deixar à vista o fino tornozelo da jovem, oculto sob uma opaca meia branca, e apalpar o osso com delicadeza. Fanny não fez nada para impedi-lo

de realizar tal exame, visto que encontrava-se muito ocupada tentando secar o fluxo incessante de lágrimas.

— Temo que se trata de uma torção, senhorita Clark. Não se preocupe, não há nenhum osso quebrado, embora acredite que, se sua intenção era dançar até render-se em sua querida festa de maio, deverá desistir de seus propósitos. — Procurou com o olhar o causador de tão triste incidente, e encontrou-o, a pouca distância atrás deles, em forma de raiz superficial. A jovem, durante sua fuga, enganchara sua botina no toco, que provocara a queda de bruços e de um modo indecoroso. Se não fosse pelo enraizado sentido de cavalheirismo que lhe inculcaram, desde menino, Hawthorne teria gargalhado com boa vontade daquela insensata, que se desmoronou na metade do caminho com a aparência de um cesto quebrado.

A senhorita Clark tentou levantar-se, sem muito êxito, até que o cavalheiro ofereceu-lhe um braço. A careta de dor no rosto da jovem era mais que evidente.

— Utilize o apoio que ofereço, por favor.

— Não o necessito! — exclamou orgulhosa e tentou pisar com o pé ferido até que um novo ataque de dor obrigou-a a desistir. — Ai!

— Devo admitir que é você a criatura mais teimosa que, jamais, conheci.

Fanny balbuciou algo ininteligível, até que acabou rendendo-se. Sentou-se com as costas erguidas e o pé saudável recolhido sob o corpo.

— Aceite meu braço, senhorita Clark. — No tom de Hawthorne, vislumbrava-se que começava a perder a paciência. — Do contrário,

permaneceremos aqui toda a tarde, você brigando como uma boba contra seu caprichoso orgulho, e eu, aqui de pé, olhando-a como outro bobo.

Durante um eterno segundo a jovem permaneceu imóvel, o olhar fixo no chão, com a dignidade oculta sob a grossa capa de lodo que cobria todo a frente de seu vestido e seu, outrora, insolente queixo. Com as pupilas vidradas e os lábios inchados e trementes a causa do pranto e do forte golpe recebido, observou a si mesma e sentiu-se completamente envergonhada. Suja, inválida e humilhada ante aquele arrogante esnobe. Que associação de infortúnios!

Neste momento, ante a pobre visão da jovem, Oliver Hawthorne experimentou um poderoso e inesperado sentimento de misericórdia por aquela criatura, sabedor como era de que, para um caráter tão orgulhoso e veemente, devia resultar insuportável confrontar semelhante indignidade. Fanny Clark já não se parecia com a mocinha insolente que conhecera em Londres, a qual, de boa vontade, teria sentado sobre seus joelhos para aplicar-lhe uma boa sova. Agora, era tão somente, uma jovem ferida em seu orgulho e tão vulnerável como um passarinho com uma asa machucada.

Devia estar totalmente, louco, mas sentia que não podia fazer outra coisa. Suspirou profundamente e, sem mediar palavra, inclinou-se de novo sobre o caminho, capturou entre suas mãos um enorme punhado de lama e estampou-o de forma surpreendente no fino peitilho de sua camisa. Sim, estava louco de arremate.

Continuando, e para reafirmar sua atuação, elevou os braços em cruz para mostrar-se em forma inteira, ante a senhorita Clark.

— Agora estamos em igualdade de condições, — comentou com um

sorriso enquanto grossas golfadas escorriam sobre seu colete de brocado. Ninguém poderia dizer qual dos dois atropelou, primeiro, a carruagem.

Fanny não pode evitar esboçar um sorriso sincero ao vê-lo, completamente enlameado, enquanto as lágrimas ainda dançavam em suas pestanas de ouro. Depois de uma ligeira hesitação, aceitou por fim o braço de Hawthorne, em princípio presa de um incômodo acanhamento, para, em seguida, agarrar-se com firmeza naquela extremidade rígida e torneada à perfeição.

— Vamos, senhorita Clark, ofereço-me a atuar de bastão, até que cheguemos a sua casa.

Tentaram reatar a caminhada, mas para a jovem não resultava fácil avançar por causa do dolorido estado de seu tornozelo e a infinita opressão que aniquilava seu estado de ânimo. Apesar de tudo, o cavalheiro soube amoldar-se a suas necessidades e detinha-se a cada dois passos, para que a jovem descansasse o tornozelo e não se esgotasse.

Mas Fanny seguia sem poder avançar. O pé, que passado um momento parecia na verdade inchado, provocava-lhe tanta dor que nem sequer podia apoiar a ponta. Hawthorne exalou de forma ruidosa.

— Deste modo não avançaremos nada, senhorita Clark. Temo que se fará noite muito antes de que cheguemos a sua casa.

Fanny reagiu a suas palavras tentando liberar-se, mas Hawthorne impediu e a segurou com força.

— Então parta e deixe-me aqui! Eu não solicitei sua ajuda!

Oliver Hawthorne meneou a cabeça com resignação e exalou de novo.

— Você me permite?

Fanny não compreendera.

— Como diz?

Hawthorne exalou com brutalidade.

— Claro que me permite, não fica mais remedeio que fazê-lo!

Em seguida, ante o assombro da jovem, o senhor Hawthorne elevou-a nos braços, com a mesma facilidade que elevaria uma leve pluma. E, embora Fanny morresse de vontade de repreendê-lo por ter tomado semelhante licença, por outro lado muito necessária, teve que reconhecer que encontrou um grande descanso no gesto do cavalheiro, e, que naquela posição, nem seu malogrado tornozelo, nem seus pulsos machucados sofriam dano algum. Sem dúvida devia reconhecer que os braços do senhor Hawthorne resultavam ser o melhor e mais cômodo assento que conhecera.

Com o propósito de manter sua ferida dignidade intacta, inclinou a cabeça para constatar seu aborrecimento e sua negação ante semelhante auxílio, que em nenhum momento fora solicitado, ao mesmo tempo, Fanny aproveitou para observá-lo às escondidas pela extremidade do olho. Quase se assustou ao descobrir que gostou do que viu, mais do que teria esperado.

Durante o trajeto até a reitoria não só teve tempo de convencer-se de que o senhor Hawthorne estava sendo agradável com ela, e que comportou-se de um modo cem mil vezes mais honrável do que o modo que ela atuara, fazia tão somente alguns minutos, ao negar sua ajuda e zombar dele quando ficara preso na vala do caminho, mas sim, surpreendeu-se além, ao descobrir uma mudança inesperada em sua particular percepção sobre o senhor Hawthorne.

Porque, por mais estranho que resultasse, em tão somente alguns poucos minutos, o cavalheiro demonstrara ser melhor pessoa que ela própria, em vez do monstro desumano que, em princípio, supusera que era.

Que lição acabava de receber!

# CAPÍTULO 17

Naquela manhã, os Clark reuniram-se ao redor da mesa para desfrutar de um café da manhã, a base de presunto, ovos, chá e leite fresco. A estadia permanecia sombria e melancólica por causa da escassa luz natural, que a intensa chuva deixava entrar através das janelas, luz acinzentada, suja, sem vida, que se impunha ao branco da pintura do papel que revestia as paredes. Um fogo recém aceso, esquentava, com muita dificuldade o pequeno local, apesar de que as lenhas, muito verdes para gerar calor, estalavam com violência entre terríveis alaridos.

A senhora Clark amanhecera com um humor horrível, como era habitual nela quando o tempo mostrava-se chuvoso e hostil, e levantou o olhar do prato durante o transcurso do café da manhã somente para destrambelhar a respeito de quão fria resultava essa casa e da umidade constante das paredes, terrível para seus ossos! Quando o humor da dama encontrava-se baixo, sentia que o universo inteiro conspirava contra ela, e não era capaz de encontrar nem um só ponto, nenhum somente, que estivesse a seu gosto. A três por quatro, aproveitava para ajustar com exagero o xale ao redor dos ombros, em um intento de deixar patente o mal-estar que invadia-lhe o corpo e o desejo de que algum dos presentes, se dignasse a consolá-la ou, ao menos, a interessar-se pela razão de quais males a afligiam.

O senhor Clark, habituado aos humores de sua esposa, comeu com tranquilidade e fez caso omisso aos néscios comentários da mulher, enquanto seus filhos intercambiavam olhares de resignação e mal dissimuladas sorrisos.

Fanny deu-se conta, em seguida, da ausência do senhor Rygaard, cuja cadeira permanecia vazia a um lado da mesa, e sentiu-se culpada ante a pouca atenção que brindara ao cavalheiro durante os últimos tempos. A senhora Clark tentou, excessivamente e inexplicavelmente, inventar ocupações impossíveis que os mantiveram, a ambos, a uma devida distância. Ardil que não deixava de resultar em uma soberana tolice, visto que Fanny não possuía nenhum interesse no cavalheiro, mas que, em vista da ausência do senhor Rygaard, parecia ter funcionado à perfeição.

Depois de um café da manhã do qual apenas provara um bocado, a jovem retirou-se à solidão de seu quarto, escoltada por um discreto bastão, para sentar-se meio de lado, na mesa da janela e observar o exterior, através dos vidros completamente opacos pela umidade.

Alguns dias atrás, depois de ter chegado em casa, com o pé dolorido e os lábios inflamados por causa da vergonhosa queda no caminho, dissera à família que perdera o equilíbrio, ao tentar subir em uma árvore para devolver um filhote indefeso a seu ninho. Explicação que rendera-lhe uma crua admoestação, por parte de sua mamãe e uma piscada cúmplice, por parte de seu pai. Seja como for, estava claro que ficava diante de uma convalescença muito longa e incômoda, pela qual seu espírito incansável e inquieto teria que ter capacidade de suportar, além da necessidade de apoiar-se em um bastão para deslocar-se de um lado a outro.

Acariciou com a ponta dos dedos a superfície gélida do vidro e seguiu o deslizar de uma gota de chuva. Uma entristecedora e inesperada melancolia afogava-lhe o espírito.

Passeou o olhar pelo jardim, que nesse momento parecia uma aquarela diluída, para repousá-lo sobre o enorme campo de lavanda que dobrava suas derrotadas espigas, submetidas à intensa chuva, que formava uma cortina translúcida entre a reitoria e o resto do mundo.

Ao longe elevava-se a, desmantelada, cerca que circundava a propriedade, alheia ao passar do tempo ou, possivelmente, completamente resignada a ele, mais à frente, o serpenteante e, nesse momento, intransitável caminho, onde no outro dia, o senhor Hawthorne despediu-se dela, com uma amabilidade elogiável, que anteriormente jamais teria atribuído a sua pessoa. Muito insistira o cavalheiro da necessidade de levá-la em seus braços até a porta da reitoria, por causa da impossibilidade da dama e do precário estado, de seu tornozelo dolorido. Somente ante o aprumo e a firmeza com que Fanny negou-se a isso de forma determinante, o homem desistira do empenho.

Esquadrinhou, impaciente, através do úmido pano de fundo, com a esperança de distinguir, de novo, entre a neblina a silhueta formidável e escura de Oliver Hawthorne. Entretanto, o caminho permanecia solitário, sombrio e cinza enquanto as grossas gotas de chuva ricocheteavam contra o solo enlameado, e formavam grandes atoleiros nos quais os gansos pulariam contentes no dia seguinte. Franziu o cenho.

Por que teria que estar ali, estúpida, estúpida Fanny? Que sentido poderia ter que permaneça sob a chuva ante sua janela? Acaso espera vê-lo através da densa cortina aquosa? Iludida, boba! Acredita que alguém como ele não teria nada melhor que fazer?

Um agudo lamento procedente dos tabuões que formavam o velho

chão de madeira distraiu-a de suas reflexões. Ao voltar a cabeça, pôde comprovar como a porta da habitação se entreabria com soma de lentidão. Um rosto redondo, sardento e coroado de abundantes cachos dourados, encheu o vão à espera de ser convidado a transpassá-lo.

Fanny recebeu o rosto querido com um sorriso, a pequena, como resposta, cruzou a estadia como um raio, para abraçar a sua irmã e repousar a cabeça no peito da moça.

— Aborrecida?

Fanny beijou os suaves cachos de cabelo, enquanto permanecia com o olhar perdido no infinito.

— Odeio a chuva, não se pode sair ao jardim e mamãe não faz mais que queixar-se de tudo. Papai e Ian se entrincheiraram na biblioteca, assim, eu fugi antes de que me encontre e me converta em alvo de sua ira. Ser a menor me faz muito vulnerável, Fanny, quase nunca posso escapar.

— É absolutamente uma perita na arte da camuflagem, meu pequeno camaleãozinho! Acredita que não vejo as vezes que se esconde sob a toalha?

A menina brincava com os babados da saia, enquanto contemplava distraída o rastro fugaz da chuva no vidro. Inclinou a cabeça para trás e apoiou o queixo no peito de sua irmã para olhá-la com atenção.

— O que acontece, Fanny?

Ela esboçou um amplo, muito amplo, sorriso, surpreendida diante a perspicácia da pequena.

— Por que acredita que me acontece algo?

— Porque parece muito triste.

Era evidente que Cassandra era uma menina muito esperta e sagaz para sua idade. Nesse momento, muito mais do que sua irmã teria desejado.

— Não estou triste, pequena, somente penso…

— E no que pensa?

Fanny inalou profundamente e permaneceu em silêncio. Como explicar à pequena a enorme mudança que, em poucos dias, obrou-se dentro dela? Como fingir que nada acontecera realmente, que tudo seguia como sempre, no lugar de sempre, e que os nobres cuidados de Oliver Hawthorne passaram incólumes em seu coração?

— Ainda te dói o tornozelo? — insistiu a menina.

— Sim, pequena. — Uma sombra de melancolia cruzou-lhe o olhar, ao recordar o instante em que acontecera aquele molesto acidente, e como ocultara à família, o auxílio que o senhor Hawthorne proporcionara. Os olhos embaçaram por causa das lágrimas que formavam redemoinhos, dispostas a escorregar. Aquele acidente marcaria, para sempre, um antes e um depois, em sua vida.

— Não chore, Fanny. — A menina ficou nas pontas dos pés para apagar com seu polegar a úmida esteira que aparecia nas pestanas de sua irmã. — Em seguida passará, como meu resfriado.

Fanny beijou a dourada cabeçinha da menina e sorriu ante sua ingenuidade.

— Sabe, Cassie? — A menina a olhou interrogante. — Rogo ao céu que nunca perca sua inocência. — Suspirou. — Todos deveríamos seguir sendo meninos, durante muito mais tempo, querida, e julgar os outros sob a doce

perspectiva da inocência. Os adultos frequentemente erram ao emitir desafortunados julgamentos sem valor, sobre o caráter de outras pessoas.

— Não a entendo, Fanny, — se queixou a menina.

— O orgulho, as ideias preconcebidas, equivocadas nas primeiras impressões…

A menina franziu o cenho porque seguia sem compreender.

— Viu as amoras do caminho?

— Mm, sim, as amadurecidas estão muito boas recobertas de açúcar.

— Mas não refiro a essas, Cassie. — A menina compôs uma expressão contrariada. Refiro-me às vermelhas, as amargas. Sabe que ninguém se encanta por elas, devido a seu sabor ácido e desagradável. Porque, como bem sabe, à primeira vista resultam muito pouco desejáveis. Todo mundo as deixa de lado e dedica sua atenção às negras e mais doces.

— É verdade, as vermelhas são muito amargas. — Enrugou o nariz para mostrar desagrado.

— Mas imagina que, um dia, sem saber porque, decide provar uma das vermelhas. Tem medo, porque suspeita que você não gostará, que é uma loucura, que provocará náuseas…, mas decide provar, e, de todas as formas descobre que estava equivocada, não resultam tão desagradáveis e um estalo de sabor alaga seu paladar ao mordê-la. O que pensaria então?

Cassandra levou um dedo à boca e a olhou pensativa.

— Que desperdicei muito tempo ao deixar de lado as amoras vermelhas, sem saber que eram as que mais eu gostava de toda a planta.

Fanny sorriu. Sua irmã mais nova, aquela criatura transbordante de

nobreza e ingenuidade, era sem dúvida, mil vezes mais sábia que ela própria.

Que néscia foi, Fanny Clark, que néscia! Não poderia estar mais equivocada nem o senhor Hawthorne poderia tê-lo julgado de forma mais acertada. Esteve tão cega no princípio… Ofendeu-o de mil formas diferentes e mostrou um caráter caprichoso e altivo. Foi néscia e orgulhosa e atuou como a mais obtusa e tola do mundo. Ofereceu uma versão de si mesma, indisciplinada e pouco desejável. Esboçou um sorriso amargo alimentado pelo intenso ardor que se forjava atrás de suas pálpebras. Tente se comparar com ele e se dê conta, de que não era tão arrogante e déspota como acreditava, mas sim, na realidade, foi você quem resultou censurável. Compare-se com ele e se dê conta, de como deveria ter sido. De como deveria ter atuado.

Oprimiu as pálpebras para deter a vasta profusão aquosa que ameaçava transbordar, embora não tivesse muito sentido. Quanto mais apertava as pálpebras, mais desejo pareciam sentir, as lágrimas, de fugir da prisão e sair ao exterior.

Embora não fosse capaz de admitir, nunca, diante de ninguém mais que ela própria, Fanny experimentou a certeza de sentir pelo Oliver Hawthorne, uma inclinação terna e devotada. E semelhante certeza, resultava tão inesperada, quanto nova, na alma de Fanny.

O que seria de nós, caprichoso gênero feminino, se não pudéssemos mudar de opinião, tantas vezes quantas voltas dá um catavento no telhado? Embora em meu caso, mudar de opinião já não servirá muito.

*

Oliver Hawthorne permanecia sentado em atitude reflexiva aos pés da estreita cama da hospedaria, na qual se alojava. Fazia alguns dias que não saía desse quarto, salvo para procurar comida. Encarregara a seu jovem servente que exigisse a melhor habitação disponível e não duvidava de que aquela o fosse, em vista da simplicidade esperada em uma humilde hospedaria rural, entretanto, podia assegurar sem temor de equivocar-se, que não passara uma de suas melhores noites, nem aquela era a melhor habitação em que pernoitara.

Reconhecia-se um tanto exigente com os travesseiros: estava acostumado aos brandos e macios almofadões de Hawthom, qualquer outra almofada que não dispusesse de semelhantes características, afastava-o, irremediavelmente, de um descanso aceitável. É claro que não esperava, naquele lugar remoto e perdido da mão de Deus, um recheio a base de penugem de ganso, ou um exterior confeccionado em veludo espanhol ou seda, mas o certo era que se viu obrigado a prescindir, completamente, dos almofadões, durante grande parte da noite para dormir com a cabeça apoiada diretamente sobre o colchão. E o que dizer dele? Muito estreito e mais duro, se couber, que se fosse esculpido sobre a pedra. Torceu o gesto. A essa altura, começava a pensar seriamente, na possibilidade de que abaixo do enrugado lençol, se escondesse um rude pranchão de pedra.

Além disso, cada leve movimento executado no sono, obrigara-o a calcular com a mente, as dimensões daquele ridículo retângulo para não acabar desabado de bruços sobre o chão. Por tudo isso, o que se pressupunha

que deveriam ser algumas horas de sono reparador não alcançaram outra categoria mais, que a de incômoda e interminável insônia.

E para completar, a presença onírica de Fanny Clark, fora o expediente ideal para culminar uma das noites mais irritantes de sua vida. Nem sequer a inestimável ajuda de uma garrafa de brandy, que agora jazia sobre o tapete em um rincão e sangrava as últimas gotas de álcool, pôde afastar da sua mente, a imagem que a jovem mostrara ao surgir da mata, como a mais bela Diana caçadora.

Mais tarde, indefesa, a vulnerabilidade inesperada, as lágrimas delatoras e os lábios inchados e trêmulos da jovem, que pela primeira vez se mostrara ante seus olhos, como uma criatura frágil e necessitada, em posse de uma quentura e uma feminilidade, ocultas, que tantas vezes tentara perceber em seu caráter sem êxito. Por certo que o surpreendera encontrar semelhantes qualidades na senhorita Clark, quando formara a ideia de que a jovem era a criatura mais indisciplinada, veemente, imprudente e resolvida que já conhecera.

Começara a sentir de repente tão terna solicitude, tanta sensibilidade por ela que não pôde menos que desejar partir, imediatamente, daquele povoado. Desejava-o nesse momento com todas as forças. Porque aquela criatura, para ele tão estranhamente perfeita, apesar de seus múltiplos defeitos, estava a ponto de fazê-lo perder a razão e dobrar seus sentidos. Isso era algo que ele, homem reto com honra, possuidor de um caráter insubornável, não podia consentir.

Cuidado, Oliver, está a ponto de fraquejar! E se o fizer, está perdido.

Não pretenderá colocar-se em evidência em uma sociedade tão limitada como esta?

Deu uma rápida olhada ao resto dos objetos que necessitava para acabar de vestir-se e que repousavam de forma descuidada sobre uma cadeira.

O grande homem, tantas vezes vencedor no campo de batalha da vida, que lutara em numerosas disputas, e que, até o momento, conseguira manter-se invicto, impassível, alheio às matreiras quedas de olhos que surgiam a seu passo, aos teatrais suspiros, aos exagerados desvanecimentos, que não deixou-se enrolar pelas eróticas mensagens que as damas enviaram-lhe, através da sedutora e enigmática linguagem do leque, esse homem, era o mesmo que, agora, não deixava de mexer no cabelo, com tanto frenesi que poderia tê-lo arrancado em mechas, tal era sua confrontação interna.

Não pode ser sério, Oliver, deve lutar contra sentimentos tão absurdos e desconjurados. Não pode permitir-se o luxo de tropeçar.

Mas tropeçar não era o pior daquele assunto, mas, sim, a certeza de ter afeiçoado-se com a pedra.

Levantou-se com relutância, elevou o queixo para atar o laço, sem necessidade de olhar-se ao espelho. Fugiria, sim, no dia seguinte, sem falta, ordenaria que sua carruagem estivesse disposta para partir, imediatamente, para Hawthom. Não ficaria nem um dia mais, naquele povoado, nem arriscaria a confrontar uma situação para a qual não estava preparado. Tampouco se rebaixaria a admitir alguns sentimentos que, claramente, resultavam desacertados. A senhorita Clark? Pelo amor de Deus semelhante disparate! Não tinha necessidade de tolerar em seu interior,semelhante

confrontação de emoções, nem se sentia com a presença de ânimo suficiente, para colocar em ordem, de uma vez por todas, seus sentimentos! Alguns sentimentos não alimentados pela razão ou pela prudência, mas, sim, fruto de um impulso imperdoável e inviável do coração.

Fugiria. Mas antes devia enfrentar a uma última provocação. Edmund teria sido informado, a essa altura, da estadia de seu amigo naquele lugar. Todo mundo sabe que nos povoados não existe nenhum tipo de segredo, ainda menos, em uma comunidade tão simplória e rudimentar como era aquela. Ajustou a elegante cartola ornada com uma fina cinta de cetim negro e esticou os punhos e os extremos do colete.

Chegara o momento de apresentar seus respeitos aos Morton. Sem dúvida, seu bom amigo Byrne receberia com grande surpresa, sua visita naquele insignificante canto do mapa britânico.

# CAPÍTULO 18

— Meu prezado senhor Clark, esta noite contaremos com convidados a nossa mesa.

O velho cavalheiro levantou surpresa, uma espessa sobrancelha por cima de uns salmos que relia com grande inclinação.

A senhora Clark, sentada a uma distância cômoda dele, fazia acertos em um antiquado chapéu de arame, de cuja viseira sobressaía-se um tosco ramalhete de rosas de biscuí e no qual empenhava-se em colocar vários pares de espigas azuis.

— Neste meio-dia, na hora adequada para fazer uma visita, compareci sem convite ao lar dos Morton, para oferecer o convite.

— E a que devemos semelhante novidade? Por todos é bem conhecido que os Morton não são pessoas de seu agrado, e que despreza Charlotte sem dissimular, apesar de ser uma jovem adorável e muito querida por nossa própria filha.

— Oh! Senhor Clark, não me julgue com tanta severidade, rogo-lhe! — A senhora Clark sorria, com evidente afetação e um descarado tom lisonjeador. — Deve saber que me dirigi ao povoado especialmente para convidar a essa jovenzinha que tanto me acusa de desprezar. E você sabe o pouco que me agrada vagar, por aqueles lamacentos caminhos com este tempo!

— Algum motivo tem que ter para semelhante sacrifício de sua parte.

— Embora não acredite, senhor Clark, sou uma pessoa, na verdade,

sociável e bondosa, se pensar o contrário, equivoca-se completamente. Acaso não aceitei sob nosso teto a presença do senhor Rygaard? E como nos agradece isso, agora, esse americano ingrato? Não se vê nem o cabelo, em todo o dia! Deus sabe no que ocupa as horas de ócio!

— O senhor Rygaard gasta as horas em companhia de nosso filho, que afinal, é o motivo pelo qual aproximou-se desta parte da Inglaterra. Não veio até Sheepfold para amenizar-lhe a vida, senhora Clark.

— Não o desculpe senhor Clark, faz dias que nem sequer senta-se conosco à mesa! Seu comportamento resulta totalmente intolerável! Quem dera todo mundo fosse tão amável e generoso, como eu o sou! Qualquer outra pessoa não teria resultado tão hospitaleira quanto eu, o asseguro senhor Clark! — A senhora Clark não percebeu o sorriso zombador de seu marido que, amparado atrás das folhas de sua leitura favorita, não podia reprimir a consecução de caretas irônicas e burlescas.

— É certo, tão extrema generosidade inclusive conseguiu que esqueça, por um tempo, a antipatia para com os estrangeiros.

A senhora Clark continuava a laboriosa tarefa, na qual agitava o chapéu no ar e deixava cair ao chão os restos imprestáveis das flores secas.

— Faz alguns dias que um moço amigo dos Morton, apresentou seus respeitos, com muita cortesia, depois de uma exaustiva viagem de Londres, — disse a dama e olhou fixamente a seu marido. De Londres eu disse, senhor! E não me olhe assim. — O senhor Clark elevou as sobrancelhas porque era evidente que não olhara a sua esposa de nenhuma maneira. — Você não se encontrava presente nesse momento. Então bem, esse jovem se hospeda com

os Morton e pelo que pude averiguar, trata-se de um jovem de boa família, com uma profissão respeitável e uma posição confortável. Sei, sei, sei o que você está pensando. Sei que tem profissão, por isso não é na realidade um cavalheiro, mas o que hoje em dia importa, senhor Clark, desengane-se, é a possibilidade de uma vida confortável e nem tanto, os títulos nobiliários.

O ancião franziu o cenho e conseguiu o efeito de um emaranhado marco esbranquiçado sobre os olhos. Parecia divertido e surpreso de que sua esposa alimentasse na cabeça, a absurda ideia de que ele se importasse um pouco com o que estava contando.

— Confesso-lhe que não me importaria nada que esse jovem, o senhor Edmund Byrne, se tornasse íntimo de nossa Fanny.

— Ora, sabia que algum plano maquiavélico escondia-se nesse insólito convite! — O senhor Clark fechou o livro com brutalidade. Seus olhos relampejavam e fulminavam a sua esposa que permanecia impassível na cadeira.

— Maquiavélico? Mas, como? Fanny terá que casar-se em algum momento, caso contrário se converterá em uma pobre e velha solteirona. Esquece você a idade que já tem sua filha? Pelo amor de Deus, logo perderá completamente o viço e então nem os filhos dos arrendatários, mais miseráveis, se fixarão nela!

— Não seja ridícula, Fanny é ainda uma menina! — O cavalheiro cruzou com firmeza os braços sobre o peito, claramente zangado. Fanny fora sempre, seu bem mais prezado e não estava disposto a entregá-la ao primeiro vagabundo que enchesse as expectativas de sua absurda esposa. — Se dá conta

do ridículo tão grande ao qual a expõe ao oferecê-la continuamente ao melhor posto? Considera que qualquer cavaleiro bem calçado é merecedor de sua mão e não perde oportunidade de persegui-la e obrar contra seus desejos! Deixe-a tranquila de uma vez!

— Claro, gostaria de tê-la sempre sob seu amparo, como um cão enroscado aos pés de seu amo! Mas nem ela será sua eterna menina da alma, nem você viverá para sempre para desfrutar de sua companhia! Pensou o que será dela quando você faltar? Sem um marido que a proteja, dependerá completamente da generosidade de seu irmão e da boa disposição, de uma futura cunhada. Pretende vê-la encerrada entre quatro austeras paredes convertida em uma velha tosca e solitária? Além disso, sua querida filha passa a vida com o nariz metido naqueles poeirentos livros, e esses livros custam dinheiro, senhor Clark! Como poderá custear-se esses caprichos ridículos e desnecessários? Quem a manterá entretida?

O senhor Clark, com uma evidente máscara de ressentimento que lhe fechava o rosto, repousou o olhar sobre o lânguido bailar das chamas que pareciam celebrar um festim na lareira. Odiava ter que conceder a razão àquela enloquecedora mulher e, entretanto, em suas palavras havia claros vestígios de verdade.

— Além disso, o senhor Byrne é tão bom quanto qualquer outro. O outro dia me pareceu um jovem muito agradável e atento, possuidor de um bom gosto requintado. Elogiou a disposição do salãozinho e a queda das cortinas, senhor Clark. Que jovem hoje em dia entende de tecidos e cortinas?

O homem suspirou de forma tão ruidosa, que dotou à aflita exalação

com um tom resignado de acordo, perfeitamente, com seu estado de ânimo. Devia ser extremamente ignorante, no referido às qualidades necessárias para que um jovem cavalheiro fosse considerado um bom partido, visto que, jamais imaginaria, que possuir conhecimentos sobre tecidos e cortinados resultasse importante em tais questões.

— Quando estava na residência dos Morton pude observar que contavam sob seu teto com outro convidado. — Meneou a cabeça com desaprovação, em um movimento que dotou de vida os amplos babados de sua touca. — Estes Morton sempre pretendem dar ares de ricos e dadivosos, como se fossem a flor e a nata da sociedade inglesa! — Exalou de forma ruidosa e tentou retomar o flutuante fio de seu monólogo. — Outro cavalheiro os acompanhava para tomar o chá. Um cavalheiro um pouco maior que nosso senhor Byrne, de porte admirável, sem dúvida, e ricamente vestido. — Baixou o tom de voz até lhe conceder a título de confidência. — Embora no povoado, ainda não se saiba nada dele, salvo que está na hospedaria. De toda maneira, não deve ser muito agradável, eu diria sem temor a me equivocar, que é um grande antipático. Pode acreditar que permaneceu carrancudo e sério todo o tempo?

Não seria de admirar se levarmos em conta a agilidade verbal de seus monólogos, pensou com acerto o senhor Clark.

— Contudo, obriguei-me a inclui-lo no convite, visto que o cavalheiro permanecerá alguns dias em Sheepfold. — A dama emitiu um longo suspiro. — Não se preocupe com nada senhor Clark, já enviei Jane ao povoado, para comprar a melhor carne de vitela do mercado e adverti-lhe, sobremaneira, que

não economize nas velas. Esta noite temos que estar à altura de nossos convidados e não aparecer a seus olhos mais indignos e menos dadivosos que os Morton. Você sabe que sou uma mulher das mais generosas e…

O cavalheiro começou a ouvir a exasperante ladainha de sua esposa como se viesse cada vez de mais longe, porque nesse preciso instante baixou as pálpebras para entregar-se a um sono profundo e por sorte libertador.

*

O tempo continuou da mesma maneira durante boa parte da manhã e, na velha reitoria, sobretudo no espírito de Fanny, imperava a mesma tristeza, a mesma decadência e a mesma melancolia que preponderava no clima. Mas ao meio dia, uma suave brisa varreu as nuvens e com ela a incansável chuva, o tempo clareou, o céu se partiu em tênues feixes de luz e voltou a reinar uma temperatura agradável.

Fanny aproveitou essa inesperada trégua por parte do tempo, para sair para o exterior com Ian, e caminhar pela propriedade familiar. Deixaram a pequena Cassandra sentada, muito a desgosto sob uma das figueiras do jardim, dedicada ao estudo da extensa lista dos reis da Inglaterra, sob a ameaça de que Fanny se encarregaria de tomar a lição, assim que retornassem do passeio. Ainda não alcançara o reinado do rei Ricardo quando a menina começou a fazer beicinhos, um após o outro.

Era óbvio que Fanny necessitava da ajuda de um bastão para poder caminhar com certa desenvoltura. Apesar disso, seus passos se viam

adornados, com o leve balanço característico de uma claudicação recente. No rosto, não obstante, não ficaram indícios do inchaço, nem dos tons violáceos, que passaram a mostrar um opaco tom amarelado, com o qual as malvadas fadas, da pomposa queda no meio do bosque, ousaram ornar seu delicioso semblante de cor cereja e mel.

Ian caminhava a seu lado, cabisbaixo e com as mãos recolhidas as costas.

Depois de um bom momento passeando em silêncio, na mesma direção da cerca de madeira que fechava a propriedade, a jovem considerou que era o melhor momento, do que qualquer outro, para tirar a dúvida de uma questão que a intrigava já fazia dias.

— Ian, onde está o senhor Rygaard? Não o vejo desde a última vez que acompanhou-me ao arroio para recolher juncos para a cesta de Cassie. Ofendemos ele de algum modo como para que agora dê a impressão de nos evitar?

Ian permaneceu com a cabeça inclinada e centrou o olhar na ponteira de suas botas.

— Não acredito que pretenda nos evitar, Fanny. Melhor considero que há certos assuntos que o mantêm distraído.

— Distraído? Em Sheepfold? — Fanny esboçou um sorriso cético. — Nenhum assunto é o bastante importante em Sheepfold para monopolizar, de um modo tão óbvio, a atenção de seus visitantes. A não ser, é claro, que ao senhor Rygaard se interesse de modo especial no número de bezerros que trouxe para o mundo a vaca dos Mortimer, ou o ótimo estado do leite na hora

de elaborar um bom queijo. Assuntos que me permito colocar em dúvida que sejam de seu interesse.

Ian assentiu sem deixar de sorrir.

— Eu também duvido de que ao Rygaard, interessem essas trivialidades. Não me pergunte no que anda ocupado, porque não sei. Tão somente sou conhecedor de que faz alguns dias, desculpou-se e me informou que devia ausentar-se de forma inesperada.

— Como é possível?

Ian negou com a cabeça para mostrar insistência em sua ignorância.

— Não posso dizer, Fanny, tão somente posso confirmar que eu mesmo o acompanhei a tomar o primeiro carro postal.

Fanny mordeu o lábio inferior, confusa.

— E aonde pode ter ido? Sem despedir-se da família?

— Devo informar que esse ponto não é totalmente correto. Para ser preciso, reuniu-se na biblioteca com nosso pai e comigo, para nos comunicar sua intenção de ausentar-se durante alguns dias do condado, visto que as contínuas distrações do campo o afastaram de um negócio importante, que o requeria na cidade.

Fanny sentiu-se um pouco indignada. Certo era que o que fizesse ou deixasse de fazer o americano, deixara de lhe interessar bastante, nos últimos tempos, mas ao menos poderia ter mostrado um mínimo de consideração para com ela, em nome da amizade que sempre se gabava de lhe professar, e graças a qual tomou sempre excessivas liberdades, e ter lhe informado de sua intenção de se ausentar durante alguns dias. Teria algo a ver sua ausência com

o mistério que se abatia em torno de suas anteriores visitas a Inglaterra?

— O certo é que semelhante pretexto, soou evasivo — arremeteu Ian.

Fanny apertou os olhos até reduzi-los a duas finas linhas transversais.

— Por quê? Que suspeitas tem?

O jovem pareceu refletir um segundo, antes de falar.

— Não é nenhuma suspeita, tão somente que não acreditei em suas palavras. — Fanny compôs no rosto uma perfeita expressão de curiosidade insatisfeita, a qual resultava imperativo satisfazer imediatamente. — Cavalgamos até o povoado, visto que Rygaard desejava adquirir luvas de pele de coelho, para a festividade de maio. Levei-o até a loja do Jenkins e permanecíamos absortos ante a generosa vidraça, enquanto examinávamos a mercadoria recém chegada, quando um brilho nos vidros captou nossa atenção. Demos a volta e vimos um elegante landó, do negro mais reluzente que jamais vi, que cruzava ante nossos olhos. De fato, todos os transeuntes detiveram o rumo de seus passos, para contemplar aquela maravilha sobre rodas, de linhas perfeitas e elegância avassaladora. Nas portinholas destacava-se um escudo familiar, ricamente esculpido sobre a madeira em vermelho e amarelo completamente desconhecido para mim, e umas grossas cortinas, que cumpriam perfeitamente o feliz encargo de ocultar, de olhares curiosos como os nossos, a visão dos ocupantes. Embora não pareciam ser completamente desconhecidos para Rygaard, visto que tornou-se imediatamente branco como o giz. Em seguida mudou de ideia, com respeito às luvas, uma súbita inquietação apoderou-se dele e já não desejou outra coisa mais que retornar à reitoria. Não estava tranquilo, seu ânimo tornou-se atordoado e sua

vivacidade antes cômica, não parecia desta vez proporcionar mais que inquietação. Ele, tão amigo de falar e de rir, fez todo o caminho de volta em silêncio, e se mostrou intranquilo e ausente. Assim que colocou o pé no estábulo, comentou que devia ausentar-se durante alguns dias para atender assuntos de negócios em Londres.

Fanny franziu o cenho e tentou assimilar toda a informação que acabava de receber. Resultava um comportamento do mais impróprio, até improcedente de um personagem tão improvisado e veemente como Jarrod Rygaard. Uma faísca de intuição relampejou, então, por sua cabeça e avivou os mesmos alarmes que reclamavam sua atenção, cada vez que o inquietante americano saía para a refeição. Mais que nunca, a julgar por seu comportamento, estava claro que Jarrod Rygaard ocultava algo, e esse algo devia ser muito importante dado que tomava tantos cuidados em mantê-lo oculto.

— Você acredita que na verdade tenha assuntos a atender em Londres?

Ian encolheu os ombros.

— Quem sabe! Não pensemos mal dele precipitadamente. Pode ser que procure acionistas ingleses para sua fábrica, ou que tente abrir mercado com algum atacadista nacional.

— Tenho que mostrar-me bastante receosa nesse aspecto Ian. O senhor Rygaard tem algo que eu não gosto.

— Eu acreditei, e mais, estava convencido de que você gostava.

— E o fazia! Em princípio convenci a mim mesma, de que eu gostava muito. — Fanny levou a mão à fronte e simulou afastar de cima um enorme

peso, quando o que na realidade afastou foi uma ligeira mecha de cabelo. — Muito pouco posso dizer em favor de minha conduta, Ian. Agradavam-me seus cuidados, suas adulações e o modo como pretendia monopolizar, descaradamente, minha atenção, embora naquela época não via que obrasse com muito descaramento. Permiti-me parecer satisfeita ante ele, que adulava constantemente minha vaidade e aceitei o jogo. De fato, acredito poder afirmar que a certeza de saber que desafiava mamãe ao aceitar esses cuidados, era um grande incentivo para mim. A parte mais atraente desse jogo. Fanny Clark, a eterna filha rebelde, desfrutava ao zombar de sua mamãe, por aceitar o cortejo de um americano ao qual a senhora detestava. — Continuou com um suspiro: Nunca me senti unida a ele desse modo, Ian, de nenhum dos modos possíveis.

O moço permaneceu calado durante alguns minutos, durante os quais Fanny teve esperança de que sua conduta não fosse censurada, com excessiva severidade, por seu irmão mais velho, mas ele, ao fim de um bom momento, expressou-se com sua calma habitual.

— Meu trato com Rygaard foi tão perfeito quanto eu esperava, Fanny, por isso não posso pensar mal dele.

— Não tem por que pensar mal, já faço eu, pelos dois.

Ian sorriu sem deixar de menear a cabeça ante a veemência de sua irmã.

— É uma lástima que esteja tão determinada a pensar mal dele, irmãzinha, visto que me fez prometer que lhe diria que estará de volta a tempo para que lhe reserve as duas primeiras danças da festa de maio.

# CAPÍTULO 19

Naquele dia, reinava uma agitação incomum na modesta reitoria, inclusive desde antes de despontar a alvorada. A senhora Clark não consentia um minuto de quietude quando, segundo ela, restava tanto por fazer e tão pouco tempo para levá-lo a fim, por isso durante horas deu ordens, aos gritos, com os desafinados gorjeios que uma avezinha acatarrada tomaria por dela. A uma donzela, por sorte, tão paciente quanto resignada, obrigou a mover os móveis de lugar, uma e outra vez, sem ficar satisfeita com nenhuma das mudanças. A mesinha oval da sala conhecera três localizações diferentes, no último quarto de hora e as silhuetas em miniatura que representavam os distintos membros da família tampouco satisfaziam à senhora em sua posição acostumada. Tudo parecia mais sujo e desmantelado do que de costume, na velha reitoria!

— E os espelhos? Como é que não dispomos de mais espelhos? — vociferava, tão angustiada que parecia que fora mordida por uma cobra.

— Uma casa necessita tantos espelhos, quantas filhas tenham que olhar-se neles, querida, nenhum mais.

— Só dois? Oh!, Senhor Clark, nenhum lar que se aprecie, teria menos de um espelho por cada estadia!

— Então encomende sua alma, senhora Clark, porque com dois únicos espelhos nesta casa, esses moços nos considerarão completamente carentes de todo prestígio.

A velha senhora ensaiou uma vertigem.

Limparam-se cortinados, sacudiram-se os tapetes, substituíram-se os castiçais de vela por outros novos, abrilhantou-se a prata e se abasteceram as lareiras com lenha suficiente para converter o jantar dessa noite em uma noitada inesquecível. Inclusive se fez vir a meia irmã de Jane para ajudar na cozinha, visto que seu guisado de vitela, gozava de grande prestígio entre os aldeãos, e resultava imperativo, que todos os manjares servidos fossem dignos de menção no futuro. Quem poderia assegurar que o senhor Byrne não acabaria enrabichado pela Fanny, durante o transcurso dessa mesma noite, e ante o estímulo de uma abundante comida na mesa? De todos era conhecido que, enquanto uma mulher era conquistada pelo ouvido, um homem era conquistado pelo estômago, e dessa conhecida fraqueza masculina procurava aproveitar-se essa noite, a senhora Clark, posto que sua insensata filha parecia empenhada em desperdiçar qualquer oportunidade de caçar marido.

As janelas da reitoria permaneciam totalmente abertas, em um intento desesperado por ventilar as escuras e úmidas habitações. Os ligeiros cortinados que se penduravam dos trilhos, apareciam nas janelas e voavam livres para o exterior, como fantasmas alegóricos que faziam dançar suas etéreas roupas folgadas, ao infinito.

A voz aguda e irritante da senhora Clark se fazia ouvir do pátio dianteiro e, ainda, além dos estábulos, de tal forma que se unia ao ensurdecedor grasnar dos gansos e, inclusive, chegava a competir com eles quanto ao estrépito ensurdecedor. Pobre Jane! Tão somente o imenso afeto que sentia pelo velho senhor e por seus encantadores filhos, a retinha na reitoria, e motivava-a suportar um caráter tão difícil quanto o da senhora Clark. Fanny

estava segura de que, se não fosse por eles, a paciente Jane os teria deixado fazia muito, para buscar outra família, cuja matriarca resultasse um pouco menos insuportável.

Acabavam de soar as badaladas no relógio do salão quando Fanny, tombada sobre um lado, na cama de sua irmã e apoiada em um cotovelo, concluiu a leitura com a qual pretendia convidar Cassandra ao sonho. A menina, embelezada com sua camisa de dormir, permanecia com uma mão recolhida sob o travesseiro e com a outra, brincava com os laços do vestido de sua irmã. Era costume, que as crianças não assistissem aos jantares de sociedade, enquanto não fossem apresentados ao mundo de forma adequada. Mas como no caso das jovenzinhas, acontecia sempre, quando as irmãs mais velhas já se comprometeram. Era um costume que Fanny desprezava completamente, ao considerá-la excessiva e ridícula. O que aconteceria com Cassie se ela jamais se casasse? Alguma vez desfrutaria de sua própria apresentação na sociedade?

Fanny entretinha-se, brincando com os cachos do cabelo da pequena, que ao mesmo tempo, fazia e desfazia laçadas com as cintas que adornavam o vestido de sua irmã. Tratava-se de um simples e leve vestido de musselina branca, provido de minucioso aplique azul, que debruava o amplo decote. Uma larga cinta de cetim, do mesmo tom azul, costurada sobre o corte do busto, modelando a cintura, proporcionava um vistoso toque de cor ao gracioso conjunto. Recolheu o cabelo, informalmente, em um coque baixo, com algumas mechas trançadas em volta do coque com uma cinta de cor celeste.

— Fanny Clark, faça o favor de descer, a carruagem de nossos convidados acaba de chegar! Acaso deverei ir buscá-la eu mesma? — A trombeta que a senhora Clark possuía por garganta, lançou o chamado escada acima, e quebrou a paz do quarto. Ambas as jovens, correram até a janela e Fanny deixou escapar um amplo sorriso ao reconhecer o carro dos Morton, no pátio. Beijou a sua irmã no nariz de forma ruidosa.

— Ficará bem, pequena?

Cassandra ficou firme e sorriu com suficiência.

— É claro! A senhora Milton e o coronel Thorton me farão companhia durante toda a noitada. É possível, inclusive, que conceda a primeira dança ao coronel — exclamou orgulhosa e assinalou a desgrenhada boneca, de cabeça de porcelana e o puído coelho cinza de pelúcia. — Além disso, no caso de que me aborreça, posso me esconder no mezanino da escada para espiá-los.

Fanny lhe deu um beijo na fronte, como afetuoso reflexo de consentimento. Em seguida, levantou-se da cama de um salto, endireitou-se e beliscou as bochechas em um gesto de paquera feminina, umedeceu os lábios, despediu-se de sua irmã agitando a mão no momento de transpassar a soleira, e desceu as escadas, entre graciosos saltinhos, para deter-se no vestíbulo e situar-se um passo atrás de seus pais, ao lado de Ian. O sino da porta principal ressonou solenemente, no meio do silêncio imposto. Jane apressou como pode, seu perpétuo andar cansado, recebeu aos convidados e se encarregou dos casacos e chapéus.

A querida Charlotte e Edmund Byrne apareceram sob a soleira, muito sorridentes e felizes de braços dados, gesto que não passou desapercebido à

senhora Clark que apurou-se a torcer o rosto e soprou pelo nariz.

Charlotte parecia esplêndida, dentro de seu habitual gosto para a roupa, com um vestido cor berinjela em conjunto com um ornamentado enfeite, no qual destacava-se um frondoso ramalhete de folhas, do tamanho de uma mão adulta, em um tom verde forte desdobrado sobre a cabeça. Semelhante enfeite adornava um coque salpicado de apertados caracóis, que emolduravam-lhe o rosto. O senhor Byrne, provido de perfeitamente polidos cachos na têmpora, vestia uma elegante casaca granada em conjunto com colete e com o generoso laço que lhe engordava o pescoço.

Todos se saudaram com uma afetada reverência. Fanny sorriu satisfeita. A presença de seus queridos amigos faria daquela noitada um evento encantador.

Um movimento apenas perceptível atrás do senhor Byrne, captou sua atenção e pintou-lhe as bochechas com um delator tom escarlate. Um cavalheiro vestido de negro de forma impecável, cuja estatura obrigava-o a curvar-se com evidente desconforto para passar os baixos tetos da estadia, inclinou-se para a família e ofereceu uma amável reverencia, sem afastar o olhar, todo o tempo, das brilhantes pupilas verdes da senhorita Clark.

Charlotte voltou-se levemente para o cavalheiro e dirigiu-se a sua anfitriã:

— Possivelmente você recorde a nosso convidado da tarde passada, senhora Clark, o senhor Oliver Hawthorne.

Fanny franziu o cenho, enquanto o coração golpeava no peito como o faria uma raposa contra uma armadilha de madeira. Uma onda de calor subiu-

lhe pelo pescoço e se deu conta de que começava a transpirar sob as camadas de roupa.

— É claro, senhor Hawthorne, seja muito bem-vindo a nosso humilde lar!

Oliver Hawthorne sentia-se incomodado em excesso, a única coisa que conseguia aliviar seu desconforto era a deliciosa visão de Fanny Clark, que deixava aparecer sua curiosa cabecinha, por trás das silhuetas de seus pais.

Nessa noite a senhorita Clark resplandecia como uma Vênus, que emergia das águas, dotada de um rubor adorável que conseguia deixá-lo louco e daquela ruguinha no sobrecenho que lhe proporcionava um halo de desconformidade constante.

Enquanto isso, como se algum perverso demônio tivesse sido encarregado da missão de estorvá-lo constantemente em suas sensações, aquela senhora não deixava de soltar incoerências e absurdos enquanto o conduzia pelo braço até o salão de jantar. Quão monopolizadora e molesta resultava aquela mulher! Parecia que não se cansaria jamais de adulá-los sem vergonha, tanto a ele quanto ao Byrne, como se ignorasse completamente, o necessário limite que marcava a correção e o bom tom. Seu marido, seu filho mais velho e a querida Fanny, todos pareciam sofrer de verdade, com a conduta da senhora. Entretanto, ela continuava com seus despropósitos sem alterar-se um mínimo e oferecia amostras constantes de um caráter, completamente carente de distinção e de classe.

Foram conduzidos a um pequeno salãozinho, muito escuro para poder ser admirado e muito frio para resultar aprazível. Sem dúvida, todas as

estadias da velha reitoria, resultavam muito pequenas e escuras para o que se poderia considerar confortável em uma casa.

Uma mesa de pedestal, com tabuleiro retangular e cadeiras a jogo, ocupava o centro da habitação. Ao fundo, sobre um antiquado aparador de madeira de três prateleiras, se podia ver uma elegante baixela, embora descascada, disposta para ser admirada.

Oliver Hawthorne teve que ocultar um estremecimento, quando Fanny sentou-se a seu lado e uma intensa onda de perfume floral envolveu-o. As vaporosas dobras da saia da jovem derramaram-se ao redor da cadeira e ocultaram completamente, o sapato esquerdo do cavalheiro. Essa fortuita aproximação, despertou nele uma sensualidade irreprimível e um desejo irrefreável de acariciar o fino braço nu, com os nódulos dos dedos.

Ao seu lado a jovem parecia tremer de um modo quase imperceptível. Ou, acaso era imaginação dele? Não, sem dúvida a intrépida senhorita Clark permanecia tímida, turvada, inquieta, talvez se sentisse encurralada em sua própria casa. Pela extremidade do olho, descobriu o fino bastão com punho de metal, que a jovem deixara apoiado em um lado do assento.

— Posso perguntar-lhe como se encontra seu tornozelo?

Fanny avermelhou até o nascimento dos cabelos. Inalou, antes de responder com voz trêmula, sem alcançar o olhar ao cavalheiro.

— Bastante bem, obrigado, senhor Hawthorne.

— Fanny machucou-se faz alguns dias enquanto passeava pelo bosque, — interveio a senhora Clark que não pôde evitar intrometer-se. — É você muito amável por perguntar, senhor Hawthorne, e por ter reparado na

invalidez de Fanny. — Olhou para sua filha enquanto fazia gestos sem dissimulação e elevava as sobrancelhas na direção do cavalheiro. — Não é muito amável, Fanny querida?

Ela desejava que a terra se abrisse sob seus pés, nesse instante, e a tragasse inteira. Ou a sua mãe, por indiscreta e embrulhadora.

— É, mamãe.

E nesse preciso momento, soube que passaria o resto da noitada, com o desejo de que chegasse o quanto antes, a seu fim.

A sucessão de pratos não se fez esperar. De entrada serviram arenques frios e pudim de arroz. Os pratos principais constaram de: truta rosada cheia de presunto com molho de uva, vitela assada com batatas coradas e cabeça assada de vitela ladeada por vários tipos de verduras ao vapor. De sobremesa serviram torta de maçã e gelatinas diversas.

A senhora Clark parecia verdadeiramente satisfeita. Nesse momento fazia caso omisso ao fato, de que os excessos dessa noite condenariam à família, a todo um mês de austeridade. Nem ela daria amostras de que esse jantar era um esbanjamento, nem seus convidados masculinos precisavam estar a par da precária situação da família. A menos que aquela cacatua insolente da Charlotte soltasse a língua mais que o devido.

Oliver Hawthorne tentou mostrar um apetite satisfatório, embora não fosse capaz de liberar o nó que lhe apertava o estômago e impedia-o de concentrar-se em qualquer assunto, além da ocupante da cadeira ao lado. Contemplou-a enquanto a jovem levava uma taça de vinho de laranja aos lábios, e deleitou-se na elegância com que segurava o pé da taça e o modo em

que a seguir secava os lábios, por meio de ligeiros toquezinhos com o guardanapo. Todos os seus gestos suportavam uma sensualidade implícita que o obrigava a agarrar-se a beira do assento com ansiedade, quase com frenesi: condenava seus nódulos a uma evidente lividez, por causa da pressão sobre eles exercida e a seu coração a oscilar a beira de uma última sístole mortal.

Quase se sobressaltou, quando Ian Clark dirigiu-se a ele para interessar-se por algum ponto da sociedade londrina.

— Sinto não ser a pessoa adequada para satisfazer sua curiosidade, — comentou, — mas não sou assíduo assistente de bailes e demais eventos do estilo. Geralmente, esse tipo de reuniões resultam-me muito desagradáveis, e só compareço a elas quando minha presença resulta obrigatória. — Ajustou o laço com impaciência. As lenhas do fogo começavam a lançar muito calor ou se tratava de outra coisa? — Com sinceridade, não encontro satisfação alguma em alternar com idiotas que somente desejam ver adulada sua vaidade. Pessoalmente prefiro sair à caça com meus cães e em companhia de um bom amigo.

— Dou boa-fé disso, — interveio Byrne. — Hawthorne é um dos melhores atiradores do Império.

Oliver sacudiu a mão no ar em um gesto que pretendia diminuir a importância à adulação de seu amigo.

— Que severo deve ser com os de sua classe, senhor! — observou a senhora Clark enquanto o nervoso de sua risada enfeitava suas palavras. — Idiotas que somente desejam ver adulada sua vaidade! Temo que muito

severo.

— Não, não acredito. — Hawthorne olhou-a com seriedade e a senhora tremeu de cima abaixo. — A sociedade aborrece-me em forma notável.

A senhora Clark ofereceu uma absurda careta de surpresa.

— Não posso culpá-lo, senhor Hawthorne. — A doce voz da senhorita Clark saiu em sua defesa de forma inesperada. — É de conhecimento que existem companhias mais inspiradoras que as surgidas em certas esferas.

Edmund Byrne sorriu enquanto se esclarecia garganta com intenção.

Oliver e Fanny olharam-se com tal intensidade que durante, um instante, lhes pareceu que todos os relógios do mundo detiveram os ponteiros, e o tempo se estancou para os presentes, que somente os dois conservaram no movimento, vida e raciocínio. Nesse momento Hawthorne teria dado o impossível, teria desafiado a todos os presentes e a qualquer um que ousasse atrapalhar seus desejos, teria vendido a alma ao próprio Lúcifer e desafiado toda norma de decoro e urbanidade, com o intuito de aproximar-se dela, envolvê-la entre os braços e beijá-la, acariciar sua pele nívea com os lábios, até que não ficasse nenhuma mínima parcela de pele isenta de seus beijos.

— Assim é, senhorita Clark, somente um tolo encontraria mais agradáveis os asnos da cidade, que os do campo.

No futuro, Oliver Hawthorne recordaria aquele jantar como o instante no qual, pela primeira vez e sem lugar a dúvidas, compreendeu que seu coração pertencia e seguiria pertencendo, para sempre, àquela graciosa senhorita de caráter indomável. Caíra de forma indubitável em sua atração e, por mais que resistisse, por mais que pretendesse mostrar-se firme,

continuaria girando em espiral e sem escapatória, ao redor da órbita sensual daquela menina, que o imantava.

# CAPÍTULO 20

O sol estendia longos braços, áureos, sobre a vasta campina do condado de Sheepfold. Apenas corria uma ligeira brisa, capaz de pentear frouxamente, a murcha cabeleira verde do terreno e agitar cada longa mecha espigada, ao som sinuoso de seu alento. O ar resultava a essa hora da tarde, plúmbeo e cansativo, inclusive as cigarras pretendiam mostrar seu descontentamento, ao lançar ao ar seu estrepitoso e lastimoso cântico.

A quietude da tarde resultava estranha, igualmente a sensação de calor úmido que fazia com que qualquer rastro de vida animal resultasse invisível ao simples olhar.

Edmund Byrne e Oliver Hawthorne tentavam enganar a tarde ardente enquanto contornavam o leito de um buliçoso riacho. Acompanhava-os Evie, a sagaz cadela pointer, albina do senhor Morton.

Proveram-se de escopetas ligeiras, procedentes do arsenal pessoal do coronel, que, nesse momento, carregavam relaxados sobre o ombro, enquanto avançavam andando distraídos e suportavam com estoicismo o abrasador calor da tarde.

À borda da água corrente se respirava uma refrescante brisa que fazia o passeio mais suportável. A aragem revitalizante, que misturada com a revoada colorida de libélulas azuladas que trabalhavam excessivamente por mostrar sua beleza, voando a rasante da água e o intermitente chapisco da corrente, proporcionava um efeito relaxante nos caminhantes.

Evie caminhava com lentidão, no mesmo tempo dos cavalheiros e a

língua pendurava-se inerte em uma lateral da boca.

Em uma pequena clareira, surpreenderam-se com algumas jubilosas vozes femininas, que cantavam uma toada em louvor à primavera e à beleza das flores. As vozes procediam de donzelas que dançavam em grande alvoroço, enquanto outra senhorita permanecia imóvel, no centro do desigual círculo e exercia a função de mestre de cerimônias. Todas usavam o cabelo solto, coroavam suas cabeças com diademas de flores silvestres, vestiam trajes leves e, sem embaraço, os pés descalços.

— São jovens do povoado, — esclareceu Byrne que observava divertido a cena, assim como a cara admirada de seu amigo. — Passam várias semanas ensaiando danças e canções para a festa de maio. Inclusive entendi que elaboram uma espécie de oferenda floral a base de plantas, samambaias e arames.

— Resultam na verdade, curiosos, estes costumes pagãos. Embora os conheça, jamais deixarão de surpreender-me, — murmurou Hawthorne enquanto observava às moças com uma sobrancelha arqueada. — Pergunto o que pensariam delas na cidade se as vissem dançar descalças.

— Com segurança, pensariam que estão divertindo-se muito.

— Acabarão com os pés como tições.

— É provável que sofram menos percalços que nossas damas da capital que, face à elegância de seus sapatos, estranha é a ocasião em que não acabam com os pés machucados, por causa da incômoda disposição de suas laçadas e saltos.

— Insólito, na verdade, insólito, — rematou Hawthorne. Ajustou a

escopeta ao ombro e reatou o caminho. Ambos, continuaram em silêncio em companhia do leal cão que, de vez em quando, farejava o ar e estremecia, ante a poderosa reclamação de algum aroma silvestre.

Edmund assobiava em baixa voz uma estranha canção, enquanto consentia em acariciar com a ponta dos dedos as ervas altas que bordeavam o caminho. Oliver reprimiu um sorriso zombador, estava claro que seu querido amigo fora pego, irremediavelmente, pela perigosa pontaria do querubim alado. Aproveitou tal certeza, para rir um momento.

— E sua relação com Charlotte Morton? — perguntou.

Edmund não pareceu incomodar-se pela pergunta. Interrompeu a toada e umedeceu os lábios, muito disposto a abordar o assunto.

— Eu diria que permanece estancada em um ponto que parece não ter retorno. A verdade é que a senhora Morton freia-me em excesso.

Oliver soltou um bufido de incredulidade.

— Freia-te, diz? Eu diria melhor que te dá corda, sem a menor dissimulação! — Edmund sorriu divertido ante a eloquência de seu amigo. A senhora deseja que despose a sua filha com a menor brevidade possível, e me atreveria a aventurar que se Charlotte não se mostrasse disposta, ela mesma se ofereceria voluntária, para que não partisse com as mãos vazias.

— Não posso acreditar que zombe, com tanto descaramento, da senhora Morton!

— Nem eu, que persista em seu cortejo até com semelhante lastro, que ameaça continuamente, a prudência de qualquer um! É uma charlatã insuportável, Byrne, seriamente admiro-o e me compadeço de uma vez. —

Escureceu o tom de ironia para compor sua eterna expressão, severa. — Sabe que a escrupulosa sociedade londrina não mostraria a menor piedade, e que uma sogra como ela, empanaria sua reputação.

— Mas o coronel Morton é um cavalheiro, sem mancha alguma. — Edmund pretendia reforçar suas palavras para soar convincente.

— Estou de acordo. E a senhorita Morton é uma jovem muito bem educada, com um caráter temperado em consonância com sua beleza plácida. Até apesar de seus horríveis vestidos. — Oliver Hawthorne soprou divertido e aliviado porque não se tratava de seu cálice particular. — Mas essa senhora! Nunca conhecera ninguém tão enlouquecedora, à exceção, claro, da querida senhora Clark, o pé perfeito para o mais imperfeito dos banquinhos. — Meneou a cabeça com reprovação. — Deveriam formar par de bridge, estou seguro de que se atreveriam a depenar ao próprio primeiro-ministro.

Oliver Hawthorne estalou a língua. Qualquer daquelas duas cacatuas, resultaria uma mancha indelével e insuportável no bom nome de qualquer família. Não podia nem imaginar a sua mãe, a grande senhora de Hawthom, relacionando-se com qualquer das duas e inclusive era capaz de perceber, como se a tivesse diante, a careta de repugnância tão característica, no sombrio e antipático rosto da grande dama que, sem dúvida, apareceria em presença das enlouquecedoras senhoras.

Uma perdiz os surpreendeu ao levantar voo justo diante deles em forma tão repentina que Edmund disparou, mas errou o tiro.

— Diabos, sou um caçador odioso! — Relaxou de novo a escopeta sobre o ombro e prosseguiu a marcha ao lado de seu amigo. Retomou a conversação

cabisbaixo. — De toda a maneira, tenho que confessar que me acostumei excessivamente à senhorita Morton e que sentiria muito ter que prescindir de sua companhia.

— Sério? — O gesto cético do rosto de Hawthorne gotejava sarcasmo. Jamais teria pensado, a julgar por sua melosa solicitude!

Em seguida arrependeu-se dessas palavras porque, também, ele se afeiçoou com sua pedra particular.

— Farei ouvidos surdos a sua ironia, visto que estou certo de que, apesar de suas brincadeiras e reticências, Charlotte goza de sua boa opinião.

— O que posso dizer? — Hawthorne elevou os ombros com comicidade. — Não sou mais que um amigo leal que o apoiará naquilo que queira levar a termo.

— Então, — Edmund esboçou um sorriso semelhante ao ingênuo e generoso sorriso de um menino, ao obter o consentimento dos mais velhos, — conto com sua bênção para pedir a mão de Charlotte?

Hawthorne riu a gargalhadas, divertido.

— Acaso a necessita?

— Não, mas eu gostaria de contar com ela.

— Então a tem, sempre que você seja feliz, e eu, consciente disso.

Edmund jogou-se em seus braços. Parecia liberado de um terrível peso que o intumescera durante semanas. Oliver Hawthorne, por sua parte, permaneceu rígido e enrijecido, durante o tempo que durou o abraço e limitou-se a descarregar leves tapinhas nas costas de seu amigo. Não estava acostumado a receber amostras de afeto, nem em público, nem em privado, de

fato, jamais as recebera da parte de ninguém mais do que daquele jovem moço, que nesse momento parecia disposto a quebrar-lhe o espinhaço, o inesperado e afetuoso contato pegara-o completamente despreparado.

— De todos os modos, recorda que estarei encantado de prestar apoio econômico se precisar enviar, em algum dado momento, a sua sogra a algum lugar remoto. Ouvi que na África tem sido descobertas paisagens dais mais insólitas. E se não, sempre ficam as Índias Orientais.

Ambos sorriram com amplitude, enquanto Evie se elevava sobre as patas traseiras, em busca de atenção.

— Combinado. Agora toca a você. — Oliver arqueou uma sobrancelha. — O que me diz da senhorita Clark?

Hawthorne se esticou e a mandíbula começou a palpitar visivelmente.

— O que acontece com ela? — Sua voz soava mais arisca do que o cavalheiro teria desejado.

— Oh! Vamos Oliver! Por que resistir? — Hawthorne bufou, enquanto inclinava a cabeça e a voltava para um lado. — Se trata de uma jovem formosa, em posse de um caráter resolvido e uma personalidade firme e voluntariosa.

— E uma língua mordaz, Byrne, não o esqueça. Temo que, se se mordesse a si mesma, não demoraria, nem meio minuto, em morrer envenenada. Fanny Clark é uma criatura intrépida.

— Por que teria que ser menos? Por que calar e dar razão em um assunto determinado, quando não se está totalmente de acordo com ele? Parece-me bom que mostre suas opiniões, que discuta, que se zangue quando algo não é de seu agrado. — Byrne sorriu. — Acredito que resulta gracioso e

atraente em uma mulher.

— Fala assim, porque não é a você a quem rebatem continuamente.

— Nos últimos dias tampouco a você, pelo que pude observar. — Edmund sorriu com malícia e imitou a voz da senhorita Clark: — Não poderia culpá-lo, senhor Hawthorne, porque é conhecido que existem companhias mais inspiradoras. — Zombou. — Com sinceridade, amigo, não acredito que alguém como você, escolheria como senhora de Hawthom a uma jovenzinha tola e afetada, que baixasse o olhar cada vez que você aparecesse em uma habitação. Sempre supus que preferiria alguém, com um caráter firme e indobrável, uma mulher capaz de suportar com estoicismo, a pressão que exige sua posição, que coroe as escadas de sua mansão com a majestade de uma rainha e que, ao mesmo tempo, seja capaz de acender brasas em seus olhos cada vez que a olhe.

Hawthorne esboçou um sorriso inclinado. Tentava imaginar Fanny Clark como senhora da casa, na mesa de qualquer dos salões de Hawtom, rodeada pelo tipo de pessoas que ela se gabava em público, de detestar. Vestiria um traje bordado com luxo e usaria as suntuosas joias da família Hawthorne, que não fariam mais que intensificar sua extraordinária beleza natural. Entrariam de braço para sempre em todos aqueles odiosos eventos aos que se vissem obrigados a assistir. Todos os cavalheiros o olhariam invejosos e percorreriam a figura de sua esposa com olhos luxuriosos. Nenhuma outra dama poderia igualar, jamais, sua beleza e nenhum outro homem de nenhum lugar do mundo experimentaria uma sorte semelhante à sua, ao contemplar a sua esposa. Permaneceriam, ambos, com o olhar e as

mãos entrelaçadas em um vínculo eterno e inquebrável. Sua esposa… sua esposa! A criatura mais perfeita do mundo, precisamente por causa de suas múltiplas imperfeições, uma ninfa entre os mortais, uma flor entre cardos… Até que alguém mencionasse suas origens humildes e rústicas, além disso, o caráter abafadiço e indesejável de sua mamãe. Até que a própria mãe de Hawthorne, a grande Dragona e senhora de Hawthom, irrompesse na estadia e rompesse em mil pedaços, o belo reflexo de tal sensação.

— Acredita que existe uma mulher assim, capaz de comportar-se como uma dama nos salões e como um vulcão na intimidade do quarto?

— É obvio que sim! A senhorita Clark poderia, com facilidade, ser comparada com um vulcão, um tornado, ou qualquer força da natureza que te venha à memória. Estou totalmente convencido de que, seu meio limão, — acrescentou, em alusão ao caráter de contínuo azedume de seu amigo,— é Fanny Clark. Pelo amor de Deus, Hawthorne, se a olha encantado.

Deu-se conta, então, de que resultava tão óbvio que somente dispunha de duas opções possíveis: ou aprendia a moderar suas emoções íntimas diante de Fanny Clark ou, do contrário, devia retirar-se, imediatamente, com toda a dignidade que o fosse possível, antes de ficar em evidência ante eles próprios e estranhos. Fugir, devia fugir. Céus, aquela era a segunda vez que dissera e, ainda não fora capaz de solicitar sua carruagem, ou uma cadeira postal qualquer, para sair daquele maldito lugar!

— Oliver, digo-lhe isso a sério — insistiu Edmund, consciente, possivelmente, da turbulenta voragem de sentimentos que imperavam no ânimo de seu amigo. — Deixa em paz seus estúpidos prejuízos e atreva-se a

amá-la.

Hawthorne se dispunha a replicar, quando um dueto de cantantes vozes femininas os surpreendeu, de repente, do outro lado do rio. Edmund se escondeu no ato entre as samambaias, ao mesmo tempo que elevava a cabeça entre a vegetação para procurar a origem das vozes.

— Byrne, pelo amor de Deus, asseguro que não é mais que outro grupinho de aldeãs, por que diabos se oculta? — protestou chateado o cavalheiro, mas seu amigo lhe puxou da jaqueta e o obrigou a acocorar-se, ao mesmo tempo em que exigia silêncio.

Oliver, suspirando e soprando, seguiu com aborrecimento a direção que tomara o curioso olhar de seu amigo e se esticou, imediatamente. Na borda oposta, duas jovens conversavam e riam despreocupadas, alheias a semelhante espionagem. Uma delas vestia um exótico vestido cor açafrão e descansava, sentada na borda, enquanto apoiava as costas no tronco de uma árvore próxima. A saia derramada ao redor formava um gracioso círculo e lhe proporcionava o aspecto místico de uma boneca de porcelana, à espera de ser posta em movimento. Mantinha a cabeça inclinada com placidez enquanto escutava sua amiga, meio adormecida pelo calorzinho do sol e o alegre cantarolar da corrente.

A segunda jovem usava o cabelo completamente solto. Permanecia de pé, e com os pés descalços acariciava o palpitante leito do rio. Oliver observou como o formoso cabelo de ouro chegava até por debaixo da cintura, resultava tão perfeito e macio como se tivesse sido tecido pelos próprios anjos.

A jovem arregaçava até os joelhos, a saia do simples vestido cor de

oliva, de forma que permitia a indecorosa visão de suas panturrilhas nuas, enquanto sustentava na mão livre, meias brancas e um par de singelos sapatos de passeio. Além disso, segurava a um bastão sobre o qual apoiava o ligeiro peso de seu corpo.

Hawthorne contemplou como Byrne sorria satisfeito com expressão fascinada, e algo em seu interior ativou um inesperado e ancestral instinto de posse, isso o fez enervar-se e arder apanhado em seu próprio corpo. Agarrou a seu amigo pelo braço com brutalidade e obrigou-o a levantar-se.

— Devemos continuar, Edmund, não é correto!

— Mas trata-se de Charlotte e da senhorita Clark! Viu alguma vez aquarela tão perfeita? — protestou seu amigo. — Acabamos de falar delas faz um momento, justificamo-nos o um com o outro! Possivelmente esta seja uma boa ocasião para levar a termo tudo o que falamos.

— Que tenhamos feito menção a certos assuntos de caráter pessoal, não nos exime de nos comportarmos como exige nossa condição de cavalheiros, Edmund. Retornemos a casa dos Morton agora mesmo, o coronel sentirá falta de suas armas e de sua formosa cadela.

— Valha Deus! — exclamou Byrne, carrancudo. — O que pode significar isto? Nem sequer quer contemplá-la nesse estado! É mais grave do que pensava!

Se não houvesse tanta irritação em seu interior, seu comportamento resultaria menos urgente e poderia ter passado por tímido, até o desespero. Mas a brutalidade com que segurou o cotovelo de seu amigo, puxou dele para arrancá-lo dali, e levá-lo quase de arrasto até outro destino, não deixava lugar

a absurdos pensamentos, sobre se tal proceder era fruto do acanhamento, do recato ou da prudência. Não, estava claro que na atitude do Hawthorne existia algo mais. Algo que ele evitava, que inclusive parecia torturá-lo e dispô-lo a lutar contra isso, com uma elevada resistência, mas que forçosamente, cada vez, resultava mais evidente e cada vez dobrava mais suas barreiras.

*

— E dançará com o senhor Hawthorne?

Fanny chapinhava divertida, com os pequenos pés de alabastro, na buliçosa correnteza quase gelada.

— Vamos, Charlotte, temo que algo assim, resulta mais que improvável! — Fanny sorriu ante a divertida careta de sua amiga. — Não posso dançar por culpa de meu tornozelo, cuja lesão foi mais que inoportuna. E, embora meu tornozelo permanecesse são, já o ouviste dizer que detesta esse tipo de eventos. Não sei se se deve a seu caráter sombrio e taciturno, ou a que o cavalheiro possui dois pés esquerdos, que deseja ocultar ao resto do mundo. — Charlotte sacudiu a cabeça sem deixar de sorrir. — O mais provável é que nem sequer assista.

— Na verdade acredita? Duvido muito de que opte por passar o dia completamente só e encerrado em uma habitação da hospedaria.

— Temo que será isso, precisamente, o que se disporá a fazer.

— Duvido-o. — Mordeu o lábio inferior. — Oh! Vamos, Fanny! Não te deste conta do muito que gosta de você?

Fanny se enrijeceu, permaneceu quieta e altiva, na metade do curso do rio, com os braços colocados aos lados e as magras panturrilhas sacudidas pela água.

— De verdade, pensa isso? — soprou com incredulidade. — É uma boba, Charlotte Morton, se pensar assim!

— Sim, céus! Sim acredito. Não nota a devoção com a que a olha sempre, ou o modo que estica a mandíbula quando você está presente?

— Possivelmente devido ao arisco caráter do cavalheiro em questão, confunde uma possível inclinação, com os sintomas indiscutíveis de uma preocupante dor de estômago.

As mãos de Charlotte revoaram sobre seu colo e se refugiaram no vazio da saia, como duas pipocas caídas em um oceano alaranjado.

— Não há pior cego do que o que não quer ver, Fanny, em seu caso, temo que não alcançará a abrir os olhos até que dê de cara com a realidade.

— Temo que aqui a única cega é você, Charlotte querida. O senhor Hawthorne está tão interessado em mim, quanto poderia estar em qualquer das jovens amazonas ovelheiras de Sheepfold.

Charlotte inclinou a cabeça e começou a rir, primeiro para si mesma, depois de um modo óbvio e buliçoso.

— Pode-se saber do que ri? — perguntou Fanny, magoada, e golpeou a água com o bastão.

Charlotte ainda se permitiu sorrir, uma vez mais, antes de responder.

— Do muito que custa atrever-se a amá-lo quando é mais que óbvio que você, também, gosta dele.

— Atrever-me a amá-lo? — Fanny avermelhou como uma cereja amadurecida. — Enlouqueceu? Não albergo a menor intenção de amá-lo ou de sentir nem a mais leve inclinação para Oliver Hawthorne! — Golpeou as ondas do rio com o bastão e conseguiu molhar sua amiga. — Inteire-se bem! Oliver Hawthorne não tem lugar em minha vida!

# CAPÍTULO 21

E chegou enfim o primeiro sábado do mês de maio.

Toda a vizinhança parecia ter se congregado na clareira do bosque onde, desde tempos ancestrais, celebrava-se o baile. E todos, quase sem exceção, ocupavam o tempo na comida, na bebida e no baile, possuídos de um estado de ânimo, na verdade, exultante. Havia certos grupos que, a julgar pelo rubor que coroava seus rostos, o brilho chispado de suas pupilas ou o ousado caminho que tomavam suas conversações, evidenciavam não terem sentido sede, desde muitas horas.

Era uma constante encontrar a cada passo, mantas estendidas pelo chão sobre as quais velhas matriarcas repousavam suas voluptuosas carnes, rodeadas de viandas, cestas e maridos, em lamentável estado de embriaguez. Os mais pequenos brincavam de correr ao redor dos grupos matriarcais e seguravam no alto ramos de espinheiros com os quais brincavam de perseguir as meninas que chiavam e fugiam deles horrorizadas.

No meio do campo, elevava-se o pau de maio, um poste de madeira coberto da base ao extremo, com cintas coloridas, suspensas da parte superior. A seu pé, alguns jovens dançavam: cada um segurava o extremo de uma cinta e se entrecruzavam uns com outros até que as cintas ficassem tecidas ao redor do poste.

No extremo oposto do campo, a recém coroada rainha de maio permanecia sentada em seu trono floral, rodeada por uma sorridente corte de súditas, aspirantes a próximas coroações, mamães orgulhosas de suas festivas

filhas e pretendentes sonhadores que faziam a corte a suas preferidas, com falta de jeito.

As alegres notas de uma toada escocesa invadiram a atmosfera quando as luzes e sombras do pôr do sol, caíram como um pesado pano de fundo sobre tão buliçoso cenário. A melodia era interpretada por um colorido grupo local, cuja interpretação resultava tão estrepitosa e dissonante quanto grotescos e dionisíacos, os ânimos dos intérpretes.

Fanny foi subitamente arrastada pela multidão, até o centro do campo, entre risadas, trancos e notas altissonantes abriu-se o baile com ela situada em perigosa localização em meio dos frenéticos bailarinos. Tentou colocar-se de um lado, visto que o estado de seu tornozelo e sua torpe mobilidade devido ao uso ainda necessário do bastão, anulavam nesse ano qualquer possibilidade de dançar, mas as bruscas cambalhotas e os exagerados giros dos que a rodeavam, a mantinham completamente sitiada enquanto tentava lutar por fugir para fora do bulício.

Sentiu então, que uma mão firme tomava uma das suas, em inesperado gesto possessivo, enquanto outra mão a segurava pela cintura e obrigava-a a fazer parte da descontrolada equipe. Com seus pés assentados em cima dos pés do cavalheiro que tinha em frente, deixou-se arrastar em movimento, pela confusão e pela impossibilidade de sustentar-se em pé por si mesma. Em meio de tão inesperada abordagem, o bastão caiu ao chão e se perdeu em um oceano selvagem de pés dançantes e saias multicoloridas.

— Acreditei que me prometera as duas primeiras danças, senhorita, não esperava que você descumprisse, com tanto descaramento, uma promessa.

— A jocosa voz do senhor Rygaard a fez ruborizar, assim como a intensa baforada de álcool que fugiu dos lábios do cavalheiro para esbofeteá-la no rosto. Olhou-o estupefata e sentiu-se, de repente, vulnerável sem o apoio de madeira dos últimos tempos.

— Senhor Rygaard, meu bastão, perdi meu bastão!

— Esqueça-se dele! Não o necessitará enquanto me tenha como seu particular e exclusivo ponto de apoio. Além disso, semelhante complemento não realça a figura de nenhuma dama — exclamou, sem deixar de sorrir de forma lasciva. — Não via tanta gente ébria desde que pisei pela primeira vez nos bairros baixos londrinos. E que sua mamãe me perdoe a ousadia de ter pisado em semelhante lugar — ajustou com descaramento Fanny contra ele e amoldou a sua cintura. — E você? Também bebeu, jovenzinha imprudente?

Fanny compôs uma expressão severa e tentou por distância entre os dois. Mas Jarrod Rygaard a mantinha muito bem segura, com a palma estendida sobre a fina linha de sua coluna, como para que qualquer intento de fuga resultasse inviável. Além disso, era óbvio que o cavalheiro bebera vinho suficiente para infundir-se ânimos e minguar de forma notável em inteligência e sensatez.

— Como se atreve? Entretanto, é óbvio que você sim, ultrapassou com o licor! Você cheira mal, senhor Rygaard!

— E isso lhe incomoda, querida?

Os olhos entreabertos e a voz sussurrante e pastosa, horrorizaram Fanny. Ante semelhante imprudência, ela não era já capaz de perdoar a conduta ousada e ofensiva do homem, em nome de sua embriaguez, muito

menos, de aceitá-la com resignação, por isso não sentiu desejo algum ou necessidade de mostrar-se cortês. Inclusive, se tivesse uma mão livre o teria esbofeteado, no ato.

— Abstenha-se da licença de sussurrar-me, senhor Rygaard! E permita-me retornar a um lugar mais tranquilo!

— O que aconteceria se me negasse?

O cavalheiro girava uma e outra vez, arrastava Fanny puxando-a para aquela voragem de giros sem sentido. Compreendeu a jovem que a aparição do senhor Rygaard não resultara afortunada de modo algum, mas, sim, se tratava de uma infeliz coincidência que conduziria consequências funestas a sua vida. Uma estranha ansiedade lhe assolou o ânimo e a fez sentir inquieta, nervosa e angustiada. As três coisas de uma vez. Tanto sacolejar a enjoava. Pelo amor de Deus, onde se metera Ian? Por que não a resgatava?

— Pretende obrigar-me a gritar, senhor Rygaard? Porque lhe asseguro que meus pulmões gozam de uma saúde magnífica! — Tentou compor uma evidente expressão de recriminação e conseguiu, a julgar pela sombra fugaz que cruzou, imediatamente, as pupilas cintilantes de seu interlocutor.

— Gritaria? Me deixaria parecer como um vilão?

— Neste momento comporta-se como um vilão, senhor!

Depois de um minuto de silêncio, que com segurança serviu para carregar de coragem e presunção a face do americano, continuou com a ofensiva conversa. Era óbvio que sua consciência ausentou-se, ou, possivelmente, perecera, afogada em uma enorme quantidade de álcool.

— Você está muito zangada ou, um pouco zangada? — Enquanto assim

falava piscou um olho para a jovem. Uma nova e ácida baforada de álcool emanou através de seu fôlego.

— Bastante zangada para não desejar dançar com você, neste momento, senhor! — exclamou com toda a força de que foi capaz. — Além disso, não resulta muito amável de sua parte que me obrigue a acompanhá-lo, dado o estado de meu tornozelo. Você se comporta como um rufião sem alma, em vez de um cavalheiro!

— Você está machucada? Não me diga que outro galã abusou que seus delicados pés e a invalidou para o resto da noitada!

Rygaard inclinou o olhar para tratar de observar o que poderia haver naquele tornozelo oculto sob a incômoda longitude da saia. Mas sua visão encontrava-se muito embaçada pelo licor para permitir-lhe comprovar, nem sequer focar com nitidez, inclusive a tão escassa distância. Por isso, sem soltar a sua presa, tratou de levantar um extremo da saia para comprovar o estado daquela oculta parte da anatomia de sua companheira. Fanny, completamente, horrorizada, rechaçou semelhante licença e deu um tapa na mão audaciosa.

— Não lhe ocorra voltar a tocar-me, senhor Rygaard, ou lhe asseguro que…! — Interrompeu-se no ato porque, nesse mesmo instante, divisou entre o grupo de espectadores ao casal formado por Charlotte e Edmund Byrne a quem, era evidente, permaneciam alheios a seu infortúnio. Elevou a cabeça por sobre toda aquela colorida massa em movimento e gritou o nome de sua amiga em uma clara petição de auxílio. Mas Charlotte não podia ouvi-la a essa distância, nem sequer o casal que dançava a seu lado a escutara.

Nesse preciso instante, percebeu como a mão que a rodeava pela

cintura esticava-se subitamente e a atraíam com maior violência para si. Voltou-se para olhar cara a cara ao Rygaard e descobriu que uma desconhecida expressão de espanto se desenhara no rosto até transformá-lo, de repente, em uma máscara terrível e sombria.

— Desconhecia que você dispunha de seu próprio cão de guarda. — O americano falou sem olhá-la, com a voz diferente e a face completamente lívida.

— O que diz?

Olhou, então, para o lugar onde Charlotte e Byrne se encontravam fazia tão somente um momento, mas o lugar passara a ser ocupado por um grupo de camponeses que saltava ébrio ao som da música. Imitou a direção que tomaram os olhos de seu acompanhante, aderidos de forma pertinaz a um ponto invisível a certa distância. E então o viu.

Oliver Hawthorne permanecia imóvel, sob um elegante arco de passifloras. Sua elevada estatura e sua escura vestimenta, muito elegante e rebuscada em meio da desmedida multidão, faziam-no destacar-se de forma indissimulada. Permanecia extremamente tenso, sombrio, com o queixo elevado com notória autoridade, e os observava, a eles! Com os olhos entreabertos em um gesto perigoso e sinistro. Os punhos apertados nos lados evidenciavam a tensão que lhe corria pelas veias, e que devia ter transformado o sangue em autêntico fogo líquido.

Rygaard, também, parecia haver-se fixado no cavalheiro. A prontidão com a que interrompeu a dança e a lividez do rosto, assim evidenciavam.

— Que diabos ele faz aqui? É um tipo verdadeiramente insólito! —

balbuciou mal humorado de forma visível. — O tipo de homem que gosta de exibir-se e comparar-se com todo mundo, com o único fim de mostrar os defeitos dos outros. Não entendo a que terá vindo, se não for aparecer em meio de todos estes caipiras!

— Desculpe? A quem acredita que está chamando caipiras? — Fanny se liberou, enfim, com brutalidade do abraço do Rygaard que nesse momento parecia muito entretido em manter a compostura, para preocupar-se com o rechaço e a indignação da senhorita. — Acaso você conhece o senhor Hawthorne?

Rygaard despertou de seu transe, engoliu saliva e piscou com nervosismo antes de responder.

— Conheci-o durante… — Mas alguma estranha lembrança motivou-o a silenciar-se.

— Durante uma de suas anteriores visitas a Inglaterra, nas quais não lhe aconteceu nada nem conheceu você a ninguém interessante. Não me diga mais, — completou Fanny e desprezou a visão que oferecia o americano, para observar com cautela ao senhor Hawthorne.

O cavalheiro parecia na verdade furioso, tanto o perfil aquilino como as feições escuras ajudavam a proporcionar-lhe, nesse momento, um aspecto sinistro.

Cessou a música e a presença lívida e aflita de Rygaard desapareceu entre a multidão com a mesma urgência com a qual aparecera. Fanny buscou-o ao redor, mas somente conseguiu vislumbrar a parte posterior de sua jaqueta, engolida pela turba agitada. A música começou a soar, com grande

estridência e desatino e os casais cabriolavam, de novo, sem o menor tipo de inibição.

Apanhada, de novo, no endiabrado círculo e sem nenhum ponto de apoio desta vez, Fanny começou a receber cotoveladas e pisões em qualquer parte e converteu-se em um perigoso e apetecível alvo, móvel, para os frenéticos bailarinos. Por um momento, deu a impressão de que todos aqueles autômatos desenfreados tivessem como finalidade impactar contra a vulnerável e frágil senhorita Clark ou, de que, por acaso, alguma estranha imanação atraíra-os irremediavelmente para a órbita da moça.

Perdeu o equilíbrio ao tropeçar com uma mulher tão robusta quanto ébria e enfurecida. Tropeçou até quase dar com seu atordoado corpo no chão. Justo no meio do caótico oceano em movimento, um poderoso braço abriu caminho, para segurá-la pela cintura, até rodeá-la completamente, erguê-la e salvá-la assim, de uma perigosa e certa queda no meio do frenesi pagão.

A ponto de chorar, Fanny enterrou o rosto, no fino brocado do colete que lhe acariciava a pele enquanto se agarrava, com firmeza, às lapelas da jaqueta de seu resgatador. Assombrou-se da facilidade com a qual o homem a transportava entre a multidão, elevando-a a uma considerável distância do chão, enquanto rodeava com firmeza as prensas de seus dedos, ao redor da delicada cintura da jovem.

— Fale algo, senhorita Clark, seja o que for, pelo amor de Deus! — Hawthorne se expressava em um registro baixo e sombrio. Seu tom era claramente de fúria.

Fanny conteve um soluço antes de responder.

— Senhor, como diz?

— Tente me distrair, Por Deus, ou do contrário asseguro que darei a volta neste mesmo instante, e abrirei a cabeça daquele miserável, em duas!

Fanny estremeceu e agarrou às lapelas do cavalheiro com maior impetuosidade.

— Estava a muito tempo nos observando?

— O suficiente! — bramou ele. — E lhe asseguro que tive que lançar mão de toda minha contenção, para não me equilibrar sobre esse mal nascido.

Em um dado momento, a uma distância prudencial do improvisado cenário de baile, o cavalheiro depositou-a com suavidade no chão. As bochechas da jovem ardiam, seu peito subia e descia em agitado vaivém. Com toda a dignidade de que dispunha nesse momento, que não era muita, tentou arrumar a saia e elevou, com acanhamento, os olhos para o cavalheiro. Estudou suas feições durante alguns segundos sob os claros e escuros de uma noite de quarto crescente, longe da incerta claridade que derramavam as tochas e as fogueiras do campo festivo. O homem lutava para recuperar o fôlego e seu rosto refletia uma ira homicida.

— Não sei como agradecer… — murmurou nervosa.

Mas o cavalheiro parecia não escutar. Olhava à frente: as labaredas vermelhas e negras do inferno, brilhavam em suas pupilas. Ou enlouquecera, ou era muito consciente de que a providência o obrigara a retroceder, no mesmo momento no qual estivera a ponto de cometer um homicídio.

— Está zangado comigo?

Hawthorne não a olhava, mas sua agitada respiração e a raiva que

destilava seu rosto eram mais que evidentes.

— Senhorita Clark, está você bem?

Fanny tentou clarear a garganta em silêncio, antes de responder, olhou-se de acima abaixo. Sim, parecia que tudo estava em seu lugar.

— Perdi meu bastão, mas o resto…

O cavalheiro suspirou com amargura.

— Não deveria dançar com o tornozelo ainda convalescente! Nenhum cavalheiro com um mínimo de sensatez a tiraria para dançar em vista de seu estado!

Hawthorne baixou o olhar. Na fronte desenharam-se várias rugas incomuns e seus olhos, aqueles abismos sem fundo, de antigamente, cintilavam, agora, dotados de um brilho sinistro.

— Foi algo totalmente fortuito, senhor Hawthorne. — Fanny sentiu a necessidade de desculpar-se diante dele. Não podia negar que o estado colérico do colosso, na verdade, inspirava-lhe um certo temor. — Não era minha intenção dançar esta noite, asseguro. Dói-me muito o tornozelo para cometer semelhante insensatez.

— Então a tiraram para dançar sem seu consentimento? — Ele passeou o olhar de um lado a outro e sentiu que sufocava. Parecia a ponto de enlouquecer.

— Sim… Não, bem… — Fanny silenciou no ato, porque, na realidade, isso era o que acontecera. Rygaard aparecera de improviso e a carregara para o centro daquele vórtice de despropósitos, sem seu consentimento. — Quer dizer… Não se preocupe, por sorte me encontro à perfeição.

Atraídas possivelmente pela conversação do casal ou fascinadas com o buliçoso encontro que os aldeãos levavam a termo na clareira do bosque, do céu começaram a cair diminutas gotas de chuva que, curiosas ante o novo conhecimento do mundo terreno, desciam corajosas do leito celestial, em forma urgente e repetitiva. Ao princípio parecia tratar-se da característica garoa que comumente velava a paisagem, com um manto aquoso e imutável garoa suave e apenas perceptível que, entretanto, se prolonga durante uma eternidade e banha completamente aos incautos que atrevem-se a menosprezar seu silencioso poderio. Mas, pouco a pouco, aquela chuva saltitante do princípio, encorajou-se até crescer tanto em intensidade quanto em violência e se converteu em uma tromba de água em toda potência.

Fanny, com os olhos entrecerrados, abraçou a si mesma para proteger-se da umidade fria que começava a impregnar-lhe o corpo e empapar a roupa. No ato, Hawthorne, cavalheiro da velha escola, desprendeu-se de sua jaqueta para oferecer a jovem, que a deixou cair sobre os ombros e abrigou-se dentro dela.

— Parece-me que esta noite a chuva não tem aspecto de cessar logo. Venha comigo! — Ordenou. Segurou-a pelo cotovelo e puxou-a para algum lugar na mata.

Fanny obedeceu. Nesse momento encontrava-se tão molhada e arrebatada que tiritava visivelmente. O chiar de seus dentes se fazia ouvir sobre o monótono estrondo que provocava a chuva ao cair. Ao longe, também a música cessara, e os gritos e as risadas dos incautos aos que, como eles, surpreendera o aguaceiro, enchiam o ar.

O senhor Hawthorne deteve-se enfim na entrada de uma espécie de orifício perfurado na rocha. Tratava-se de uma cova muito reduzida, escura e fedorenta, com certeza o antigo refúgio de alguma criatura do bosque, mas ao menos, sob tal amparo permaneceriam a salvo do aguaceiro que caía nesse momento.

— Entre, não tenha medo, aqui, ao menos, não nos molharemos.

— Como sabia da existência deste refúgio?

Ele sorriu levemente, mas pelo olhar ainda destilava ira. Igualmente a Fanny, também ele, estava ensopado e o fato de encontrar-se em manga de camisa, complicava muito mais esse ponto.

— Você está tremendo, senhorita Clark. — O tom adoçou até tal ponto, que Fanny se sacudiu de cima abaixo, mas desta vez não por causa do frio. A voz do homem soava rouca, quase ronronando. Elevou uma mão e, com um gesto de uma suavidade enlouquecedora, colocou uma mecha rebelde por trás da orelha de Fanny que acolheu esse gesto em silêncio e sem piscar. — Acredita que poderá consentir que lhe dê calor?

Fanny abriu muito os olhos, mas não disse nada. Todo seu corpo arrepiou-se: já não sabia se era por causa da umidade e do frio, ou da proximidade e da presença de Oliver Hawthorne.

— Só como um ato humanitário, do contrário você contrairá uma pneumonia. — Embora em seus olhos persistisse o brilho homicida, seus lábios se curvaram em um sorriso. — Permita que me aproxime.

Assim o fez. Em princípio, seus movimentos pareciam vacilantes e inexperientes. Elevou os braços para ela e formou com eles um arco que não

terminava de fechar-se em torno dela, como se tivesse medo de que o contato com a jovem pudesse queimá-lo ou que o simples roçar da pele com pele, fizesse desvanecê-la como fumaça entre seus dedos. Mas, depois desse intenso e incômodo instante de indecisão, fechou os braços em torno de uma ensopada, tremente e aflita Fanny.

— Não se preocupe, logo seu corpo entrará em calor. — Enquanto assim falava, suas mãos se deslocavam sinuosamente pelas costas da jovem, abrangiam o corpo magro e deslizavam, cautelosamente, pelos ombros e braços da senhorita, como um cego que percorre a provas da escultura de uma deidade.

Era evidente que o fato de encontrar-se a sós, no meio do bosque e na metade da noite, em companhia de um cavalheiro não poderia albergar nada bom para a reputação de uma jovem solteira como ela, entretanto, Fanny sentiu no peito um estalo de satisfação. Entre os braços do homem se sentia segura, intocável. Parecia tão pequena e insignificante ao lado de Oliver Hawthorne, que poderiam ter representado a alegoria de um pobre passarinho encantado com o amparo e a predileção de um colosso. Havia algo que resultava o melhor e mais satisfatório: sentia-se abrigada e preenchida por uma onda de calor físico, que subia por todo seu corpo e a acalorava da ponta do dedo do pé, até a última e encharcada mecha de seus áureos cabelos. A pele de Oliver Hawthorne ardia sob o úmido tecido de sua camisa, o fato de perceber esse calor, um calor que jamais teria imaginado que chegaria a sentir, de ser consciente dos poderosos braços fechados em torno de seu corpo (embora se tratasse de um mero gesto caridoso e humanitário) embalaram-na

de tal forma, que pouco faltou para que perdesse a consciência. Porque era provável que Hawthorne tão somente estivesse sendo amável com ela, mas, por acaso não parecia aquele gesto equivalente a um abraço permitido pela lei, e não um simples ato de cortesia? Tão desatinado resultava imaginar que existisse um pouco de afeto nos braços do cavalheiro aderidos a seu corpo?

Fechou os olhos, sorriu e afundou o rosto no peito do cavalheiro enquanto permanecia com firmeza agasalhada por sua jaqueta e seus braços! Como uma mariposa abrigada em seu casulo, que não desejasse abandonar tão feliz refúgio para sair para um mundo incerto. Quanto tempo permaneceram assim? Quem sabe! Fanny não desejava computar nem um segundo miserável, tão somente fechar os olhos e reter aquele instante para sempre na memória.

— Encontra-se melhor? — A voz sussurrante do cavalheiro, que procedia de algum lugar entre suas enredadas mechas, atraiu-a de novo à realidade. A uma realidade na qual não permaneceriam abraçados por toda a eternidade.

— Suponho que sim.

— Acredito que está. Eu a acompanharei até a casa.

Não, não, não!

Lentamente, como se ao fazê-lo sofresse uma dor martirizante parecida com a de desprender a pele aderida à pele da jovem, Hawthorne separou-se dela e ajustou demoradamente a jaqueta sobre os ombros.

Fanny agasalhou-se na jaqueta com gesto possessivo. Embora semelhante posse não lhe serviria de muito. Ainda podia sentir a força daquele

torso apertado contra o seu e o calor que geravam seus braços em movimento ao abrigar-lhe o corpo dormente, mediante ligeiras carícias.

— Senhorita Clark, eu… acredite-me que não acostumo perder os estribos deste modo. É somente que… — Beliscou a ponta do nariz e apertou os olhos. — Não posso tolerar certos comportamentos.

Fanny inclinou o rosto. A escuridão naquele lugar era tão densa que apenas podiam intuir um ao outro. Em meio do negrume, o homem exalou e com seu fôlego parte do peso que carregava sobre os ombros evaporou-se no ar.

— Estou tão cansado de lutar em vão.

— Contra o que luta, senhor Hawthorne? — Fanny surpreendeu-se de quão rouca soou sua voz.

A resposta do cavalheiro se fez esperar em meio de um silêncio esmagador.

— Temo que contra todo sentido comum, contra minha própria prudência, contra todo meu mundo, em definitivo.

Amparado pela escuridão permitiu-se seguir com a ponta dos dedos o perfil delicado daquela jovem que conseguia pôr seu mundo do avesso. Fanny tratou de compassar o atropelado ritmo de sua respiração, em acordo com as brutais pulsações com as quais a víscera romântica revolvia-se dentro de seu peito.

— Se tão dolorosa resulta-lhe sua luta, senhor Hawthorne, possivelmente, devesse propor-se, não lutar mais.

No ar soou lânguido o eco de um suspiro prolongado e amargo. O

suspiro de um homem esgotado e assolado pela impotência. Fanny, à espera possivelmente de um desenlace que não chegava, sentiu seu coração ardendo, enquanto galopava em seu peito com a impiedade de uma raposa que se debate contra uma armadilha de madeira.

— Eu a companharei até em casa, senhorita Clark — insistiu ele.

Fanny sentiu que os batimentos do coração cessaram de repente, que não voltariam a continuar em sua incessante marcha.

— Acredita que poderíamos passar antes pelo campo do festejo?

Hawthorne exalou chateado.

— Para quê?

— É provável que, agora que o grupo se desagregou, possa recuperar meu bastão.

— Está bem, daremos uma olhada rápida.

Segurou Fanny pelo cotovelo e conduziu-a para fora daquele lugar.

*

Quando chegaram a clareira do bosque, puderam comprovar que, tal e qual Fanny supusera, o escandaloso grupo do início da noite já se dissolvera. De todas as formas, ainda ficavam pequenos grupos dispersos, que se refugiaram da chuva sob as árvores e que agora retornaram para recuperar seus pertences. O tabuleiro que servira como improvisada mesa de aperitivos e bebidas, ainda, permanecia em pé, mas seu conteúdo mudara. Os copos estavam pelo chão, abandonados por seus donos com grande precipitação, e

as viandas encharcadas e pisoteadas. Inclusive havia vários xales e chapéus amontoados, sem vida sobre a lama.

— Olhe por ali, senhor Hawthorne, onde se encontra aquele grupo de gente. Eu procurarei por aqui. Deste modo acabaremos antes.

— Está segura? — perguntou e olhou seu tornozelo.

— Estarei bem.

Fanny observou com melancólica frouxidão, a imponente silhueta do cavalheiro ao afastar-se. Não transcorreria nem meio minuto, quando o fato de pressentir uma presença escura e mesquinha atrás de si, obrigou-a prontamente a voltar a cabeça. O senhor Rygaard a observava sorridente e um brilho delator lhe cintilava nas pupilas. Fanny decidiu lhe conceder tão somente um meio segundo de atenção.

— Acredito que alguém deveria ter advertido-me da periculosidade destes bailes campestres — vaiou. Ao saber, teria comparecido com uma arma oculta na bota.

Fanny limitou-se a escutar em silêncio, sem nem sequer olhar a seu interlocutor.

— Tentei ir em seu auxílio, asseguro, mas me resultou impossível. — O fôlego de Rygaard voltava a derramar o adocicado aroma do licor. — Fui empurrado, pisoteado e agredido da forma mais inapropriada que você possa imaginar!

— É claro, senhor Rygaard — murmurou sem o menor pingo de emoção.

— Asseguro que busquei-a entre a multidão, mas fui avassalado por

um grupo de mulheres completamente fora de si que atrapalharam-me em meus propósitos!

— Está bem, senhor.

— E essa jaqueta? — perguntou o homem beliscando o objeto apenas com dois dedos como se se tratasse de uma peça pestilenta. — Veludo negro espanhol. — Arqueou uma sobrancelha. — Não pertence a nenhum vagabundo do povoado, não é verdade? — Usou um tom que com toda certeza era de recriminação.

— Digo-lhe que não empregue esse tom para dirigir-se a mim ou a Sheepfold. Não faz muito dizia estar encantado com o modo de vida deste lugar — admoestou ela. Rygaard estalou a língua, mal humorado. — E não, não pertence a ninguém do povoado, mas, sim, a certo cavalheiro muito mais amável e solícito do que você foi.

— Oh!, é obvio, estes grandes personagens sempre o são! — Em seu tom havia um claro matiz de brincadeira e insulto. — É incrível a sorte que tem alguns homens! No princípio, todo mundo os julga odiosos e arrogantes, mas, assim que sai a reluzir sua imensa fortuna ou sua posição social, os que inicialmente os detestavam mudam de opinião radicalmente. Diga, senhorita Clark, quando se sentiu, na verdade, inclinada por esse homem: antes ou depois de ter aprendido de cor os nomes de suas propriedades?

— Está ofendendo-me, senhor Rygaard! — A raiva contida e a indignação apareceram de repente no rosto de Fanny. Se não resultasse comprometedor, sem dúvida alguma, teria esbofeteado o insolente.

— Oh! Perdoe, o rogo, minha dissimulada e interesseira rapariga! —

inclinou-se em uma grotesca e fingida reverência que quase conseguiu jogá-lo de bruços aos pés da jovem. O tom azedo e a embriagues visível aos olhos, evidenciavam que o senhor Rygaard encontrava-se bastante prejudicado pelo álcool.

Logo que conseguiu recompor-se da pomposa cortesia, Hawthorne apareceu segurando um pequeno bastão, na mão direita. Rygaard, ao precaver-se da presença do homem, enquadrou de modo ridículo os ombros e encorajou-se ante aquele colosso que superava-o em altura e dimensões. Por sua parte, Hawthorne, perplexo ante a presença do cavalheiro, observou-o com um olhar extremamente carrancudo e furioso.

Era óbvio. Ambos, os homens se conheciam. E, ambos, compartilhavam um profundo e mútuo desprezo.

— Ora, ora, ora, Hawthorne, que incomum surpresa encontrá-lo tão longe de sua querida sociedade londrina! — Rygaard tentava mostrar-se depravado, possivelmente os eflúvios dos múltiplos brandys que ingerira até o momento, ajudavam-no a desinibir-se.

— Rygaard. — Inclinou a cabeça com uma frieza que evidenciava ânsias homicidas. — Acreditei que tinha abandonado você a Inglaterra.

— Sim, o fiz, — admitiu o americano — mas não pude evitar sentir-me, de novo, atraído pelos irresistíveis encantos, — alargou o braço para assinalar com descaramento a Fanny — das formosas sereias inglesas.

Hawthorne, com duas amplas passadas, interpôs-se, rapidamente, entre Fanny e o americano e com agilidade empregou um braço para ocultar a jovem atrás do muro infranqueável que oferecia suas costas muito largas.

— Afaste-se dela! — vaiou arrastando as palavras.

— Ora, acaso está, também, sob seu amparo? — Fanny elevou as sobrancelhas até o nascimento do cabelo. Não conseguia entender nada, tampouco, era capaz de compreender a repentina atitude possessiva e protetora do senhor Hawthorne. Diga-me, desta vez se trata, também, de piedade cristã ou talvez tenha encontrado um formoso bibelô para adornar Hawthom Park?

— Não se atreva a aproximar-se da senhorita Clark — ameaçou Hawthorne em um tom de uma firmeza tal que Fanny estremeceu. — Fica advertido, desta vez não serei tão condescendente quanto no passado.

Rygaard tornou-se sério de repente. Escureceram-lhe os olhos por causa de antigas feridas não cicatrizadas. Entretanto, a expressão de seu rosto parecia irrisória comparada com a expressão assassina que mostrava Oliver Hawthorne.

— Não me ameace, aqui seu dinheiro não lhe servirá de nada. — Elevou a cabeça para atrair a atenção de Fanny que aparecia com curiosidade por cima do ombro de seu guardião. — E se a senhorita Clark se mostra satisfeita com minha companhia, possivelmente você finalmente deveria reconhecer sua ineficácia na hora de manter intacta a moralidade de certas senhoritas.

Não precisou maior provocação. Hawthorne descarregou um terrível murro sobre o grotesco rosto de Rygaard que, depois de cambalear alguns segundos, caiu fulminado ao solo, sangrando abundantemente pelo nariz. Hawthorne sacudiu no ar a mão dolorida enquanto seu rival retorcia-se no

chão, com o peitilho da camisa tinto com um vívido escarlate.

— Por favor, detenha-se, rogo-lhe! — Fanny segurou ao cavalheiro pelo cotovelo e obrigou-o a repensar.

Uma turba de curiosos começou a fechar-se em torno do grupo.

— Você viu? — Gritou Rygaard e dirigiu-se a Fanny. Atacou sem existir provocação prévia de minha parte!

— Cale-se, Rygaard! — Exclamou Fanny fora de si. — Você já se comprometeu bastante!

— Como se atreve, maldito embusteiro? — Hawthorne parecia disposto a arremeter, de novo, contra seu abatido rival, mas Fanny o deteve segurando-o com maior firmeza pelo cotovelo e o obrigou a encará-la.

— Senhor Hawthorne, rogo-lhe! — sussurrou suplicante.

— Como se atreve a arremeter contra um homem indefeso? — repreendeu, de novo, o estrangeiro enquanto revolvia-se como uma lagartixa a quem tivessem amputado a cauda. Sem dúvida, não contar com a aliança da senhorita Clark doía-lhe profundamente.

— Senhor Hawthorne, olhe-me, olhe-me, suplico! — Fanny puxou dele para tratar de afastá-lo das provocações do americano. Não faça conta, senhor, está bêbado.

Mas Rygaard, armado com a maldade que geralmente devora as almas impuras quando se encharcam de álcool, endireitou-se como pôde e, possivelmente, com a ajuda do diabo, sempre solícito nestes casos, apoderou-se de uma garrafa vazia que alguém abandonara a escassa distância. Atacou a seu oponente pelas costas, como o covarde que sempre fora, e descarregou

sobre Hawthorne toda sua perfídia, no preciso instante em que o cavalheiro, alertado pelos gritos dos curiosos, voltou a cabeça. Por sorte, tão somente conseguiu abrir uma pequena brecha sobre a sobrancelha direita, mas, que criou grande alarme entre os presentes devido a quão escandaloso sempre foi o sangue.

Rygaard foi imobilizado com rapidez, por vários dos aldeões que, pouco a pouco, conseguiram arrastá-lo para longe do lugar, em meio de um perigoso ardor, infestado de vaias, blasfêmias e imprecações. Possivelmente, se a prudência dos escassos abstêmios da reunião não se impusesse à demência que produz a embriaguez, a multidão teria linchado o americano, ali mesmo.

Fanny, sem pensar duas vezes e com uma energia que ninguém atribuiria a uma moça tão miúda, rasgou as saias de baixo do vestido para tampar e limpar a ferida sangrenta de Hawthorne, que, aturdido, sentou-se sobre um cepo de madeira, para facilitar o trabalho de sua improvisada cuidadora. A jovem, posicionada entre as pernas separadas do cavalheiro, com a familiaridade que produz a preocupação sincera, dava ligeiros toquinhos na ferida, ao mesmo tempo, em que se inclinava sobre ele para soprar com delicadeza sobre a carne rasgada. O homem, ofegante e intranquilo, seguia cada um dos movimentos da senhorita com a mesma atenção com a qual um fervoroso devoto, atenderia as doutrinas de seu Deus.

— Dói-lhe muito, senhor Hawthorne? — perguntou em um sussurro, com sincera preocupação.

Ele sorriu e se mexeu o cabelo, com impaciência.

— Não muito. — Olhou-a através de seu penetrante e negro olhar. Nós

homens, frequentemente gostamos de nos queixar mais do que o necessário, para receber os cuidados das damas, que em outras circunstâncias nos seriam negados.

Fanny inclinou a cabeça e voltou-a para um lado. Se estivesse tão ruborizada quanto elevada era sua consternação, suas bochechas deviam refulgir, nesse momento, como brasas acesas. Em seu peito, seu coração se debatia entre a vida e uma última sístole mortal.

— Não você seja tolo. — Continuou pressionando com cuidado para tapar a ferida. — Não acredito que exageraria se se queixasse, fez-lhe uma boa ferida.

— E eu deveria tê-lo obrigado a engolir a cada um de seus dentes! — urrou ante uma dolorosa pontada que o obrigou a oprimir a mandíbula e franzir o cenho.

— Sinto muito, senhor, não pretendia machucá-lo!

— Não se preocupe, senhorita Clark. — Elevou o olhar para encontrar-se com as pupilas vibrantes de Fanny, que permanecia muito quieta, à distância de um suspiro, com a boca entre aberta, o lábio seco e uma breve respiração. — Você jamais poderia machucar-me.

Fanny sorriu e deu graças ao céu, por conservar sua presença de espírito nesse momento. Faltava tão pouco para que perdesse as forças diante daquele homem e desmaiasse como uma panaca!

— Conhecia ao senhor Rygaard?

— Faz tempo que o conheço — respondeu cortante.

Compreendeu que não obteria mais informação a respeito. Por isso,

contentou-se silenciosamente a observar furtivamente ao cavalheiro, cujo rosto, à altura do seu, oferecia uma visão nítida de harmoniosas feições varonis, nesse momento, muito menos severas do que intuíra antigamente.

— Onde se hospeda?

Fanny olhou-o contrariada. Tão fascinada estava na contemplação de Oliver Hawthorne que a pergunta pegou-a completamente despreparada.

— Rygaard, onde se hospeda? — insistiu Hawthorne. — Não está na hospedaria.

O sangue deixara de emanar e formava uma avermelhada crosta seca sobre a sobrancelha do cavalheiro. Com a maior tranquilidade que foi capaz de conferir a seus movimentos, guardou o tecido sanguinolento em um dos bolsos da saia e colocou-se, de novo, em frente ao senhor Hawthorne.

— Não senhor, porque fica em minha casa.

Hawthorne a segurou com firmeza pelo antebraço e aproximou-a dele.

— Como é possível que sejam tão incautos? Afaste-se dele, senhorita Clark! — Embora sussurrado, o tom resultava imperativo. — Rogo-lhe!

— Por quê?

— Não pergunte, suplico, porque neste momento não poderia dizer-lhe mais nada, sem implicar a terceiras pessoas. Mas, para seu bem, — oprimiu a mandíbula até que seus músculos maxilares palpitassem — prometa-me que se manterá afastada de Jarrod Rygaard.

— Senhor Hawthorne…

Ele se aproximou tanto de Fanny que seus hálitos misturaram-se e começaram os dois a arder, ainda sem tocar-se, abrasados por um mesmo

fogo. Ele a olhou de um modo tão penetrante quanto intenso. Quando abriu a boca, acariciou com seu tom aveludado as suaves e níveas bochechas de Fanny, balançou com seu fôlego os cachos de cabelo ondulantes da jovem e inquiriu: — Prometa-me isso Fanny, prometa-me isso.

— Prometo! — Sussurrou ofegante. E era certo. Nesse momento estava certa de que prometeria tudo que aquele homem queria lhe pedir.

*

Fanny encontrava-se no jardim dianteiro, cortando as espigas secas do esplêndido arbusto de lavanda que crescia junto à cerca.

Seu estado de ânimo era um autêntico torvelinho no qual proliferavam violentas sacudidas e constantes desigualdades, por isso, agradeceu o estado de solidão no qual por sorte se encontrava consumida. Lançou uma fugaz olhada para a janela do dormitório onde descansava o senhor Rygaard. A visão das grossas cortinas fechadas de lado a lado evidenciava que o cavalheiro permanecia ainda deitado, apesar de ter transpassado o meio do dia já fazia algumas horas.

O americano rechaçara o café da manhã e permanecera toda a manhã encerrado em seus aposentos, sem evidência alguma de pretender levantar-se no que restava do dia. Não só seu rosto parecia ver-se afetado pelo encontro com o senhor Hawthorne, mas também sua dignidade.

Inclinou-se sobre a prolífica lavanda e deixou-se envolver pelo fragrante aroma. É claro que estava indignada com o comportamento do

senhor Rygaard, que não limitou a ofendê-la incitado pela embriaguez, mas, sim, atuara como um autêntico covarde ao atacar seu rival pelas costas!

Desde o primeiro momento, intuíra que o americano guardava um inquietante segredo relacionado com seu passado. Depois dos acontecimentos da noite anterior, resultava evidente que devia tratar-se de algo muito importante, visto que envolvia ao próprio senhor Hawthorne. O mundo não deixava de ser um surpreendente laço.

O som de passos sobre o cascalho do caminho a afastou destas reflexões e lhe fez elevar o olhar. Em frente a ela, do outro lado da precária cerca de madeira, Edmund Byrne a observava com o semblante transformado de modo estranho.

— Senhorita Clark. — inclinou-se com dolorosa lentidão.

— Senhor Byrne, veio você sozinho? E Charlotte?

O homem suspirou frouxamente e armou-se de coragem enquanto inclinava a cabeça.

— Não venho da residência dos Morton, senhorita Clark, mas sim do povoado.

Uma faísca de intuição brilhou, imediatamente, nas verdes pupilas de Fanny e o coração deu um salto.

— Aconteceu algo, senhor Byrne?

— Não estou autorizado a lhe contar nada, senhorita. — Tirou uma mão do bolso e esticou-a por cima da cerca para entregar-lhe um pequeno envelope lacrado. — Leia-a, peço-lhe, e entenderá tudo.

Uma vez que Edmund partiu, Fanny refugiou-se sob a sombra de uma

velha figueira e se sentou no cômodo oco que o tronco oferecia, torneado com graça. Rasgou o envelope com impaciência, antes de devorar aquelas elegantes linhas de tinta com a avidez do faminto que levava semanas sem provar um bocado.

*Minha querida senhorita:*

*Você me solicitou referências de meu trato com o senhor Rygaard e, embora não seja tempo de que faça menção a certos aspectos do passado, por respeito a terceiras pessoas que não merecem ser envolvidas, sim, atrevo-me a apelar a sua consciência e a esse caráter impetuoso, que sei que possui, para rogar-lhe que se mantenha afastada de semelhante personagem. Confie em mim, algum dia, possivelmente, possa explicar-lhe tudo o que deseja escutar e inquiriu ontem, mas, não hoje, senhorita Clark, hoje não poderia satisfazer sua curiosidade, sem resultar subjetivo em meus sentimentos para com semelhante estúpido.*

*Minhas contínuas e inadiáveis obrigações me reclamam em Hawthom, por isso, devo partir, imediatamente, sem data de retorno iminente.*

*Em minha ausência não desejaria, outra coisa mais, que esperar que você, minha querida senhorita, resulte judiciosa e sensata e escute meu conselho. Não relacione-se com Rygaard, para seu bem, não o faça. Não acredito que um homem como ele seja jamais digno de merecer sua amizade.*

*Oliver Hawthorne*

Nesse momento, as lágrimas sulcaram seu rosto como se tivessem escapado de um cano quebrado. A mão na qual sustentava a missiva caiu

inerte sobre o colo.

— E este é o final? — perguntou ao vento. — Você se afasta agora, que enfim conseguiu entrar em mim, como uma enfermidade? Maldito seja, não pode me fazer isto, não pode me fazer isto, Oliver Hawthorne! — Um soluço afogado sacudiu-lhe o peito. — Merece que o odeie durante o resto de meus dias! Por minha vida que o merece! — Sorveu o nariz e engoliu a aflição. Quem dera pudesse amá-lo um pouco menos, para odiá-lo um pouco mais.

Irrompeu a chorar como jamais fizera em toda sua vida, sufocada por causa do pranto atropelado. Em seu foro íntimo, sentia como se a frágil conexão de cristal que lhe sustentava o coração se quebrasse, em mil pedaços infinitos.

# CAPÍTULO 22

Edmund Byrne amanhecera essa manhã com os ânimos completamente renovados. Os acontecimentos das últimas semanas, somados à esclarecedora conversação mantida com seu amigo, lhe abriram os olhos, definitivamente. Sim, estava claro que era um momento certo, para introduzir em sua vida essas belas mudanças, tão desejadas e sonhadas durante os últimos tempos. Não desejava terminar como seu amigo Hawthorne: torturado pela incerteza e afastado sem sentido da razão de sua existência, negando-a a cada instante como um Pedro teimoso e orgulhoso.

Edmund asseou-se no quarto com inusitada calma e escolheu um traje informal. Decidiu por uma jaqueta em tons terrosos em conjunto com o colete de piquê, fechado com distinção por uma fila de botões de madrepérola. Uma calça bege, com as pernas das calças introduzidas por dentro do cano da bota, formava o expediente ideal para um aspecto tão elegante quanto informal.

Antes de descer à sala de refeições, passeou com nervosismo pela estadia, as suarentas mãos, retorcidas com crueldade, enquanto tentava conservar a calma. Meditara centenas de vezes, durante a longa noite de insônia, o discurso apropriado para tal ocasião, e centenas de vezes fiara, também na mente, o esboço que mais apropriado parecia-lhe para tal efeito. Entretanto, chegara o momento em que estava iminente o desejado acontecimento, as palavras que com tanto carinho alinhavara em sua imaginação lhe pareciam muito frias e carentes de candura. A querida Charlotte merecia algo perfeito e especial, algo que o fizesse digno de merecê-

la, e não uma sucessão de palavras pronunciadas a seco, através de um ânimo torpe e inexperiente.

Desceu as escadas com meditada lentidão, com uma mão atrasada no seguimento do corrimão que descia com os degraus. Enquanto avançava de modo distraído, mantinha um estranho diálogo com um interlocutor imaginário e adornava cada frase, com um sutil beijo na mão ou uma afetada inclinação de cabeça.

Vinda da sala de refeições chegou a entristecedora voz da senhora Morton, que obrigou-o a deter a descida e pausar a inquietante conversação interior. Reuniu todas as suas forças e a maior vontade disponível. Irrompeu na sala e, com sua aparição, provocou que silenciasse o buliçoso monólogo da senhora Morton. Três rostos espectadores centraram-se nele.

— Sente-se Byrne, e nos acompanhe — animou o coronel. — Esta manhã o presunto tem um aspecto delicioso.

Abriu a boca algumas vezes, embora nenhuma só palavra saiu por ela. Duvidou por alguns instantes se era possível que seu recente estado de nervosismo o tivesse deixado mudo, o que resultaria terrível na hora de levar a termo seus planos.

— Senhora Morton, coronel… — As palavras saíram-lhe pela boca atropeladamente. — Perguntava-me se seria possível solicitar uma entrevista privada com a senhorita Morton ao longo da manhã.

Charlotte imitou em rubores ao senhor Byrne, ao mesmo tempo em que o garfo lhe caía da mão e golpeava com ruído a porcelana.

A senhora Morton levantou-se da cadeira com tal brutalidade que

estampou literalmente o respaldo da mesma contra a parede, enquanto permanecia com a boca aberta de modo exagerado e as pupilas imóveis, costuradas fixamente ao moço. Parecia uma estátua de sal por causa da ausência de piscada.

— Oh! É claro, meu prezado senhor Byrne! O senhor Morton e eu temos que ir agora mesmo à cozinha, sim, isso mesmo! — Pegou seu marido pelo braço e obrigou-o a se levantar. — Tome o tempo que necessite. — Depois dessa óbvia observação, acompanhada de um malicioso sorriso, desapareceu pela soleira, enquanto arrastava seu marido, que resistia a renunciar a um último e saboroso bocado de presunto frio.

Charlotte Morton permanecia cabisbaixa, sobressaltada, com o olhar imóvel no prato e as mãos entrelaçadas sob a toalha. Edmund observou-a atentamente. Parecia bela sem igual, dotada desse eterno rubor que adornava o rosto níveo e arredondada. Usava o cabelo recolhido em um coque baixo com um sem-fim de pequenos cachos que lhe emolduravam o rosto e conferiam uma aparência quase serafina. Quantas vezes ansiara Edmund tomar esses cachos entre seus dedos e beijá-los um a um, com suavidade, e aspirar sua deliciosa fragrância! Quantas vezes tentara vencer o acanhamento para solicitar-lhe uma dessas mechas e guardá-la com zelo em seu relógio de bolso!

Por fim estava em frente a ele, tão tímida e sobressaltada como sempre, sem dúvida à espera de algo que resultava óbvio. Estaria disposta a aceitá-lo? A encantadora e suave Charlotte…

— Senhorita Morton, agradaria se a acompanhasse em um passeio pelo

jardim?

— É claro, senhor Byrne.

Abandonaram a mansão e caminharam lentamente. Charlotte procurava dominar o opressor estado de nervos que a torturava, Edmund dava voltas uma e outra vez às palavras que martelava a cabeça procurando formar uma bela proposta romântica. Em torno deles, os passarinhos gorjeavam, alegres, em voos elegantes e vistosos e colaboravam, sem perguntar, para propiciar uma cena da mais romântica.

Quando estavam a um bom tempo de passeio silencioso, Edmund divisou uma lateral do caminho e em meio de uma florida tapeçaria silvestre de margaridas, um velho tronco caído, que oferecia um agradável e pitoresco assento. Com um gesto da mão o assinalou e indicou a Charlotte que o acompanhasse até ali.

É agora ou nunca, tremendo covarde, ou dá o passo ou parta para sempre com o rabo entre as pernas, como um maldito cão espancado.

Suspirou ruidosamente e, depois de clarear garganta, começou a balbuciar com voz trêmula:

— Minha querida senhorita Morton, faz tempo que convivo com sentimentos que conseguem fazer minha alma convulsionar, de um modo inquietante.

Charlotte observava em silêncio.

— Até agora fui totalmente desconhecedor da magnitude de tais sentimentos, visto que constituíam uma autêntica novidade para mim. — Aproximou-se dela, fincou o joelho no chão e pagou-a na mão com ardor. —

Senhorita Morton, minha querida e adorada senhorita, não espere de mim grandes posses, nem dezenas de serventes a seus pés, tão somente posso oferecer-lhe um coração que pulsa descontrolado neste instante, e que seguirá fazendo-o por você, enquanto exista um sopro de vida em meu interior. Senhorita Morton, Charlotte, aceitará fazer-me o mais feliz dos homens e converter-se em minha adorada esposa?

Ela explodiu em pranto, ao mesmo tempo em que cobria os lábios trementes com uma mão para sufocar a incontrolável sucessão de soluços que sobrevieram. No rosto aceso e sulcado por infinidade de caminhos aquosos, refletia-se um grande sorriso em meio de tanta emoção contida.

— Oh! Senhor Byrne, é claro que sim! — E um novo soluço a obrigou a silenciar-se. Demorara tanto, esperara durante tanto tempo, torturara-a durante tantas semanas com sua suposta indiferença!

Edmund observou-a com absoluto deleite. Aproximou-se dela, rodeou com a mão livre o tremente rosto da jovem e embalou, na palma, a bochecha. Ela respondeu a sutil carícia apanhando essa mão entre o rosto e o ombro, ao mesmo tempo em que fechava os olhos e desfrutava desse terno contato e desejava perpetuá-lo no tempo.

Edmund aproveitou esse instante de mútua entrega e beijou, ternamente, os lábios finos, suaves e umedecidos por causa das lágrimas, para, continuando, derramar mais beijos de forma fugaz e atropelada pelo rosto da jovem, pelas pálpebras fechadas, nas maçãs do rosto, no queixo…

Depois da descontrolada maré de beijos e carícias que revoaram pelo rosto de Charlotte como mariposas descontroladas, ambos os amantes

permaneceram em silêncio, com suas cabeças apaixonadas, unidas em sonhadora pose, enquanto deixavam o tempo correr, ficaram os dois com os olhos fechados, as almas cheias de uma prazenteira felicidade e os lábios ébrios de promessas de amor eterno.

# CAPÍTULO 23

Naquela mesma tarde a senhora Morton foi, pontualmente, a casa dos Miller para jogar a partida de bridge que celebravam cada semana desde muitos anos. À senhora Morton, essas reuniões matriarcais agradavam sobremaneira, visto que lhe proporcionavam uma excelente ocasião para descobrir e deleitar-se com as intrigas acontecidas no condado, entre reunião e reunião, assim como a maravilhosa oportunidade de beber várias taças de chá e comer tantos sanduíches de pepino quanto seu estômago, não isento de gula, o exigisse. Porque a senhora Miller podia ser uma velha solteirona completamente carente de gosto, tanto na decoração de sua residência quanto seu próprio traje mostrava, mas sua cozinheira era conhecida por preparar os melhores sanduíches de pepino da região, e a senhora Miller, jamais, regulara a apetitosa presença desses aperitivos na mesa quando recebia visitas.

Naquela ocasião, a habitual reunião vicinal vinha como uma mão na roda à senhora Morton, porque ela mesma dispunha de uma felicíssima notícia, que desejava compartilhar com o conhecido bando de comadres do condado de Sheepfold, e inclusive, de toda a Inglaterra, se dela dependesse a divulgação.

A senhora Miller, possivelmente com ânimo de amenizar os últimos dias, foi a primeira em abordar o tema candente da jornada.

— Tenho entendido, minha querida senhora Morton, que devemos felicitá-la ante a proximidade de um evento do mais agradável.

A aludida sorriu com amplitude, sem desfranzir os lábios, gesto que

outorgou a seu rosto a aparência de uma rã, feliz em chapinhar em seu atoleiro.

— Oh! Sim, Oh! sim! Esta mesma manhã o senhor Morton recebeu a petição de mão de nossa querida Charlotte. — Lançou um olhar intencionado à senhora Clark que arqueou uma sobrancelha surpreendida. — Estamos muito satisfeitos!

— Que maravilhosa notícia! — exclamou uma terceira jogadora. — A bondosa Charlotte… E quem é o afortunado? Devemos supor que trata-se desse jovem cavalheiro que se hospeda com vocês nesta temporada?

— O mesmo! — Olhou de novo à perplexa senhora Clark enquanto embaralhava os naipes com as artríticas mãos em luvas de lã. O senhor Byrne é um cavalheiro do mais correto e formal, note-se que seus pais possuem uma adorável residência no centro de Londres que algum dia o cavalheiro herdará. — Compôs uma expressão sonhadora, como se o falecimento dos pais do jovem para a consecução de tal herança supusesse uma inofensiva esperança. — E além disso, possui uma caleça própria, puxada por quatro cavalos.

Todas as damas assentiram satisfeitas. Todas, exceto a senhora Clark, cuja cólera forjava e fermentava em seu interior em forma perigosa. O senhor Byrne, era possível? Aquele jovem encantador que tanto entendia de cortinados e ao qual a lagartixa da Charlotte jogara enfim a luva.

— Não é certo, senhora Clark? — A pergunta da senhora Miller, acompanhada dos olhares inquisitivos de todas as jogadoras, afastou-a subitamente de suas reflexões. Clareou com ruído a garganta e ruborizou, um pouco, ao ser surpreendida com uma renúncia.

— Desculpe-me, senhora Miller, você dizia?

A anfitriã sorriu com fingida complacência.

— Dizia que trata-se de um acontecimento encantador. Fazia vários anos que não se celebrava nenhum matrimônio em Sheepfold, e é muito provável que não disponhamos de outro, em muito tempo.

— Sim, será extremamente encantador. — Olhou à senhora Morton que desfrutava sem dissimular de sua felicidade. — Alegro-me muito pela Charlotte, já correspondia a pobrezinha. Porque quantos anos já tem? Trinta? Trinta e dois?

A senhora Morton franziu os lábios, com tanta força, que se transformaram em uma fina e severa linha esbranquiçada.

— Tem vinte e cinco anos, minha senhora! — retrucou colérica.

— Ah, nunca teria dito! Aparenta ser muito mais velha.

A tensão podia ser cortada com faca. As eternas adversárias observavam-se face a face, alheias a tudo o que as rodeava. Somente estavam elas e sua incansável rivalidade. As damas restantes contemplavam a cena, satisfeitas de serem meras espectadoras da refrega verbal. A senhora Clark e a senhora Morton eram já galinhas velhas e, como tais, podiam saltar uma sobre a outra a qualquer instante e deixar tudo salpicado de plumas.

— De toda a maneira, — continuou a senhora Clark — Charlotte está muito pior, deveria lavá-la com água de rosas e aplicar loção de uva vermelha para colorir as bochechas, visto que seu semblante parece tão macilento como o rosto de uma anciã com um pé na tumba. Preocupa-me com sinceridade. Come bem a senhorita Charlotte? Talvez deveria dizer a Jane que se aproxime

de sua casa com uma cestinha de nossos maravilhosos ovos de ganso ou, possivelmente, meia perna de porco. Gostaria da carne de porco, senhora Morton?

— Charlotte come estupendamente, senhora Clark! E nossos ovos não têm nada que lhe invejar aos seus! — Respirou em profundidade e se sentiu ofendida ao máximo. — Por todos é conhecido que quando as jovens estão sendo cortejadas, sofrem, frequentemente, estados de nervosismo e falta de apetite. Embora dou-me conta de que você é, certamente, desconhecedora de tais detalhes, visto que nenhum de seus filhos pôde vivê-lo até o momento.

A senhora Clark arregalou os olhos e abandonou, com brutalidade, as cartas sobre a mesa. Antes que pudesse abrir a boca, a senhora Morton lançou um novo contra-ataque:

— Embora, é claro, para desfrutar de um cortejo, sua Fanny deveria mostrar-se mais prudente na hora de manifestar suas impressões. Com semelhante desenvoltura, nenhum cavalheiro mencionável se fixará nela. Esses grandes homens não desejam a seu lado a uma mulher que os envergonhe continuamente, com saídas de tom e respostas inapropriadas. Muito menos que repliquem, que intervenham nas conversações sem serem convidadas, em vez de permanecerem caladas, no papel de perfeita senhorita casadoura. Devo admoestá-la com firmeza neste aspecto, senhora Clark, dado que, durante nossa estadia em Londres, sua querida filha não se privou de bater palmas e rir abertamente durante os diferentes bailes aos quais tivemos a honra de assistir. Tenho que admitir que me senti muitíssimo envergonhada, em numerosas ocasiões visto que nem sequer incomodou-se em cobrir as

mãos, em meio de uma sociedade tão refinada. Ser de condição humilde resulta aterrador, mas dar amostras tão evidentes disso… Ai, o Céu nos libere de semelhante falta!

A senhora Clark respirava com dificuldade. Desejava jogar o conteúdo da taça de chá sobre o rosto avermelhado e sorridente que se sentava em frente. Não se podia negar que a senhora Morton era a dama mais rica de Sheepfold, com seu nutrido guarda-roupa e seus mais de cinco serventes, mas o que resultava imperdoável era que se envaidecesse em público disso e que o utilizasse constantemente como arma.

— Porém, nada disto deve mortificá-la, senhora Clark, se sua filha não aspirar a outra coisa mais que desposar com qualquer dos granjeiros do condado. Para pastorear ovelhas e lavar trapos no rio não é necessário nenhum tipo de distinção.

— Isto é insuportável!

A senhora Clark levantou-se tão raivosa que provocou que a cadeira caísse com violência detrás de si. A senhora Morton permaneceu sentada, coroada de uma calma elogiável. Seu veneno surtira efeito e agora somente restava-lhe esperar que o velho animal ferido se retirasse para lamber as feridas em silêncio e solidão.

# CAPÍTULO 24

Jarrod Rygaard encontrava-se no diminuto vestíbulo da velha reitoria, diante de uma reduzida comitiva que se reuniu especialmente para despedir-se no dia de sua partida.

Permanecia de costas à porta principal, com as malas e as distintas bagagens abandonadas aos pés, com um aspecto que transmitia um profundo sentimento de derrota e frustração. Ninguém atrevia a adivinhar se parecia mais cansado que decepcionado, ou mais ferido que furioso. Sem dúvida abatia-o ter que abandonar a reitoria nesse momento, não por causa de um sincero e quente afeto para com os Clark, mas, sim, porque o fato de retirar-se, desse modo, tão apressado, evidenciava uma vergonhosa atitude de derrota.

Descobrira, surpreendentemente, nesse lugar remoto e perdido da mão de Deus, algo que lhe permitiria manipular o orgulhoso e prepotente Oliver Hawthorne. Quase sem esperar, descobrira seu calcanhar de Aquiles, o ponto fraco daquele grande homem que se gabava ante o mundo de ser intocável. Por isso não podia acreditar que o infortúnio obrigasse-o a separar-se dessa peça chave quando tinha a oportunidade de utilizá-la para seu próprio benefício.

— Foi um prazer acompanhá-los durante estas semanas. — Esboçou um amplo sorriso que nenhum dos presentes dignou-se a responder. Seu comportamento durante a festa de maio, de domínio público graças à rápida divulgação dos vizinhos, envergonhara a todos. — Estou em dívida eterna com vocês por sua generosidade e sua hospitalidade para com um completo

estranho.

A senhora Clark nem sequer dignou-se a olhá-lo. Nesse instante, seu humor encontrava-se no pior momento imaginável, qualquer assunto lhe resultava extremamente irritante. Muito mais pelo fato de que um americano os tivesse humilhado publicamente com seu comportamento durante uma festa campestre!

— Esperamos que a impressão que leva de nosso condado seja boa — limitou-se a dizer o senhor Clark.

— Sem dúvida muito melhor de que a que vocês têm de mim neste momento.

Fanny franziu o cenho. Não podia existir maior verdade nas palavras de Rygaard. Sinceramente, desejava que aquele homem, ao qual antigamente poderia considerar um amigo, recolhesse seus pertences e desaparecesse para sempre de suas vidas.

— Desejamos uma boa viagem de volta, senhor — exclamou a senhora Clark abandonando todo preâmbulo e puxou seu marido para a escuridão do corredor.

— Comprovarei se a carruagem está preparada — comentou Ian, sem dúvida o mais decepcionado com aquela amizade, e abandonou o vestíbulo para sair ao pátio seguido pela pequena Cassandra que se uniu a seu irmão entre saltinhos.

Fanny e Rygaard ficaram sozinhos entre as luzes e sombras do reduzido hall. A jovem continuou firme em sua posição, com as mãos cruzadas em frente a cintura e o olhar vazio. O cavalheiro girava a asa do

chapéu entre as mãos e intercambiava o peso do corpo de um pé a outro.

— Bem, senhorita Clark, chegou até aqui minha visita a seu querido Sheepfold — disse com um fraco sorriso. Foi uma temporada encantadora que jamais esquecerei, asseguro.

— Eu tampouco. — concordou, embora por motivos diferentes. — Espero que tenha desfrutado da maravilhosa imagem que oferece nosso condado na primavera.

Fanny mantinha uma resistência e uma compostura, admiráveis. Não considerou necessário levantar o olhar em nenhum momento. Em sua memória prevalecia a promessa realizada ao senhor Hawthorne, assim, como as humilhantes palavras vertidas por Jarrod Rygaard para sua pessoa quando a acusou de caça-fortunas interesseira.

— Muito. — O tom do homem soou então mais ansioso do que sincero. Me permitirá escrever-lhe?

Desta vez sim, Fanny levantou o olhar para fixá-lo naquele indivíduo que sorria de modo malicioso em frente a ela.

— Não considero apropriado senhor Rygaard, dadas as circunstâncias. Além disso, temo que não teria nada que contar.

Rygaard compôs a mesma expressão que um menino caprichoso ao qual tivessem arrebatado um brinquedo. Não porque o brinquedo lhe importasse, absolutamente, mas sim, porque lhe incomodava o fato de que lhe arrebatassem a possibilidade de jogar.

— Não poderemos nem sequer ser amigos?

— Ninguém aproveita se fizer mal a um amigo, senhor Rygaard, e me

permito recordar-lhe que você me ofendeu que todos os modos possíveis.

— Diz que a ofendi? Acaso existe ofensa no fato de me mostrar ciumento ante a presença de um rival?

Fanny conteve uma risada sufocada. Bom intento, cavalheiro!

— Não se pode sentir ciúmes de algo que não nos pertence, senhor!

— Não tente me confundir, senhorita Clark, nem se oculte, como é habitual em você, atrás da eloquência! Você foi desde o primeiro momento, muito consciente dos sentimentos que, com seu comportamento, com a intimidade que oferecia em cada gesto, provocava em mim. Não é tão inocente nesta luta como pretende! — Seu olhar adquiriu um brilho perverso. — Não, senhorita, meu comportamento obedecia sem dúvida alguma ao estímulo que recebi de você.

— Estímulo? Que eu o estimulei a respeito? — Ao ouvir estas palavras Fanny se sentiu sufocada e acalorada. — Permita-me corrigi-lo senhor Rygaard, e informá-lo que está muito equivocado ao supor tal coisa! Jamais poderia ser, para mim, mais conhecido ou amigo que qualquer outro, e jamais o estimulei para que mostrasse uma confiança desnecessária para mim, como tem feito a todo momento. Tal comportamento, senhor, obedece sem dúvida alguma, a sua própria natureza. — Elevou o queixo, irritada. — Absolutamente corresponde com as insinuações que você diz ter visto em meu proceder e que eu, asseguro-lhe, jamais lhe ofereci! De fato, devo dizer que se houvesse continuado com a mesma conduta, me teria visto na necessidade de admoestá-lo severamente.

Ele estava muito desesperado para render-se ante o feroz ataque da

jovenzinha.

— Senhorita Clark, Fanny… — sussurrou e aproximou seu rosto com rosto da jovem, em busca da cercania que ela acabava de reprovar.

— Não lhe dei licença de sussurrar, senhor, ou de me chamar por meu nome de batismo!

— Senhorita Clark… — insistiu. Ela pôde perceber que o fôlego do homem balançava as mechas soltas de seu cabelo e um claro sentimento de repulsa invadiu-a. — Não estou lhe pedindo nenhuma amostra de afeto, visto que sou consciente de que seu odioso sentido do decoro obriga-a a ocultar, tão somente peço-lhe a possibilidade de aproximar-me, de vencer essas barreiras.

A respiração ofegante e claramente ansiosa de Rygaard empurrou Fanny até a beira da náusea. Reprimiu um grito abafado e deu um passo para trás, com este gesto encontrou-se encurralada entre a porta que dava para o interior da moradia e a silhueta invasora do americano. Não se sentia capaz de afastar o olhar daquele homem que a observava, entre divertido e torturado, estava presa e hipnotizada como um rato que a serpente hipnotiza, sem possibilidade de escapamento.

— E eu lhe peço que não se aproxime mais!

Com as mãos ocultas às costas, Fanny procurou encontrar a maçaneta, ansiosa por fugir do vestíbulo e das garras licenciosas daquele desavergonhado. Encontrar o frio da porcelana na concha de sua mão a acalmou, por um momento, e insuflou-lhe coragem.

— Senhor Rygaard, não acredito que tenhamos mais o que nos dizer. — Os lábios trêmulos, secos e entre abertos evidenciavam a angústia que

devorava as vísceras. — Agradeceria que não se comprometesse mais e se retirasse em paz.

Mas o homem aproximou uma mão do rosto de Fanny, segurou uma daquelas desemparelhadas mechas douradas entre os dedos, para levá-la ao nariz e aspirar o delicado aroma com teatral deleite.

— Não estou seguro de que seja isso o que na verdade deseja, Fanny, você provocou-me com descaramento durante todo este tempo.

— Isso não é certo, eu jamais…!

Mas se viu interrompida por uma nova ousadia do americano, que repousou a outra mão, com supremo descaramento sobre a cintura da jovem e fechou os dedos em torno da fina cintura de cinquenta centímetros. Inclinou-se sobre ela e tentou separar as magras coxas com ajuda do joelho e beijar-lhe os lábios, mas um movimento rápido de Fanny fez com que o homem visse frustrados, tais propósitos, e o beijo que pretendera ser lascivo e selvagem, ficou reduzido ao fugaz e insatisfatório roçar de seus lábios contra a bochecha da jovem.

— Não se atreva a me tocar, não se atreva!

Fanny utilizou uma ousadia e uma força física que Rygaard jamais lhe teria atribuído, e deu-lhe um pisão tão forte quanto inesperado, que obrigou ao americano a soltar um uivo de dor, enquanto escondia o pé ferido atrás da outra perna.

Antes que ele pudesse dizer algo capaz de persuadi-la, sem lhe dar sequer a mínima opção de desculpar-se por um proceder tão descortês, a jovem desapareceu e se perdeu na intimidade que proporcionava o aconchego

do lar, no mesmo instante em que Ian aparecia no vestíbulo, para comunicar ao convidado que a carruagem estava preparada para a partida.

Durante a fuga, o rosto de Fanny, completamente lívido de espanto, vestiu-se de um sem-fim de lágrimas desordenadas. Seu ânimo jamais estivera tão perturbado e precisou de um esforço enorme, para não desmaiar durante o trajeto até seu quarto. Ali, uma vez a salvo em seu santuário, agradeceu ao céu, o alívio que sentia de poder refletir sobre o acontecido em silêncio e intimidade.

# CAPÍTULO 25

As notícias sobre o comportamento impróprio e licencioso de Jarrod Rygaard chegaram aos ouvidos de Oliver Hawthorne, através de uma carta que lhe enviou seu amigo Edmund Byrne, com absoluta urgência e uma importante carga de preocupação, no mesmo instante em que Charlotte referiu tão grave assunto. Fanny Clark permanecia ignorante da urgência com a qual enviaram semelhantes notícias de Sheepfold para Londres, porque referira a sua amiga os pormenores do procedimento de Rygaard em confidência, e confiava de que sua querida Charlotte seria capaz de guardar o segredo. Assim faria a jovem, se não se tratasse daquele insólito americano, cuja intimidade com Fanny a obrigara a manter-se alerta tempos atrás.

Oliver Hawthorne solicitou a seu bom amigo que retornasse imediatamente à cidade e fosse a visitá-lo em Hawthom na menor brevidade possível. Estava disposto a resolver aquele assunto de uma maldita vez. Dadas as circunstâncias e graças ao conhecimento prévio que dispunha do americano, o único modo viável de alcançar seus propósitos era atuar energicamente. Havia gente com as quais podia-se conversar, gente com que algumas palavras, a modo de advertência, resultavam suficientes, mas também havia gente como Jarrod Rygaard, incapaz de aprender sem sangue derramado as lições que a vida dá.

Charlotte, em razão do compromisso com o senhor Byrne, e por encontrar-se em completa animação e mais feliz que um gato enroscado ao sol, decidiu acompanhar seu prometido na viagem à cidade, e falou da urgente

necessidade de que o enxoval e o vestido de noiva fossem confeccionados por uma das prestigiosas costureiras da capital. Nenhuma mãe com um mínimo de sensatez, e neste caso, tampouco a senhora Morton, teria negado semelhante capricho a uma filha com um pé no altar, nem teria se mostrado absurdamente preconceituosa e intransigente, por isso o desejo de Charlotte de acompanhar Edmund a Londres foi satisfeito imediatamente.

Seria demais dizer que Edmund Byrne reservou a opção de compartilhar com sua prometida a verdadeira intenção daquela viagem tão repentina quanto imperativo.

*

Oliver Hawthorne permanecia em pé de costas para seu amigo. A colossal silhueta escura, recortava-se em frente as janelas vestidas de sóbrios e grossos cortinados em tons terra, dotado da mesma majestade com que se recortaria um magnífico totem pagão, sob a linha do horizonte em uma ilha remota.

Mantinha as mãos recolhidas às costas, ocultas sob as amplas pontas da casaca, e o olhar perdido em algum ponto invisível, na distância de seus domínios que se estendiam até muito além de onde alcançava a pupila mortal.

Seu rosto refletia o sofrimento próprio das almas torturadas e conservava, ainda, sobre uma sobrancelha, a única ruga capaz de ameaçar de desmoronamento tão magnífica construção. Dita marca era um dos poucos símbolos de debilidade humana que aquele homem mostrara em público, e

evidenciava que existia algum ponto fraco naquele imbatível Golias. Uma debilidade manifesta chamada Fanny Clark.

— Minha intenção é clara, Edmund — falou sem desviar o olhar da maravilhosa aquarela que se desenhava depois dos vidros. — Sei pelo Taylor que Rygaard ainda se encontra na Inglaterra, por isso estou decidido a desafiar em duelo a esse covarde. — Edmund Byrne abriu a boca como um peixe fora d'água, mas de sua garganta não saiu outra coisa mais que um balbucio mudo. — E você, será meu padrinho.

— Está louco, Hawthorne. — Byrne mexeu no cabelo com impaciência, como se desejasse arrancar os cachos de cabelo a punhados, e bufou como um animal encurralado. Entretanto, em sua confusão existia uma pincelada de ânimo, porque semelhante decisão por parte do cavalheiro evidenciava que, para aquele tolo orgulhoso, a senhorita Clark importava. E muito. — Se dá conta de que pode sair mal no feito? Se dá conta de que poderia ser ferido ou, pior ainda, acabar com sua vida?

A posição de Hawthorne evitou que Byrne contemplasse o sorriso sarcástico que lhe apareceu nos lábios.

— Obrigado por sua confiança, meu bom Edmund.

— Oh!, Deus, sabe perfeitamente a que me refiro! Maldito seja, você mesmo pode comprovar as artimanhas que usa esse covarde! Atacou-lhe pelas costas sem o menor escrúpulo!

Hawthorne voltou-se para olhar fixamente para seu interlocutor. Sua pose continuava sendo igualmente imponente que meio segundo antes.

— Acredita que não poderia ter me liberado dele sem a intervenção dos

aldeões? Maldito seja, Byrne, o teria reduzido a lixo, ali mesmo, se a senhorita Clark não impedisse isso! — Escureceu o tom e conferiu um registro baixo e sombrio, ao mesmo tempo em que levava o punho fechado com crueldade à boca e fazia gesto de mordê-lo. — Devia ter acabado com ele a anos, quando tive ocasião.

Edmund olhou-o, com o rosto convertido em uma perfeita máscara de desconhecimento. Cruzou os braços com firmeza sobre o peito antes de decidir-se a falar:

— Quando achará por bem colocar-me em dia desses turvos e misteriosos assuntos que correspondem a você e ao Jarrod Rygaard?

Hawthorne olhou-o demoradamente e em silêncio. Sim, sem dúvida era o momento de sacudir o bando de corvos que grasnavam agourando sobre sua cabeça durante anos, e que provocavam com tão negra presença, que sua existência se visse continuamente turvada por molestos e sombrios grasnidos, transbordantes de ameaças implícitas.

— É justo. — Caminhou meditabundo pela estadia. — Toma assento, querido amigo, visto que a narração que vou referir remonta a muitos anos atrás.

Logo que finalizei meus estudos universitários, fui reclamado, urgentemente, por minha mamãe. Meu pai acabava de falecer, e Hawthom necessitava a mão régia de um herdeiro que se ocupasse de levar adiante a propriedade. Meu pai, Harold Hawthorne, era um homem sem mancha, dadivoso e honorável, como qualquer dos legendários cavalheiros que sentaram ao redor da mesa redonda. Sempre o estimei de forma muito

especial e sua morte, não fez mais que convertê-lo em um dos pilares mais importantes no qual, no futuro, apoiaria minha vida adulta. — Houve uma breve pausa em que um halo de melancolia cruzou o rosto do compungido narrador. — Não foi fácil tomar as rédeas de Hawthom e das demais propriedades. Eu era apenas um moço, completamente alheio à magnitude do que me sobreviria e, por mais que tentasse seguir o perfeito exemplo de meu progenitor, sua sombra era muito grande e pesava como uma laje sobre minha inexperiência.

Por sorte, contei inicialmente com a ajuda inestimável de meu antigo administrador, o senhor Morris. Sem ele Hawthom não seria o que é hoje, nem eu o cavalheiro que tem ante seus olhos. Entretanto, seu apoio e seus generosos conselhos estiveram à minha disposição durante menos tempo do que eu gostaria. O pobre homem faleceu um ano depois, por causa da tísica. Antes de falecer, fez-me prometer que me ocuparia de sua pobre filha órfã, uma menina de apenas dezesseis anos que com a morte de seu pai ficava, completamente, desamparada e sem nenhum parente que pudesse ocupar-se dela. — Hawthorne esboçou um sorriso triste e cobriu os olhos com a mão, em um gesto que evidenciava um grande cansaço emocional. — Se vê que não o fiz muito bem, dadas as circunstâncias. — Sorriu sarcástico porque sentiu que cada ligeiro sorriso lhe inferia uma nova dentada no ânimo. — Se tivesse sido mais cuidadoso, se não estivesse tão ocupado em meu intento de manter em alta a herança deixada por meu pai, — suspirou profundamente, e descarregou os pulmões como se em vez de carregar oxigênio estivessem repletos de fumaça cinzenta — teria me dado conta de que algo não estava

bem. Nada bem.

Não me pergunte como, nem de que modo, mas a moça foi seduzida por um desconhecido que não hesitou em usar veterana experiência com uma criatura ingênua e inocente, que nada sabia do mundo, nem da vida. Não acredito que seja necessário entrar em detalhes, basta dizer que esse mal nascido deixou à moça grávida e a descartou, quase no mesmo instante em que ela concebeu a seu filho.

Byrne engliu saliva.

— Falamos do Rygaard, certo?

Hawthorne não respondeu. Seu silêncio era a melhor resposta que poderia oferecer a seu espantado amigo.

— Desconhecia que esse homem fosse, na realidade, tão inapresentável como mostra isso.

— A moça, que mordera até o fundo o cativante anzol desse cretino e acreditou, sem duvidar, de todas as patranhas românticas, ao ver-se abandonada pelo que considerava o grande amor de sua vida, não encontrou outro modo mais sensato de atuar, que jogar-se no abismo de uma ponte.

— Hawthorne, é um relato horripilante. — Edmund passeava horrorizado o olhar pela estadia sem deter-se em um ponto concreto.

— Mas verídico, desgraçadamente. — continuou — É óbvio, tive que desafiá-lo a um duelo — Byrne assentiu com nervosismo, ainda estupefato. — Resultava imperativo ante a desonra impingida a minha protegida. Sem dúvida, minha falha foi ter sido misericordioso com ele e não tê-lo mandado a seu país dentro de uma caixa de pinheiro — ruminou entre dentes, arrastando

as palavras. — Devia ter acabado com ele quando o tive a meus pés, com a ponta de minha espada roçando seu pescoço.

— Que desgraça, pobre moça! E pobre criatura! — Edmund deixou-se cair, pesadamente, em uma poltrona a escassa distância atrás de si. — Mas não deve angustiar-se, meu amigo, faremos todo o possível por mandar esse personagem para longe de toda sociedade respeitável. Não terá ocasião de machucar à senhorita Clark ou a qualquer outra senhorita inocente.

— Não entende, Byrne. — Hawthorne cerrou os olhos até reduzi-los a uma fina e severa linha transversal. — Nem sequer vou deixá-lo respirar o mesmo ar que respira a senhorita Clark. Imagina o que aconteceria, se Fanny Clark fosse tão ingênua quanto aquela insensata? — Oprimiu os punhos com violência ao pensar e estrangulou com eles de forma imaginária a garganta de seu rival. — Deus sabe que desta vez não vou consenti-lo! — Inalou profundamente e passeou pela estadia um olhar desconsertado, feroz, sanguinário. Velhos demônios do passado voltavam para torturá-lo. — Se dá conta de que está ocorrendo o mesmo de antigamente? Deixei à senhorita Clark a mercê desse mal nascido para atender minhas obrigações em Hawthom! Maldito seja, será que alguma vez vou aprender? — Soprou com amargura. — Não vou consentir, Edmund, não posso arriscar de que retorne ao condado e inicie um contra-ataque. Pouco me importa tudo, não penso permitir que ponha Fanny Clark em perigo.

Edmund soprou e relaxou os ombros durante a plácida exalação. Em um gesto calmo, repousou as mãos sobre o peito e uniu os dedos até formar uma pirâmide perfeita.

— Ao menos, nesse aspecto, acredito que posso aliviar suas tribulações, amigo, e assegurar que a senhorita Clark encontra-se a salvo de qualquer contra-ataque — murmurou. — Porque não se encontra em Sheepfold neste momento. — Hawthorne virou a cabeça para seu amigo, com uma energia surpreendente, como a angustiada mariposa que descobre luz entre a escuridão e sente um desejo imperioso de correr para ela. — Está aqui em Londres, com Charlotte e comigo.

Hawthorne aumentou os olhos em um gesto que representava perfeitamente uma enorme surpresa. Inalou, profundamente, enquanto esboçava um sorriso incômodo a julgar pela tremente elevação das comissuras.

— E o que faz ela em Londres? — perguntou confuso. As profundas linhas que sulcavam-lhe a fronte eram uma amostra mais da terrível confrontação interna. — Não entendo, ela detesta este lugar, acreditei que jamais voltaria.

— Por obedecer a petição de Charlotte, meu amigo. Entre elas existe um forte vínculo afetivo do qual, suponho, que você é muito consciente.

— Sei — balbuciou. — Tão somente não esperava que estivesse aqui. — Oprimiu os punhos aos quadris e no ato, sentiu-se intimidado, ante o significado real de suas palavras. Tão perto e ao mesmo tempo, tão longe.

Edmund levantou-se do assento para tocar, afetuosamente, o ombro de seu amigo.

— Não pode planejar tudo, Hawthorne, às vezes a vida nos surpreende do modo mais inesperado, sem que possamos fazer nada a respeito. —

Hawthorne olhou-o carrancudo. — Faz alguns meses, jamais teria imaginado que o amor de minha vida se apresentaria, em minha própria casa, durante uma noite qualquer de primavera. — Abriu os braços em cruz. — E aqui me tem, a ponto de abandonar o celibato para embarcar na viagem do matrimônio! Talvez, você mesmo deveria subir a bordo desse navio que se apresenta com felicidade ante sua porta e ao qual empenha-se em ignorar.

Oliver Hawthorne não disse nada, somente arrumou os ombros e repousou o olhar na bucólica distância que se perfilava depois das janelas. A possibilidade que Edmund Byrne lhe apresentava, fez com que os músculos das mandíbulas se esticassem e que um redemoinho lhe torturasse as vísceras. Poderia ser tudo tão simples, tal e qual seu amigo expunha?

— Seria um modo simples de evitar preocupações por causa de personagens indesejados como esse americano. E ao mesmo tempo, a melhor forma de proteger a senhorita Clark, — arrematou Byrne como quem coloca uma apetecível cereja em um bolo.

Ante a nova menção de Rygaard, esquecido durante os últimos minutos pela desejável lembrança de Fanny Clark, Hawthorne colocou-se rapidamente atrás da mesa do escritório, pegou diligentemente o papel e a pluma e começou a rabiscar algumas linhas imperiosas.

— Posso saber o que está fazendo? — inquiriu Byrne.

Hawthorne não levantou o olhar da tarefa quando respondeu:

— Escrevendo um cartão a Rygaard para convidá-lo à alvorada, à beira do Tâmisa. Devemos resolver este maldito assunto o quanto antes.

# CAPÍTULO 26

O embarcadouro se estendia sobre o rio, vestido com a névoa vaporosa do amanhecer. Espessos juncos flutuantes avançavam por lento impulso invisível, desciam a correnteza, enredavam-se entre os galhos das árvores, derramavam-se de modo cadencioso sobre o espelho lânguido que formavam as obscurecidas águas, e encharcavam o ambiente com o orvalho procedente de sua carícia.

Sobre o oscilante piso de madeira, dois cavalheiros olhavam-se desafiantes, separados apenas por trinta passos de distância. Oliver Hawthorne vestia um comprido capote negro que realçava, perfeitamente, suas largas dimensões, e estava coberto com uma elegante cartola que caía inclinada sobre sua cabeça. A seu lado, Edmund Byrne, na qualidade de padrinho, sustentava a maleta onde repousavam as armas do duelo.

Jarrod Rygaard franziu os lábios. Um tal Taylor entregara a citação do cavalheiro no dia anterior e, embora no princípio decidisse rechaçá-la e jogara-a ao fogo, segundos mais tarde, apressou-se a arrebatá-la das chamas, para relê-la e guardá-la em uma das gavetas da escrivaninha. Qualquer cavalheiro, tanto de um lado, quanto do outro lado dos mares, era consciente de que não havia maneira de recusar um duelo, sem converter-se em objeto de ridículo. Pelo visto, Oliver Hawthorne sentira-se ofendido, uma vez mais! E uma vez mais, também, aquele presunçoso considerava que um duelo era a melhor forma de desagravar-se.

Suspirou resignado e enquadrou os ombros, com elegância. Não era a

primeira vez que se encontrava frente a frente com o poderoso Hawthorne em circunstâncias similares, não havia nada que o impedisse de pensar, que desta vez não seria capaz de sair igualmente agraciado como no passado. Afinal, aquele arrogante mestre não era mais que um pusilânime, que se deixava levar, continuamente, por ridículos sentimentalismos. Esboçou um sorriso ladeado. Estúpido arrogante com presunções de cavalheiro andante!

O padrinho de Rygaard, um vagabundo anônimo, que fora recrutado durante uma de suas correrias noturnas, não ajudava, absolutamente, a proteger a venerabilidade de um ato tão ancestral e enraizado entre cavalheiros. Cambaleante, vestido com farrapos e oculto atrás dos sujos fios de uma cabeleira que recordava a crina de um cavalo, o desconhecido sorria sem estar consciente da fatalidade que se mostrava.

— Acabemos com esta brincadeira, Hawthorne, tenho coisas muito mais importantes que atender!

Um ligeiro fluxo começou a levantar balançado pela suave brisa do amanhecer. Hawthorne tirou o chapéu e jogou-o a seus pés, para depois depositar sobre seu rival o olhar mais gélido que aquele ser jamais poderia sentir.

— Isto não seria necessário se o tivéssemos resolvido anos atrás. Mas parece que há animais que não só não se arrependem de suas maldades, mas sim, além disso se orgulham de repeti-las.

— Acabemos de uma vez, estou desejando ver seu sangue correr pelo embarcadouro! — O americano sorriu com supremo desprezo. — Estou seguro de que não é absolutamente azul, tal como diz.

Os padrinhos entregaram as armas a seus respectivos representantes e depois depositaram duas pedras sobre a passarela a dez passos de distância, a modo de limite permitido. Nenhum dos opositores podia transpassar aquele topo na hora de realizar seu disparo.

Um silêncio plúmbeo caiu sobre o terrível cenário, embelezado pela calma sinistra que precede uma tempestade. O único som que se escutava procedia do eco surdo dos passos dos dois rivais, ao aproximarem-se um do outro. Rygaard levantou a arma e adornou o gesto com um sorriso ladeado, que refletia sua perversa intencionalidade. Não desejava ferir Hawthorne como na festa de Sheepfold, não desejava fazê-lo saborear o mel da humilhação, nem sequer cogitava a possibilidade de feri-lo gravemente, para que abandonasse sua obsessão duelista: desejava matá-lo, acabar com ele, de uma vez por todas.

No ar, soou terminante o eco de um disparo. Hawthorne fechou os olhos e percebeu o sinistro assobio do projétil a escassa distância de sua cabeça. Um denso véu de fumaça procedente da pólvora queimada envolveu Rygaard, que mudou a expressão homicida de seu semblante por uma, de completa estupefação, quase de terror, quando comprovou que Oliver Hawthorne permanecia em pé, completamente ileso.

O americano engoliu a saliva, ruidosamente, e começou a tremer como uma vara verde. Era a vez do cavalheiro e por todos, era conhecido, que era um dos melhores atiradores da Inglaterra.

Hawthorne levantou a arma e apontou direto à fronte daquele estúpido que o olhava com expressão consternada. O coração golpeava-lhe o peito e

fazia eco em suas têmporas, com a violência de uma tempestade que bate contra uma janela. Não era capaz de ouvir nada mais, salvo aquele intermitente zumbido que ameaçava arrebentar-lhe o corpo, o peito, a cabeça, para sair para o exterior.

Seu dedo vacilou, um segundo, sobre o gatilho. Seria tão fácil acabar com aquele animal, resultaria tão simples ceifar a vida de um miserável, que não duvidara de ser o causador da morte de duas almas inocentes.

Mas o rosto sorridente, fresco e precioso de Fanny Clark aparecendo entre a vaporosa névoa que escorregava sobre o Tâmisa deteve-o. Jamais poderia merecê-la se se convertesse em um ser frio e desumano igual ao miserável, que nesse momento permanecia curvado a escassos quinze passos de distância, com os braços abertos como um passarinho que enfrenta à tempestade e abre suas, imprestáveis, asas contra o vento. Ele jamais poderia olhá-la nos olhos, sabendo que suas mãos estavam manchadas com o sangue de outro homem, embora se tratasse do sangue daquele estúpido. E ela jamais seria capaz de olhá-lo, sabendo que seus olhos foram a última coisa que teria visto os olhos de Jarrod Rygaard ao abandonar o mundo dos vivos.

Sem vacilar nem um só instante mais, disparou a arma.

Uma mordida selvagem, metálica e desumana descarnou o joelho do americano e rompeu em pedaços, a rótula, com um som tão nítido quanto terrível.

O estranho padrinho de Rygaard foi em seu auxílio, alertado pelos temíveis gritos do homem e pela grande quantidade de sangue derramado sobre a passarela de madeira. Hawthorne jogou a pistola à água e, sem voltar

o olhar atrás, abandonou o lugar a grandes passadas, vestido com a dignidade que concede uma consciência em bom estado.

Com o passar dos dias, Taylor informaria a seu senhor de que tiveram que amputar a perna do americano recém batido em duelo, acima do joelho por causa da importante necrose que ameaçava continuar em perigosa ascensão. Aleijado, vulnerável e carente dos atrativos necessários para seduzir a jovenzinhas inocentes, Jarrod Rygaard optou por embarcar no primeiro navio que zarpou da Inglaterra rumo a além-mar, persuadido de não retornar, jamais, a uma terra que tanto infortúnio lhe trouxera.

# CAPÍTULO 27

O carro familiar dos Byrne se deteve em frente à grade do soberbo parque do Hawthom, em cuja entrada destacavam as silhuetas de dois gigantescos ciprestes, que se elevavam para o infinito, com toda majestade, escuros e solenes como dois régios guardiões.

Fanny puxou ar e tentou infundir ânimo a seu decaído espírito que, nesse momento, encontrava-se mais baixo que um meia três-quartos, usada. Aceitou o apoio que Edmund Byrne lhe ofereceu para descer os minúsculos degraus, antes de pisar em terra firme. Seus companheiros de viagem já haviam abandonado o veículo com celeridade, enquanto ela permanecia fascinada pelo surpreendente verdor que engolira-os de repente.

Edmund e Charlotte receberam o convite para jantar em Hawthom fazia somente dois dias, convite que, por extensão, incluía-a e, embora no princípio pensara entregar-se a uma fingida enxaqueca, um oportuno resfriado ou, inclusive, uma contagiosa infecção de garganta para não comparecer, ao encontrar-se à entrada do magnífico parque alegrou-se por não ter recusado.

Uma vasta alameda de cascalho estendia-se até o infinito. Formava um formoso passeio em cujas margens destacava-se a presença de uma infinidade de carvalhos centenários, que escoltavam aos passantes com uma formação que recordava as escrupulosas linhas de tropa. Ao longe, podia distinguir-se uma imensa construção de pedra em tons cinzentos, coroada de elegantes torres, caprichosas passarelas e infinidade de chaminés encarregadas da tarefa

de vomitar fumaça.

— Bem-vindas a Hawthom! — anunciou Edmund, cheio de orgulho. — Sem dúvida, um dos jardins mais belos da Inglaterra.

Fanny olhou para Charlotte, embriagada por uma insuportável sensação de angústia. Segurou sua amiga pelo cotovelo e, em um sufoco, murmurou:

— Repita-me por que temos que estar aqui.

Charlotte esboçou um amplo sorriso ante o repentino pânico cênico que consumia sua amiga. Em idêntico tom de confidência respondeu:

— Porque o senhor Hawthorne foi muito amável nos convidando. — Fanny soprou. — E porque, no fundo, sabe perfeitamente que lhe agradaria bisbilhotar sua magnífica residência.

A senhorita Clark revirou os olhos, e suspirou profundamente, ao retomar o colorido passeio que levava-os direto à mansão. Por um momento, enquanto passeava sob a augusta sombra dos carvalhos, a jovem, tão disposta às fábulas e ao sonho bucólico, sentiu como se estivesse caminhando pelos parágrafos de uma das novelas românticas que tanto a agradavam.

Como seus companheiros pareciam também envolvidos em uma borbulha romântica, criada exclusivamente por e para eles dois, Fanny desejou conceder-lhes, e conceder-se a si mesma, um instante de intimidade. Se abaixou, rebuscou sob a saia as desgastadas botas de cano longo e, antes de que os apaixonados se dessem conta, engenhou para desatar os laços que os seguravam.

— Temo que desamarrou uma bota, — queixou-se. Charlotte e Edmund

viraram-se um pouco para ela. — Não há por que atrasá-los — insistiu para que continuassem. — Irei em um minuto.

Assim o fizeram entre risadas e carinhos inocentes.

Deixou-se levar por um súbito e curioso impulso, abandonou o caminho de cascalho. Cruzou a soleira formada pela legião mastreada, entrou em um amplo jardim lateral onde cresciam enormes canteiros de verônicas em flor e buxinhos recortados cuidadosamente para oferecer um minucioso aspecto oval. Um pouquinho mais longe, os maciços de jacintos e dafnes enviavam ondas de adocicada fragrância à atmosfera.

Fontes de jorros graciosos decoravam as margens do caminho. Nas sobreas fontes de pedra, elegantes meninos alados mantinham-se suspensos em etérea pose, enquanto seus roliços corpanzi, refletiam a tênue luz do entardecer.

Resultava impossível não fechar os olhos e refugiar-se, totalmente, das calamidades imperantes no mundo dentro daquele maravilhoso refúgio. Era evidente que a mão do homem tivera muito a ver naquela formosa criação, mas com quanto acerto obrara o ser humano naquele jardim!

Fanny inclinou-se sobre a amarela uniformidade das gazânias, arrancou uma das hastes e levou-a ao nariz, enquanto fechava os olhos para desfrutar melhor da aromática essência. Deliciosa fragrância que conseguia transportá-la aos férteis e infinitos campos de seu querido condado! Que calma se respirava naquele canto afastado, perturbado tão somente pelo cântico gracioso dos passarinhos! Com que beleza descendia a luz do entardecer sobre os maciços em flor e destilava, com um áureo beijo, o

colorido mais belo!

— Deleita-se com a visão de Hawthom Park?

Uma entonação grave e cadenciosa às suas costas sobressaltou-lhe e a fez dar um salto. A cor invadiu suas bochechas quando, ao voltar-se, encontrou-se com os olhos cor de breu de Oliver Hawthorne, que inclinava-se para ela em uma elegante reverência.

— Oh! — Fanny devolveu a cortesia extremamente sobressaltada, e tentou que sua voz coordenasse com seus pensamentos. — E quem poderia não gostar? — Baixou a voz e se sentiu, de repente, tola. — É um lugar perfeito em todos os sentidos.

Oliver Hawthorne agradeceu o elogio com um sorriso amplo. Sem dúvida era o sorriso mais amplo e relaxado que Fanny o vira esboçar.

— Seus pais gozam de boa saúde, senhorita Clark?

A jovem abria e fechava a boca, sem emitir som algum, ruborizada de um modo delicioso e com aspecto de ter sido surpreendida em uma arte pueril. A ruguinha do sobrecenho conferia-lhe um aspecto de formosa confusão.

— Oh! Sim, senhor Hawthorne, encontravam-se à perfeição quando abandonei Sheepfold.

Hawthorne permanecia cabisbaixo, confuso, intranquilo. A presença inesperada da senhorita Clark, perturbara-o de um modo especial, e toda a calma que reservara para essa noite desvaneceu-se, de repente, como água entre os dedos.

— Diz que seus pais se encontram bem de saúde, mas e seu irmão? —

insistiu. — E o que me diz da pequena senhorita Clark?

Por Deus, senhor Hawthorne! Será que vai limitar-se a seguir as normas de cortesia comigo? Comigo?

— Todos gozam de uma saúde excelente. Obrigada, senhor Hawthorne.

— Oh! Bom. — Ele pigarreou incômodo. As mãos úmidas evidenciavam o crescente nervosismo que lhe embargava. Pela primeira vez na vida, o eterno cavalheiro anti-social e taciturno, lamentava-se de não saber como iniciar uma simples conversação, quando na realidade, havia tantas coisas que desejava dizer à senhorita Clark.

Por sorte para ele, foi Fanny quem, com voz tremente, perfurou o incômodo ostracismo que abatia-se em torno de Hawthorne.

— Devo me desculpar por ter me atrasado, senhor. A beleza de seus jardins atraiu-me de modo irreparável. Temo que não tenha desculpa, ante minha censurável curiosidade.

— Não se desculpe, senhorita Clark, não o faça, — apressou-se a dizer o cavalheiro com inegável ardor. — Agrada-me que o investigue. De fato, é livre para fazê-lo sempre que quiser.

Fanny inclinou a cabeça e voltou-se para um lado, sobressaltada. Sempre que quiser? As palavras do senhor Hawthorne encerravam a incrível e desejável força de uma promessa. Como poderia ela passear pelos jardins de Hawthom com absoluta liberdade quando residia a mais de duzentos quilômetros de distância daquele lugar?

— Nossos amigos levam grande vantagem e, neste momento, estarão a ponto de alcançar a residência, senhor.

Não deveria ter saído do caminho, tola, mais que tola! Sem dúvida pensará que não mudou nada e que segue sendo a menina atordoada e intrépida que conheceu em Londres. E mordeu o lábio inferior encarregada de infligir-se uma ferida a modo de penitência.

— Não se preocupe, senhorita Clark, eu mesmo serei seu guia neste jardim. Precisamente neste instante, dirigia-me ao edifício principal para dar-lhes as boas-vindas. Alegra-me poder dá-la, a você, antes que a mais alguém. — Ofereceu um sorriso maravilhoso que deixava entrever uma dentadura branca e perfeita. — Bem-vinda ao Hawthom Park, então. — Estendeu um braço, embutido à perfeição, na elegante dobra de veludo de uma estilosa casaca negra. Fanny, presa ainda a uma tímida indecisão, repousou sua mão sobre aquela férrea extremidade, decidida a percorrer ao lado do belo cavalheiro os jardins de Hawthom Park. Possivelmente, se tratasse de sua última oportunidade de visitar tão suntuoso lugar. — Vejo que não necessita você usar mais o bastão e é um assunto que me alegra, muito.

Céu Santo, Oh!, Céu Santo, devo estar em um sonho!

# CAPÍTULO 28

Cordelia Hawthorne retirou-se, com perversa lentidão da ampla janela que alagava seus aposentos com as últimas luzes crepusculares. Levava no semblante, um visível gesto severo e contrariado, enfeite perfeito da considerável estupefação que sentia nesse momento.

Quem era aquela mocinha espevitada, fraca e desajeitada que caminhava com ridícula altivez ao lado de seu filho, pelos jardins do Hawthom? Jamais observara casal tão desigual! E, entretanto, com que insolente aprumo aquela tola pavoneava-se no braço de seu Oliver, ruborizada e sorridente como uma menina ante os comentários que seu filho dirigia-lhe! Insolente descarada! Acaso se conheceram com antecedência? Tudo parecia indicar que era assim. Do que outro modo poderia existir uma intimidade tão manifesta entre ambos?

Visto que fazia parte do grupo daquele jurista ativista, e de sua prometida do povoada, não podia tratar-se de nenhuma senhorita respeitável. E, entretanto, ali estava aquela intrusa que turvava a bela imagem do jardim, com seu aspecto grosseiro e seu porte indigno! E que vestido tão desprovido de bom gosto exibia! Sem dúvida os lençóis das habitações dos serventes possuíam um caimento e um tecido, muito mais fino do que o vestido daquela néscia. E aquela cabeça sem cobrir! Completamente inaceitável! Nenhuma senhorita com um mínimo de juízo passearia pelos jardins à hora do entardecer com a cabeça e os ouvidos descobertos. E com que pouco garbo, com que falta de distinção descansava sua mão sobre o braço dobrado de

Oliver e caminhava com as costas mais encurvadas do que resultaria aceitável em uma senhorita distinta!

Oprimiu com força a mandíbula, até reduzir os franzidos lábios a uma fina linha vermelha transversal. Por sua vida que seu filho não cairia na armadilha da primeira caça-fortunas que mostrasse seu sujo nariz a Hawthom, mesmo que ela própria tivesse que cruzar a cara da insólita pilantra, com um tapa!

Seu Oliver era a quinta geração de cavalheiros Hawthorne. Ela alimentava grandes planos para sua pessoa e para a perpetuidade da estirpe. De fato, estava a vários meses tentando Reginald Archer, cujo título de baronete realçava notavelmente os encantos de sua filha mais velha, Aurelia, apresentada em sociedade na temporada passada, para conseguir uma união em extremo vantajosa para ambos. A rechoncha Aurelia, moça de bochechas encarnadas e sorriso bobo, carregava todos os traços de ser uma mulher muito fecunda, a julgar pela feliz disposição de seus quadris. Além de tão apetecível condição, a jovem parecia tão inocente que a senhora de Hawtom não encontraria nenhum problema na hora de seguir mandando e desmandando, a sua vontade, tanto nas propriedades quanto na vida de seu filho. Uma esposa dócil e maleável supunha a escolha mais prudente para o Oliver e para ela mesma, porque somente desse modo conseguiria manter-se como a única proprietária e senhora de Hawthom Park e de Oliver Hawthorne.

Não, não toleraria desordens de nenhum tipo! Se seu filho necessitava certos alívios, devido a sua condição masculina, podia procurar e contentar-se com o calor furtivo de alguma faxineira, em algum quarto afastado, mas,

nunca, dar fé a escândalos sociais por culpa de senhoritas que tão somente desejam elevar-se de seu miserável estrato social para alcançar uma classe que não lhes pertence!

Por isso, apesar de ter decidido que não trataria com atenção mostrando sua presença ao reduzido cortejo, estava claro que não podia deixar passar a oportunidade de estudar, de perto, a uma intimidade tão óbvia. Jamais uma vulgar camponesa passearia pelos corredores de Hawthom, ao menos não enquanto ela fosse a senhora desses domínios.

— Rosamunde, Rosamunde, maldita ociosa! — gritou com seu perpétuo tom despótico. Traga-me, imediatamente, meu vestido de organza e os ferros quentes para arrumar-me o penteado! Logo se servirá o jantar e sabe que não tolero a falta de pontualidade.

Inalou profundamente. Essa imprudente não sabia quem era Cordelia Vitória Hawthorne.

*

O jantar foi servido pontualmente em um impressionante salão, cujas dimensões triplicavam todo o andar de baixo da velha reitoria. Ornamentais candelabros de bronze e pó de ouro apareciam solenemente em cada ângulo escuro, e derramavam na estadia uma cálida tonalidade alaranjada. Pesadas cortinas de veludo vermelho cobriam as janelas, quadros e espelhos de múltiplas formas e dimensões adornavam as paredes vestidas de rico papel adamascado.

Vários serventes retiraram as cadeiras para oferecer o assento aos comensais.

Oliver Hawthorne ocupava, como era próprio, uma das cabeceiras da mesa, posicionada Charlotte e o senhor Byrne a ambos os lados, enquanto Fanny permanecia no outro extremo, muito perto da outra cabeceira, onde estava sentada a régia senhora Hawthorne.

A Fanny não agradaram os depreciativos ares de condescendência com os quais aquela senhora, recebera-os. Parecia que, a todo momento, dedicava-se a observá-los e estudá-los, com implacável olhar crítico. Sobretudo, parecera-lhe que as olhadas mais reprobatórias foram dirigidas a ela, em particular, como se a condenasse e censurasse pelo mero feito de existir. Mas, afinal, não tivera mais tempo do que para oferecer uma sincera reverência, que a dama desdenhou, afastando-se atrás da ruidosa revoada de sua saia, com o queixo elevado em gesto de desprezo.

Durante toda a noitada, aquela senhora não afastara, nem durante um meio minuto, o olhar dela. Fanny não sabia até que ponto semelhante fixação resultava aceitável, por mais senhorial que fosse. O que pretendia com seu escrutínio? Humilhá-la, incomodá-la, evidenciar seus inigualáveis ares de grandeza, ou, tão somente marcar seu território com a tirania de seu olhar?

Com o queixo elevado, em um gesto de desnecessária vaidade e as pálpebras entre abertas, a senhora Hawthorne olhava-a, como quem olha uma barata, sem perder de vista cada movimento, à espera, possivelmente, do momento oportuno para esmagá-la. O porquê desse desejo homicida era algo que Fanny ignorava completamente.

Por culpa da atitude assediante da dama e por estar tão consciente dela, Fanny foi incapaz de precaver-se de que, no extremo oposto da mesa, Oliver Hawthorne, tampouco perdia detalhe de nenhum de seus movimentos.

A jovem inclinou o olhar e decidiu esquecer-se da maça justiceira daquela deusa desumana, para centrar-se em seu prato, consciente de que resultaria impossível provar um bocado. Esboçou um breve sorriso: possivelmente, pela primeira vez em sua vida, seria capaz de acatar a norma que exigia às jovens não comerem muito em público.

Cinco tipos de talheres repousavam, alinhados perfeitamente, em ambos os lados da elegante porcelana. O uso adequado da metade desses talheres resultava completamente desconhecido para a jovem e a dúvida premente nesse momento, recaía em qual das colheres resultaria apropriada para a sopa de tartaruga que um lacaio acabava de servir.

O severo olhar da senhora Hawthorne queimava-a como um ferro incandescente e sabia que, qualquer mínimo deslize, seria objeto de brincadeira e escárnio por parte dela.

Calma Fanny, calma, é somente uma colher.

Seguiu um impulso desconhecido e, sem nem sequer elevar a cabeça, dirigiu ao senhor Hawthorne um olhar que, ainda sem ter consciência disso, suplicava auxílio. Por sorte, o cavalheiro a olhava nesse momento, (na realidade, jamais, deixara de olhá-la, embora Fanny não se desse conta), e foi em sua ajuda. Deu três suaves toques com a ponta de um dedo, à colher mais afastada da porcelana, enquanto dedicava à jovem um sorriso que somente ela foi capaz de perceber. O ar retornou aos pulmões da jovem e o sangue a seu

rosto lívido.

Tudo sairá bem, tudo saíra bem esta vez.

O jantar transcorreu tranquilamente, mesmo ante a exagerada sucessão de pratos, e sem mais incidentes que turvassem o ânimo de Fanny, embora a todo momento, encontrou-se tentada a abandonar aquela mortificante mesa e afastar-se, assim, do inquisidor olhar da dama. Para regozijo da moça, logo retiraram-se os serviços e os anfitriões levaram seus convidados a comer a sobremesa na sala de recreio situada na habitação contígua.

Os cavalheiros utilizaram duas poltronas de carvalho estofadas em verde musgo, situados em frente a uma generosa lareira encrustada. Animados pelo acolhedor ambiente que proporcionava a luz, serviram-se generosas taças de brandy, enquanto Hawthorne oferecia a Byrne o conteúdo de uma elegante caixinha de madeira esculpida, onde deitavam cheirosos havanas de além mar. Logo sua conversação elevada os fez esquecerem-se da presença das damas.

Em um ângulo oposto, as senhoritas se sentaram em um divã, em frente da elegante poltrona estilo Windsor, onde a senhora Hawthorne descansava com toda majestade.

Em contraposição ao animado diálogo dos cavalheiros, naquela parte da sala reinava um silêncio desolador.

— Senhorita Clark, visto que tenha entendido que esse é seu nome, — Fanny elevou o olhar surpreendido de que aquela dama dirigisse-se, a ela, em particular — eu gostaria de escutar algo a respeito de você.

Um ligeiro calafrio percorreu-lhe a espinha dorsal.

— Temo que minha vida resulte muito tediosa para que consiga interessar a alguém.

— Equivoca-se, jovem, — cortou a dama — porque, nesse caso, embora resulte inverossímil, interessa-me.

Fanny tentou manter a calma. O coração golpeava em seu peito como um corcel desenfreado em plena corrida. Olhou para Charlotte solicitando auxílio, mas sua amiga permanecia em uma pose de tal submissão, que, unicamente seu elaborado coque infestado de pássaros dissecados permanecia à altura do rosto de Fanny.

Procurou o olhar do senhor Hawthorne, mas desta vez o cavalheiro permanecia muito ocupado em comentar algum assunto com o senhor Byrne para poder socorrê-la.

— Como poderia interessar a você? — A dama elevou uma sobrancelha ante a resolução da jovem. — Minha existência não goza de emoções merecedoras de serem narradas a tão digna ouvinte.

Apesar de que um intenso rubor posicionou-se, imediatamente, em suas bochechas, a jovem riscou o firme propósito de não mostrar nem um ponto de debilidade ante aquela terrível inquisidora.

— Você se expressa com muita resolução para ser tão jovem e… humilde. — Um provocador sorriso saiu dos lábios da dama ao referir-se à senhorita mediante esse último qualificativo.

Fanny não respondeu, limitou-se a permanecer sentada com as costas erguidas e retas, os joelhos emparelhados e as mãos em repouso sobre o vazio do regaço.

Essa suposta indiferença pareceu incomodar à senhora Hawthorne que acrescentou seu propósito de humilhá-la.

— E me diga, você toca o piano, jovenzinha?

— Muito pouco e, para falar a verdade, não muito bem. — Ambas sustentaram com firmeza o olhar uma da outra. — Temo que nunca tive a perseverança necessária para aprender.

— Ah! Confessa-se inconstante, então? — A satisfação coroou seu rosto. — Pinta? Borda? Desenha mesas, acaso?

Fanny reprimiu um sorriso. Era consciente de que, por alguma estranha razão, estava sendo avaliada por aquela mulher, e também era consciente de que, de algum modo, gostava de desafiá-la e mostrar com orgulho sua nulidade, na hora de realizar as absurdas atividades requeridas às jovens, para alcançar a condição de aceitáveis.

— Sei bordar o necessário, e minhas pinturas temo que resultem confiáveis de modo escasso.

— Sabe desenhar silhuetas?

— Não, senhora.

— Pinta porcelana? Sabe fazer geleia?

Fanny inalou profundamente pelo nariz, antes de responder com desafiante calma.

— Não, senhora.

— Existe acaso, algo que realize medianamente bem? — A senhora Hawthorne parecia pretender desafiá-la a reconhecer em público sua incapacidade para ser considerada uma dama distinta, assim como sua falta

de talentos. Fanny mordeu o lábio inferior em um acesso de pueril diversão.

— Há quem opine que sou uma excelente amazona. — comentou e sorriu ao recordar a menção que, a seu momento, o senhor Hawthorne fez sobre ela e as ovelhas lanudas de Sheepfold.

Charlotte, inquieta, deu-lhe um chute dissimulado baixo as dobras da saia.

— E se trata de um exercício que pratique frequentemente?

Montar ovelhas? Oh! Não, temo que não tão frequentemente como deveria, para alívio das ovelhas! E semelhante pensamento a encheu de um grato regozijo interior.

— Pode saber-se então, a que dedica seu tempo, uma senhorita em uma idade como a sua, se não tocar o piano, nem se dedica ao bordado, nem à pintura? Pratica algum exercício recomendável?

— Eu gosto de ler, senhora.

— Ler? Curioso e inútil entretenimento para uma mente ociosa! — O gracioso movimento com o qual sacudiu a cabeça, foi uma clara amostra de desaprovação — E pode saber-se o que lê? Os clássicos gregos? Salmos?

Um sorriso desafiante apareceu nos lábios de Fanny e elevou-lhe as comissuras. Aquilo podia chegar a ser divertido.

— Eu gosto de ler novelas.

Charlotte não pode evitar exalar, com tanto ímpeto, que o gesto captou a atenção das damas durante meio segundo, tempo suficiente, entretanto, para que seus rubores subissem até o nascimento de seus cabelos.

— Ora, temia isso! — Exclamou triunfante e elevou o queixo — Leituras

completamente carentes de moral que não conseguem mais outra coisa que encher de despropósitos as mentes maleáveis e inconstantes das jovenzinhas!

— Não considero assim, senhora.

A dama girou a cabeça para Fanny com a agilidade do predador que acaba de farejar uma presa. Encontrava-se atônita ante a ousadia que manifestava aquela mocinha miúda e descarada que elevava com altivez seu atrevido queixo. Quem acreditava que era aquela impertinente, para contradizê-la sem o mínimo recato?

— Como disse? — O queixo da senhora tremia de raiva contida.

— Tão somente considero que esse tipo de literatura nos mostra as paixões e tribulações existentes no mundo que nos rodeia as quais, entretanto, a sociedade imperante pretende ocultar sob mantos de arminho e sedas.

— Como ousa expressar-se com semelhante desenvoltura, menina? — Tal era a avidez que adquirira a conversação, que nenhuma das confabulantes deu-se conta do silêncio que causara na zona masculina, nem da atenção com que, ambos os cavalheiros, seguiam o assunto. — Quem encontraria prazer na leitura dessas fantasias desatinadas procedentes da mente de algum louco de vida dissoluta? Um espírito imoral, é obvio! Ler novelas! Nenhuma dama ou cavalheiro sensato ocuparia o tempo com semelhantes bobagens!

— Por desgraça, devo conceder-lhe a razão. — A senhora Hawthorne bufou como um touro encerrado. A calma que parecia irradiar aquela jovem, conseguia encolerizá-la de um modo, até então, desconhecido. Jamais alguém ousara replicar-lhe, jamais!— Nossos cavalheiros não costumam perder seu valioso tempo com leituras românticas. Preferem falar dos cavalos de seus

estábulos, de seus cães de caça ou da suspensão de suas carruagens. Temo que nenhum dedicaria nem meio minuto de sua existência a um entretenimento tão vão e superficial.

— É obvio que não, que grande insensatez!

Um rouco pigarro procedente do outro lado da estadia apanhou a atenção das três mulheres.

— "Seus pensamentos voltaram, então, para as coisas que a rodeavam: os atalhos retos, os arbustos podados com formas angulosas, as fontes artificiais do jardim, tudo não podia parecer iluminado com a pior das luzes, comparado com a descuidada graça e a beleza natural dos campos de La Vallée." — declamou Oliver Hawthorne.

Depois de falar assim, o senhor Hawthorne continuou sentado em uma posição informal e ajeitada, as pernas cruzadas à altura do joelho e o olhar preso nos adorados olhos de Fanny Clark, enquanto agitava uma taça de brandy na mão direita.

— Os mistérios de Udolfo — murmurou Fanny enquanto o rubor acendia, de novo, as bochechas. — Desconhecia que você lesse à senhora Radcliffe.

— Alguns cavalheiros, sim, nos aventuramos a perder nosso valioso tempo com distrações vãs e superficiais. — comentou e dedicou à jovem um enigmático sorriso, que obrigou Fanny a sufocar um suspiro.

Cordelia Hawthorne olhou para seu filho com uma clara expressão recriminatória nos olhos desumanos.

— Oliver, pelo amor de Deus!

— Mas, a suspensão de minha carruagem importa-me muito pouco, senhorita Clark.

Enquanto Fanny obsequiava o cavalheiro com um agradecido sorriso, coroado de rubores, a senhora Hawthorne levantou-se do assento, presa de uma raiva descontrolada, com os ossudos punhos apertados aos lados, com tanta crueldade que os nódulos se tornaram completamente lívidos. Realizou um movimento de desprezo com a cauda da saia e abandonou a estadia. A porta fechou-se atrás dela, com uma sonora batida.

# CAPÍTULO 29

Quando, muito a seu pesar, Edmund considerou que já haviam abusado, bastante, da hospitalidade de Hawhtom, os convidados levantaram-se de seus respectivos assentos para comunicar ao senhor Hawthorne a intenção de colocar fim à visita.

Oliver Hawthorne permanecera em silêncio e totalmente carrancudo durante a última meia hora, tempo transcorrido desde que sua exigente mãe abandonara a sala rodeada de um pérfido halo de orgulho e descortesia, o que deixou a seus convidados consumidos em um incômodo silêncio.

Fanny não fora capaz de olhar Hawthorne durante todo esse tempo, porque, apesar de encontrar-se completamente satisfeita e agradecida de ter ganho aquela injusta luta verbal, em nenhum instante desejara por ela, no fundo torturava-se por ter atuado de um modo tão grosseiro e impertinente. Não pudera evitar! Resultava-lhe muito injusto que os peixes grandes, que por si se apropriavam da melhor parte do lago, entretinham-se, além disso, torturando aos pequenos por causa de suas limitações.

Entretanto, era óbvio que a opinião que o senhor Hawthorne fazia de sua pessoa a partir desse momento, dependia, muito, de sua desafortunada atuação dessa noite. Visto que no passado, a primeira impressão causada no cavalheiro resultara lamentável, depois do incidente com a senhora Hawthorne, estaria perdida para sempre.

Maldita a hora em que aceitou acompanhar Charlotte a Hawthom Park! Com isso não conseguiu outra coisa mais do que afundar-se, cada vez mais, no

lodaçal no qual ela mesma jogou-se de bruços. Agora está enlameada até o cangote, menina tola, e nem cinco mulas juntas seriam capazes de levantá-la, nem que puxassem todas de uma vez.

Oliver Hawthorne enviou um lacaio para comunicar ao chofer o desejo dos convidados de retornar imediatamente a Londres, enquanto vários serventes aproximaram os *bonets* das damas, que permaneciam em pé perto do agradável calor da lareira.

Solícito, o lacaio retornou, imediatamente, e se aproximou de seu senhor para cochichar-lhe ao ouvido, de forma cerimoniosa. Oliver Hawthorne permaneceu curvado durante todo o tempo em que durou a confidência para, depois, voltar-se a seus espectadores convidados e expressar-se com um estranho ar: — Informam-me que o clima tornou-se, totalmente desagradável. Durante o transcurso da noitada choveu de forma ininterrupta, e resulta mais que provável que não abrande a tempestade até dentro de algumas horas.

Charlotte levou as mãos à boca para afogar uma exclamação de desgosto. Fanny engoliu saliva e amaldiçoou a má sorte. Seria possível que também as forças da natureza confabulassem contra ela?

— Encontrariam os caminhos bastante intransitáveis se decidissem retornar, e será muito provável que vários arroios se encontrem completamente transbordando. — Hawthorne expressava-se com absoluta determinação. — Esta região do país é rica em pântanos e lamaçais, à terra custa assimilar facilmente grandes quantidades de água, e, em uma margem de tempo reduzido, todos os riachos se veem transbordando. Seria muito

arriscado aventurar-se a partir neste momento, porque facilmente poderiam ficar encalhados na metade da enchente, romper um eixo, ou desequilibrar a suspensão do veículo.

— Que tamanha adversidade, Hawthorne! — A consternação do senhor Byrne resultava mais falsa que dinheiro de madeira, visto que, ante a fatal notícia, não hesitou em servir-se, com toda a calma do mundo, de outra taça de brandy.

— Jamais consentiria que meus convidados sofressem desventura alguma, por causa de uma viagem tão temerária. — Observou Fanny com uma intensidade demolidora durante uma fração de segundo, mas a jovem continuava com a cabeça inclinada e as mãos enlaçadas em frente à cintura. Como uma formosa e impávida estátua de alabastro. — Insisto com empenho em que passem a noite em Hawthom até que seja possível reatar a viagem.

Fanny elevou o olhar, nesse mesmo instante, para afundá-lo dentro dos insondáveis abismos escuros do senhor Hawthorne. Um anseio atroz começou a devorar-lhe as vísceras, enquanto um calafrio, desumano, percorreu-a de cima a baixo. Em seu delírio pareceu ver que o cavalheiro dedicava-lhe um sorriso cálido e íntimo.

— Senhor Hawhtorne, agradecemos infinitamente tão generoso oferecimento, mas não queríamos abusar por mais tempo de sua hospitalidade. — Charlotte expressou-se apenas com um fio de voz, como era habitual nela.

— Insisto, senhorita Morton, seria completamente temerário e imprudente de minha parte deixá-los ir. E não se preocupe com o que

considera um abuso sem ser, em Hawthom dispomos de mais habitações do que de pessoas dispostas a ocupá-las. Confio de que encontrarão nelas todas as comodidades necessárias.

Fanny engoliu saliva, ruidosamente, enquanto um estranho batalhão de mariposas batia com ímpeto as asinhas de pó, no interior de seu estômago. Um sorriso cético que não subiu da categoria de careta descrente, apareceu em seu semblante, ao mesmo tempo em que uma ardência, intensa e descontrolada, começava a forjar-se no interior de suas pálpebras.

Não restava nenhuma dúvida de que fora uma loucura acompanhar Charlotte a Hawthom. Ali dentro sentia-se como uma suja ratazana de campo, presa em uma caixa de ouro e diamantes.

*

O dia amanhecera com uma surpreendente temperatura agradável. Depois das agitadas horas noturnas, na qual uma terrível tormenta primaveril a mantivera insone durante quase toda a noite, por causa do sinistro soar dos trovões, raios e violentos golpes de chuva, que arranhavam os vidros, resultava bastante incrível que amanhecesse com um dia tão limpo e calmo.

Ao invés, de dirigir-se ao salão para acompanhar a seus amigos durante o café da manhã, Fanny decidiu entreter-se um momento em bisbilhotar o enorme terraço traseiro da mansão, cujas portas de correr, abertas, pareciam convidá-la a transpassar a soleira e dar rédea solta a uma inocente intromissão.

Afinal, eram suas últimas horas em Hawthom e com toda probabilidade, jamais teria a oportunidade de encontrar-se em uma situação semelhante. Era a melhor e única ocasião de abrir bem os olhos e manter alerta todos os sentidos, para conservar gravada na retina, a formosa aquarela natural que oferecia o maravilhoso parque.

Fechou os olhos e inalou profundamente. O aroma de terra molhada e a vegetação revigorada, depois do beijo fresco da chuva, invadiram-lhe as fossas nasais. Aproximou-se da senhorial balaustrada, para desfrutar dessa vantajosa posição a magnífica vista que ofereciam os jardins de Hawthom, desdobrados a seus pés.

Uma fragrância deliciosa, propiciada, sem dúvida, pela umidade imperante, elevou até sua privilegiada vigia uma aguda mescla de aromas, que continha da doçura dos alhelíes, até a suavidade dos jasmins, sem esquecer o suave aroma dos cachos de lilases e madressilvas.

O sol brilhava tênue e fazia resplandecer sob seu beijo dourado, cada folha, cada pétala, onde ainda titilavam tímidas as últimas gotas atrasadas da torrencial chuva.

Sorriu, encantada, diante de tanta beleza e deixou cair a cabeça, relaxada sobre a nuca. Poderia resultar tão fácil acostumar-se a viver em um lugar como aquele! Seria tão agradável sentir-se dona e senhora de tanta beleza natural escondida atrás dos sóbrios e majestosos muros de Hawhtom Park!

Esqueça, Fanny, nada parecido a isto lhe pertencerá. Suspirou frouxamente e esvaziou os pulmões pouco a pouco.

Nesse preciso instante, um sexto sentido, tão agudo e manifesto no gênero feminino, ajudou-a a intuir uma presença a suas costas. Nem sequer se moveu, nem sequer se apressou a retornar desse ponto de maravilhosa abstração para virar-se para o recém-chegado. Não era necessário. De forma inexplicável, todos seus sentidos aprenderam a manter-se em alerta ante a presença de Oliver Hawthorne.

Uma intensa onda de calor nasceu na boca do estômago para subir pelo decote e o pescoço. O coração, esse maldito traidor, que atuava com autonomia nos momentos mais inoportunos, bombeou, então, com uma brutalidade tal, que pareceu que suas frenéticas convulsões seriam claramente perceptíveis sob a fina capa de pele que vestia. De fato, a gaze de seu vestido ascendia e descia, excessivamente, ao compasso do vulcão em erupção em que se converteu seu peito.

Deve manter-se consciente, deve manter-se consciente, respira. Somente, (somente?) trata-se do senhor Hawthorne.

— Conseguiu descansar, senhorita Clark?

Fanny pensou um minuto antes de responder, e avermelhou como uma pimenta. Com certeza o interesse do homem era motivado pela preocupação ante os horríveis sulcos escuros que se desenhavam sob os olhos de Fanny, depois de uma noite completa insone.

— Ah, sim, bastante bem, senhor Hawhtorne! — mentiu.

— E já tomou o café da manhã?

Não, não o tomara. Em semelhante estado de nervos, tampouco seria boa ideia ingerir alimento algum ante a ameaça de vomitá-lo, no ato.

— Temo que, agora mesmo, prefiro me alimentar da beleza de seus formosos jardins, senhor Hawthorne. Amanhã poderei tomar o café da manhã. — Avermelhou ante a tristeza que, sem querer, incutira em suas palavras. — Você possui um autêntico paraíso dentro de sua propriedade.

Oliver Hawthorne esboçou um torpe sorriso, enquanto apoiava ambas as mãos sobre a balaustrada, ao lado das mãos delicadas e trementes de Fanny, repousava sobre elas o peso do corpo. Seu olhar, relaxado na contemplação de seus domínios, era o olhar próprio dos grandes homens, que são conhecedores da posse de um universo privado. Todo orgulho e satisfação.

— Estou certo de que sente falta de seu condado, equivoco-me? — Perguntou de repente.

Fanny fechou os olhos e inalou uma nova baforada de vida, antes de responder.

— Sempre, senhor Hawthorne, por mais censurável que resulte, para alguns, um lugar assim.

— Senhorita Clark, acredito que deveria me desculpar…

— A beleza de seus jardins ajudou-me, hoje, a me sentir um pouco mais perto de casa, senhor Hawthorne, agradeço. — cortou ela e esboçou um tímido sorriso.

— Então, Hawthom Park agrada-lhe?

— Muitíssimo! — exclamou Fanny e no ato, envergonhou-se, do ímpeto atribuído a suas palavras.

— Alegra-me que pense assim. — Sorriu amplamente. — Tão somente tentei refletir a suntuosidade da natureza, senhorita Clark, — continuou o

agradecido cavalheiro. — Embora, se tiver que ser justo, devo reconhecer que não existe mérito algum em adornar, ligeiramente, o que já, por si só, resultava formoso em seu estado natural.

Sem poder evitar a menção, voltou-se para Fanny, para perder-se nas vibrantes esmeraldas de seus olhos. A jovem obrigou-se a enviar ar a seus pulmões, que por um instante, esqueceram-se de funcionar, enquanto permanecia subjugada, irremediavelmente, sob o feitiço daquelas pupilas da cor do breu. Todo seu corpo arrepiou-se quando se deu conta de que Oliver Hawthorne seria o melhor herói romântico, bonito e sensual que jamais encontraria em nenhuma de suas novelas. E, por fim, aquele herói estava ali, com ela, no melhor cenário que qualquer sofrida moça romântica poderia desejar. Como pudera estar tão cega até então?

Do mesmo modo, Hawthorne olhava-a, fascinado. Permanecer tão perto da jovem, protagonista sem querer, de todas e cada uma de suas recentes insônias, e evitar a tentação, a necessidade de estreitá-la entre os braços, acariciar sua delicada pele de alabastro e beijá-la até transpassar os limites da prudência, resultava uma tarefa hercúlea. Tão pequenina, tão miúda, tão frágil… Resultaria tão fácil prendê-la sob seu poderoso corpo, saciar-se dela e arder juntos, sob a paixão de um mesmo fogo infernal!

Sai de meus sonhos e entra em minha vida, minha preciosa, minha ansiada Fanny.

— Consegue ver aquele bosque de coníferas que se divisa no fundo? — Oliver foi obrigado a desviar o incêndio que abrasava suas vísceras, para um assunto menos comprometedor ou, do contrário, seguiria alimentando

semelhantes emoções e acabaria por colocar a jovem no ombro e se perderia, com ela, precisamente no interior do bosque mencionado.

— Sim, é claro. — respondeu Fanny acompanhando o olhar do cavalheiro até o formoso bosque ao qual se referia.

— Aquela foi uma de minhas humildes contribuições a esta vasta propriedade, modelada com o correr dos anos, sob a supervisão e cuidado de quatro gerações de cavalheiros Hawthorne. Temo que cheguei tarde para ser o artífice dos cercados de ciprestes, da pavimentação dos jardins ou da plantação de hortelãs em torno do grande lago. — Assinalou uma zona separada do jardim que permanecia, ainda, em construção. — Agora estou tentando criar uma pequena pérgola, naquela parte do jardim, que convide a abandonar-se aos prazeres, como a contemplação da natureza, ou a leitura.

— Novelas góticas como a da senhora Radcliffe? — Perguntou Fanny e esboçou um tímido sorriso, cúmplice, que o cavalheiro apressou-se em corresponder.

— É claro! — Recolheu as mãos e apertou, ansiosamente, os punhos aos quadris. — Perguntava-me se você, como amante que é da beleza natural, poderia recomendar-me alguma planta para adornar semelhante espaço.

— A lavanda… — balbuciou Fanny e sentiu seu interior feito lava, a ponto de uma erupção. — É minha planta favorita.

— Nesse caso, encherei meu humilde espaço privado, de uma infinidade de canteiros de lavanda.

Ambos viraram-se ao mesmo tempo, e seus olhares se encontraram durante um eterno instante. Aproximaram-se lentamente. Oliver inclinou-se

para ela, e Fanny se elevou nas pontas dos pés, o queixo alto, os olhos fechados e os lábios entre abertos. Com firmeza e varonil possessividade, Hawthorne fechou suas mãos em torno daqueles braços magros, estreitou a jovem, firmemente, contra o peito enquanto tomava posse de seus lábios. Então nada mais importou, bebeu dela com a mesma paixão com que um animal sedento beberia a água de um oásis depois de muitos dias de seca, dominado pela dolorosa urgência que no passado o obrigara a detestá-la, até o delírio, e, que nesse instante, incitava-o a amá-la, a desejá-la, da mesma maneira.

Um inoportuno pigarro quebrou o instante de magia que envolvia ambas as almas e devolveu-os, brutalmente, à realidade em que eram obrigados a sobreviver.

Oliver separou seus lábios e seu corpo em chamas da senhorita Clark, ao mesmo tempo em que lançava um colérico olhar, ao causador de tão inoportuna interrupção. Na soleira das portas de correr, um dos lacaios permanecia imparcial, com seu ridículo ar majestoso.

— Que diabos acontece? — bramou o cavalheiro e ocultou Fanny atrás da larga muralha de seu próprio corpo.

— Em alguns minutos, a carruagem do senhor Byrne estará disposta, senhor. Sua mãe enviou-me em busca da senhorita Clark, porque solicita uma entrevista privada com a senhorita, antes de sua partida.

Carrancudo e louco de curiosidade, olhou Fanny pela última vez, antes de separar-se dela.

*

Cordelia Hawthorne oprimiu, com força, a mandíbula e impôs a seu rosto um sorriso de perversa severidade. Franziu os lábios, até reduzi-los a uma fina linha transversal. Depois do acontecido na noite passada, não restava a menor dúvida, de que aquela indesejável era um perigoso obstáculo que devia eliminar o quanto antes. Uma barata, a qual resultava imperativo esmagar antes de que seu insensato filho pegasse muito carinho. E ela estaria extremamente satisfeita de ser a mão executora, o calcanhar capaz de esmagar a tão odiosa criatura.

Um breve repique na porta do salão privado devolveu-a ao presente. Nesse preciso instante no qual a barata, ainda, continuava com vida.

— A senhorita Clark, senhora — anunciou o lacaio com rouca solenidade.

A imponente dama efetuou um veloz movimento com seu leque, gesto que o lacaio respondeu com uma cerimoniosa reverência, e desapareceu, em seguida, pelos amplos corredores.

Fanny inalou e tentou endireitar-se, ante a incerta odisseia que se apresentava. Umedeceu-se os lábios. Deu um passo à frente e entrou na grande sala.

A estadia era enorme, como todas as habitações de Hawthom Park. Preponderavam os tons avermelhados no papel das paredes, no estofado das poltronas e nos tecidos dos cortinados. O chão, de um mármore branco, polido com todo cuidado, resplandecia e refletia os contornos escuros do mobiliário.

No elevado teto, admiráveis afrescos bíblicos induziam a levantar o olhar e perder-se naquelas cenas infestadas de querubins e anjos em mística abstração, todos eles engalanados por grinaldas, enfeites e demais atrativos próprios da corte celestial.

Mas na sala, existia algo muito mais poderoso que toda a beleza artística e decorativa reunida ali, a modo de efetiva demonstração do poderio de seus proprietários: a presença inquietante da senhora Hawthorne que, ao fundo da estadia, e com uma postura de rígida altivez, usava um coque prateado, tão elevado quanto o que em seu grande dia usasse certa monarca francesa, e observava-a com a mesma expressão no rosto com que o escrupuloso descobre a imundície de um cavalo, em meio de seu caminho.

Fanny sentiu um súbito calafrio, reação instintiva ante o medo e a precaução que um encontro privado com aquela mulher lhe provocava.

— Aproxime-se, moça! — Não se tratava de nenhum convite, mas, sim, da ordem de alguém acostumada a dirigir a vida de outros.

Fanny ajeitou os ombros e observou sua adversária, com atenção. O infinito desprezo que gotejava daquela mulher conseguia alcançá-la, inclusive à distância. Engoliu saliva e começou a aproximar-se, lentamente. Sentia-se como uma boneca que caminha sobre uma corda, em duvidoso equilíbrio, avançava cambaleante e indecisa, como se, de repente, a ansiedade do momento fizesse-lhe esquecer do simples e primitivo ato de caminhar.

Quando se encontrava a uma distância prudente, obedeceu o convite que a senhora devotara-lhe com um veloz movimento de leque, e sentou-se em uma simples banqueta sem braços.

— Senhorita Clark, se por algo caracterizo-me, é por ser uma pessoa direta. Eu não gosto dos subterfúgios, por isso, irei diretamente ao assunto que nos ocupa, sem mais preâmbulos. Afinal, tanto você quanto eu, temos coisas mais importantes com o que ocupar nosso tempo.

O olhar depreciativo que dedicou a Fanny evidenciava a crença de que, no caso da jovem, esses assuntos eram tão tolos quanto insignificantes.

— Estou aqui para escutá-la, senhora.

— Com sinceridade espero que assim seja, que me escute, para seu próprio bem. — A anciã deteve-se para tomar ar. — Não acreditei necessário interceder, porque, até o momento, confiava no bom critério e juízo de meu filho, mas, à vista dos acontecimentos, está claro que Oliver Hawthorne perdeu completamente o juízo.

— A senhora me desculpará, mas não entendo aonde quer chegar.

Cordelia Hawthorne levantou-se com brutalidade de seu assento, para aproximar-se ameaçadora, deteve-se com o rosto a pouca distância do rosto da jovem e falou como a cobra venenosa que por certo era: — Exijo que mantenha-se afastada de meu filho, jovenzinha, e é para seu próprio bem que o digo!

Fanny piscou com nervosismo. Não podia acreditar no que acabava de escutar.

— Está ameaçando-me, senhora Hawthorne?

Cordelia Hawthorne arregalou os olhos, enquanto estudava o orgulhoso rosto que se elevava ante ela, descaradamente. A néscia não devotara uma só careta de medo, mas sim, sustentava seu olhar com incomum

arrogância! Como gostaria de segurá-la pelo cabelo e arrastá-la pelos corredores de Hawthorne até atirá-la fora de sua vista!

— Estou advertindo-a, moça insolente! Desde o primeiro momento adivinhei suas avessas intenções! Sua amiga conseguiu seduzir a um estúpido letrado capitalino, mas você aspira a algo mais, não é verdade? Você não se conformava com um empregado da justiça, você desejava imitar a sua amiga, em ascensão social e apanhar a um dos solteiros mais cobiçados e poderosos da Inglaterra. — A senhora fez uma pausa e tentou refrescar-se do aquecimento que sufocava-a. Acomodou os cabelos mais curtos da nuca e dirigiu de novo à senhorita, seu particular objetivo. — Saiba você que seu plano fracassou deste mesmo instante, moça, porque acaba de topar com a forma perfeita de seus sapatos. — Fez um grotesco dramalhão com a mão. — De seus horrendos sapatos. Jamais consentirei que meu filho se case com você. Isso seria não só um grande fracasso para o sobrenome Hawthorne, para a nobreza implícita em nosso sangue, mas também, de uma forma particular, para mim, como mãe e senhora de Hawthom.

Fanny tentou permanecer inalterável, embora estivesse consciente de que ficou pálida. Isso, ou o sangue evaporara completamente das veias, e o vazio provocava-lhe um frio resistente em todo o corpo.

— Equivoca-se, senhora, asseguro-lhe que não albergo nenhuma perversa intenção com respeito ao senhor Hawthorne. Jamais faria nada que envergonhasse a seu filho ou o pusesse em evidência na sociedade.

— Não é isso o que dá a entender! Senão, porque que veio a Hawthom? — Perguntou a dama. — O que tem que fazer aqui? Veio incitar a um

cavalheiro em seu próprio lar, para buscá-lo e provocá-lo como uma vulgar…!

Mas Fanny não lhe deu a oportunidade de terminar a frase e nem, por conseguinte, sua terrível ofensa.

— Posso assegurar, senhora, que visitar Hawthom era a última coisa que eu esperava fazer durante minha estadia em Londres!

— Espero que suas palavras sejam certas. Resultaria catastrófico para você desejar outros propósitos. — Passeou lentamente pela sala, com intenção de que a jovem percebesse toda sua grandeza e magnificência. — Tenho grandes planos para Oliver Hawthorne — Sentenciou-a modo de advertência.

— Não coloco em dúvida. Tão somente me pergunto: ele os conhece?

— Como se atreve, insensata? — A senhora remexeu-se feito uma hidra. Deteve-se em frente à jovem e golpeou, ritmicamente, com seu leque, o ombro da senhorita Clark. — Não se dá conta de que é totalmente uma ofensa para a vista? Suas pobres maneiras, seu imperdoável descaramento, sua indevida resolução! Resulta inaceitável que responda a tudo o que lhe dizem com semelhante rabugice! Aonde pretende chegar comportando-se desse modo? Você saiba, criatura desatinada, que não a aceitaria, nem como criada em minha própria casa!

Aguente Fanny, não ceda caminho às lágrimas, aguente e logo terminará tudo!

A senhora Hawthorne continuava derramando veneno.

— Será que não se dá conta de que um cavalheiro da posição de meu filho jamais albergaria um interesse real, em uma moça de sua condição? — Sorriu com ceticismo. — Pobre iludida! Talvez tenha se encantado com você e

com seu ar desenvolvido, mas, assim que tome posse de seu corpo, asseguro-lhe que a deixará de um lado, para desposar-se com uma senhorita digna de nossa estirpe! É algo que durante séculos aconteceu com os grandes homens de nossa sociedade! Meu filho não sente nada por você, absurda criatura, tão somente o desejo carnal de levar-lhe à cama!

Fanny levantou-se do assento, impulsionada por uma invisível mola. As duras palavras da grande dama mesclaram-se na cabeça com a deliciosa lembrança do beijo entregue no terraço, uma pontada de dor atravessou-lhe o peito, como se alguém tivesse enterrado-lhe no coração um ferro com força suficiente como para que o fio aparecesse pelas costas.

— Senhora, não permito!

— Não me permite, diz! — Interrompeu a grande dama. Coloque-se no seu lugar, desavergonhada! — A senhora Hawthorne abriu o leque com um movimento enérgico e começou a abanar-se, enquanto observava a jovem, com um desdém infinito no olhar. — Sua presença é uma ofensa para esta casa, senhorita Clark, para o sobrenome insigne dos Hawthorne e para qualquer sociedade que se aprecie! Aconselho-lhe que recolha de uma vez seus miseráveis bens, e retorne ao infesto esgoto do qual não deveria ter saído, jamais! — Ruminou a seguir entre dentes. — Criatura ridícula, Hawthom Park não foi feito para pessoas como você!

Não pode suportar por mais tempo. Entre descontrolados soluços e ante o derrame incontrolável e atropelado de milhares de lágrimas, Fanny retirou-se da vista daquela odiosa tirana, em uma atordoada corrida, que obrigou-a a avançar pelo corredor em zigue-zague e a fez tropeçar com as

plantas e pilares que apareciam em cada ângulo escuro, enquanto avançava às cegas, ferida de morte, pelo corredor que lhe pareceu interminável. Um sonoro soluço ecoou no elevado teto e, enquanto a jovem corria e cobria o rosto com as mãos, as lágrimas transbordavam em inumeráveis gotas de desolação. Não importava a força com que apertasse as pálpebras ou o desejo que manifestasse de manter-se firme, serena, visto que, quanto mais apertava os olhos, com maior força brotavam em cascata as lágrimas.

A vívida luz da manhã obrigou-a a franzir o cenho quando alcançou o exterior, gesto que não impediu-a de comprovar que a carruagem do senhor Byrne permanecia preparada e com a portinhola aberta, à espera da última passageira.

Ao lado da porta, Oliver Hawthorne e Edmund Byrne conversavam em baixa voz com o cenho um tanto franzido e o rosto aflito. A conversação parecia mais agitada que privada e mais temerária que prudente.

Ao dar-se conta da presença da senhorita Clark, Hawthorne endireitou os ombros e realizou um intenso escrutínio no rosto avermelhado e transmutado da jovem.

Fanny obrigou-se a manter a compostura, nesse último e decisivo instante, sorveu ruidosamente o nariz, inalou profundamente até ferir as fossas nasais com a viveza da brisa matinal e apertou o passo para encurtar a distância que a separava do veículo, o maldito ingresso de volta à realidade.

Manteve a cabeça inclinada em um vão intento de ocultar os olhos frágeis, inchados e avermelhados. Ofereceu a seu anfitrião uma breve e direta reverência antes de rechaçar sua ajuda para subir os degraus laterais e

acomodar-se, enrolada, no interior da carruagem.

Uma atuação tão drástica quanto inesperada, não podia passar, absolutamente, desapercebida a alguém tão metódico quanto Hawthorne, que seguiu com o olhar cada movimento da jovem desde que saiu ao exterior com passo atropelado, até que subiu à carruagem sem deter-se a olhá-lo, além de ter rechaçado sua mão estendida com afeto para ela. Levando-se em conta a intimidade que surgira entre eles, poucos minutos antes no terraço posterior, não podia entender a mudança da jovem, nem sua pouca presença de ânimo nesse momento, nem sua aparente indiferença para sua pessoa.

A não ser que…

Oliver Hawthorne entrou na mansão como se sua alma fosse levada pelo próprio demônio.

Avançou pelos corredores a grandes passadas, subiu as escadas, de dois em dois, com os punhos apertados com força aos lados e as sobrancelhas franzidas em um sinistro gesto de cólera, ingovernável. Seu coração, que golpeava como um maldito dentro da amplitude do torso, parecia esporeá-lo, passo a passo, com cada endemoninhada pulsação e exigia uma resposta, em consonância com o frenético movimento, que a ponto estava de enfartar.

Como um animal ferido e encurralado por seus captores, Hawthorne deteve o infernal avanço, ao final do corredor do primeiro andar, em frente aos aposentos privados da senhora Hawthorne. Mantinha as costas encurvadas, os braços separados do corpo, a respiração turva e entrecortada, nem sequer estava consciente de que um pequeno grupo de criados curiosos o seguira a certa distância, e permanecia atento à cena com expressão atônita e olhadas

desfocadas.

Sem pensar duas vezes, e ignorando a presença de quantos criados deixara para trás, irrompeu com violência na estadia e abriu as portas duplas, com uma crispação tão descontrolada que até as folhas de madeira gemeram sob o incerto sustento de suas dobradiças.

A senhora encontrava-se sentada em uma elegante poltrona, com os pés no alto sobre uma florida banqueta. De repente, ficou branca como o giz e observou seu filho com uma expressão que oscilava entre a surpresa e o temor.

— Oliver! Que proceder é este? — Levou as mãos ao peito e tentou mitigar a agitação provocada por semelhante irrupção violenta.

— O que acaba de acontecer, mamãe? — Gritou completamente fora de si e observou-a através dos olhos injetados em sangue. — O que aconteceu com a senhorita Clark?

A senhora baixou os pés com lentidão, levantou-se e aproximou-se de seu filho.

— Não entendo, querido.

Oliver lançou-lhe um sorriso que derramava sarcasmo.

— De verdade, não sabe do que falo, mamãe?

— É claro que não! — A senhora Hawthorne cruzou os braços sobre o peito e observou-o, com indignação. — Irrompe em meus aposentos como selvagem e reclama de uma, ou seja, de desconhecidos assuntos, dos quais nem sequer estou inteirada! Pode-se saber quem é você, e o que fez com meu sensato filho?

Oliver mexeu no cabelo com impaciência.

— Pode-se saber o que aconteceu com a senhorita Clark? — Repetiu e tentou serenar-se. O cabelo desordenado, o rosto tenso e selvagem, as feições escuras e o fôlego breve, não ajudavam a oferecer uma imagem conciliadora.

Cordelia elevou as sobrancelhas, um tanto preocupada.

— Não sei. Aconteceu algo com a senhorita Clark?

Hawthorne começou a impacientar-se. Fora àquela habitação em busca de respostas ao recente comportamento da senhorita Clark. E por sua vida que sua própria mãe, por mais perita que fosse na matéria, não o enganaria, como uma perdiz! Cravou nela suas pupilas negras, antes de sussurrar, em um tom que não admitia réplica.

— Mamãe.

Cordelia Hawthorne demonstrou, então, uma certa inquietação, embora sua eterna expressão de soberba não diminuiu nem um ponto.

— Essa senhorita Clark não é boa, filho, está enlouquecendo-o, converte-o em um bruto.

Oliver igualou a posição de sua mamãe com duas amplas passadas. Situou-se a sua altura, encurvou-se sobre ela, segurou-a por um cotovelo e falou, com ferocidade, com um olhar demencial, enquanto derramava sobre ela a agitação de uma respiração descontrolada.

— Não se atreva a julgá-la sem conhecê-la! — Rugiu entre dentes. — Não o faça, maldita seja!

O assunto era pior do que imaginava. Seu filho, seu estúpido filho, defendia com ardor àquela filha de Caim. Quem podia saber que sujas artes a porca teria empregado para enganá-lo!

— E devo supor que você sim, conhece-a? Ora, pergunto-me que tipo de conhecimento será esse que lhe permite defendê-la e falar em seu nome com semelhante ardor! Posso saber com que direito ou licença erige-se como defensor de uma vulgar camponesa ante sua própria mãe?

Hawthorne não respondeu. Soltou a sua mãe como se acabasse de queimar-se, exalou lenta e dolorosamente, enquanto afrouxava, com desespero, as múltiplos e apertadas voltas de seu laço. Mais do que nunca, aquele elegante adorno ao redor do pescoço atuava como uma opressora e mortífera soga.

— Posso saber por que meu próprio filho me trata com semelhante desprezo? — A senhora aproximou-se dele e fechou com possessividade a mão sobre o ombro forte e amplo do filho. — O que fez essa mulher para que se volte contra sua própria mãe?

Oliver apertou a mandíbula até que seus molares estalaram. Uma vez mais, como vinha acontecendo desde que seu pai falecera e ele se viu obrigado a tomar as rédeas da herdade familiar, aquela mulher pretendia dominá-lo, controlá-lo, e disfarçar seus desejos sob a etiqueta de conselhos desinteressados, para impor sua vontade através dos lábios de seu próprio filho.

— Não a culpe, visto que se trata de minha vida, mamãe, de meus próprios desejos! — Rugiu e cravou, com férrea determinação, suas pupilas nos esgotados olhos da grande senhora. — Não vou consentir que questione-os ou que interponha-se a eles.

— Então é certo? — O rubor que coloriu o enrugado rosto da dama

anunciava sua indignação. Escolheu a mendicante para ser sua esposa? Pelo amor de Deus, Oliver, não pode ser a sério! — A senhora afogou um suspiro. — Não pode estar tão sedento para deter-se a beber no primeiro charco enlodado que aparece em seu caminho! Somente por cima de meu cadáver essa mulher entrará nesta casa, como proprietária e senhora de Hawthom.

O olhar de Hawthorne nesse instante era o olhar de um perturbado. Em semelhante estado colérico e suas imponentes dimensões, a senhora Hawthorne não pôde evitar de estremecer.

— Mamãe, proíbo de que se meta! — Falou e elevou um dedo acusador a modo de advertência.

— E eu proíbo-lhe que me fale assim, Oliver Hawthorne, mal ou bem, sigo sendo a senhora de Hawthom!

Ele fixou o olhar no rosto velho e contraído de sua mãe, sulcado nesses momentos por inumeráveis gotas de suor que arrastavam em seu curso, grande parte dos grossos cosméticos da dama.

— Então, trata-se disso? — Explodiu em gargalhadas como um demente. — Toda esta maldita conversação, todos seus prejuízos, seu desprezo para com a senhorita Clark, são por Hawthom? Nunca imaginei que resultasse tão vã e superficial.

— Filho meu… — Oliver esquivou-se da súplica que reclamava o abraço de sua mãe, e se manteve, absolutamente, firme em seus propósitos. — Acredita que a sociedade consentirá um enlace tão díspar? Acredita que será bem recebido nas residências de nossos amigos se pegar o do braço dessa… dessa…? Arruinará nossa linhagem, filho, por culpa de uma vulgar

camponesa!

— Importa-me muito pouco esta maldita sociedade, e me importa menos ainda, a opinião daqueles aos quais considera amigos e aos que somente interessa o agradável som de nossas arcas! — Inalou profundamente e lançou para sua progenitora um gélido olhar. — Tão somente desejo ser feliz, mamãe. Acaso não mereço ser?

— É claro que o merece! Mas com a mulher apropriada, meu filho. Somente com uma igual poderá alcançar a respeitabilidade e a sorte que merece um cavalheiro de sua condição.

— Vou me casar com ela, mamãe. — afirmou, com certa serenidade, ao sentir que devia deixar claro esse ponto. — E serei feliz com a senhorita Clark, somente com ela poderia ser.

— Jamais será! — A senhora cuspia veneno em borbulhas, sem nenhum tino, nem mesura, como última defesa possível. O penteado um tanto decomposto, conferia-lhe o aspecto de uma lunática sob o desordenado efeito dos cachos de cabelo chapeados. — Jamais encontrará a sorte ao lado de uma moça de sua condição! Não, ao menos, com meu consentimento!

Oliver permaneceu imutável. Com o rosto impassível, recolheu com uma estranha calma, as mãos sob as pontas da casaca e, por meio minuto, dedicou a sua mãe um sorriso amargo.

— Seu consentimento? Acredita que necessito-o? — Sorriu sarcástico. Em duas amplas passadas, posicionou-se na soleira da porta, e reclamou a atenção do mordomo, que permanecia à cabeça do grupo de curiosos, que escutavam em um ângulo escuro do corredor. — Que alguém assegure-se de

que a senhora Hawthorne abandone a propriedade na menor brevidade possível!

A dama, ao compreender que seu próprio filho pretendia exilá-la de Hawthom e de sua própria vida, fez uso de uma submissão que ninguém teria lhe atribuído, inclinou-se sobre si mesma e prostrou-se, de joelhos, perante ele, enquanto se agarrava, ansiosa, aos extremos de seu colete.

— Oh! Meu filho, meu filho, não pode me afastar, não suportaria! Trabalhamos duro durante tantos anos para manter vivo tudo isto, para que agora me abandone por culpa de uma mulher completamente indigna!

Ele rechaçou o contato, deixou-a entre soluços no solo, rodeada da massa desengonçada de sua saia e falou sem deter-se a olhá-la. — Trabalhamos duro, mamãe? Como atreve-se a dizer algo assim? O único que trabalhou fui eu! Eu fui o único que sacrificou sua juventude para ungir o jugo que suporta nosso sobrenome, para que você pudesse manter o nível de vida que lhe ofereceu, meu pai!

A senhora deu novas amostras de altivez, deixou de um lado sua repentina submissão para levantar a cabeça como uma cobra e desafiar a seu filho com o olhar.

— Não seja néscio, Oliver, não trabalhou mais que para você mesmo!

— Leve tudo o que necessite, mamãe, e abandone a propriedade o quanto antes. Permanecerá no velho imóvel da Escócia, todo o tempo que seja necessário, até que deponha sua atitude.

A grande dama choramingou, ruidosamente. Os cosméticos com que ungiu o rosto se diluíam, agora, em macabros corredores escuros e

proporcionavam-lhe o aspecto de um trágico pierrô.

— No imóvel da Escócia! Em meio de todos aqueles cavalos e aqueles aldeões sem civilização! Não penso tolerar, Oliver Hawthorne!

Visto que não tinha interesse em voltar a ver sua mamãe, nem relacionar-se com ela de modo algum, até que sua soberba, sua vaidade e seu desprezo para com senhorita Clark desaparecessem, Oliver Hawthorne afastou-se dela, abandonou a estadia com passo firme e decidido. Deixou à senhora Hawthorne consumida em lágrimas furiosas.

# CAPÍTULO 30

As buliçosas badaladas da pequena capela de Sheepfold revoavam em sua torre, enchiam o ar cerimoniosamente de graves acordes, que ecoavam na imensidão da campina e derramavam seus belos repiques até o limite que impunha a abóbada celestial.

O dia de São João amanheceu com uma temperatura que toda noiva desejaria para entregar-se ao feliz e ansiado sonho do matrimônio. Os raios do sol vertiam uma formosa camada dourada, com sua generosidade sobre o pequeno e pitoresco condado e faziam refulgir cada minúsculo átomo, invisível, sob um quente e amoroso abraço matinal.

Tudo parecia transbordante de vida! Grande parte do condado de Sheepfold se mostrava interessado no feliz acontecimento, e esperava-o, com expectativa, desde que fora anunciado. Nos exteriores da capela, grupos dispersos de meninos cantarolavam e dançavam ao redor do templo, elevavam para o infinito ramalhetes de alhelíes e lírios brancos, enquanto aguardavam, impacientes, o transcurso da cerimônia depois da qual, segundo a tradição, o noivo jogaria no ar um saquinho de moedas para regozijo de todos os presentes.

Charlotte permanecia absorta, de pé, e observava, com minucioso escrutínio, a imagem que o belo espelho torneado do quarto devolvia-lhe com gentil complacência. Aquela jovem de pele nívea e arredondadas feições que a observava com idêntica fixação do outro lado do vidro, resultava, nesse momento, uma completa desconhecida e, entretanto, era uma visão tão

agradável de contemplar!

Com os braços esticados em ambos os lados do corpo, e a cabeça um tanto inclinada, a moça observava, como quem se deleita com visões de outro mundo, a imagem engalanada e formosa que elevava-se diante de si.

Acariciou o rosto, levemente e o roçou apenas com a ponta dos dedos, temendo danificar s pó de arroz, que a donzela lhe aplicara minutos antes. Com melancólica doçura, esboçou um sorriso dedicado exclusivamente à senhorita que a contemplava com crescente ternura, do outro lado do espelho.

A jovem cobria seus delicados caracóis, com um *bonet* de ampla viseira trançada e formosa touca de cor salmão, franzida com destacadas dobras ao redor da coroa, que atava-se por, sua vez, com cintas, laços e topes cor de rosa, seguros entre si, por um formoso alfinete, presente da senhora Byrne, sua futura sogra.

Inalou profundamente, e acariciou a apertada cintura, ajudada pelo movimento que propiciava a respiração contida. O abundante tecido do vestido, de uma adorável tonalidade rosa pálido, caía em amplas dobras e abraçava sua silhueta voluptuosa. Uma elegante jaquetinha Spencer, de cor marrom e manga abalonada, atuava como elegante casaco e ornato final de tão belo conjunto.

Ajustou calmamente as luvas ao redor de seus pulsos, e deslizou até o cotovelo os laços da pequena bolsinha de seda, que pendia inanimada e camuflava-se entre as amplas dobras da saia.

Alguém fez soar a madeira da porta sob o cadencioso contato de uns nódulos.

Charlotte sorriu ao descobrir a redonda cabeça do coronel que aparecia com acanhamento na soleira. Mostrava umas costeletas brancas e frisadas cortadas perfeitamente, e usava um elegante laço, de impecável tom alvo que aparecia sobre as lapelas de uma refinada casaca muito azul.

Com um gesto premente da mão, convidou-o a entrar no quarto, enquanto seu queixo refletia o habitual tremor, prévio ao vertimento de milhares de lágrimas de sorte e felicidade.

O coronel aproximou-se de sua menina e beijou-a na fronte. Observou-a com inegável devoção através de seus cansados olhos aquosos.

— Está na hora, minha pequena.

Charlotte devolveu um último olhar para a jovem do espelho.

— Sim, está na hora.

— Está feliz, minha querida Charlotte? — O coronel ofereceu o braço, no qual a jovem descansou sua mão delicadamente, enquanto repousava a adornada cabecinha no ombro de seu pai.

— Estou, duvido muito de que exista no mundo, felicidade comparável.

O coronel Morton tocou suavemente, várias vezes, o braço de sua querida e única filha, na qual percebia o tremor sobre sua forte extremidade, claramente. Tentou conter as lágrimas e voltou a beijá-la com manifesta ternura, sobre o enluvado dorso de sua mão.

— Então, senhorita Charlotte Morton, beije a seu pai pela última vez, antes de deixar de ser sua pequena da alma. — O ancião soluçou de modo abrupto, para surpresa de si próprio e de sua pequena Charlotte. A moça beijou as flácidas bochechas e percebeu a calidez de uma lágrima solitária, que

deslizava pelo rosto até morrer na fenda tremente dos lábios.

*

Fanny elevou o olhar para observar com atenção a figura erguida, embora tremente, de Edmund Byrne.

O cavalheiro permanecia em frente ao altar, com seu eterno sorriso afável, ornamentando seu porte. Parecia nervoso, inquieto, a julgar pelo intenso bailar da perna direita e pelo contínuo ajuste que realizava aos punhos e os extremos do colete.

Por um momento, seus olhares se cruzaram e o sorriso de cumplicidade que surgiu entre ambos pareceu aliviar, temporariamente, o desassossego do cavalheiro.

Edmund Byrne era um homem maravilhoso, de uma natureza afável e generosa, e não restava a menor dúvida, de que Charlotte seria muito feliz a seu lado. Jamais tinha conhecido dois seres tão afins, tão bondosos e amáveis, providos de um comum toque de ingenuidade e dissimulação que mais que distanciá-los, unia-os, de modo irremediável. Seriam felizes, é claro, porque ambos possuíam espíritos plácidos e carentes de inquietações supérfluas, sua sorte maior consistiria em passar longas noitadas de amor, no escuro, em silêncio, deleitados, cada um com a visão do outro, enquanto os amigos brincavam sobre quão enjoativos resultariam aqueles dois pombinhos.

Por sorte existem pessoas capazes de encontrar a felicidade de algum modo, Fanny. O que importa se conseguem isso, ao contemplar o desenho do

papel adamascado das paredes, ou, ao dedicar-se à pirataria, enquanto se faça em agradável e amada companhia? O que você conseguiu com sua imperecível busca de emoções? Com seus desejos de converter sua própria vida em uma novela romântica? Somente ficar sozinha, sozinha, sozinha.

Um intenso rumor invadiu o templo e ecoou nos abobadados muros de pedra. Dezenas de coloridas cabeças procedentes da asa direita da capela viraram, expectadores, para a porta, enquanto que, da asa esquerda, surgia uma intermitente e grave ovação.

Fanny esticou o pescoço em busca da imagem que todos desejavam ver e descobriu por cima de toda a profusão de chapéus e plumas, a formosa figura de sua amiga que cruzava a capela de braço com o orgulhoso coronel. Ergueu-se no assento para evitar os molestos obstáculos decorativos que a atrapalhavam e conseguiu, enfim, encontrar-se com o olhar de sua adorada Charlotte. Não pôde evitá-lo, as lágrimas apareceram, dispostas a umedecer suas pestanas de ouro.

— Está preciosa! — Disse sem articular som algum e exagerou o movimento dos lábios para fazer-se entender apesar da distância.

O sorriso agradecido que Charlotte lhe devolveu foi o melhor presente que poderia ter recebido nesse dia, e manteve-o presente, até que ambos os apaixonados deram as costas à multidão.

— Queridíssimos irmãos, estamos aqui reunidos ante os olhos de Deus e de nossa congregação, para unir a este homem e a esta mulher em santo matrimônio, que é um honorável estado instituído por nosso Senhor na época

da inocência…

Fanny baixou o olhar para colocá-lo sobre seu livro de salmos e acariciou, suavemente, a capa de couro e as letras douradas ressaltadas sobre ela, em apreciável fenda. Balançada pela amorosa e monocórdia tonalidade do pastor, abandonou-se em um eterno segundo, nas suas sensações. De vez em quando, levantava o olhar para pousá-lo sobre as cabeças emperiquitadas de suas predecessoras.

Consumida em suas reflexões, tentou pensar em como seria sua vida, a partir do instante em que Charlotte abandonaria, para sempre Sheepfold. Tentou pensar no enorme vazio que se instalaria em seu peito, e que se faria mais e maior, cada dia, até chegar a doer. Ao pensar assim pareceu-lhe tudo tão negro, tão triste, que por um instante temeu ser vencida por sua própria angústia. Piscou várias vezes e tentou afastar pensamentos que não refletiam mais que egoísmo. Charlotte seria feliz! Charlotte escolhera seu próprio caminho e tal assunto era algo que toda mulher ambicionaria! Por que então, sentia esse buraco no peito que crescia e crescia tão fundo e tão negro?

Empregou a ponta dos dedos para impedir, com rapidez, uma lágrima solitária que fugiu de modo indevido do berço de seus olhos.

Porque Charlotte irá, para sempre, para formar seu próprio lar a quase duzentos quilômetros de distância daqui e de seu coração… seu coração, tampouco, parece disposto a acompanhá-la, apesar da insistência de hospedar-se, mesmo que não seja bem recebido, na magnífica mansão de Hawthom Park. A senhora Hawthorne odeia-lhe, despreza-lhe, e é bem certo

que terá indisposto o senhor Hawthorne de tal forma contra ti, que jamais desejará voltar a vê-la, nem saber nada de ti.

Precisava depositar seus pensamentos em outra parte. Precisava aliviar-se de algum modo, graças a algum tipo de distração, suas presentes aflições. Do contrário aquela lágrima fugaz logo contaria com toda uma legião aquosa que lhe ofereceria companhia.

Levantou o olhar e passeou-o, com evidente descuido pela asa esquerda do templo, enquanto observava sem parada, nem curiosidade, aos cavalheiros que ocupavam as bancadas partidárias. Ali estavam o senhor Miller, o velho Hudson e seu desagradável dente de ouro, o metido Russell Sommerfeld, os gordos irmãos Dancen… Até que colidiu com um olhar negro, que, em vez de prestar atenção à liturgia, observava-a, com premente intensidade.

Como se de um ato reflexo se tratasse, Fanny voltou a cabeça, rapidamente, e obrigou-se a fixar a atenção no ponto mais próximo, em qualquer outro ponto diferente daquele! Neste caso, na coroa do chapéu de arame da senhora Masen. O ensurdecedor zumbido de seu próprio coração, que ardia, nesse instante, de um modo brutal, impedia-lhe de concentrar-se no que acontecia ao redor, e provocava-lhe um entristecedor vazio nos ouvidos, capaz de mantê-la aturdida, desorientada e isolada dentro de dolorosas emoções.

Inalou várias vezes e tentou enviar a quantidade necessária de ar aos pulmões, para não cair vítima de um terrível colapso nervoso, mas a agitação na qual estava submetido seu coração neste momento, fazia-a temer,

seriamente, por sua integridade. Em seu delírio, parecia perceber, claramente, como o suave tecido de sua jaqueta Spencer ascendia e descia, com cada cruel pulsação e como o sangue palpitava com violência em sua jugular.

Pela extremidade do olho, procurou, de novo, aquele olhar e encontrou-o com enlouquecedora prontidão, na mesma, exata, disposição. Aqueles olhos… aqueles olhos olhavam-na com uma fixação perturbadora e adornavam um rosto, estranhamente, tenso.

Com celeridade, desviou, de novo, o olhar para o chapéu da senhora Masen, mas, não foi capaz de evitar a cruel queimação que torturava seu rosto, ao saber-se observada com semelhante insistência pelo cavalheiro.

A cerimônia resultou, a partir de então, uma cruel tortura. Entoou os cantos litúrgicos com dissimulada concentração, tentou manter-se ereta no assento e com o olhar costurado à frente, tentou que seus movimentos parecessem naturais e não fruto da necessidade de aparecer tranquila, sabendo que estava sendo observada a todo momento. Mas de que modo poderia continuar vivendo, respirando, piscando, se ele olhava-a com semelhante intensidade?

Engoliu a saliva, lentamente, enquanto entoava com excessivo ardor um dos últimos cânticos. O que pensaria o senhor Hawthorne enquanto assim a olhava? Estaria julgando-a, censurando-a, como aconteceu tantas vezes no princípio? Recriminaria sua descortês despedida em Hawthom? Ou, talvez, seria certo o que dizia sua mamãe em relação às intenções de seu filho para com ela? Aquele beijo no terraço foi tão somente, o preâmbulo de uma fugaz

aventura, tão somente um jogo por parte do cavalheiro, para aproveitar-se de sua virtude, ou fora fruto do mesmo sentimento que ela experimentava? Viera procurá-la ou tão somente estava ali na qualidade de amigo pessoal do noivo?

*

Terminada a cerimônia, a congregação saiu apressada da capela e seguiu em desordenada comitiva aos recém desposados. Fanny viu-se obrigada a precipitar sua saída ao ser engolida e arrastada pela impaciente turva, que lutava por ocupar os melhores lugares para felicitar aos noivos.

— Que sejam muito felizes, senhores Byrne! — gritavam uns.

— Parabéns!

— Toda a felicidade do mundo, senhores Byrne! — gritavam outros e jogavam-lhe pétalas de rosa.

Os recém-casados subiram em uma carruagem enfeitada com flores brancas e laços de tule. Saudaram a multidão, enquanto, de novo, Charlotte, encaixada ao lado de seu sorridente marido, procurava entre a multidão por sua querida amiga. Enfim, e depois de um angustiante escrutínio, encontrou-a aparecendo entre saltinhos sobre as coloridas cabeças, esticando o pescoço e reclamando sua atenção aos gritos. Um amplo e conciliador sorriso, um melancólico gesto com a mão foi a última imagem que Fanny conservou de sua amiga, antes de ver a carruagem perder-se na distância do atalho, escoltado por uma incansável poeira, e pelas risadas dos meninos, que acompanharam ao veículo durante um bom trecho.

Fanny permaneceu, imóvel, durante alguns eternos minutos, muito mais tempo do que demorou a carruagem em converter-se em um ponto invisível no horizonte, e do qual qualquer um, suportaria, de um momento como esse.

A multidão pouco a pouco se dispersou. O pequeno átrio, até um momento antes, mais concorrido que um oásis em pleno deserto, pareceu, enfim, espaçoso e tranquilo. Entretanto, Fanny continuava ali, parada, como uma estátua de sal, em pé, com os ombros abatidos e o olhar perdido na nuvem de pó, que pouco a pouco assentava-se na distância. Sentia-se incapaz de se mover, como se alguém tivesse colado suas botinas ao chão, para obrigá-la a visualizar aquele doloroso instante, até o final.

— Vamos? — Cassandra refugiou sua mão enluvada no inerte oco formado pela mão de sua irmã.

Fanny suspirou, sorriu e voltou a suspirar.

— Eu irei em um momento. — Inclinou o olhar. — Preciso dar um passeio antes de voltar.

— Você e seus insuportáveis passeios! — Protestou a senhora Clark, que assistira a cerimônia, com a única esperança de que algo ou alguém a abortasse no último instante. — Alí! — mugiu enquanto assinalava o solitário atalho, alí vai uma moça afortunada que não perdeu tempo com passeios inúteis! — Puxou a pequena Cassandra e afastou através do campo, em direção à velha reitoria com um inesperado vigor, escoltada por Ian e pelo senhor Clark que não hesitaram, em lançar para a jovem, um de seus mais sentidos sorrisos de complacência e resignação.

Fanny suspirou e tomou a direção oposta. Agitava os braços com veemência enquanto caminhava com o passo firme e decidido de quem sabe perfeitamente para onde vai, embora, na realidade seus passos resultassem tão incertos quanto impulsivos. Quando se convenceu de que sua silhueta resultava imperceptível para qualquer caminhante atrasado, correu, com incomum violência, e desfrutou da força com a qual o vento originado pela velocidade, golpeava-lhe no rosto. Abandonou o caminho transitável e entrou no bosque escapando dos ramos baixos das árvores, e uma e outra estaca arrancada do cercado.

Precisava liberar-se, precisava escapar de seu corpo, precisava arrancar a alma, o coração, e fugir de sua própria vida. Embora o ar não chegasse em abundância, aos pulmões e os joelhos começavam a fraquejar, não era capaz de sentir dor, mas, sim, liberação, através de um ato tão impróprio quanto imprudente.

*

Deteve-se, de repente, quando descobriu no meio do bosque, a colossal silhueta de um cavalheiro posicionado de costas. Vestia uma elegante casaca negra, cartola, e lustrosas botas de montar de couro curtido e, na verdade, à vista de sua postura meditativa e do movimento vacilante concedido a seus passos, resultava claro, que algo afligia-o. De fato, a seu redor e por causa de passeios curtos e sem rumo, conseguira amassar uma reduzida parcela de terreno, esmagara a erva e ocasionara um pequeno lamaçal por causa das

constantes idas e vindas.

Fanny apoiou uma mão no tronco rugoso de um velho carvalho e tentou recuperar o fôlego, enquanto seu aflito peito ascendia e descia, em violento vaivém.

Possivelmente, por uma faísca de intuição ou, talvez, algum som procedente da agitada respiração da jovem provocou que o cavalheiro virasse nesse mesmo instante.

— Senhorita Clark! — Depois de meio segundo de surpresa e tribulação, a elegante reverência com que obsequiou a jovem, sacudiu a coluna vertebral de Fanny com um intenso calafrio.

— Senhor Hawthorne. — sussurrou apenas com um fiozinho de voz, enquanto sentia que sua prudência, seu corpo e até sua alma, estavam a ponto de arder como madeira seca ante a poderosa presença daquele homem.

# CAPÍTULO 31

Oliver Hawthorne inalou profundamente. Mantinha segura entre as mãos a elegante cartola, enquanto se endireitava da reverência, durante a qual, seus olhos permaneceram intensamente presos na aflita senhorita que estava diante de si.

Observou-a, longamente, e no ato o amplo franzimento de sua fronte, relaxou. Seu rosto transformou-se na máscara, atrás da qual ocultava a cruel tortura dos sentimentos que lutavam em seu interior com evidente desejo de manifestar-se.

Fanny Clark parecia radiante. Sem dúvida, o passeio proporcionara um brilho especialmente vivaz as suas formosas íris, assim, como um encantador rubor naquelas bochechas arredondadas e lisas como porcelana.

— Senhor Hawthorne, o que faz aqui? — A formosa ninfa dos bosques separou seus lábios de pétala de rosa ao manifestar a confusão.

— Eu… — Hawthorne balbuciava como um menino pequeno. — Eu abandonei a capela um pouco antes de que terminasse o ofício. — Um ofego afogado mesclou-se com a aflita ameaça de um sorriso. — Temo que precisava sair e clarear-me um pouco.

Fanny franziu o cenho.

— Clarear-se? Encontra-se bem, senhor?

— Sim, sim, é claro! — Apressou-se a dizer com exagerada veemência. Mas, em seguida, exalou profundamente, e colocou sobre Fanny toda a imensidão negra de seus olhos. — Mas não, o certo é que não, senhorita Clark.

Hesitante, cortou a distância que o separava de Fanny com um par de passadas. O ardor que colocou em seguida em suas palavras, concordava com a explosiva redondez dos zumbidos de seu próprio coração.

— Desconhecia que minha mãe a tivesse ofendido durante sua estadia em Hawthom, senhorita Clark! Sinto não ter reagido a tempo, naquele momento.

Fanny parecia fascinada por algum efêmero detalhe no denso tapete verde sob seus pés, e dali não moveu as pupilas quando respondeu ofegante.

— Não se preocupe, senhor Hawthorne. — Várias lágrimas oscilavam no arco de suas pestanas. — Temo que nos últimos tempos mostrei um caráter censurável, comportei-me mal e meu próprio comportamento justifica qualquer castigo ou descortesia.

Hawthorne aproximou-se ainda mais dela, e a segurou pelos cotovelos.

— Não, não existe justificativa alguma, para o desprezível classismo de minha mãe, nem o desprezo mostrado a você! — Fanny tentou dizer algo, mas um excitado Hawthorne a silenciou com suas palavras. — Quebrei todos os laços com minha mãe, senhorita Clark! Asseguro-lhe que não voltará a saber nada mais dela.

Fanny sentiu, nesse instante, a necessidade de levar uma mão ao peito para tentar aplacar o martelar, mortal, de seu coração. Encontrava-se ofegante, trêmula, fora de seu próprio corpo. Seus lábios permaneciam secos, entreabertos, e seu olhar perdido no rosto inquieto e acelerado de Hawthorne.

— Como? O quê?

— Enviei-a para um velho imóvel familiar na Escócia, em busca de

minha própria felicidade!

— Eu… Senhor Hawthorne, não sei o que dizer…

Não precisou que dissesse nada. Sem afastar o olhar das verdes íris de Fanny, Hawthorne inclinou-se e fincou seu joelho direito na terra.

— Senhorita Clark, permita-me, neste formoso dia, sob o sol de seu adorado Sheepfold, o mesmo lugar em que, há um momento, não me cansei de censurar — Fanny esboçou um sorriso afogado. — manifestar a intensidade e o ardor de meus sentimentos!

Fanny exalou, de forma ruidosa. Desconhecia quanto tempo mais, poderia sustentar-se, de pé, antes de desvanecer-se. Hawthorne apanhou a trêmula mão de Fanny entre as suas.

— Entrego-lhe meu coração, senhorita Clark, não poderia entregá-lo a ninguém mais digno dele, que você. É seu, irremediavelmente, pelo amor de Deus! Aceite a humilde oferenda que entrego, porque meu único desejo é amá-la e adorá-la durante o que reste de minha vida.

Fanny abaixou-se, rendida, até situar-se à altura do cavalheiro.

— Mas, se seus afetos divergirem dos meus, eu mesmo entrego-lhe a adaga com a qual deverá arrancar-me o coração, porque não será entregue, jamais, a outra pessoa diferente de você.

Fanny explodiu em um sonoro soluço enquanto entregava-se, de modo inevitável, ao desvario de uma risada nervosa.

— Não imagina a intensidade de meus sentimentos neste instante, senhor Hawthorne! — As lágrimas decidiram não esperar mais, em sua privilegiada vigia, e transbordaram em disparada. — E eu, pobre de mim,

jamais ousaria afastá-los do rumo que, para minha surpresa, parecem ter tomado os seus!

Oliver Hawthorne a olhou ofegante.

— Devo supor então que sou correspondido?

A risada nervosa de Fanny, mesclada com suas lágrimas, não foram impedimento suficiente para silenciá-la.

— Jamais foi tanto quanto neste instante!

Com movimentos desajeitados e vacilantes, agarrou-se às lapelas da casaca do cavalheiro, enquanto ele fechava seus braços em torno da cintura de Fanny e tomava posse de sua boca, com impulsiva e atropelada urgência. A força concedida naquele beijo resultou tão desmesurada, fruto, possivelmente, do tempo que ficara oculta, desejando ser liberada, que Fanny caiu de costas sobre o denso tapete, embolada com Oliver Hawthorne convexo sobre ela, presa entre suas coxas, sob o viril peso de seu corpo sem interromper com isso, a paixão e a necessidade daquele beijo, assim como as famintas carícias com as quais percorria, atropeladamente, os braços, o pescoço, o cabelo e as costas de Fanny.

# EPÍLOGO

Oliver e Fanny casaram-se e estabeleceram seu lugar no maravilhoso e sempre belo Hawthom Park. Seus verdadeiros amigos, aqueles que os apreciavam e respeitavam de verdade, alegraram-se muito com a união, jamais levaram em conta o tamanho do berço da recente senhora Hawthorne, visto que a firmeza de seu caráter, sua infinita amabilidade e o imenso amor que professava para seu marido, obrigavam-lhes a evitar a humildade de suas origens.

A senhora Hawthorne, por sua parte, jamais retornou a Hawthom, entre outras coisas porque, jamais, deu o braço a torcer, nem aceitou, as indesejáveis origens de sua odiosa nora. Basta dizer que a conduta da senhora foi recompensada com solidão e abandono durante o resto de sua amarga vida, que sua existência resultou em um assunto lamentável, completamente desafortunado, com uma qualidade de vida muito inferior à que conhecera.

***PALAVRAS FINAIS***

*Como modo de ilustração, deixo ao critério do leitor a moral sobre quão acertadas ou desafortunadas, resultam, frequentemente, as primeiras impressões, causadoras, frequentemente, dos mais infelizes prejuízos e de falsas ideias preconcebidas.*